

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

BEATRIZ FERNANDES COELHO GOMES

ORQUESTRA DE CORDAS DA GROTA:
mundos da arte e seus dramas sociais



Niterói, RJ

2023

BEATRIZ FERNANDES COELHO GOMES

ORQUESTRA DE CORDAS DA GROTA:
mundos da arte e seus dramas sociais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia

Orientador: Prof. Dr. Felipe Berocan Veiga

Niterói, RJ

2023

BEATRIZ FERNANDES COELHO GOMES

ORQUESTRA DE CORDAS DA GROTA:
mundos da arte e seus dramas sociais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia

Aprovada em: 14/04/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe Berocan Veiga - PPGA/UFF

Prof. Dr. Edilson Márcio Almeida da Silva - PPGA/UFF

Prof^a. Dr^a. Soraya Silveira Simões - IPPUR/UF RJ

Prof^a. Dr^a. Leticia de Luna Freire - DCSE/UF RJ

Niterói, RJ

2023

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

C672o Coelho Gomes, Beatriz Fernandes
Orquestra de Cordas da Grotta : mundos da arte e seus dramas
sociais / Beatriz Fernandes Coelho Gomes. - 2023.
192 f.

Orientador: Felipe Berocan Veiga.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2023.

1. Orquestra de Cordas da Grotta. 2. Grotta do Surucucu. 3.
Racismo Estrutural. 4. Drama Social. 5. Produção
intelectual. I. Veiga, Felipe Berocan, orientador. II.
Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências
Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD - XXX

A

Paulo Gustavo, *in memoriam*,
Cesar e Laura, meus pais,
e Orquestra de Cordas da Grota.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, é importante destacar que a realização deste trabalho é resultado de uma rede composta por pessoas que acolheram e incentivaram a proposta do campo de pesquisa a que me propus estudar e as instituições de ensino e de incentivo à pesquisa e à ciência que tornam possível a concretização de trabalhos dessa natureza. Desse modo, quero agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense – PPGA/UFF por ter me proporcionado uma formação consistente por meio de um corpo docente altamente qualificado e que é referência na disciplina nas mais diversas áreas, o que promove aos alunos um olhar amplo e profundo acerca das possibilidades do exercício antropológico. Concomitantemente, agradeço à Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa de mestrado que viabilizou a dedicação ao campo de pesquisa, materializado na confecção desta dissertação.

Ao **Prof. Dr. Felipe Berocan Veiga**, minha gratidão por ter aceito o convite de ser meu orientador no mestrado, dando continuidade a uma parceria que iniciamos na graduação, quando orientou meu Trabalho de Conclusão de Curso. Desde o início e até a conclusão deste trabalho, Felipe foi um orientador preciso, generoso e sempre disposto a trocar, sugerir e compartilhar seus conhecimentos e experiências para ajudar a pensar as questões que lhe apresentava sobre o campo e assim irmos lapidando o recorte desta pesquisa. Conforme será relatado na Apresentação do trabalho, Felipe foi determinante para pontuar o início do meu campo de estudo e a orientar o processo da pesquisa a ser realizada em meio a uma pandemia que colocou o Brasil e o mundo em suspenso. Para mais, através do convite que me foi feito pelo professor Felipe, tive a oportunidade de fazer o meu primeiro estágio de docência, na disciplina de Antropologia Urbana, ofertada para a turma de graduação em Antropologia e Ciências Sociais. Sem dúvida, esta foi uma experiência enriquecedora e de fundamental importância para a minha formação. Assim, agradeço imensamente pelo aprendizado e pela relação de parceria, confiança e amizade que vimos construindo há alguns anos e que desejo seja frutífera para projetos e planos futuros.

Agradeço também à **Profª. Drª. Gisele Fonseca Chaves**, que exerceu o cargo de coordenadora do PPGA/UFF de 2019 até setembro de 2022. A professora Gisele foi uma pessoa fundamental no processo da condução do curso de mestrado em meio à pandemia e na interlocução com os alunos do Programa. Após a gestão da professora Gisele, quem assumiu o cargo de coordenador do PPGA foi o **Prof. Dr. Felipe Berocan Veiga**, a quem reitero os meus agradecimentos.

À banca examinadora, composta pelos antropólogos **Prof. Dr. Edilson Márcio Almeida da Silva** e **Prof. Dr. Fábio Reis Mota Prof^ª** e pelas antropólogas **Prof^ª. Dr^a. Leticia de Luna Freire**, **Prof^ª. Dr^a. Soraya Silveira Simões** e **Prof^ª. Dr^a. Neiva Vieira da Cunha**, meus agradecimentos por terem aceito o convite para participarem de minha defesa de dissertação, gentilmente dedicando seu tempo a uma leitura atenta e cuidadosa do trabalho apresentado. Agradeço especialmente ao professor Fábio Reis Mota e às professoras Leticia de Luna Freire e Neiva Vieira da Cunha que já haviam participado de minha banca de defesa de projeto, ocasião em que me fizeram sugestões e comentários de extrema valia para o desenvolvimento de minha pesquisa.

Quero agradecer a todos os professores que ministraram as disciplinas do PPGA/UFF, ainda mais tendo em conta o momento em que vivíamos da pandemia de Covid-19, quando todos tivemos de nos adaptar a um novo formato e, concomitantemente, tendo de administrar os atravessamentos pessoais que a pandemia causou na vida de cada um de nós. Desse modo, meus agradecimentos aos professores **Roberto Kant de Lima** e **Izabel Nuñez**, **Edilson Márcio Almeida da Silva** e **Júlio Tavares**, **Ana Paula Miranda** e **Bóris Maia**, **Delma Pessanha Neves** e **Laura Graziela Gomes**, **Fábio Reis Mota**.

Aos meu colegas de mestrado da turma de 2020, quero registrar a enorme satisfação de termos juntos compartilhado trocas, aprendizados e um espírito de companheirismo em meio à maior crise sanitária dos últimos cem anos, o que nos impossibilitou de termos encontros presenciais, de termos construído um ambiente de sociabilidade entre nós e os professores, algo tão fundamental na formação dos alunos. De todo modo, isso também fez parte de nossa construção, “os imponderáveis do campo”. Por circunstâncias da vida, com alguns estabeleci uma interação maior e nesse sentido, agradeço especialmente a **Fabrizio Longo**, **Iván Carrasco Montalvo**, **Renan Prestes**, **Luiza Callado**, **Ana Carolina Pavão**, **João Vitor Pavão** e **Tayná Santos Conceição**.

À Orquestra de Cordas da Grota, meu imenso agradecimento pela acolhida tão generosa e carinhosa que tive de todos os integrantes do grupo. Agradeço especialmente a **Márcio Paes Selles**, fundador do projeto junto com sua esposa **Lenora Mendes**. Márcio é um dos personagens centrais desta pesquisa e foi a primeira pessoa com quem entrei em contato, antes mesmo de ir a campo e efetivamente começar a pesquisar o projeto social e cultural de ensino de música erudita na Grota do Surucucu. Desde o primeiro contato e durante todo o percurso da pesquisa, Márcio se colocou cordialmente disponível, solícito, tendo sido ele a me apresentar a cada um dos músicos no primeiro dia em que fui assistir a um ensaio da Orquestra. A partir deste dia, passei a frequentar os ensaios da Orquestra da Grota e as gravações das apresentações

transmitidas pelas redes sociais em virtude da pandemia. Todos os músicos e integrantes do projeto me acolheram de forma amistosa, aos quais sou muito grata.

A **Luiz Carlos da Costa Justino**, meu profundo agradecimento pela confiança e a relação afetuosa que vimos construindo desde o primeiro dia em que conversamos. Na primeira entrevista realizada com Luiz, quando me falou um pouco de sua história e principalmente sobre a prisão injusta a que foi submetido, o músico me disse que aquela era a primeira vez em que estava conseguindo falar sobre o assunto. Muitos veículos de imprensa o procuraram após ter sido solto da prisão, mas me relatou que à época não conseguia desenvolver sobre o ocorrido. Algo muito compreensível para quem havia acabado de sofrer uma extrema violência.

Desse modo, agradeço imensamente a **Paulo Tarso**, presidente da ONG, **Lenora Mendes**, cofundadora do projeto e a todos os músicos integrantes da Orquestra: **Izabella Cardoso**, **Davi Santos Ribeiro**, **Welton César de Sousa**, **Soraya Vieira**, **Patrick Silva**, **Rafael Almeida Marinho**, **Jorge Jerônimo Elesbão Junior**, **Matheus Batista**, **Ivson Gouveia**, **Marcos José Vieira**, **Evyenia Taynara Vidal**, **Rodrigo Soares Antunes**, **Roberto Henrique Silva** e **Rhenan Coelho**. Meus agradecimentos especiais aos integrantes com os quais tive maior interlocução e convívio e que me concederam entrevistas: **Katunga Vidal**, **Raquel Terra**, **Luiz Carlos da Costa Justino**, **Luiz Ricardo Justino Vidal**, **Priscila de Fátima Vidal**, **Leandro Justino**, **Jorginho Junior**, **Fernando Brasil**, **Vagner da Silva Alves**, **Carlos Alberto Azevedo Silva**, **Albert Antônio Duarte**, **Alexandra Seabra** e **Diana Pazzini**. Ainda, agradeço a **Laura Mendes Selles**, musicista filha de Márcio e Lenora e a **Paulo Márcio**, assessor de imprensa da Orquestra de Cordas da Grota, ambos tendo gentilmente me concedido entrevistas.

Agradeço a **Nicole Blass** por ter me apresentado à Grota e a toda a sua família pelos anos de convívio e os relatos importantes que gentilmente me forneceram sobre a região onde realizei o meu campo de pesquisa.

Dentre tantas, uma das grandes satisfações que este campo me proporcionou foi ter conhecido o Juiz de Direito e Professor de Processo Penal da Universidade Federal Fluminense, **André Nicolitt**. O magistrado e professor foi o responsável por revogar a prisão de Luiz Justino. A este professor eruditíssimo, meus profundos agradecimentos.

Os agradecimentos que vêm em seguida são de ordem pessoal. A formalidade acadêmica sugere que estes sejam mais sucintos, uma vez que não dizem respeito diretamente ao campo de pesquisa. No entanto, pensadamente, fugirei ligeiramente deste protocolo, uma vez que as pessoas às quais me referirei têm importância fundamental na minha vida e que através dessas relações, hoje concretizo a minha dissertação.

Em relação aos meus pais, **Cesar Coelho Gomes** e **Laura Graziela Gomes**, não há palavras que deem conta dos meus agradecimentos. Definitivamente, a realização deste trabalho só foi possível pelo amor, suporte, interlocução e trocas profundas ao longo de todo o meu processo de construção como pessoa. Esta dissertação é a materialização de uma virada ontológica a que me propus. Além de serem meus pais, Cesar e Laura são pessoas por quem tenho muita admiração e das quais me orgulho. Meu pai contribuiu na revisão ortográfica de meu trabalho e minha mãe, antropóloga e professora titular do PPGA/UFF, é fonte de enorme inspiração e minha maior interlocutora na área. Por extensão, agradeço imensamente a toda a minha família, especialmente ao meu irmão **Pedro Coelho** e meus sobrinhos **João Pedro** e **Vicente**, assim como a minha tia **Mercedes** e a **Graça** e **Claúdio**, meus tios de consideração

Falei acima de minha mudança ontológica. Nesse sentido, também agradeço imensamente ao meu psicanalista, **Eduardo de Carvalho Rocha**, figura fundamental nesse processo.

À minha família de coração, meus agradecimentos são profundos. **Paulo Gustavo** é um irmão que a vida me deu de presente. Amigos desde 2001, “PG” participou de todos os momentos importantes de minha vida, assim como eu da dele. Inclusive, foi por intermédio do Paulo que conheci Márcio Paes Selles, conforme será apresentado neste trabalho. Através de duas décadas de amizade, fomos nos construindo como pessoas, compartilhando experiências, aprendizados e sobretudo, muito amor um pelo outro. Paulo Gustavo tinha a potência de mudar o dia da pessoa. Era tanto assunto e gargalhadas, que podia estar explodindo uma “bomba” nas nossas vidas que tudo ficava mais leve e os “problemas” assumiam outros contornos. Paulo Gustavo foi uma das centenas de milhares de pessoas acometidas pela Covid-19, tendo falecido em 4 de maio de 2021. Uma perda profunda, irreparável, impossível de ser expressada em palavras. O Brasil perdeu um dos maiores artistas de nossa e de várias gerações, um gênio criador, uma usina de talento e ideias. Uma pessoa brilhante. Nossa amizade não se interrompeu com a sua partida, ela será eterna, se realizando em outros termos. Como sempre sinto e penso, Paulo Gustavo mora em mim.

Por meio de nossa amizade, Paulo Gustavo me deu de presente uma família de coração. Assim, agradeço imensamente a **Déa Lúcia Amaral**, sua mãe e minha grande amiga. Uma mulher extraordinária em todos os sentidos, de uma força incalculável e por quem tenho uma imensa admiração e amor. Meus agradecimentos se estendem a toda a família cujo convívio tanto me inspira: **Juliana Amaral**, sua irmã, **Júlio Marcos Monteiro de Barros**, seu pai e sua esposa **Penha Senise**, **Thales Bretas**, seu marido e os filhos que Paulo tanto amava, **Romeu** e **Gael**.

A **Fil Braz**, o amigo-irmão que Paulo Gustavo me trouxe, meus agradecimentos especiais. Escritor e roteirista de enorme talento, com quem Paulo Gustavo escreveu os filmes “Minha Mãe É Uma Peça”, dentre diversos outros trabalhos realizados com Paulo.

Ao meu amigo **Júlio Davies**, doutor em antropologia e pesquisador da University of Bristol, agradeço pelas interlocuções ao longo do trabalho.

Quero agradecer à amiga **Shirley Torquato**, doutora em antropologia e professora da UEMG, com quem trabalhei no projeto de habitação de interesse social, coordenado pela superintendente **Verônica Cristina dos Santos**, numa parceria da Secretaria de Infraestrutura e Obras do Estado do Rio de Janeiro – SEINFRA-RJ, com o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Direito da Cidade – NEPEC, do Programa de Pós-Graduação de Direito da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. Sendo pesquisadora da área de antropologia urbana, tive nesse trabalho a oportunidade de desenvolver fecundas reflexões sobre o que é a vida em comunidades e favelas, o que rendeu, inclusive, contribuições para minha dissertação. As interlocuções com Shirley muito contribuíram para isso. Através deste trabalho pude escrever o artigo “A Questão Habitacional no Rio de Janeiro: histórico de um processo, quadro atual e discussão de alternativas”, publicado na coletânea “Moradia de direito – *Projeto na Régua* (2022)¹, assim como contribuí para outros trabalhos institucionais.

Agradeço imensamente aos meus amigos e colegas de graduação em Ciências Sociais da UFF, um convívio sempre construtivo e enriquecedor.

Meus agradecimentos às irmãs **Zeli Afonso Teixeira** e **Lina Teixeira**.

Não poderia deixar de agradecer à bibliotecária **Luiza Azevedo**, responsável pelas revisões técnicas deste trabalho, principalmente com relação à formatação concernente às normas da ABNT.

¹ GOMES, Beatriz Fernandes Coelho. A questão habitacional no Rio de Janeiro: histórico de um processo, quadro atual e discussão de alternativas. In: CORREIA, Arícia Fernandes (org.) **Moradia de direito**: projeto na régua. v. 1. Rio de Janeiro: Institutas, 2022. p. 207-232.

"La musique, c'est du bruit qui pense."

"A música é o barulho que pensa."

(Victor Hugo)

“Olhei no espelho, Ícaro me encarou:

‘Cuidado, não voa tão perto do sol

Eles num guenta te ver livre,

imagina te ver rei’

O abutre quer te ver de algema pra dizer:

‘Ó, num falei?!’”

(Emicida - Ismália)

"Existe pele alva e pele alvo"

(Emicida - Ismália)

RESUMO

Nesta dissertação de Mestrado, tomamos como objeto central da pesquisa o projeto social da Orquestra de Cordas da Grota, situado na Grota do Surucucu, uma favela da Zona Sul de Niterói que, através do ensino de música erudita a jovens de “comunidade”, promove uma intervenção na realidade social daquele contexto. Ao longo da pesquisa de campo, o evento da prisão arbitrária de Luiz Justino, um dos músicos integrantes do projeto, evidenciou a presença atuante do racismo estrutural atravessando um projeto de inclusão social e cidadania. Desse modo, busca-se abordar aqui o problema do racismo estrutural existente em nossa sociedade, os estigmas que dele decorrem e as limitações que impõe a pessoas negras e pobres. Por fim, fica demonstrada a eficácia do projeto na transformação das vidas de todos os envolvidos: o músico foi solto e absolvido devido à rede de relações criada pela Orquestra de Cordas da Grota, agregando pessoas que se mobilizaram para intervir contra a prisão de Luiz.

Palavras-chave: Orquestra de Cordas da Grota. Grota do Surucucu. Racismo Estrutural. Drama Social. Niterói – RJ.

ABSTRACT

In this Master's thesis, we take as the central object of research the social Project of the Orquestra de Cordas Da Grota, located in Grota do Surucucu, a favela in the South Zone of Niterói that, through the teaching of classical music to young people from the “community”, promotes an intervention in the social reality of that context. Throughout the field research, the event of the arbitrary arrest of Luiz Justino, one of the musicians in the Project, evidenced the active presence of structural racism crossing a project of social inclusion and citizenship. In this way, we seek to address here the problem of structural racism existing in our society, the stigmas that result from it and the limitations that it imposes on black and poor people. Finally, the effectiveness of the project in transforming the lives of all those involved is demonstrated: the musician was released and acquitted due to the network of relationships created by the Orquestra de Cordas da Grota, bringing together people who mobilized to intervene against Luiz's arrest.

Keywords: Orquestra de Cordas da Grota. Grota do Surucucu. Structural Racism. Social Drama. Niterói – RJ.

RESUMÉ

Dans cette thèse de maîtrise, nous prenons comme objet central de recherche le projet social de l'Orchestra de Cordas da Grota, situé à Grota do Surucucu, une favela de la Zone Sud de Niterói qui, à travers l'enseignement de la musique classique aux jeunes de la "communauté", favorise une intervention dans la réalité sociale de ce contexte. Tout au long de la recherche de terrain, l'événement de l'arrestation arbitraire de Luiz Justino, l'un des musiciens du projet, a mis en évidence la présence active d'un racisme structurel traversant un projet d'inclusion sociale et de citoyenneté. De cette façon, nous cherchons à aborder ici le problème du racisme structurel existant dans notre société, les stigmates qui en découlent et les limites qu'il impose aux noirs et aux pauvres. Enfin, l'efficacité du projet à transformer la vie de toutes les personnes impliquées est démontrée: le musicien a été libéré et acquitté grâce au réseau de relations créé par l'Orchestra de Cordas da Grota, réunissant des personnes qui sont mobilisées pour intervenir contre l'arrestation de Luiz.

Mots-clés: Orchestra de Cordas da Grota. Grota do Surucucu. Racisme Structurel. Drame Social. Niterói – RJ.

LISTA DE FIGURAS

Figura de capa - É na música, na rua, é sábado (Cesar Coelho Gomes).

Figura A.1 - Orquestra de Cordas da Grota no Theatro Municipal de Niterói gravando um concerto para ser transmitido pelas redes sociais em decorrência da interrupção das atividades culturais presenciais em razão da pandemia

Figura A.2 - Livro Institucional da Orquestra de Cordas da Grota: “Canto Batuque Grota;

Figura A.3 - Livro do autor Norbert Elias (2005), “A Peregrinação de Watteau à Ilha do amor”.

Figura 1.1 - Matéria sobre o assassinato de Fábio Nunes Gonçalves, morto em operação do BOPE, na Grota do Surucucu.

Figuras 1.2 e 1.3 - Familiares, amigos e moradores da Grota protestam contra o assassinato do adolescente Dyogo Costa, morto em operação policial.

Figura 1.4 - Sede do Projeto Grael, onde uniam-se integrantes dos projetos sociais Orquestra da Grota e Grael, para fazerem a distribuição dos cartões-alimentação doados pelo ator Paulo Gustavo.

Figuras 1.5 a 1.7 - Distribuição dos cartões-alimentação na sede do Projeto Grael.

Figuras 1.8 a 1.12 - Famílias recebendo cartões-alimentação em casa.

Figuras 1.13 a 1.16 - Imagens da cerimônia de entrega da quadra poliesportiva Dyogo Costa Xavier de Brito, na Grota do Surucucu.

Figura 1.17 - À esquerda, foto da rua Dr. Albino Pereira, que faz ligação entre o bairro e a Grota.

Figura 1.18 - À direita, foto do então vice-prefeito Axel Grael, inaugurando a ciclovia da rua Timbiras, em São Francisco.

Figura 1.19 e - À esquerda, o campo de futebol da Grota, localizado na rua Dr. Albino Pereira.

Figura 1.20 - À direita, a foto do *Skate Park* Carlos Alberto Parizzi, localizado na orla de São Francisco.

Figuras 1.21 a 1.24 - Imagens de músicos e da apresentação da Orquestra da Grota na Ação Social.

Figura 1.25 - Imagens do panfleto do evento.

Figura 1.26 - Atendimento ao público.

Figura 1.27 - Banner sobre feminicídio.

Figura 1.28 - Área recreativa para as crianças.

Figura 1.29 - Orientação profissional.

Figura 2.1 - Pannel de fotos disposto no Espaço Cultural da Grotta. Pedro e João Moreira na Grotta, junto aos músicos da Orquestra.

Figura 2.2 - Foto da ex-primeira-dama Ruth Cardoso, assistindo a uma apresentação da Orquestra de Cordas da Grotta.

Figura 2.3 - O anfiteatro do Espaço Cultural da Grotta, onde os músicos ensaiam.

Figura 2.4 - Os músicos em um dia de ensaio.

Figura 2.5 - A perspectiva da entrada do espaço.

Figura 2.6 - Crianças da Unidade de Educação Infantil Margareth Flores, vizinha do Espaço Cultural da Grotta, assistindo a um ensaio dos músicos.

Figura 2.7 - Márcio me apresentando o pequeno estúdio do projeto.

Figura 2.8 - Sala de aula.

Figura 2.9 - A “pedra fundamental”, representada pelo marco colocado em homenagem a D. Otávia, no anfiteatro onde a Orquestra de Cordas da Grotta ensaia;

Figura 2.10 - A placa com a mensagem homenageando D. Otávia.

Figura 3.1 - Charge sobre Luiz Justino.

Figura 3.2 - SEQ Figura * ARABIC 1 - Luiz Justino criança fazendo aula de flauta doce no projeto da Orquestra de Cordas da Grotta

Figura 3.3 - Os músicos se apresentando na atual rua Ator Paulo Gustavo.

Figura 3.4 - Destaque Luiz Justino.

Figura 3.5 - Davi, primo de Luiz e que também é músico da Orquestra, interagindo com uma criança.

Figura 3.6 - Destaque Jorginho Junior.

Figura 3.7 - Parte do abaixo-Assinado recolhido na comunidade da Grotta, com um total de mais de duas mil assinaturas.

Figura 3.8 - Parte do contrato de trabalho com o estabelecimento *Le Dépanneur*.

Figura 3.9 - O violinista Jorginho Junior, amigo de infância do Luiz e que sofreu a abordagem policial junto com o amigo, concedendo entrevista para a TV Globo no Fórum de Niterói.

Figura 3.10 - A violoncelista Raquel Terra, que viu Luiz crescer, concedendo entrevista para um site de notícias.

Figura 3.11 - Luiz concedendo entrevista após sua absolvição.

Figura 3.12 - Os advogados do músico, Luiz, Lenora e Márcio Selles comemorando a vitória da absolvição do jovem.

Figura 3.13 - Luiz Justino e Beatriz F. Coelho Gomes, após o resultado da absolvição do músico, no Fórum de Niterói.

Figuras 3.14 e 3.15 - A Orquestra de Cordas da Grota se apresentando na reabertura do Theatro Municipal de Niterói.

Figura 3.16 - Folder de divulgação do concerto da Orquestra de Cordas da Grota em homenagem ao centenário de Zé Keti.

Figura 3.17 - Foto da Orquestra reunida no palco após o concerto junto à filha de Zé Keti.

Figura 3.18 - Márcio com a filha de Zé Keti.

Figura 3.19 - Luiz e a filha de Zé Keti.

Figura 3.20 - Luiz Justino recebendo o prêmio “Sou de Niterói”, ao lado de Márcio Paes Selles.

Figura C.1 - O palco do concerto concebido no lago do Campo de São Bento e o público chegando.

Figura C.2 - A perspectiva do palco durante o espetáculo.

Figura C.3 - Destaque da iluminação do palco durante o concerto.

Figura C.4 - O público se acomodando no gramado que circunda o lago para assistir o concerto.

Figura C.5 - Maestro e pianista João Carlos Martins com a Orquestra de Cordas da Grota.

Figura C.6 - Maestro João Carlos Martins regendo a Orquestra de Cordas da Grota.

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO: extrato social, estigma e o poder de um projeto	20
1	O CONTEXTO SOCIAL DA ORQUESTRA DE CORDAS GROTA	32
1.1	Grota do Surucucu e seus aspectos sociais	32
1.2	Alterações na configuração socioespacial: a "comunidade"	37
1.3	Três eventos definidores da comunidade: a "experiência coletiva"	43
2	A ORQUESTRA DE CORDAS DA GROTA	66
2.1	Primeiras notas	66
2.2	“Nossa casinha”: cultivando a “horta” para semear um projeto	69
2.3	Orquestra de Cordas da Grota	81
2.4	Reciclarte: a construção do Estatuto Social para uma nova auto-organização	94
2.5	Espaço Cultural da Grota: a expansão do projeto e seu reconhecimento social	100
2.6	<i>Mundos da arte:</i> a cadeia de trabalho e relações da <i>obra de arte</i> da Orquestra de Cordas da Grota	105
3	QUANDO O DRAMA SOCIAL IRROMPE NO MUNDO DA ORQUESTRA	113
3.1	<i>A ruptura:</i> a prisão do violoncelista Luiz Carlos da Costa Justino	113
3.2	<i>Crise crescente:</i> a transferência para o presídio de Benfica e a repercussão do caso na mídia	127
3.3	<i>A ação corretiva:</i> a mobilização junto à mídia e o reposicionamento do sistema judiciário	137
3.4	<i>Reintegração:</i> o “resultado temporário” e o balanço da história de Luiz Justino – antes e depois do evento	152

3.5	O <i>drama</i> se repete	161
	CONSIDERAÇÕES FINAIS: contexto social e a transcendência possível	165
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	172

APRESENTAÇÃO: extrato social, estigma e o poder de um projeto

É possível pensar em “transformação social” através de um projeto de ensino de música erudita em uma comunidade ou favela? “Não. Não tem como fazer transformação social e nem é essa a função do projeto. Você tem como fazer uma **intervenção** social. Não tem como fazer transformação, mas você transforma muitas vidas, muitas, muitas vidas” (NICOLITT, 2021, grifo nosso)². Esta foi uma das questões que coloquei na entrevista realizada com André Nicolitt, Juiz de Direito e professor de Processo Penal da Universidade Federal Fluminense (UFF), juiz responsável por revogar a prisão preventiva de Luiz Justino, violoncelista da Orquestra de Cordas da Grotta, preso injustamente por conta de um erro de reconhecimento fotográfico, sendo o músico um dos personagens centrais da pesquisa que pretendo apresentar. O outro é Márcio Paes Selles, o grande catalisador de forças que levou adiante o projeto da Grotta.

A Orquestra de Cordas da Grotta, um projeto social de ensino de música erudita criado em 1995 pelo casal de músicos Márcio Paes Selles e Lenora Mendes, situado na Grotta do Surucucu, uma comunidade de Niterói, é fundamentalmente o objeto desta pesquisa. A sua importância, relevância e eficácia na transformação de muitas vidas de jovens em “situação de vulnerabilidade” serão apresentadas e discutidas ao longo dos capítulos – Figura A.1.

² Entrevista realizada com o Juiz de Direito e professor de Processo Penal da UFF em 22 de dezembro de 2021, através da plataforma Google Meet.

Figura A.1 - Orquestra de Cordas da Grotta no Theatro Municipal de Niterói gravando um concerto para ser transmitido pelas redes sociais em decorrência da interrupção das atividades culturais presenciais em razão da pandemia



Fonte: COELHO GOMES, Beatriz F., 26 nov. 2020.

Entretanto, é importante ressaltar que as circunstâncias do campo me fizeram ir muito além da análise do projeto em si, uma vez que o contexto social da Grotta, as trajetórias de vida dos músicos e gestores da Orquestra e, sobretudo, o imponderável que irrompeu na vida de Luiz Justino, violoncelista da Orquestra, fizeram com que essa pesquisa ganhasse outros contornos.

Inicialmente, a intenção da pesquisa era de se ater em analisar o projeto social de música erudita, de reconhecimento não só no seu contexto de origem, como também em âmbito nacional e mesmo internacional, como será apresentado no decorrer deste trabalho, tendo sido a Orquestra tema de um documentário francês e de uma matéria da rádio pública estadunidense Network Public Radio – NPR. O escopo consistiria em esmiuçar o seu repertório musical, a formação dos músicos e como o projeto foi se construindo e crescendo ao passar dos anos. Esses tópicos não foram abandonados e serão apresentados ao longo dos capítulos. Contudo, a ênfase e o tratamento dados a cada um deles foram revistos conforme o trabalho de campo foi sendo realizado. Como ocorre muitas vezes, acontecimentos não previstos obrigam o antropólogo a reformular os termos da questão de início. A reformulação do recorte ou mesmo do tema de pesquisa é uma questão recorrente no exercício antropológico, uma vez que o campo dita as suas leis (BEAUD; WEBER, 2007). Silva (2006) também discute essa temática ao escrever sobre a questão da subjetividade do antropólogo, que é trabalhada na experiência do campo e, conseqüentemente, no que será investigado a partir de novas inquirições.

Essas reflexões fundamentaram o decorrer da pesquisa de campo que precisou se haver com alguns acontecimentos imponderáveis ocorridos ao longo de dois anos de investigação, realizada substancialmente entre o início de 2020 e o começo de 2022. O primeiro deles se refere à pandemia de Covid-19, que será amplamente abordada no primeiro capítulo. A turma de mestrado de 2020 do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFF (PPGA-UFF) concorreu a uma vaga no Programa em 2019, época em que ninguém poderia prever o que estava por vir. Em janeiro de 2020, os primeiros indícios da seriedade da pandemia já estavam sendo divulgados e noticiados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pelas mídias nacional e internacional. O vírus, que segundo as informações oficiais, teve sua origem na República Popular da China, rapidamente se alastrou para outros países. Conforme mencionado, o evento da pandemia de Covid-19 será detalhadamente discutido no primeiro capítulo.

No que diz respeito propriamente a esta pesquisa, a turma de mestrado de 2020, assim como toda a Universidade Federal Fluminense, constituída de professores, alunos e funcionários, teve de aprender a lidar com a maior crise sanitária dos últimos cem anos, bem como todas as demais esferas da sociedade, tanto no Brasil como no mundo. Sendo assim, todo o curso de mestrado foi realizado remotamente, com professores e alunos tendo de se adequar a um novo formato em razão da necessidade de se fazer isolamento social por conta de uma nova doença para a qual ainda não havia no horizonte uma vacina nem medicamentos que dessem conta da gravidade da situação. Desse modo, para contextualizar o leitor, a turma de mestrado de 2020 do PPGA-UFF não teve nenhum encontro presencial ao longo de todo o seu processo de formação, tendo o curso sido integralmente realizado de modo remoto, por meio da plataforma do Google Meet. Para além deste formato ter afetado de alguma forma o processo de formação do corpo discente, uma vez que as aulas presenciais com os professores e colegas de turma são elementos constituintes do desenvolvimento dos alunos ao promover uma interação direta, um contexto de sociabilidade e de troca com os pares que vão para além do conteúdo didático e formal, a pandemia impossibilitou a própria ida ao campo dos recém mestrados – um aspecto tão próprio e característico do exercício antropológico.

Nesta conjuntura, alunos, professores e orientadores tiveram de aprender a estabelecer suas relações em outros termos e, conseqüentemente, a repensar e/ou reorganizar seus campos de pesquisa e/ou a metodologia empírica a ser empreendida.

A escolha por estudar a Orquestra de Cordas da Grota se deu por uma conjunção de fatores. A partir do final de 2016, ainda na graduação, comecei a frequentar o contexto social da Grota do Surucucu, uma localidade da cidade de Niterói onde nunca havia ido e nem sabia

onde se situava. Minha companheira à época, Nicole Blass, morava em uma casa na rua que faz fronteira entre o bairro de São Francisco e a Grota, comunidade adjacente – conceito este que será discutido no primeiro capítulo. Desde essa época, a região que até então me era desconhecida passou a fazer parte de minha rotina e a me chamar a atenção a partir de um olhar antropológico. Desde que concluí a graduação no final de 2018, sob a orientação do antropólogo e professor Felipe Berocan Veiga³, ocasião em que apresentei a monografia “Um Fenômeno de Mídia: a trajetória do ator Paulo Gustavo a partir da personagem Dona Hermínia”, que foi realizada dentro de um contexto familiar⁴, uma vez que era sua amiga íntima há duas décadas e trabalhava com o ator como assessora de imprensa, desde então tinha traçado como propósito do meu futuro mestrado pesquisar um campo que proporcionasse um maior distanciamento do meu universo de referência.

Desse modo, decidi que iria pesquisar algo relacionado à Grota do Surucucu quando fosse concorrer ao mestrado em 2019. No entanto, ainda não havia definido exatamente qual seria o meu campo de pesquisa. Em consonância com os meus próprios interesses de estudo e também com a área de pesquisa do meu orientador, antropologia urbana, o intuito era de pesquisar algo próprio da Grota, que tivesse relação direta com este contexto social urbano. Importante ressaltar que a área da cultura e da produção cultural também fazem parte do meu âmbito de interesse, tanto no campo de atuação profissional quanto de pesquisa, uma vez que trabalhei como produtora cultural por algum tempo e pude observar as diferentes vertentes e possibilidades de trabalhos produzidos nessa esfera e a sua capacidade e potência de *interferir* e/ou *transformar* contextos sociais. Nesse sentido, Nicole Blass um dia comentou sobre a Escola de Samba Bem-Amado⁵, da Grota do Surucucu, que desfila no carnaval de Niterói, e sobre a Orquestra de Cordas da Grota, um projeto social de música erudita, tendo sua origem e sede na Grota.

As duas possibilidades se apresentaram como campos interessantes de pesquisa, mas sem hesitar, a Orquestra foi o que de fato mais provocou o meu interesse. Já tinha ouvido falar

³ Antropólogo e professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA-UFF) e desde outubro de 2022 exercendo o cargo de coordenador do PPGA-UFF. Felipe Berocan Veiga também é pesquisador e coordenador executivo do Laboratório de Etnografia Metropolitana – LeMetro/IFCS-UFRJ, pesquisador do Núcleo Fluminense de Estudos de Pesquisas – NUFEP/ICHF-UFF e do Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos – INCT-InEAC.

⁴ Conforme Roberto DaMatta (1978), o exercício do etnólogo e antropólogo “é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) *transformar o exótico no familiar* e/ou (b) *transformar o familiar em exótico*.” (Ibidem, p. 28, grifo do autor).

⁵ Matéria do blog do Axel Graef, atual prefeito de Niterói, veiculada em 14 de fevereiro de 2018, sobre o Grêmio Recreativo Escola de Samba Bem-Amado, escola de samba da Grota do Surucucu. Disponível em: <http://axelgrael.blogspot.com/2018/02/gres-bem-amado-da-comunidade-da-grota.html>. Acesso em: 5 fev. 2023.

sobre o projeto, mas ainda não o conhecia e nem mesmo havia assistido a uma apresentação do grupo. A partir de então, prestes a concorrer a uma vaga no mestrado da UFF, comecei a pesquisar na internet sobre o projeto, mas sem ter feito nenhum tipo de contato direto com os integrantes. Estudar a Orquestra de Cordas da Grota tornou-se a minha intenção de pesquisa, mas que deveria ser futuramente discutida com o meu orientador ao ingressar no mestrado. Outro ponto que também me pareceu instigante com relação à escolha da Orquestra como campo de pesquisa, foi a possibilidade de analisar um projeto social e cultural com bases, estrutura, recursos e integrantes com histórias de vida tão díspares dos projetos culturais nos quais trabalhei como produtora cultural.

Sendo assim, como pesquisadora em formação, vinculada ao Laboratório de Etnografia Metropolitana – LeMetro/IFCS-UFRJ⁶, tendo como coordenador o antropólogo Marco Antonio da Silva Mello e como coordenador executivo o antropólogo Felipe Berocan Veiga, concorri ao mestrado em antropologia da UFF em 2019 com esse propósito de pesquisa, que foi narrado em minha entrevista de processo de seleção. Tendo passado no concurso, entrei em contato com o professor Felipe Berocan Veiga, do PPGA, que já havia me orientado na graduação, perguntando se ele aceitaria ser o meu orientador no mestrado e relatando qual era o meu intento de pesquisa. O professor Felipe gentilmente aceitou o convite e concordou com a escolha da Orquestra de Cordas da Grota como o meu campo de pesquisa de mestrado.

De modo pensado, planejei esperar o curso começar em março de 2020 para adquirir um conteúdo mais acurado acerca das primeiras disciplinas do Programa, antes de iniciar propriamente a “ida ao campo”. Principalmente a disciplina Métodos Antropológicos, que foi ministrada pela antropóloga e professora Ana Paula Mendes Miranda e o antropólogo e professor Bóris Maia. Isto porque compreendi que era necessário obter certa bagagem para inaugurar os primeiros contatos, a aproximação e a abordagem com o campo de pesquisa. Contudo, conforme mencionado, os planos tiveram de ser suspensos por conta da gravidade da pandemia de Covid-19 que, segundo os dados oficiais, teve a confirmação da primeira morte no país em 12 de março de 2020⁷.

Dada a conjuntura e sem que ninguém pudesse à época dimensionar em quanto tempo a população teria acesso às primeiras vacinas e menos ainda prever que ela se agravaria em modo crescente, tendo o seu ápice no primeiro semestre de 2021 com a chegada de uma nova

⁶ Página oficial do Laboratório de Etnografia Metropolitana – LeMetro/IFCS-UFRJ. Disponível em: <https://www.lemetro.com.br/>. Acesso em: 6 mar. 2023.

⁷ Matéria do portal de notícias *GI* sobre a primeira morte de Covid-19 no país. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/27/primeira-morte-por-coronavirus-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco-diz-ministerio-da-saude.ghtml>. Acesso em: 6 mar. 2023.

variante – P1, com alto poder de transmissão e letalidade, o país e o mundo teve de “parar” e fazer isolamento social.

Sendo assim, o início do curso foi adiado até que o Programa pudesse se organizar para um novo formato, tendo começado em maio de 2020. Por conseguinte, meus planos de “ir a campo” tiveram de ser suspensos por tempo indeterminado, acompanhando as diretrizes das autoridades de Saúde e dada a seriedade da conjuntura. Entretanto, paradoxalmente, o mesmo evento que me impediu de traçar as primeiras estratégias de aproximação com o campo empírico e de começar a colocá-las em prática conforme o decorrer das disciplinas, foi também o que me propiciou o primeiro contato com o fundador do projeto, Márcio Paes Selles.

No final de março de 2020, episódio que será narrado no primeiro capítulo, Paulo Gustavo me procurou solicitando que eu o auxiliasse a intermediar uma doação que gostaria de fazer às comunidades de Niterói. Após o ator ter conversado ao telefone com o então prefeito da cidade, Rodrigo Neves, recebeu como sugestão entrar em contato com o “Paes Selles” do projeto Orquestra de Cordas da Grota que, segundo o prefeito, seria uma pessoa muito séria e que poderia ajudá-lo na sua intenção. Posto isso, entrei em contato com o Márcio na qualidade de assessora de imprensa do Paulo e começamos a alinhar a melhor forma da doação chegar às pessoas mais necessitadas.

Concluídas as doações, com todas as tratativas envolvidas, conversei com o Márcio sobre a minha intenção de pesquisar a Orquestra de Cordas da Grota, o que foi muito bem recebido por ele. O fundador do projeto se colocou gentil e imediatamente à disposição para conversar e me municiar de todo o material que precisasse para iniciar minha pesquisa em contexto de isolamento social. Desse modo, me enviou links, matérias e diversas outras referências para que eu pudesse ir me aproximando de meu campo de pesquisa. Tivemos um encontro presencial à época, quando me entregou um material institucional do projeto e CDs gravados pela Orquestra para serem entregues ao Paulo Gustavo, em agradecimento pelo feito do ator, da mesma forma que também me presenteou com o mesmo material e um livro do sociólogo Norbert Elias (2005), autor sobre o qual já havíamos conversado em nossas trocas por telefone e pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp* – conforme as Figuras A.2 e A.3.

Figura A.2 - Livro Institucional da Orquestra de Cordas da Grotta: “Canto Batuque Grotta; Figura A.3 - Livro do autor Norbert Elias (2005), “A Peregrinação de Watteau à Ilha do amor”.



Fonte: COELHO GOMES, Beatriz F., fotos das capas dos livros ganhos de presente, 6 mar. 2023.

Nesse contexto, de modo incipiente, comecei a ter uma interlocução com Márcio Paes Selles, fundador da Orquestra de Cordas da Grotta. Entretanto, dado o contexto da pandemia, nossa comunicação se deu de forma intermitente e a “ida ao campo” foi sendo adiada devido à grave crise sanitária na qual nos encontrávamos. Contudo, um evento *dramático* irrompeu no campo de pesquisa: a prisão do violoncelista da Orquestra de Cordas da Grotta, Luiz Carlos da Costa Justino, em 2 de setembro de 2020. No dia seguinte, quando as primeiras notícias começaram a ser divulgadas na mídia, meu orientador, professor Felipe Berocan Veiga, entrou em contato comigo pelo *WhatsApp*. Em nossa conversa, o professor me passou alguns links de matérias sobre o episódio da prisão, me orientou a acompanhar grupos de apoio e de seguidores da Orquestra e de forma assertiva acrescentou: “Essa prisão deve marcar o início da sua pesquisa de campo”. Encerramos nossa conversa estando eu orientada a procurar o Márcio Paes Selles e me inteirar de toda a situação. A partir deste evento, eu e meu orientador chegamos à conclusão de que os objetivos iniciais da pesquisa precisariam ser revistos para incorporar e dar proeminência ao evento da prisão de Luiz Justino.

Desse modo, para situar o leitor, o primeiro capítulo pretende apresentar o contexto social da Grotta do Surucucu, localizada no final do bairro de São Francisco, fazendo divisa com os bairros da Cachoeira e Largo da Batalha. Para isto foi utilizada a tese da historiadora Maria

Cristina Bezerra (2015), que escreveu sobre a imigração britânica e alemã em Niterói e que teve forte influência no povoamento do Bairro de São Francisco a partir do século XIX até as primeiras décadas do século XX, informações que se confirmaram através de relatos de interlocutores do campo. De modo complementar, a dissertação do cientista social em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Jay Marinus Nalini van Amstel (2018) serviu como arcabouço teórico sobre o surgimento da Grota e o crescimento da região, bem como as complexidades advindas do “progresso”. Ambas as pesquisas foram fundamentais para me situar enquanto pesquisadora de campo com relação aos relatos e histórias de vidas colhidos ao longo do exercício antropológico e para que assim os dados pudessem ser cuidadosamente analisados. Os trabalhos das antropólogas Ana Paula Miranda (2014) e Letícia de Luna Freire (2008) foram igualmente importantes para ajudar a pensar sobre as complexidades em que contextos sociais como o da Grota estão implicados, conforme será apresentado.

Ainda no primeiro capítulo, será amplamente discutido o conceito de comunidade a partir de diversos autores. Isto porque, em consonância com o que será desenvolvido, esta é a categoria nativa que os interlocutores do campo empregam para se referirem à Grota, da mesma forma como se percebem ao falarem de si, jovens “de comunidade”. Para ilustrar esta discussão, serão utilizados três eventos marcantes que afetaram sobremaneira a comunidade. Dois deles ocorridos propriamente na Grota e o terceiro em escala mundial, a pandemia, e como esta última afetou e mobilizou a comunidade.

O segundo capítulo substancialmente tratará do projeto social da Orquestra de Cordas da Grota, sua origem e história. Para que este propósito fosse possível, foi feito um acompanhamento dos ensaios, apresentações e, sobretudo, a realização de entrevistas com os fundadores, gestores e músicos, personagens principais da construção de um projeto que se concebeu de modo coletivo e que segue nesta configuração até hoje. Através da observação direta, muitas conversas e interlocuções não previstas enriqueceram o levantamento e a análise dos dados do campo. Com relação às entrevistas, a escolha se deu por serem feitas de modo aberto, permitindo aos interlocutores que ficassem livres em seus fluxos de pensamentos, encadeamentos de ideias e fatos ocorridos que elegessem para ilustrar suas histórias.

Apenas como norte, foram elencados alguns tópicos para que, enquanto pesquisadora de campo, pudesse compreender o que o projeto e a música representam na vida de seus integrantes. No que se refere aos fundadores, o casal de músicos Márcio e Lenora, algumas questões mais específicas e concernentes à origem, história, como e porque eles iniciaram o projeto de música foram mais direcionadas para compreender “como tudo começou”. No entanto, conforme o leitor poderá verificar ao longo do segundo capítulo, alguns integrantes da

Orquestra, como Katunga Vidal, Ricardo Vidal, Leandro Justino e Raquel Terra, possuem também uma perspectiva complementar sobre o surgimento do projeto de música, uma vez que já faziam parte da ação social criada por Dona Otávia Paes Selles, mãe de Márcio, contexto em que nasceu a Orquestra de Cordas da Grotta.

Acerca dos músicos, os tópicos elencados tinham como intuito saber como tomaram conhecimento e chegaram até o projeto – como citado acima, alguns desde a época de Dona Otávia; que transformações o projeto teve na vida desses jovens; como percebiam a música erudita ao chegar ao projeto e como a percebem hoje; o que ela significa e representa em suas vidas hoje; como compreendem, que opinião têm sobre projetos dessa natureza em contextos sociais como o da Grotta; quais perspectivas têm sobre o futuro; como lidaram com o episódio da prisão injusta de Luiz Justino. Por meio dessas questões, os interlocutores narraram suas histórias de vida, seus contextos familiares, quais perspectivas tinham com relação à vida como um todo e o que teria mudado a partir do projeto da Grotta, como compreendiam o que levou Luiz a ser preso, dentre outros aspectos que foram abordados e exemplificados pelos músicos integrantes da Orquestra.

Em vista dos relatos das entrevistas e da observação direta realizada no campo de pesquisa, alguns trabalhos fundamentaram as análises de campo⁸, como Mello e Vogel (1991); Bourdieu (1968; 1983; 2007; 2003); Mello, Simões e Freire (2010); Paulo Freire (2016); Weber (1971), Cefai, Veiga e Mota (2011); Selles (2013); Becker (2010); Veiga (2021).

Contudo, é importante observar que a pesquisa de campo foi realizada de modo intermitente por conta da grave pandemia em que vivíamos, tendo ocasionado diferentes períodos de arrefecimento e recrudescimento de isolamento social por conta das novas variantes e do descaso e negligência do governo do presidente Bolsonaro na condução da maior crise sanitária dos últimos cem anos, o que provocou constantes faltas de vacinas e, conseqüentemente, afetou, sobremaneira, o calendário de vacinação nacional. Para além disso, a pandemia atravessou de modo brutal a vida de centenas de milhares de pessoas, conforme os dados que serão apresentados ao longo deste trabalho. Particularmente, fui uma das milhares de pessoas que tiveram de lidar com a perda de pessoas importantes em suas vidas. No meu caso, perdi o meu melhor amigo desde os 21 anos de idade, o ator Paulo Gustavo⁹. Bem,

⁸ Existem também trabalhos de mestrado e doutorado que abordam a Orquestra da Grotta. São pesquisas acadêmicas nas áreas de Música – Terra (2014); Faria (2018); Pereira (2019), de Educação – Santos (2016); Cifuentes (2016); Williams (2016), e Psicologia – Richa (2005); Lacaz (2012), com maior enfoque nos processos de ensino e aprendizagem e de subjetivação dos jovens músicos.

⁹ Paulo Gustavo foi internado no dia 13 de março de 2021 por conta da Covid-19 e faleceu no dia 4 de maio de 2021, aos 42 anos de idade. Paulo Gustavo foi um ator, humorista, roteirista e diretor de enorme talento e sucesso. Ficou conhecido nacionalmente pelo monólogo “Minha Mãe É Uma Peça”, que estreou no Teatro Cândido Mendes

impossível colocar em palavras o que isso significou e significará para sempre na minha vida, mas para contextualizar o leitor, concomitantemente à internação de Paulo Gustavo, que durou quase dois meses e o trágico desfecho, com a perda pessoal e irreparável do meu amigo, também tive de lidar com a situação na qualidade de assessora de imprensa que era do ator. Desse modo, em razão da pandemia e deste imponderável que irrompeu na minha vida particular, me ausentei por um período do campo de pesquisa.

O terceiro capítulo será dedicado a discutir a prisão injusta sofrida pelo violoncelista Luiz Carlos da Costa Justino, por conta de um erro de reconhecimento fotográfico e tudo que este evento fez emergir e que sempre esteve latente: o racismo estrutural entranhado na sociedade brasileira e em suas instituições de poder. Conforme já mencionado, os acontecimentos do campo fizeram com que a intenção inicial de pesquisa fosse revista e ganhasse outros contornos. A princípio, não estava nos planos ter de lidar com o campo de pesquisa da Segurança Pública e da Antropologia Jurídica para poder dar conta e esquadrihar o tema do racismo estrutural, algo tão profundo e complexo em nossa sociedade em razão de nosso passado colonial e escravagista.

Percebo ao escrever esta última etapa da dissertação que este “plano” só poderia estar inscrito em uma espécie de idealização romântica do campo a que me propus inicialmente pesquisar. Isto porque, mesmo se não houvesse ocorrido o caso da prisão injusta do Luiz Justino, algo tão evidente, literal e que ilustra de modo contundente o racismo estrutural arraigado em todas as esferas de nossa sociedade, sobretudo nas estruturas de poder, ainda assim, o tema do racismo atravessaria e seria algo inevitável no meu campo de pesquisa. Refletindo a respeito, após dois anos de pesquisa e da etnografia realizada tendo como referência teórica a bibliografia concernente ao tema, que será citada neste capítulo, mesmo se não houvesse ocorrido nenhum evento imprevisível desta natureza, inevitavelmente eu me depararia e teria de me haver com os atravessamentos profundos e sobreposições em que todos

(RJ) em 4 de maio de 2006 e ficou 13 anos em cartaz, apresentando-se pelos teatros e casas de show do país. Em 2013 o espetáculo virou filme e estreou nos cinemas. Em 2015 foi lançado o segundo longa da franquia e em 2019 estreou “Minha Mãe É Uma Peça 3”. Em todos os anos de lançamento de seus filmes, Paulo Gustavo bateu recordes de bilheteria. O último, em 2019, atingiu a marca de 11 milhões de espectadores, sendo a maior bilheteria dentre todos os filmes lançados no país naquele ano, nacionais e internacionais, batendo o recorde de bilheteria da história do cinema nacional.

Amiga do Paulo desde 2001, trabalhei como sua assessora de imprensa de 2015 até o seu falecimento. Antes disso, também trabalhamos juntos em outras atividades e projetos. Em 2019, seu último trabalho em vida, para além de assessora de imprensa, trabalhei como produtora do espetáculo “Filho da Mãe”, viajando por todo o país com Paulo Gustavo e sua mãe, Déa Lúcia. Este espetáculo era um desejo antigo do Paulo em homenagear sua mãe, cantora e artista que, por muitos anos, cantou na noite, bailes e festas para sustentar os filhos. Em 2018 me graduei em Ciências Sociais na UFF, sob orientação do Prof. Dr. Felipe Berocan Veiga, com o TCC: “Um Fenômeno de Mídia: a trajetória do ator Paulo Gustavo a partir da personagem Dona Hermínia”. Ver Gomes (2018).

os campos de pesquisa em nossa sociedade estão implicados, em virtude de uma ideologia englobante, onde o racismo é naturalizado no nosso inconsciente, manifestando-se através de práticas sociais e, substantivamente, por meio das ações das instituições e estruturas de poder.

O acontecimento da prisão injusta do músico da Orquestra de Cordas da Grota foi o estopim para trazer à tona a realidade vivenciada pela população negra no Brasil, a maior parcela de nossa sociedade. Conforme será amplamente discutido e examinado, o caso do músico se tornou um “caso de repercussão”, nos termos de Kant de Lima, Eilbaum e Medeiros (2017). Toda a mídia nacional repercutiu o seu caso e Luiz Justino foi um dos principais responsáveis pela decisão da Sexta Turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ) com relação a uma mudança de entendimento sobre o reconhecimento fotográfico quando utilizado como única prova para a condenação de um suspeito de crime, orientando os demais Tribunais Regionais a seguirem a decisão do Ministro do STJ, Rogerio Schietti Cruz.

Para analisar o evento ocorrido na vida do músico, será utilizado o conceito de *drama social* do antropólogo Victor Turner (2008), formulado pelo autor para analisar situações de conflito que irrompem nos grupos e/ou contextos sociais e que são constituídos por “unidades de processos anarmônico ou desarmônico” (Ibidem, p. 33), sendo essas a *ruptura*, a fase de *crise* crescente, a *ação corretiva*, a *reintegração* ou o cisma irreparável entre as partes em conflito (Ibidem, p. 33-36). Como base teórica, diferentes outros autores, que também serão citados, oferecem abordagens complementares para que as análises do acontecimento ocorrido na vida de Luiz Justino – e que afetou diretamente toda a Orquestra de Cordas da Grota, pudessem ser realizadas a partir da etnografia elaborada ao longo do trabalho de campo. Alguns deles também se debruçaram sobre questões semelhantes e em contextos análogos, como Jorge da Silva (2016); Sinhoretto, Batitucci e Mota (2014); DaMatta (1979; 2000), Neiva Cunha (2004); Mota (2018); Jussara Freire (2010); Mello e Veiga (2012); Michel Misse (2011); Kant de Lima (2000); Dumont (1974).

O reencontro com a Orquestra – músicos, Márcio e Lenora, Paulo Tarso, presidente da ONG, e Paulo Márcio, assessor de imprensa da Orquestra, que serão devidamente apresentados ao longo do trabalho, se deu no dia mais importante e simbólico para todos do projeto da Grota, especialmente para o músico Luiz Justino: o dia da Audiência de Instrução e Julgamento do violoncelista, 9 de junho de 2021. Neste dia Luiz Justino foi absolvido, ou seja, foi declarada a sua inocência, o que significou uma *intervenção* vigorosa sobre o racismo estrutural, uma evidência da importância do projeto da Grota na transformação de vidas – ou seja, a *reintegração* de que fala Victor Turner.

1 O CONTEXTO SOCIAL DA ORQUESTRA DE CORDAS DA GROTA

1.1 Grota do Surucucu e seus aspectos sociais

A Grota do Surucucu é uma comunidade da cidade de Niterói, município do estado do Rio de Janeiro, localizada no final do bairro de São Francisco, fazendo divisa com os bairros da Cachoeira e Largo da Batalha.

Mapa 1 –Comunidade da Grota: limites de bairros e adjacências



Fonte: SIGeo, 2022, grifo nosso.

Mostramos acima um mapa com a localização geográfica da Grota. Ao longo do texto vamos definir seu território através da indicação de suas adjacências. Logo abaixo mostramos uma tabela do IBGE do senso de 2010 contendo dados sobre a distribuição da população, não só na Grota, como também em regiões adjacentes. Note-se que nesta tabela o IBGE utiliza a

categoria “aglomerados subnormais”¹⁰ para denominar o que neste trabalho chamamos de comunidade e favela.

Tabela 1 - Recorte da Tabela de domicílios particulares ocupados em aglomerados subnormais, população residente em domicílios particulares ocupados em aglomerados subnormais, por sexo, e média de moradores em domicílios particulares ocupados em aglomerados subnormais, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação, os municípios e os aglomerados subnormais - 2010

Censo Demográfico 2010 - Resultados do Universo - Aglomerados Subnormais

Grandes Regiões, Unidades da Federação, municípios e aglomerados subnormais	Domicílios particulares ocupados em aglomerados subnormais	População residente em domicílios particulares ocupados em aglomerados subnormais			Média de moradores em domicílios particulares ocupados em aglomerados subnormais	Código da Unidade Geográfica
		Total	Homens	Mulheres		
Grota do Surucucu	478	1 437	689	748	3,0	33033020039
Morro da Igrejinha	91	298	157	141	3,3	33033020063
Morro da Igrejinha I	368	1 335	640	695	3,6	33033020092
Morro do Viradouro	257	842	400	442	3,3	33033020045
Morro do Caranguejo	153	528	261	267	3,5	33033020042
Morro do Maceió	188	653	331	322	3,5	33033020075
Morro da Reunião	40	119	53	66	3,0	33045570827
Comunidade de Charitas ou Hípica	80	278	136	142	3,5	33033020087
Morro do Cavalão	695	2 302	1 096	1 206	3,3	33033020004
Morro do Estado	1 186	4 073	1 911	2 162	3,4	33033020002

Fonte: IBGE, 2010.

Uma vez apresentados o mapa com a localização da Grota e a tabela do IBGE, começamos por discutir o próprio conceito de comunidade e como a categoria é empregada e percebida no contexto da pesquisa. Cabe aqui uma breve explicação sobre o surgimento urbano da região onde se situa a Grota, bem como da própria comunidade.

Segundo a historiadora Maria Cristina Carminha Bezerra (2015), que escreveu uma tese sobre a imigração britânica e alemã em Niterói, houve uma significativa imigração desses dois grupos de estrangeiros a partir do século XIX até as primeiras décadas do século XX na

¹⁰ O IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística dá a seguinte definição para “aglomerados subnormais”: é uma forma de ocupação irregular de terrenos de propriedade alheia – públicos ou privados – para fins de habitação em áreas urbanas e, em geral, caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos essenciais e localização em áreas com restrição à ocupação”.

então capital da Província do Rio de Janeiro¹¹. Num primeiro momento, esses imigrantes ocuparam a região de São Domingos, uma vez que o porto se localizava nessa área, a enseada da Praia-Grande, e era o responsável pela comunicação com outros sítios da Província. Para além disso, as demais áreas da região ainda eram pouco povoadas devido à falta de infraestrutura básica e à dificuldade de acesso e locomoção. No final do século XIX, início do século XX, conforme a infraestrutura foi se expandido, como fornecimento de água, rede de esgoto e a implantação de bondes elétricos a partir de 1906, a situação foi se modificando. Desse modo, áreas até então remotas e ainda pouco exploradas, como Icaraí e São Francisco, começaram a ser ocupadas (BEZERRA, 2015, p. 167-168).

A historiadora escreve que britânicos e alemães tiveram um papel importante no povoamento das zonas litorâneas das cidades do Rio de Janeiro e Niterói, ainda pouco habitadas até o início do século XX. A procura por essas áreas se deveu a hábitos que esses estrangeiros trouxeram de seus países de origem. Na Europa, desde meados do século XVIII, a classe médica recomendava à população frequentar a praia, salientando as benesses de se banhar com a água do mar para fins terapêuticos (Ibidem, p. 174). No Brasil, enquanto ingleses e alemães já cultivavam o hábito de frequentar as praias da Província desde o século XIX, registros históricos dão conta de que entre as populações nativas esse costume só começou a aparecer no final da década de 1920. De acordo com Bezerra, a inauguração do *Country Club* no ano de 1916, em Ipanema, e do hotel "Copacabana Palace", em 1923, contribuíram para o surgimento dessa nova prática entre os brasileiros – além da já mencionada influência estrangeira (Ibidem, p. 176).

Em se tratando de Niterói, essas duas populações tiveram forte expressão na ocupação das áreas de Icaraí e Saco de São Francisco, principalmente na orla dessas localidades. Em 1909, com o alargamento da Estrada Leopoldo Fróes para a colocação de linhas de bondes¹², a Estrada Fróes e o Saco de São Francisco começaram a ser cada vez mais ocupados. Segundo dados apresentados por Bezerra, em 1914 quase todos os habitantes da Fróes eram ingleses, enquanto os alemães se encontravam mais adiante, na [atual] avenida Rui Barbosa e para os lados de Charitas (BEZERRA, 2015, p. 170)¹³. Ainda segundo os levantamentos da pesquisa,

¹¹ Em 1819, D. João VI, através da assinatura de Alvará Régio, atendeu a uma solicitação da comunidade local e reuniu as quatro freguesias agrárias e as duas povoações da antiga região de Niterói em uma mesma jurisdição. A partir de então, a região passou a ser reconhecida como "Vila Real da Praia Grande" (BEZERRA, 2015, p. 30). Em 1834, a então "Vila Real da Praia Grande", passa a ser chamada de Niterói [Nitheroy, antigo topônimo indígena] e se torna capital da Província do Rio de Janeiro.

¹² Em 1909 foi realizada a obra de alargamento da Estrada Leopoldo Fróes [antiga Estrada Nova] e a partir de 1910-1911, os bondes elétricos por ali começaram a passar (BEZERRA, 2015, p. 170).

¹³ Estrangeiros de outras nacionalidades também habitavam essas regiões, tais como franceses, italianos e outros de origem escandinava. No entanto, a pesquisa enfatiza o papel relevante que britânicos e alemães tiveram na vida social e econômica da cidade de Niterói.

enquanto a orla do Saco de São Francisco era gradativamente povoada, o interior do atual bairro era um bosque ainda bem pouco habitado e onde famílias iam passear e fazer piqueniques. As poucas casas da época eram habitadas por famílias brasileiras que se concentravam no final da atual avenida Rui Barbosa (Ibidem, p. 173).

O Saco de São Francisco demorou a ser povoado e apenas na segunda metade do século XX configurou-se como bairro (Ibidem, p. 171). O ar bucólico e pacato do local permanece até os dias de hoje. Protegido pelo Plano Urbanístico Regional (PUR)¹⁴, São Francisco preserva a característica de se manter como um bairro somente de construções de casas¹⁵, conservando a qualidade residencial do bairro de classe média, média-alta.

O estudo desenvolvido por Bezerra confirma alguns relatos feitos por Nicole Blass, interlocutora importante e que possui uma história familiar antiga com o bairro de São Francisco. A casa que até hoje é de sua família, foi construída em 1929. Fernando Blass, pai da interlocutora, conta que a construção original era a sede de uma fazenda localizada no final de São Francisco e foi adquirida pelos seus avós maternos na década de 1940, quando ali foram morar. Os relatos familiares dão conta de que nessa época a região possuía poucas casas, sendo a maior parte das terras não ocupadas e com muita natureza preservada. A paisagem local era composta por extensas matas, rio, gruta e cachoeira onde as crianças brincavam e os jovens e adultos podiam frequentar. Ao lado da casa da família Blass, até o início dos anos 2000, havia uma imensa vegetação que originalmente era de propriedade de um antigo vizinho alemão, chamado Walter. Essa área era conhecida como “mato do alemão” e Nicole conta que esse domínio era abandonado e havia uma piscina antiga e em formato de chave, onde ia explorar com sua amiga “Beta” na adolescência, nos anos de 1990. Na primeira década dos anos 2000, foi construído no local um condomínio de casas cujo nome atribuído pelos moradores da região passou a ser “Condomínio dos Alemães”, o que remete à história do lugar.

De acordo com Fernando Blass, cujos avós paternos e o pai eram austríacos que vieram para o Brasil exilados da 2ª Grande Guerra e acabaram se fixando em São Francisco, a localidade onde encontra-se a casa da família era bem diferente na sua juventude. Ele narra

¹⁴ Câmara Municipal de Niterói, lei 1967 de 04 de abril de 2002: “Dispõe sobre o Plano Urbanístico da Região das Praias da Baía, seu zoneamento ambiental, a implementação de políticas setoriais, a aplicação de instrumentos de política urbana e a ordenação do uso e da ocupação do solo na região”. Disponível em: http://pgm.niteroi.rj.gov.br/legislacao_pmn/2002/LEIS/1967_PUR_das_Praias_da_Baia.pdf. Acesso em: 11 fev. 2022.

¹⁵ De acordo com as normas do PUR, só é permitido prédios em São Francisco nas avenidas Rui Barbosa e Quintino Bocaiúva.

que a Grota do Surucucu¹⁶, área adjacente ao bairro e que se situa no final do vale da região, era um lugar não muito povoado. No entanto, ao contrário de São Francisco, as poucas casas que havia eram feitas de madeira ou de pau-a-pique, uma vez que os habitantes dessa parte eram trabalhadores de origem humilde. A vegetação abundante predominava por todo o território e algumas famílias viviam do cultivo de alimentos e da criação de animais. Outro dado importante fornecido por Fernando e que estudos desenvolvidos nesse espaço urbano confirmam, é do quanto a extensão compreendida atualmente como comunidade da Grota se expandiu e se modificou nas últimas décadas.

A dissertação do cientista social em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Jay Marinus Nalini van Amstel (2018), que desenvolveu um estudo acerca das percepções, saberes e práticas sobre o meio ambiente na Grota do Surucucu, corrobora os muitos relatos colhidos ao longo das minhas investigações de campo. Segundo Amstel, moradores antigos descrevem que no passado, antes do “progresso” chegar à Grota, “era tudo ‘mato’” e poucas pessoas viviam na região. Não havia água encanada, fornecimento de luz, ruas pavimentadas nem rede de esgoto. Ao mesmo tempo, as narrativas igualmente dão conta de uma memória saudosa, ficando a lembrança de que, no passado, o lugar era um “paraíso tranquilo” (AMSTEL, 2018, p. 24).

O morro onde atualmente se localizam as comunidades da Igrejinha e parte da Grota, situado no fundo do vale, era de vegetação densa e praticamente inabitado. Conforme o estudo, foi a partir das décadas de 1970-80 que observou-se uma significativa expansão demográfica no local. Em boa medida, o fenômeno populacional na região se deveu ao fluxo de pessoas vindas de outras localidades que foram morar na Grota em busca de oportunidades de trabalho, principalmente na construção civil e em serviços domésticos. Desse modo, um contingente de pessoas com menos recursos e condições começou a ocupar as áreas menos favoráveis da região. Nesse processo, iniciou-se a construção de casas nas encostas e, gradativamente, o morro foi sendo povoado. (AMSTEL, 2018, p. 24-25).

Com o aumento da densidade demográfica, o poder público foi cada vez mais sendo pressionado a fornecer infraestrutura básica à Grota. No entanto, somente na década de 1990 a população local passou a ter acesso à luz, água tratada e rede de esgoto. Katunga Vidal, violoncelista de 38 anos, nascido e criado na Grota e regente da Orquestra de Cordas da Grota, me relatou em entrevista que, quando mais novo, o local era “como toda ‘comunidade, onde

¹⁶ Segundo alguns relatos, tais como o da Raquel, violoncelista e integrante da Orquestra de Cordas da Grota, o nome atribuído à localidade se deve ao passado da região, onde havia uma grota e muitas cobras da espécie surucucu.

faltava tudo”¹⁷. Não havia fornecimento de água e os moradores tinham que buscar em alguns poços, na Igreja Betânia ou no posto de gasolina localizado no final da avenida Rui Barbosa, em São Francisco. Com relação à energia elétrica, havia somente uma rede principal na rua que liga a comunidade ao bairro adjacente e os próprios moradores tinham de fazer a energia chegar até suas casas. Dessa forma, a população se mobilizou para erguer postes e esticavam os cabos de energia até as ruas e casas dos moradores.

Todavia, Katunga descreve que a Grota era um lugar muito tranquilo para se morar, com poucas casas e que não havia violência. Para ele, a Grota ainda hoje é um lugar tranquilo quando comparado a outras comunidades. No entanto, a partir da sua adolescência, viu a situação mudar com a chegada do tráfico de drogas. Segundo Amstel, após o estabelecimento da infraestrutura básica na localidade, houve uma valorização da região e por conseguinte, um aumento considerável de fluxos migratórios que culminaram em um crescimento ainda maior da população. Dessa forma, a configuração da região começou a se modificar, mas sem que houvesse um planejamento para isso. De acordo com os levantamentos da pesquisa, Amstel escreve que a Grota é muito visada pela sua localização privilegiada e pelo acesso a serviços essenciais que funcionam de forma satisfatória.

Estando ao lado do bairro de São Francisco e próxima aos bairros de Charitas, Icaraí e Santa Rosa, a Grota é vizinha de importantes mercados de trabalho da cidade. Para mais, a Grota possui dois postos de saúde, linha de ônibus que entra dentro da comunidade [linha circular n.º 32: Centro-Cachoeira], além de pontos de ônibus próximos que permitem acesso direto a outras localidades da cidade, assim como à cidade do Rio de Janeiro. Com relação à educação, há uma Unidade Municipal de Educação Infantil (Umei)¹⁸ e um Colégio Estadual (CE) de ensino fundamental e médio¹⁹. Ademais, a Grota encontra-se próxima a áreas de lazer como as enseadas de São Francisco, Charitas, Jurujuba e ao Parque da Cidade. Situando-se um pouco mais distante, a população local também tem acesso direto à Região Oceânica, a maior região da cidade e de grande relevância tanto no que diz respeito ao lazer quanto ao mercado de trabalho (AMSTEL, 2018, p. 27-28).

¹⁷ Entrevista realizada pela pesquisadora no Espaço Cultural da Grota, em março de 2021, com a violoncelista Raquel Terra e o violoncelista e regente da Orquestra de Cordas da Grota, Katunga Vidal.

¹⁸ UMEI Professora Margareth Flores. Disponível em: <http://www.niteroi.rj.gov.br/2021/06/09/niteroi-tem-mais-uma-escola-reformada-e-pronta-para-o-retorno-hibrido-das-atividades/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

¹⁹ Colégio Estadual Duque de Caxias. Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/escola/33056404-ce-duque-de-caxias>. Acesso em: 18 fev. 2022.

1.2 Alterações na configuração socioespacial: a "comunidade"

Tendo em vista o que foi apresentado até aqui, é importante destacar uma significativa mudança na configuração socioespacial da Grota a partir da década de 1980 e de forma mais acentuada na década de 1990. Nesse período, houve uma expansão de construções no morro, bem como a extensão da comunidade no asfalto, portanto, ampliando cada vez mais a configuração territorial da Grota e a proximidade com o bairro adjacente. Dessa forma, a Grota cresceu, assim como outras comunidades da região e, por consequência, as comunidades da Grota e do Morro da Igrejinha passaram a fazer fronteira. Considerando que muitos problemas de infraestrutura e serviços básicos ainda não tinham sido totalmente sanados pelo poder público, o acelerado crescimento sem planejamento, potencializou condições de instabilidade e insalubridade no local. É nesse mesmo período que moradores da região observam a chegada do tráfico de drogas na Grota, até então uma área tranquila, onde não havia índices expressivos de violência.

A partir da década de 1990, o quadro foi se alterando e cada vez mais a Grota foi sendo palco de conflitos armados entre o poder local e o poder do Estado. De acordo com a antropóloga Ana Paula Mendes de Miranda (2014, p. 4), no caso do Rio de Janeiro, o debate sobre o “problema da segurança pública” surgiu na década de 1980 e se tornou “crise” da segurança pública na primeira metade da década de 1990, com a expansão do tráfico de drogas e do crime organizado. Como consequência, observou-se o aparecimento de discursos políticos que propagavam “guerra ao tráfico” e “guerra ao crime” como forma de solução dos problemas da segurança pública e que, nesse viés, defendiam o recrudescimento da ação policial e uma política de confronto nas favelas e comunidades. Ao mesmo tempo, outra vertente do espectro político, ligada aos partidos de esquerda e imbuída dos princípios internacionais dos direitos humanos, estava empenhada na implantação do conceito de “segurança cidadã” e defendia soluções mais democráticas, de cunho social (MIRANDA, 2014, p. 5).

Como resultado de antagônicos ideários, o Rio de Janeiro experienciou nas décadas seguintes diferentes políticas para gerir a segurança pública. Com o propósito de ser um projeto inovador na área, em 2009 foi criada a primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), na favela Santa Marta, localizada no bairro de Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro. O projeto enunciava uma aproximação entre a polícia e a população local através de um policiamento comunitário e da ocupação e permanência no local, ao invés de megaoperações que não resolviam estruturalmente o problema e que deixavam um lastro de altos índices de autos de

resistência (Ibidem, p. 6). O programa se expandiu e ao todo foram criadas 38 UPPs, que seguem em atividade até o presente momento²⁰.

No entanto, para muitos especialistas, o projeto não cumpriu o seu propósito. Segundo Miranda, o policiamento comunitário não construiu de fato uma interação entre a polícia e a população local, se restringindo a uma proximidade física que mantinha uma desconfiança sobre os moradores. Casos de “abusos de autoridade” foram motivo de muitas denúncias e não houve a implantação de projetos voltados à inclusão social, como era inicialmente previsto. Desse modo, a antropóloga conclui que, apesar da embalagem de “pacificadora”, as UPPs mantiveram um modelo de política pública que pensa a favela como um problema isolado e compartimentalizado da cidade, o que acaba por contribuir com o imaginário popular e do poder público de que favela é lugar de criminoso (MIRANDA, 2014, p. 7-8). Dentro dessa mentalidade é que prosperam os discursos de “guerra ao crime” e “bandido bom é bandido morto”, uma vez que há uma construção social de que favela e comunidade são territórios inimigos e que “direitos humanos são para os humanos direitos” (Ibidem, p. 14).

É nesse contexto que moradores de São Francisco e da Grota relatam uma mudança contundente na configuração da região. Em 2010²¹, após a megaoperação da Polícia e das Forças Armadas no Complexo do Alemão, para a instalação de uma nova UPP, relatos de moradores expõem que a comunidade da Grota foi cada vez mais sendo tensionada pelas operações do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE). De acordo com a narrativa de alguns interlocutores, traficantes foragidos da ocupação do Complexo do Alemão vieram parar na Grota e nessa nova conjuntura, houve um rearranjo do poder local. Com uma nova “organização” local e com o BOPE cada vez mais realizando operações pontuais – mas sem o respaldo de uma política pública de cunho social, a Grota gradativamente passou a pairar na categoria “área de risco”, sendo palco de conflitos armados.

Conforme a Figura 2.1 ilustra, o padrão das operações se caracterizou pela falta de estratégia, ausência de protocolos no uso da força e pela brutalidade, culminando em mortes de inocentes.

²⁰ Site oficial da UPP. Disponível em: <https://www.upprj.com/>. Acesso em: 21 maio 2022.

²¹ Matéria do *GI* sobre a ocupação das Forças Armadas no Complexo do Alemão, em 2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-contra-o-crime/noticia/2010/11/ocupacao-das-favelas-do-alemao.html>. Acesso em: 2 maio 2022.

Figura 1.1 - Matéria sobre o assassinato de Fábio Nunes Gonçalves, morto em operação do BOPE, na Grota do Surucucu.



Fonte: Jornal O Dia, 2 jun. 2013.

Conforme venho analisando, apesar de nos dias de hoje a Grota compreender uma certa extensão do morro situado na localidade, nem sempre foi assim. Para muitos moradores, principalmente os de famílias mais antigas, a comunidade tem uma conformação menor. De acordo com Katunga, “a Grota é um lugar muito ‘pequenininho’. Fica entre dois morros: à esquerda, o Morro da União, Viradouro e à direita, Igrejinha, Largo da Batalha. É um ‘buraquinho’ entre todos esses morros”. Dessa forma, muitos locais entendem a Grota como uma área que se localiza no final do vale do bairro de São Francisco, substancialmente consistindo na parte mais plana da região.

O termo “comunidade” atribuído a essa localidade, é a categoria nativa utilizada pelos interlocutores do campo para se referirem à região onde moram ou frequentam. Todavia, “comunidade” e “favela” são categorias que possuem uma longa trajetória nas ciências sociais e, portanto, algumas considerações devem ser apresentadas.

Ferdinand Tönnies (1987) foi um dos primeiros a dedicar um livro para tratar especificamente da oposição entre “comunidade e sociedade”, sendo a “comunidade” entendida como um princípio de organização social baseado em pertencimento étnico, laços de sangue [parentesco, afinidade], religiosos, geralmente apresentando limites territoriais definidos de pequenas dimensões e homogeneidade. Nesse sentido, as relações pessoais e diretas é que garantem os laços de confiança. Eles predominam sobre as relações formais baseadas em interesses firmados através de contratos [sociedade]. Tanto Weber (1974) quanto Durkheim (1999), com pequenas distinções, irão reafirmar esta oposição complementar entre “comunidade e sociedade”.

Para Weber, na comunidade prevalecem os vínculos baseados em relações pessoais e o sentimento de pertencimento dos membros ao grupo do qual fazem parte. Diferentemente da sociedade que, segundo ele, é constituída sobretudo de relações sociais racionalmente motivadas, onde a reciprocidade é orientada. Para Durkheim, são os tipos de laços de solidariedade que definem as relações sociais, sendo denominada de “solidariedade mecânica” o tipo de relação construída a partir de laços de confiança [parentesco, afinidade], em sociedades que não estão estratificadas. Essas são associadas pelo sociólogo francês a sociedades tradicionais pré-capitalistas. Por sua vez, distinta da relação predominante nas sociedades complexas capitalistas, nas quais prevalece a “solidariedade orgânica”, baseada na divisão social do trabalho, onde é estabelecida uma interdependência entre os indivíduos, ao mesmo tempo que um distanciamento emocional-afetivo.

Vista pela ótica dos autores supracitados, a Grota não é exatamente uma “comunidade”, muito embora o fator racial esteja muito presente e nos dias de hoje tenha ganhado força simbólica suficiente para ser considerado um traço distintivo importante, uma vez que majoritariamente as pessoas que nela vivem se reconhecem como negras e/ou afrodescendentes.

Quanto à categoria “favela”, a pesquisa realizada com a Orquestra de Cordas da Grota revela que os moradores e frequentadores da Grota, ao menos os dessa área onde foi desenvolvido o trabalho, não a utilizam para se referirem ao lugar onde vivem ou frequentam. De acordo com Valladares (2005), o mito fundador da “favela”²² e a existência desse tipo de habitat, é anterior ao aparecimento da categoria como conceito e objeto de estudo e interesse de cientistas sociais. É a partir de 1920 que a palavra favela se torna um substantivo genérico e surge como categoria para designar um determinado tipo de área de habitação: “pobre, de ocupação ilegal e irregular, sem respeito às normas e geralmente sobre encostas” (Ibidem, p. 26). Embora a Grota tenha se expandido pelas encostas e ocupado um pedaço do morro situado na região, o “mito de origem” da comunidade está associado à parte mais plana da localidade e é desse modo que muitos, ainda hoje, a compreendem.

²² Valladares (2005, p. 29) escreve na nota de rodapé de “A invenção da favela”: “Devo lembrar que o início do século XX e nas três décadas seguintes *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, teve papel fundamental no pensamento social e político brasileiro. Publicado pela primeira vez em 1902 e centrado ao mesmo tempo sobre o espaço hostil do sertão e sobre o sertanejo, esse livro representou um sinal de alerta para a elite política brasileira, até então voltada para o litoral e a ‘civilização’ que ali florescia sob a influência europeia, especialmente no Rio e em São Paulo. Verdadeira epopeia dos tempos modernos, a obra narra a guerra de Canudos (1869-1897) e analisa seu personagem central e misterioso, Antônio Conselheiro. Líder religioso e carismático, responsável pela feroz resistência da população de Canudos que derrotou quatro exércitos enviados pelo governo da República, recém-constituída e ameaçada por esses ‘selvagens’. Canudos, povoado perdido e desconhecido no agreste do Estado da Bahia, alcançou as manchetes dos jornais da época. Após a publicação de *Os Sertões*, transformou-se em lenda”.

Há também uma terceira abordagem possível para pensarmos a Grota, a de que se trata de uma “periferia” da cidade, mas não no sentido clássico, territorial, urbanístico, onde denominamos como periferias as localidades que se situam geograficamente à margem dos grandes centros urbanos. Mas nos termos trabalhados pelos autores Neiva Cunha e Gabriel Feltran (2013) para pensar as complexidades envolvidas nos espaços urbanos que estão à margem da sociedade e que, portanto, não são totalmente integrados pelo Estado e pelo tecido social no que se refere a direitos, respeito e reconhecimento. Dessa forma, os autores discutem os diferentes usos da categoria “periferia”, todavia, considerando que:

Invariavelmente, entretanto, trata-se de categoria marcada por valoração, seja a do universalismo dos direitos e cidadania, seja nos juízos formulados entre os polos da *acusação* da violência, criminalidade e drogadição, mais comuns no discurso jornalístico e das elites, e da *celebração* da dignidade, resistência, crítica e luta dos que se identificam como periféricos (CUNHA; FELTRAN, 2013, p. 11, grifo dos autores).

A discussão sobre qual categoria deve ser utilizada nos diferentes contextos sociais requer uma análise sociológica dos conceitos e dos usos que os indivíduos empregam e se autopercebem nos diversos meios em que se relacionam. Conforme escreveu a antropóloga Letícia de Luna Freire (2008), é importante notar uma tendência a empregar o termo “comunidade” visando uma desassociação do estigma atribuído à “favela”: “Visando amenizar esse estigma, a categoria ‘comunidade’ parece evocar, tanto para os representantes do poder público quanto para os moradores diretamente atingidos pelo processo de estigmatização, uma alternativa simbólica” (Ibidem, p. 109). Ainda segundo Freire, “favela” e “comunidade” não são categorias estáticas e, nesse sentido, “deve-se compreender a forma como são operacionalizados pelos atores, sendo seus sentidos construídos e reconstruídos dinamicamente no cotidiano de suas interações sociais” (Ibidem, p. 110).

Através da observação direta exercida durante o acompanhamento de ensaios e apresentações da Orquestra de Cordas da Grota, das conversas com interlocutores do campo e das entrevistas realizadas no ano de 2021, verificou-se o uso corrente do termo “comunidade” no contexto da pesquisa. Isto é, na maioria das situações observadas, as pessoas que compõem o grupo da Orquestra utilizavam o termo ao se referirem à localidade da Grota, ao se auto identificarem como “de comunidade” e ao descreverem uma experiência de vida comum que os une, de certa forma, em muitos aspectos. Desse modo, gerando um sentimento de pertencimento e solidariedade entre os membros da “comunidade”.

Nesse sentido, para fins deste trabalho, o conceito de “comunidade” assumido para as análises das investigações desenvolvidas é o apresentado por Joseph Gusfield (1975), em que o autor enfatiza o caráter situacional e problemático próprios de algumas relações humanas,

não limitando o uso do conceito a um *território* fixo e definido. Para Gusfield, os sociólogos clássicos que se debruçaram sobre a questão da dicotomia “comunidade-sociedade”, estavam discutindo as duas categorias em uma perspectiva evolutiva. Na abordagem proposta por Gusfield, as categorias estão sempre situacionalmente se redefinindo, podendo unidades maiores e mais diversas terem uma relação comunal, enquanto unidades menores e mais homogêneas uma relação societal.

No entanto, no que concerne à localidade da Grota, deve ser observado que se trata de uma comunidade que também possui características territoriais tradicionais, estando estabelecida num determinado espaço urbano da cidade. Todavia, conforme Gusfield (1975, p. 26) escreve em *Community: A Critical Response*, os dois usos de “comunidade” – territorial e relacional – não são totalmente exclusivos. O sociólogo estadunidense ressalta: “No fluxo dos eventos, precisamos enfatizar que qualquer associação de pessoas *pode*, em determinadas circunstâncias, assumir aspectos comunitários *ou* societários como seus principais” (GUSFIELD, 1975, p. 26, grifo do autor, tradução nossa)²³. Em suma, para o autor, o conceito de “comunidade” deve ser trabalhado como uma qualidade de algumas relações humanas, podendo ser redefinido situacionalmente, ao invés de se ater a uma quantidade de população, um grupo homogêneo e/ou a um espaço físico delimitado.

Dessa forma, os desdobramentos dos eventos observados na pesquisa e que serão desenvolvidos neste trabalho, cabem ser discutidos pela perspectiva proposta por Gusfield, tendo em vista a qualidade da relação verificada no contexto analisado. Os sentimentos de pertencimento à “comunidade” da Grota e de empatia pelo coletivo foram observados em diversas ocasiões onde os interlocutores utilizavam os pronomes “nós” e “a gente” ao narrarem suas experiências de vida, compartilharem algumas visões de mundo e ao exporem certas questões presentes que estivessem vivenciando ou refletindo. Essa forma de tratamento foi verificada em diferentes interações com os interlocutores do campo, tanto em conversas mais despojadas quanto, e principalmente, nas entrevistas concedidas. Nessas situações, ocorre o que Gusfield (1975) chamou de “consciência de tipo”; quando a filiação comunal é manifesta e se torna base de recurso, de explicação. O sociólogo escreve: “Dentro da emergência de uma consciência de tipo está o surgimento de uma experiência coletiva; *um sentimento de participação na mesma história*” (Ibidem, p. 34-35, grifo do autor, tradução nossa)²⁴. Por todas

²³ No original: “In the flux of events, we need to emphasize that any given association of people *may*, under given circumstances, take on comunal *or* societal aspects as its primary ones” (GUSFIELD, 1975, p. 26, grifo do autor).

²⁴ No original: “Within the emergence of a consciousness of kind is the rise of a collective experience; *a sense of participating in the same history*” (GUSFIELD, 1975, p. 35, grifo do autor).

essas razões e, sobretudo, por verificarmos “*um sentimento de participação na mesma história*”, usaremos o termo “comunidade” para identificar a Grota do Surucucu ao longo de todo este trabalho.

A identidade comunal também envolve atitudes compartilhadas, diz respeito à ação. Essas são manifestas principalmente no que se refere a eventos, tanto passados quanto presentes. Por essa razão, deve-se atentar para a importância que a história tem para a identidade comunal, uma vez que os eventos mobilizam os membros e reafirmam os laços de solidariedade, atualizando o contexto social e redefinindo situacionalmente a qualidade das relações envolvidas (GUSFIELD, 1975, p. 35). Nesse sentido, alguns acontecimentos importantes ocorreram ao longo da pesquisa que compeliram a comunidade a se movimentar na direção de um objetivo comum. O mais impactante e emblemático foi o que envolveu o músico da Orquestra, Luiz Carlos da Costa Justino, que após sofrer uma abordagem policial, foi preso injustamente por conta de um contestável método de reconhecimento fotográfico realizado na 76ª Delegacia de Polícia, para onde foi conduzido.

Devido à importância do acontecimento na realidade imediata do músico, do contexto de pesquisa e da repercussão que o caso ganhou na mídia, a prisão do Luiz Justino terá um capítulo onde o evento será detalhado e discutido, assim como todas as questões suscitadas a partir dele. No entanto, cabe nesse momento ressaltar que eventos dessa magnitude revelam o caráter processual da comunidade, que está sempre se construindo e reconstruindo, ao contrário de ser pensada como algo fixo e dado. A questão antropológica clássica do “nós e eles” surge a partir das situações de conflito com os outros e da cooperação comum na resolução do problema, “[...] a partir das quais um agregado de pessoas desenvolve um senso de si mesmo como possuidor de um destino comum e pertencente a um grupo comum” (GUSFIELD, 1975, p. 36, tradução nossa)²⁵.

1.3 Três eventos definidores da comunidade: a "experiência coletiva"

Para analisar essa discussão, serão apresentados três eventos importantes, sendo dois deles ocorridos propriamente na Grota e um terceiro em escala global que, como tal, afetou o local. Os acontecimentos nos servirão para ilustrar a capacidade de mobilização da comunidade em prol de um objetivo comum e do sentimento de pertencimento que emerge a partir de situações vividas e refletidas que geram atitudes compartilhadas.

²⁵ No original: “[...] from which an aggregate of people develop a sense of themselves as possessed of a common fate and belonging to a common group” (GUSFIELD, 1975, p. 36).

Respeitando a cronologia dos fatos, o primeiro deles diz respeito ao assassinato do jovem de 16 anos, Dyogo Costa Xaxier de Brito, morto em 12 de agosto de 2019, durante uma operação do Batalhão de Polícia de Choque (BPChq) na Grota do Surucucu. Conhecido por amigos e familiares como “Dondon”, o adolescente que aspirava se tornar jogador profissional de futebol e treinava na categoria de base do *America Football Club*, foi baleado nas costas quando estava a caminho do ponto de ônibus para ir treinar no clube, localizado em Mesquita, município do Rio de Janeiro²⁶.

A tragédia teve conotação ainda mais dramática por ter sido o próprio avô do atleta o primeiro a socorrê-lo. Cristóvão de Brito, que é motorista de ônibus e passava no local no instante do ocorrido, parou o ônibus ao avistar o jovem baleado e caído no chão. De acordo com Cristóvão, o policial que atirou em seu neto lhe disse no local do crime que o jovem era traficante, o que gerou forte indignação da família, amigos e de toda a comunidade da Grota²⁷. Dyogo chegou a ser levado para a Policlínica Regional do Largo da Batalha²⁸, mas já chegou sem vida à unidade. Consternados com a brutal violência da polícia, no mesmo dia a comunidade se mobilizou para protestar contra o assassinato do adolescente e fechou uma das principais avenidas de São Francisco²⁹. No dia seguinte, após o enterro do adolescente, familiares, amigos e moradores da Grota foram às ruas exigir respostas das autoridades³⁰, conforme mostram as Figuras 1.2 e 1.3.

²⁶ O caso teve grande repercussão na mídia e foi noticiado em diversos veículos. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/08/5672058-video--irma-de-7-anos-faz-oracao-emocionante-em-enterro-de-jogador-morto-em-niteroi.html>. Acesso em 28 mar. 2022.

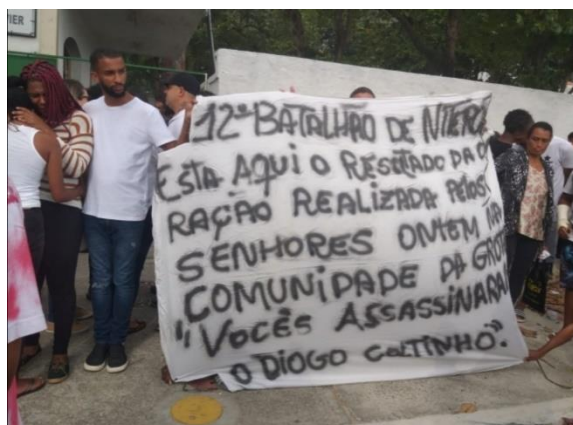
²⁷ Familiares de Dyogo Costa em depoimento à imprensa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rMtHBLoj6qY>. Acesso em: 29 de mar. 2022.

²⁸ Policlínica Regional do Largo da Batalha. Disponível em: <https://www.infosaude.com.br/ubs/339830-policlinica-regional-do-largo-da-batalha>. Acesso em: 29 mar. 2022.

²⁹ Matéria sobre o assassinato de Dyogo Costa e o protesto da comunidade. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/12/moradores-da-comunidade-da-grota-em-niteroi-fazem-protesto-contr-operacao-que-terminou-com-baleado.ghtml>. Acesso em: 29 mar. 2022.

³⁰ Após o enterro do jovem, a comunidade da Grota foi às ruas manifestar a sua indignação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5EJaMfoU8cM>. Acesso em: 29 mar. 2022.

Figuras 1.2 e 1.3 – Familiares, amigos e moradores da Grota protestam contra o assassinato do adolescente Dyogo Costa, morto em operação policial.



Fonte: 1.2 - RIBEIRO, Gustavo / Agência O Dia; 1.3 - SOUZA, Gilvan de /Agência O Dia - 13 ago. 2019.

Esse evento teve um forte impacto na comunidade por conta das circunstâncias trágicas em que o jovem foi assassinado e pelo fato de Dyogo, também conhecido pelo apelido de “Coutinho”³¹ ser uma pessoa bem conhecida e muito querida por todos. Eu estava na Grota nesse dia e pude testemunhar a extensão e brutalidade do Comando de Operações Especiais (COE), que uniu Batalhão de Polícia de Choque (BPChq), Grupamento Aeromóvel (GAM) e Batalhão de Ações com Cães (BAC)³². Do mesmo modo, também pude testemunhar os sentimentos de revolta e desolação que abalaram os moradores da Grota, sobretudo familiares e amigos.

Importante notar que, à época, o Rio de Janeiro vivenciava uma sucessão de megaoperações da Segurança Pública que, sob a gestão do então governador Wilson Witzel, defendia uma política de “abate de criminosos”³³. Eleito na mesma toada que se elegeu Jair Bolsonaro, de que “bandido bom é bandido morto” – ou, “CPF cancelado”, Witzel foi responsável por uma política de alta letalidade no combate à criminalidade. Com frases polêmicas como “a polícia vai mirar na cabecinha e...fogo”³⁴ e que o Estado deveria ter

³¹ Pelo que pude averiguar, “Coutinho” seria em alusão ao nome do estádio do clube América, onde o jovem treinava, chamado de Estádio Giulite Coutinho, localizado em Edson Passos, no município de Mesquita, Baixada Fluminense.

³² Operação do Comando de Operações Especiais (COE) na Grota. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/jogador-de-futebol-de-16-anos-morto-durante-operacao-em-niteroi-moradores-protestam-23872200.html>. Acesso em: 31 mar. 2022.

³³ Matéria da revista *Carta Capital* sobre o primeiro ano do governo Witzel – 2019 – e o aumento da violência policial. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/primeiro-ano-do-governo-de-witzel-e-uma-exaltacao-a-violencia-policial/>. Acesso em: 18 mai. 2022.

³⁴ Entrevista de Wilson Witzel ao jornal *Estadão*, após ser eleito. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,a-policia-vai-mirar-na-cabecinha-e-fogo-diz-novo-governador-do-rio,70002578109>. Acesso em: 19 mai. 2022.

autorização para “mandar um míssil” nas regiões de conflito para matar “aquelas pessoas”³⁵, Witzel, em pouco tempo de mandato, acumulou um histórico funesto.

Apesar de Dyogo não ter feito parte da Orquestra de Cordas da Grota, todos do grupo ficaram muito chocados com a sua morte. Dois integrantes em especial mencionaram em entrevistas concedidas durante a pesquisa de campo o quanto foram afetados pela notícia.

Jorge Junior, o “Jorginho”, violinista da Orquestra e à época com 21 anos, relatou em nossa conversa que participou do protesto pela morte do Dyogo. Na manifestação, Jorginho e outras pessoas acabaram sendo detidos e ficaram um dia presos por terem sido acusados de agredir um sargento armado da polícia. Conforme Jorginho colocou: “Como que eu vou agredir um cara armado? Um cara armado vai deixar ser agredido? Ainda mais um policial, aqui na comunidade? Não teve isso.”³⁶. Em janeiro de 2020, ele e os demais acusados foram a julgamento, porém o caso foi arquivado – os policiais que os acusaram não apareceram na audiência. Essa não foi a primeira nem a única experiência de Jorginho com a polícia. Jovem, negro e “de comunidade”, o músico externou já estar “habitado a ter de lidar com situações que acabam envolvendo a polícia”. Importante assinalar neste momento que Jorginho era um dos amigos que estavam com Luiz Justino quando sofreram a abordagem policial que culminou na prisão do Luiz. Em vista disso, depreende-se que o violinista da Orquestra da Grota é uma das milhares de pessoas que são vítimas do racismo estrutural de nossa sociedade, que se revela de forma sistemática e acintosa no Poder Judiciário e na Segurança Pública. A questão do racismo estrutural será amplamente discutida no capítulo três deste trabalho. A história do Jorginho é extremamente rica e exemplar no que se refere ao racismo estrutural e à possível expansão de horizontes através de projetos como o da Grota. Ela certamente será retomada em outro trabalho sobre o tema³⁷.

Outra integrante da Orquestra a mencionar o caso de Dyogo foi Alexandra Seabra, 31 anos à época, musicista, produtora e gestora cultural. Nascida e criada na Grota, Alexandra entrou no projeto social em 2000, quando tinha 10 anos de idade e fez todo o percurso de formação musical e prática de orquestra no projeto social. Através de uma parceria que a

³⁵ Matéria do portal de notícias *GI* onde contém o vídeo do então governador proferindo a polêmica frase. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/06/14/em-discurso-witzel-fala-em-jogar-missil-em-trafficantes-na-cidade-de-deus.ghtml>. Acesso em: 19 mai. 2022.

³⁶ Entrevista realizada pela pesquisadora em setembro de 2021, com o músico Jorginho, violinista da Orquestra de Cordas da Grota.

³⁷ Por uma questão de escopo, no atual trabalho tomou-se o episódio da prisão do Luiz Justino como foco central.

Orquestra de Cordas da Grota mantinha com o Conservatório Brasileiro de Música (CBM)³⁸, Alexandra ganhou uma bolsa de estudos do CBM e graduou-se na instituição com o diploma de licenciatura em Música com especialização em Musicalização Infantil. Logo depois, fez uma pós-graduação em Produção Cultural pela Universidade Cândido Mendes (UCAM)³⁹. Atualmente Alexandra ocupa diferentes cargos e funções na Orquestra da Grota: é Produtora da Orquestra, responsável por toda a agenda e estrutura dos concertos, assim como cuida das parcerias do projeto e da parte de editais de fomento; é responsável pela formação dos monitores em musicalização e da formalização dos músicos como microempreendedores individuais (MEI)⁴⁰. Para além das atividades que exerce na Orquestra da Grota, Alexandra também é professora de música do Colégio Salesiano⁴¹, em Niterói.

Em entrevista realizada com Alexandra em uma tarde de setembro de 2021, na sala Nelson Pereira dos Santos, local onde a Orquestra iria se apresentar à noite⁴², tive a oportunidade de saber um pouco sobre a sua história, bem como o seu olhar sobre a Orquestra, colegas integrantes e alguns eventos emblemáticos. Num determinado momento da nossa conversa, quando lhe perguntei sobre a prisão do Luiz Justino, Alexandra disse que nunca poderia imaginar que algo do tipo aconteceria com eles [Orquestra]. Havia entre o grupo um sentimento de que estavam protegidos, seguros em sua “bolha”, uma vez que a Orquestra é um projeto muito respeitado e reconhecido na cidade, bem como na própria comunidade e que, por extensão, os integrantes do projeto estariam cobertos por essa “aura protetora”. No entanto, contou que o assassinato de “Dondon” soou como um “alerta” de que na realidade não estavam tão “seguros” como pensavam.

Para além de ser uma pessoa querida por todos, Alexandra tinha um vínculo pessoal com “Dondon”. Seu marido trabalha no ramo do futebol e Dyogo era aluno dele. O pai de Dyogo era cabeleireiro de Alexandra. Por tudo isso, a musicista e produtora cultural relatou

³⁸ Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário Brasileiro de Educação (CBM-UniCBE) possui diversas graduações, pós-graduações e núcleos de pesquisa na área de música. Disponível em: <https://cbmmusica.edu.br/>. Acesso em: 06 abr. 2022.

³⁹ Universidade Cândido Mendes (UCAM). Disponível em: <https://www.candidomendes.edu.br/>. Acesso em: 06 abr. 2022.

⁴⁰ Microempreendedor Individual (MEI). Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/realizar-registro-como-microempreendedor-individual-mei>. Acesso em: 06 abr. 2022.

⁴¹ Colégio Salesiano Região Oceânica Niterói. Instituição de ensino particular de educação infantil, ensino fundamental e médio. Disponível em: <https://www.salesianos.br/unidade/colégio-salesiano-regiao-oceanica>. Acesso em: 07 abr. 2022.

⁴² Concerto da Orquestra de Cordas da Grota em homenagem ao centenário do cantor e compositor Zé Keti. A apresentação ocorreu na cidade de Niterói, na sala Nelson Pereira dos Santos, em 16 de setembro de 2021, data em que o artista completaria 100 anos de vida. Disponível em: <https://www.ofluminense.com.br/entretenimento/2021/09/1214708-orquestra-da-grota-homenageia-ze-keti.html>. Acesso em: 09 abr. 2022.

que quando recebeu a notícia de que “Dondon” havia sido morto pela polícia, “surtou”. Sentiu que era algo que estava se aproximando “deles”, ou seja, que dizia respeito não só a ela como à comunidade de forma ampla. Nesse sentido, Alexandra observa que esse acontecimento marcou uma mudança de postura da população local. O coletivo se articulou em um discurso uníssono contra a violência e o abuso das autoridades de segurança pública que invadiram a Grota e que se concretizou nas mobilizações e protestos repercutidos na mídia. Desse modo, a partir de um evento trágico que deflagrou um conflito agudo entre “nós e eles”, os sentimentos de *participação na mesma história* e de *possuidor de um destino comum* afloraram no grupo e o conceito de comunidade foi redefinido situacionalmente.

Conforme ressaltou Alexandra, deve-se notar que a Orquestra teve grande peso nessa tomada de postura e que toda a comunidade reconheceu a força do grupo com relação à opinião pública, mídia e ao poder do Estado. Importante assinalar este reconhecimento pois ele teve desdobramentos tanto no que se refere ao assassinato de “Dondon”, com uma homenagem que a comunidade e a prefeitura da cidade fizeram ao jovem atleta, quanto ao evento da prisão do Luiz Justino, ocorrido um ano após a morte de Dyogo.

Como uma forma de reparação simbólica, o então prefeito de Niterói, Rodrigo Neves, se reuniu com a família do Dyogo no dia 14 de agosto de 2019, e anunciou que a quadra poliesportiva da Grota seria revitalizada e receberia o nome de Dyogo Costa Xavier de Brito⁴³. A previsão da reinauguração da quadra era para o primeiro trimestre de 2020. No entanto, com o advento da pandemia pela Covid-19, a quadra só foi reinaugurada em 4 de março de 2021. Nesse dia, sobre o qual escreverei mais à frente, ocorreu uma cerimônia restrita devido ao período de agravamento da pandemia em que vivíamos. Entretanto, meses depois, em outubro de 2021, realizou-se um grande evento na quadra, voltado à população local e organizado pela Secretaria de Direitos Humanos da Prefeitura de Niterói, onde a Orquestra da Grota se apresentou. Ambos os eventos serão desenvolvidos mais adiante, conforme a cronologia dos acontecimentos.

O segundo acontecimento que será apresentado para ilustrar alguns ângulos observados nas relações da comunidade da Grota e o projeto social da Orquestra, é o advento da pandemia pela Covid-19 que, como bem sabemos, foi de proporção global. O mundo “parou”. Praticamente todas as atividades presenciais foram suspensas, sendo mantidos apenas os

⁴³ Em agosto de 2019, o então prefeito de Niterói, Rodrigo Neves, anunciou que a quadra poliesportiva da Grota seria revitalizada e receberia o nome de Dyogo Costa Xavier de Brito. Disponível em: <https://errejotanoticias.com.br/quadra-da-grota-recebera-nome-de-jovem-morto-em-operacao-policial/>. Acesso em: 01 abr. 2022.

serviços classificados como essenciais à população. Contudo, antes de adentrar propriamente nas questões concernentes a como a comunidade e a Orquestra da Grota experienciaram a Covid-19 em alguns aspectos, cabe fazer um retrospecto do que foram esses dois últimos anos de pandemia. Tendo em vista que se tratou da maior crise sanitária dos últimos cem anos, segundo muitos especialistas, e que a situação ainda não foi totalmente superada, se faz necessário o registro desse evento emblemático e já histórico, que impactou profundamente a população mundial.

O SARS-CoV-2, nome científico dado ao novo vírus da família dos coronavírus, foi oficialmente identificado pela primeira vez na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China, em dezembro de 2019. Rapidamente o vírus se alastrou e em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS)⁴⁴ classificou o surto pelo novo coronavírus como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), o mais alto nível de alerta da Organização, apontando o sério risco de uma contaminação em nível global. Seguindo as diretrizes da OMS, o Ministério da Saúde do Brasil declarou em 3 de fevereiro de 2020, Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN)⁴⁵. Em 11 de março de 2020, a OMS caracterizou a COVID-19, doença causada pelo novo SARS-CoV-2, como pandemia⁴⁶.

No Brasil, a grave crise sanitária se instaurou a partir do mês de março de 2020, com a confirmação da primeira morte no país no dia 12 deste mês, na cidade de São Paulo⁴⁷. Sendo assim, a exemplo do que acontecia em outras partes do mundo, interromperam-se todas as atividades presenciais pela necessidade de se fazer isolamento e distanciamento social. Na conjuntura nacional, a pandemia ganhou proporção ainda mais dramática devido à crise política instaurada pelo governo do então presidente Jair Bolsonaro, que negou perenemente a gravidade da situação. Não foram poucas as declarações do presidente negando estudos científicos e orientando a população a fazer uso de medicamentos ineficazes e contraindicados, desconsiderando a necessidade de se fazer uso de máscaras e distanciamento social e

⁴⁴ A Organização Mundial de Saúde (OMS) – em inglês: *World Health Organization (WHO)* – é uma agência especializada em cuidar de questões relacionadas à saúde global, fundada em 7 de abril de 1948 e subordinada à Organização das Nações Unidas (ONU). Disponível em: <https://www.who.int/pt>. Acesso em: 13 abr. 2022.

⁴⁵ Portaria Nº 188, de 3 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388>. Acesso em: 28 abr. 2022.

⁴⁶ Dados da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). Fundada em 1902, é a organização internacional de saúde pública mais antiga do mundo. Após a integração às Nações Unidas, atua como escritório regional da OMS para as Américas – OPAS/OMS. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 13 abr. 2022.

⁴⁷ Matéria do portal de notícias *GI* sobre a primeira morte de Covid-19 no país. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/27/primeira-morte-por-coronavirus-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco-diz-ministerio-da-saude.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2022.

mitigando os números de casos por contaminação e de óbitos pela Covid-19⁴⁸.

Os posicionamentos do então presidente da República, em franca discordância com as diretivas do Ministério da Saúde, levaram o governo a um impasse político. Por conseguinte, em abril de 2020, o médico e então ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, foi exonerado da pasta⁴⁹. Para ocupar o cargo, foi empossado o médico oncologista, Nelson Teich. No entanto, o novo ministro da Saúde deixou a função antes mesmo de completar um mês⁵⁰. O motivo foi o mesmo, de divergências com o presidente da República, que persistia na recomendação do uso de medicamentos ineficazes e contraindicados – cloroquina e ivermectina – e que menosprezava publicamente das orientações de segurança sanitária e dos dados da pandemia.

Na tentativa de fazer valer os seus preceitos, em maio de 2020, o presidente Jair Bolsonaro nomeou interinamente o general do Exército, Eduardo Pazuello, para a pasta da Saúde⁵¹. Apresentado como “Especialista em Logística”, o general do Exército foi responsável pela maior tragédia da pandemia no país – o “colapso de Manaus”⁵². Em janeiro de 2021, o Brasil testemunhou o desespero instaurado na capital do Amazonas, que agonizou pela falta de oxigênio e de leitos hospitalares. O resultado da tragédia contabilizou mais de 7 mil mortes em todo o estado⁵³. A crise em Manaus se deveu a uma junção nefasta de fatores, a começar pela atuação do então ministro Pazuello que, às vésperas do colapso, pediu ao governador do estado a flexibilização da quarentena⁵⁴. De modo concomitante, a chegada de uma nova variante – P1 – com alto poder de transmissão, em uma população ainda sem acesso a vacinas e sem estrutura hospitalar, foram fatores determinantes na constituição do quadro fúnebre

⁴⁸ Vídeo da *BBC News / Brasil*, canal de notícias e jornalismo, que fez um compilado de falas e declarações do presidente Jair Bolsonaro acerca da pandemia. Material divulgado na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PQv_xbaNSjE. Acesso em: 16 abr. 2022.

⁴⁹ Matéria da *BBC News | Brasil* sobre a demissão do Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52316728>. Acesso em: 28 abr. 2022.

⁵⁰ Matéria do portal de notícias *G1* sobre a saída de Nelson Teich do Ministério da Saúde. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/15/teich-deixa-o-ministerio-da-saude-antes-de-completar-um-mes-no-cargo.ghtml>. Acesso em: 28 abr. 2022.

⁵¹ Matéria do *Valor Econômico/Globo* sobre a nomeação do General Pazuello para a pasta da Saúde. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/05/16/general-pazuello-assume-ministerio-da-saude-interinamente.ghtml>. Acesso em: 29 abr. 2022.

⁵² Matéria do *Nexo Jornal* sobre a cronologia da crise em Manaus. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/03/14/A-cronologia-da-crise-em-Manaus-que-p%C3%B4s-Pazuello-na-berlinda>. Acesso em: 29 abr. 2022.

⁵³ Matéria publicada no site *ENSP/Fiocruz*, sobre os dados apresentados por Luiza Garnelo, pesquisadora da Fiocruz Amazônia. Disponível em: <http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50926>. Acesso em: 29 abr. 2022.

⁵⁴ Matéria do *O Globo* sobre o pedido do Ministro Pazuello ao governador do Amazonas, para flexibilizar a quarentena às vésperas do colapso. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/as-vesperas-de-colapso-no-am-equipe-de-pazuello-pediu-meio-termo-em-reuniao-sobre-possivel-lockdown-24861634>. Acesso em: 29 abr. 2022.

vivenciado na cidade de Manaus.

Apesar de tantas falhas e desatinos no comando da pasta, Pazuello se manteve como ministro até março de 2021, quando o governo concluiu que não era mais possível sustentá-lo no cargo⁵⁵. Assumindo publicamente e em tom jocoso que simplesmente obedecia às ordens do presidente⁵⁶, Pazuello deixou o posto como investigado da Polícia Federal, sob suspeita de omissão na crise sanitária do Amazonas⁵⁷.

Logo após a saída do general, o presidente da República nomeou o médico cardiologista Marcelo Queiroga para o cargo de ministro da Saúde⁵⁸. A gestão de Queiroga, que seguiu no cargo até o final do mandato do presidente Jair Bolsonaro, não se mostrou menos preocupante. Com posturas não condizentes ao cargo e à condição de médico, como a defesa da não obrigatoriedade do uso de máscaras protetoras, o questionamento da vacinação de adolescentes e crianças, provocando o consequente atraso da vacinação desta faixa etária, Queiroga acumulou um histórico controverso em sua passagem pelo ministério⁵⁹.

Devido a tantos desacertos da pasta da Saúde na condução da pandemia, em abril de 2021 foi criada a CPI da Covid para investigar ações e omissões do governo federal no enfrentamento da pandemia e no colapso da saúde no estado do Amazonas⁶⁰. As investigações duraram seis meses e em outubro foram encerradas com oitenta pedidos de indiciamento⁶¹.

Em março de 2022, oficialmente a pandemia completou dois anos de duração. Ao longo desse período, o mundo enfrentou algumas “ondas” de agravamento decorrentes de novas cepas, variantes do vírus. Ao mesmo tempo, o mundo também testemunhou a produção

⁵⁵ Matéria da Folha de S.Paulo/UOL sobre a saída de Eduardo Pazuello do Ministério da Saúde. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/pazuello-deixa-ministerio-investigado-pela-pf-e-durante-pior-momento-da-pandemia.shtml>. Acesso em: 29 abr. 2022.

⁵⁶ Vídeo postado pelo UOL, na plataforma YouTube, onde Pazuello e Bolsonaro explicam, em tom jocoso, a forma como trabalham. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRLwxzs219Y>. Acesso em: 29 abr. 2022.

⁵⁷ Matéria da BBC News | Brasil sobre o inquérito aberto pela Polícia Federal para investigar o então ministro Pazuello, por omissão na condução da pandemia. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55820489>. Acesso em: 29 abr. 2022.

⁵⁸ Site do Governo Federal, comunicando a posse do novo ministro da Saúde, Marcelo Queiroga. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/marcelo-queiroga-toma-posse-como-ministro-da-saude>. Acesso em: 30 abr. 2022.

⁵⁹ Matéria do site da CNN | Brasil sobre o boletim da Associação Médica Brasileira (AMB), manifestando “erros de conduta e deslizes éticos” do ministro da Saúde, Marcelo Queiroga. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/amb-divulga-nota-criticando-gestao-do-ministro-da-saude-na-pandemia/>. Acesso em: 30 abr. 2022.

⁶⁰ Matéria do site do Senado Federal sobre a criação da CPI da Covid. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/13/senado-cria-cpi-da-covid>. Acesso em: 30 abr. 2022.

⁶¹ Matéria do site do Senado Federal sobre o encerramento da CPI da Covid. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/26/apos-seis-meses-cpi-da-pandemia-e-encerrada-com-80-pedidos-de-indiciamento>. Acesso em: 30 abr. 2022.

em tempo recorde de vacinas de uso emergencial para uma nova doença⁶².

Em meados de 2020, a China começou a vacinar a sua população contra a Covid-19 e em dezembro do mesmo ano, diversos outros países iniciaram seus planos de vacinação⁶³. No Brasil a vacina começou a chegar à população em janeiro de 2021⁶⁴, inaugurando o Plano Nacional de Operacionalização da Vacina contra a Covid-19, elaborado pelo Ministério da Saúde⁶⁵. O Plano estabeleceu uma ordem de prioridade na imunização das diferentes populações da sociedade, tais como: pessoas idosas, pessoas com deficiência, trabalhadores de saúde, povos indígenas, pessoas com comorbidades, dentre outras.

Dessa forma, seguiu-se um calendário de vacinação baseado em princípios da Organização Mundial de Saúde até que, adolescentes e, posteriormente, crianças acima dos cinco anos de idade pudessem se vacinar⁶⁶. Contudo, é importante notar que o calendário de vacinação sofreu uma série de atrasos desde sua implementação devido às constantes faltas de vacinas. As falhas na logística e no planejamento do Ministério da Saúde foram decorrentes da descrita crise política do governo.

A pandemia pela Covid-19 deixou um rastro de mortes devastador em nível global. Dados de março de 2022 pela Universidade Johns Hopkins, instituição acadêmica estadunidense, contabilizaram mais de 6 milhões de mortes por Covid-19 no mundo. O levantamento alerta ainda para a provável subnotificação do número de óbitos⁶⁷. No Brasil, em razão da falta de transparência do governo federal na disponibilização dos dados da Covid-19, foi criada uma parceria entre alguns veículos de comunicação para o monitoramento da

⁶² Matéria da Agência Brasil, agência de notícias pública, sobre os dois anos de pandemia pela Covid-19. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2022-03/covid-19-em-dois-anos-variantes-e-vacinas-moldaram-fases-da-pandemia>. Acesso em: 25 abr. 2022.

⁶³ Matéria do portal de notícias *GI* sobre o início da vacinação no mundo. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/22/vacina-contra-a-covid-19-veja-paises-que-ja-comecaram-a-imunizacao.ghtml>. Acesso em: 25 abr. 2022.

⁶⁴ Matéria do portal de notícias *GI* sobre a primeira pessoa a ser vacinada no Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/17/nao-tenham-medo-diz-monica-calazans-1a-pessoa-a-ser-vacinada-no-brasil.ghtml>. Acesso em 26 abr. 2022.

⁶⁵ Plano Nacional de Operacionalização da Vacina contra a Covi-19, divulgado no site do governo federal. Disponível em: [https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/entenda-a-ordem-de-vacinacao-contra-a-covid-19-entre-os-grupos-prioritarios#:~:text=Pessoas%20em%20situa%C3%A7%C3%A3o%20de%20rua,m%C3%A9dio%2C%20profissionais%20e%20EJA\)%3B](https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/entenda-a-ordem-de-vacinacao-contra-a-covid-19-entre-os-grupos-prioritarios#:~:text=Pessoas%20em%20situa%C3%A7%C3%A3o%20de%20rua,m%C3%A9dio%2C%20profissionais%20e%20EJA)%3B). Acesso em: 26 abr. 2022.

⁶⁶ Ministério da Saúde informa a população sobre a vacinação de crianças de 5 a 11 anos de idade. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/fevereiro/ze-gotinha-responde-as-duvidas-da-populacao-sobre-a-vacinacao-de-criancas-contra-a-covid-19>. Acesso em: 27 abr. 2022.

⁶⁷ Matéria do portal de notícias *GI* sobre o monitoramento dos casos de Covid-19 no mundo, divulgado pela Universidade Johns Hopkins. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/03/07/mundo-ultrapassa-6-milhoes-de-mortes-por-covid-19-diz-universidade.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2022.

crise sanitária⁶⁸. De acordo com o consórcio de veículos, em 26 de abril de 2022, o país registrou 662.941 óbitos e mais de 30 milhões de casos diagnosticados desde o início da pandemia⁶⁹. Dados atualizados de janeiro de 2023 contabilizam 694.411 mortes e mais de 36 milhões de casos confirmados da doença⁷⁰. Não obstante, estudos científicos apontam que os números oficiais não expressam a realidade da situação. Conforme pesquisas apresentadas, há um número relevante de subnotificações no Brasil e no mundo, tanto de óbitos quanto de casos confirmados⁷¹.

Apesar de em 2022 a pandemia ter arrefecido, principalmente quando comparada ao primeiro semestre de 2021⁷², e das atividades presenciais virem sendo retomadas em todo o mundo, havia à época um consenso entre cientistas e agências de saúde de que a situação ainda não tinha sido totalmente superada.

Em 13 de abril de 2022, a Organização Mundial de Saúde decidiu manter a classificação da Covi-19 como pandemia e destacou que o número de mortes e de casos confirmados ainda configuravam um estado de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII)⁷³. Em decisão contrária à OMS, no dia 22 do mesmo mês, o Ministério da Saúde publicou no Diário Oficial da União a Portaria que declarava o encerramento da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN)⁷⁴.

Avaliada pelos mais renomados cientistas do mundo e igualmente pelas mais

⁶⁸ Matéria do portal de notícias *GI* sobre o consórcio de veículos de comunicação criado para monitorar os dados da pandemia. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2022.

⁶⁹ Matéria do portal de notícias *GI* sobre a atualização dos dados da Covid-19 no Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/04/26/brasil-registra-164-novas-mortes-por-covid-media-movel-e-de-96-obitos-por-dia.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2022.

⁷⁰ Dados disponibilizados no site da Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-01/covid-19-brasil-registra-327-mil-casos-e-128-mortes-em-24-horas>. Acesso em: 20 fev. 2023

⁷¹ Matéria da Folha de S. Paulo/ UOL sobre artigo científico publicado na revista *The Lancet*, uma das mais prestigiadas revistas científicas sobre medicina do mundo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/03/mortes-ligadas-a-covid-podem-ser-o-triplo-do-total-registrado-no-mundo-aponta-estudo.shtml>. Acesso em: 27 abr. 2022.

⁷² 2021 foi o ano mais letal da pandemia, tendo sido registrado mais do que o dobre de mortes do que foi notificado em 2020. Nesses mais de dois anos de pandemia, abril de 2021 foi o mês com o maior número de mortes por Covid-19, passando dos 82 mil óbitos. Matéria da Folha de S.Paulo/UOL, publicada em 30 de abril de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/abril-foi-o-mes-mais-letal-da-pandemia-de-covid-no-brasil-com-mais-de-82-mil-mortes.shtml>. Acesso em: 28 abr. 2022.

⁷³ Matéria do Correio Braziliense sobre a decisão da OMS em manter a classificação da Covid-19 como pandemia. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2022/04/5000294-comite-de-emergencias-da-oms-decide-manter-covid-19-como-pandemia.html>. Acesso em: 28 abr. 2022.

⁷⁴ Portaria GM/MS Nº 913, de 22 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-gm/ms-n-913-de-22-de-abril-de-2022-394545491#:~:text=Di%C3%A1rio%20Oficial%20da%20Uni%C3%A3o,-Publicado%20em%2022&text=Declara%20o%20encerramento%20da%20Emerg%C3%Aancia,3%20de%20fevereiro%20de%202020>. Acesso em: 28 abr. 2022.

respeitadas agências de saúde como a maior crise sanitária e humanitária do último século, a pandemia trouxe consigo uma grave crise econômica. Em se tratando de Brasil, país que possui um dos maiores índices de desigualdade social e de renda do mundo⁷⁵, o impacto foi ainda mais profundo. Isto porque, conforme muitos estudos realizados por instituições especializadas no assunto, as populações mais pobres e abaixo da linha da pobreza foram as mais afetadas enquanto o percentual mais rico cresceu sua riqueza⁷⁶.

O retrospecto detalhado do que foram os últimos dois anos de pandemia se faz necessário não só pela magnitude do evento em nível global, mas, especialmente, pelo fato desta pesquisa ter sido atravessada pelo acontecimento. Ao concorrer e passar para o curso de mestrado em Antropologia da UFF (PPGA-UFF) em 2019, não havia como prever o imponderável que estava por vir. A pandemia obrigou-nos a todos reavaliarmos nossos interesses e objetos de pesquisa, bem como a metodologia tão própria da antropologia. Como ir a campo e desenvolver um estudo empírico, se era necessário fazer o isolamento e distanciamento social?

Entretanto, paradoxalmente, foi a mesma pandemia que me propiciou um primeiro contato com o fundador e coordenador geral da Orquestra da Grotta, Márcio Paes Selles. No final de março de 2020, Paulo Gustavo⁷⁷, ator e humorista com quem trabalhava como assessora de imprensa, me solicitou que o ajudasse a intermediar uma doação que ele gostaria de fazer às comunidades de Niterói. Sensibilizado pela crise sanitária e econômica à qual as populações mais vulneráveis foram imediatamente submetidas pela pandemia, Paulo Gustavo procurou o então prefeito da cidade, Rodrigo Neves, para oferecer ajuda. O prefeito agradeceu,

⁷⁵ Matéria da BBC News | Brasil sobre a pesquisa apresentada em 07 de dezembro de 2021, pelo *World Inequality Lab* (Laboratório das Desigualdades Mundiais), que integra a Escola de Economia de Paris e é codirigido pelo economista francês Thomas Piketty. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59557761>. Acesso em: 14 abr. 2022.

⁷⁶ FGV Social (Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas). Estudo realizado em setembro de 2021, por Marcelo Neri, Diretor do FGV Social/CPS, sobre “Desigualdade de Impactos Trabalhistas na Pandemia”. Disponível em: <https://cps.fgv.br/DesigualdadePandemia>. Acesso em: 14 abr. 2022.

⁷⁷ Paulo Gustavo foi um ator, roteirista e diretor de enorme talento e sucesso, tendo falecido em 4 de maio de 2021, aos 42 anos de idade, de Covid-19. Paulo Gustavo ficou conhecido nacionalmente pelo monólogo “Minha Mãe É Uma Peça”, que estreou no Teatro Cândido Mendes em 4 de maio de 2006 e ficou 13 anos em cartaz, apresentando-se pelos teatros e casas de show do país. Em 2013 o espetáculo virou filme e estreou nos cinemas. Em 2015 foi lançado o segundo longa da franquia e em 2019 estreou “Minha Mãe É Uma Peça 3”. Em todos os anos de lançamento de seus filmes, Paulo Gustavo bateu recordes de bilheteria. O último, em 2019, atingiu a marca de 11 milhões de espectadores, sendo a maior bilheteria dentre todos os filmes lançados no país naquele ano e batendo o recorde de bilheteria na história do cinema nacional.

Amiga do Paulo desde 2001, trabalhei como sua assessora de imprensa de 2015 até o seu falecimento. Antes disso, também trabalhamos juntos em outras atividades e projetos. Em 2018, me graduei em Ciências Sociais na UFF, sob orientação do Prof. Dr. Felipe Berocan Veiga, com o TCC: “Um Fenômeno de Mídia: a trajetória do ator Paulo Gustavo a partir da personagem Dona Hermínia”. Ver Gomes (2018).

mas disse que o município estava seguro com os próprios recursos⁷⁸. Em vista disso, sugeriu ao ator que procurasse o “Paes Selles” da “Orquestra da Grotta”, sendo o “Paes”, segundo informou o prefeito ao Paulo, uma pessoa muito séria e que fazia um trabalho importante com os jovens das comunidades.

Por conta dessa solicitação, entrei em contato pela primeira vez com o Márcio, tendo como motivo a doação que o Paulo gostaria de fazer. Num primeiro momento, tal como era o desejo do ator, a intenção seria doar cestas básicas para famílias das comunidades. Para isso, era necessário que se fizesse um levantamento dessas populações para entender o volume da doação e como seria a logística de entrega das cestas básicas. Márcio Paes Selles, de quem falarei detalhadamente no próximo capítulo, foi a pessoa designada para esse papel. Na qualidade de criador e coordenador do projeto social Orquestra de Cordas da Grotta, juntamente com sua esposa, Lenora Mendes, Márcio conhece bastante da realidade da Grotta e adjacências.

O levantamento foi feito por Márcio e Joana Dutra, gerente executiva do Projeto Grael⁷⁹, a quem Márcio recorreu para mapearem as famílias da região. Feita a sondagem, chegou-se à conclusão de que, ao invés de cestas básicas, seria melhor utilizar cartões-alimentação para fazer a doação. Isto porque entendeu-se que cada família poderia priorizar os itens que mais necessitasse, uma vez que a prefeitura da cidade iniciava o seu plano de distribuição de cestas básicas para a população em vulnerabilidade social⁸⁰. Outro motivo que também pesou para a decisão foi a questão de logística do armazenamento dos produtos e da entrega dos mesmos. Desse modo, foram contempladas famílias da Grotta do Surucucu, Badú, Largo da Batalha, Morro do Cavalão, Preventório e Jurujuba. No total, foram distribuídos 2080 cartões-alimentação de R\$80,00 cada⁸¹.

Márcio e os integrantes da Orquestra, bem como todos do Projeto Grael, foram agentes

⁷⁸ A cidade de Niterói foi reconhecida internacionalmente por atuação no combate à Covid-19. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,niteroi-e-reconhecida-internacionalmente-por-desempenho-no-combate-a-covid-19,70003476075>. Acesso em: 13 mai. 2022.

⁷⁹ O Projeto Grael foi fundado em 1998 pelos velejadores e medalhistas olímpicos Lars Grael, Torben Grael e Marcelo Ferreira. O Projeto Grael é uma organização não-governamental (ONG), cuja sede está localizada no bairro de Jurujuba, Niterói – RJ. De acordo com o site da ONG: “tem como objetivo democratizar o acesso de jovens à prática do esporte da vela e, dessa forma, contribuir para a transformação social na vida dos seus beneficiários”. Disponível em: <https://projeto-grael.org.br/>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁸⁰ Informação contida no site oficial da Prefeitura de Niterói, onde informa que, desde maio de 2020, a população classificada como de vulnerabilidade social, começou a receber cestas básicas. Disponível em: <http://www.niteroi.rj.gov.br/2021/11/17/niteroi-fara-nova-entrega-de-cestas-basicas-a-partir-do-dia-22/#:~:text=Desde%20maio%20de%202020%2C%20s%C3%A3o,%2C%20em%20m%C3%A9dia%2C%20%20itens>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁸¹ Postagem feita no *Facebook*, na página da *Bem TV*, sobre a doação do ator Paulo Gustavo. Disponível em: <https://www.facebook.com/174645332571366/posts/2869723693063503/>. Acesso em: 13 maio 2022.

fundamentais para que a intenção do ator Paulo Gustavo se concretizasse e para que, sobretudo, os recursos chegassem até à população necessitada.

A entrega dos cartões ocorreu no final de abril e início de maio de 2020. Naquele momento, a cidade de Niterói estava às vésperas de iniciar o seu primeiro período de *lockdown* [isolamento social]⁸², algo que aconteceu outras vezes depois. Ou seja, os casos de contaminação e óbito por Covid-19 estavam crescendo e desse modo, a população estava assustada e limitando os seus contatos sociais ao estritamente necessário e possível, dadas as circunstâncias. Por essa razão, foi necessário organizar as entregas dos cartões de forma segura e sem que houvesse aglomeração de pessoas. Nesse sentido, parte dos cartões foi distribuída na sede do Projeto Grael, em Jurujuba, por ser um espaço amplo e aberto, como demonstram as Figuras 1.4, 1.5, 1.6 e 1.7.

Figura 1.4 - Sede do Projeto Grael, onde uniam-se integrantes dos projetos sociais Orquestra da Grota e Grael, para fazerem a distribuição dos cartões-alimentação doados pelo ator Paulo Gustavo.



Fonte: Arquivo Projeto Grael e Orquestra de Cordas da Grota - abr./mai. 2020.

⁸² Matéria do portal de notícias *GI* sobre a medida de isolamento social adota pelas cidades de Niterói e São Gonçalo, as primeiras do estado a acatarem a restrição. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/11/lockdown-comeca-em-niteroi-e-sao-goncalo-as-primeiras-do-rj-a-adotarem-a-medida.ghtml>. Acesso em: 13 maio 2022.

Figuras 1.5; 1.6; 1.7 - Distribuição dos cartões-alimentação na sede do Projeto Grael.



Fontes: Arquivo Projeto Grael e Orquestra de Cordas da Grota - abr./mai. 2020.

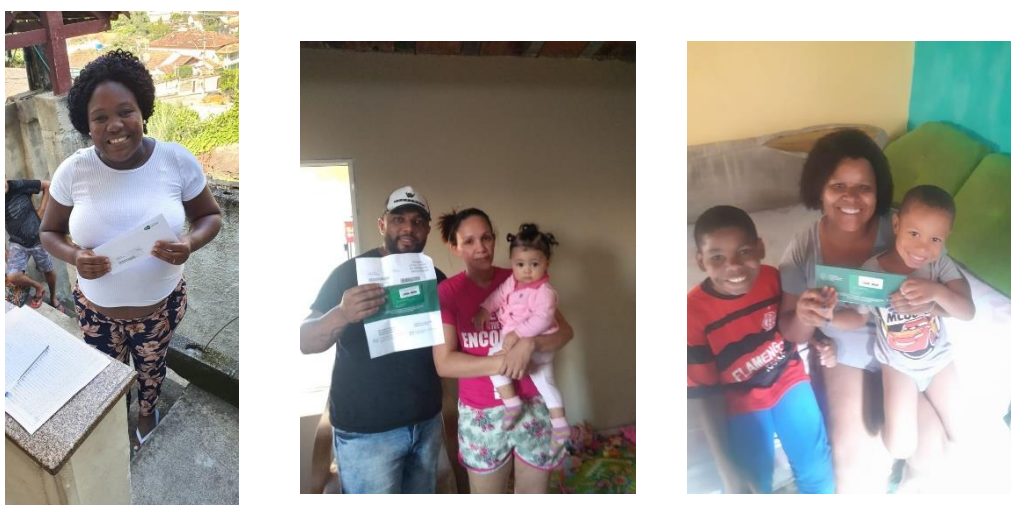
Outra parte dos cartões foi entregue pessoalmente por alguns integrantes da Orquestra, que foram de casa em casa, como revelam as imagens das Figuras 1.8, 1.9, 1.10, 1.11 e 1.12.

Figuras 1.8 e 1.9 - Famílias recebendo cartões-alimentação em casa.



Fontes: Arquivo Orquestra de Cordas da Grota - abr./mai. 2020.

Figuras 1.10; 1.11; 1.2 - Famílias recebendo cartões-alimentação em casa.



Fontes: Arquivo Orquestra de Cordas da Grota - abr./mai. 2020.

Desse modo, observou-se como o advento da pandemia mobilizou os membros da Orquestra de Cordas da Grota junto à população local com relação a um problema comum, que se abateu sobre todos. A situação fez com que emergisse e predominasse a qualidade comunal da relação social do grupo, compelindo as pessoas em um esforço comunitário para se atingir um propósito em favor do coletivo.

O terceiro evento a ser examinado trata-se do desfecho simbólico, reparatório, acerca do assassinato de Dyogo Costa. Conforme narrado anteriormente, o jovem de 16 anos e atleta da categoria de base do *America Football Club*, foi morto pela polícia em uma operação do Batalhão de Polícia de Choque (BPChq) na Grota do Surucucu, no dia 12 de agosto de 2019. O caso repercutiu na mídia, sendo matéria de diversos veículos que denunciaram a violência do Estado na comunidade, bem como as megaoperações que vinham acontecendo sob a gestão

do então governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel.

Importante notar que a política de segurança pública de Witzel, caracterizada pelo alto índice de violência e letalidade nas favelas e comunidades do Rio de Janeiro, ficou ainda mais grave e explícita em 2020, com a chegada da pandemia. Com a necessidade de se fazer isolamento social, a população foi obrigada a ficar em casa, tendo de mudar completamente sua rotina. Desse modo, as operações da polícia em localidades de vulnerabilidade social, que já são marcadas pelo extermínio de pessoas e morte de inocentes, tornaram-se ainda mais letais para as populações dessas áreas, como o caso do menino João Pedro⁸³. Em vista da gravidade da situação, em julho de 2020, foi necessário que o Supremo Tribunal Federal (STF) colocasse limites na política de segurança pública do então governador do estado, proibindo a realização de operações policiais em comunidades e favelas do Rio de Janeiro durante a pandemia⁸⁴.

Nota-se ainda que os crimes cometidos pelo Estado têm endereço e cor, como revela o estudo feito pela Rede de Observatórios da Segurança Pública. De acordo com o levantamento apresentado em dezembro de 2021 sobre os dados relativos a 2020, entre os mortos pela polícia no estado do Rio, 86% são pessoas negras, enquanto na capital carioca, o número chega a 90% dos mortos em ações policiais⁸⁵.

Logo após a tragédia ocorrida com Dyogo, o então prefeito de Niterói, Rodrigo Neves, se reuniu com familiares do jovem para comunicar uma homenagem que a prefeitura faria ao adolescente assassinado. Desse modo, no dia 14 de agosto de 2019, foi definido junto a familiares que a quadra poliesportiva da Grota seria reformada e receberia o nome de Dyogo Costa Xavier de Brito. A intenção inicial era de que a quadra fosse reinaugurada no primeiro trimestre de 2020. No entanto, por conta da pandemia, o evento teve de ser adiado.

No dia 4 de março de 2021, finalmente ocorreu a cerimônia de entrega da quadra em homenagem ao jovem atleta. Devido ao momento em que vivíamos da crise sanitária, a cerimônia teve de ser realizada de forma restrita, comparecendo somente familiares de Dyogo, o atual prefeito da cidade, Axel Graef e representantes do governo municipal – Figuras 1.13,

⁸³ João Pedro, de 14 anos de idade, foi morto em casa, no dia 18 de maio de 2020, numa ação conjunta das polícias Civil e Federal, no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo – RJ. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/19/morte-do-menino-joao-pedro-durante-acao-policia-causa-comocao-na-web.ghml>. Acesso em: 19 mai.2022.

⁸⁴ Matéria do site de notícias Ponte Jornalismo – que tem como foco cobrir os temas ligados à segurança pública, à justiça e ao aparelho repressivo do Estado – sobre a decisão do STF. Disponível em: <https://ponte.org/comunidades-do-rj-comemoram-decisao-do-stf-que-proibiu-operacoes-policiais/>. Acesso em: 20 mai. 2022.

⁸⁵ Estudo apresentado pela Rede de Observatórios da Segurança Pública. Disponível em: <http://observatorioseguranca.com.br/uma-pessoa-negra-e-morta-pela-policia-a-cada-quatro-horas/>. Acesso em: 20 mai. 2022.

1.14, 1.15. Um número reduzido de integrantes da Orquestra de Cordas da Grota também esteve presente para prestar um tributo ao amigo e jovem da comunidade – Figura 1.16.

Figuras 1.13; 1.14; 1.15; 1.16 - Imagens da cerimônia de entrega da quadra poliesportiva Dyogo Costa Xavier de Brito, na Grota do Surucucu.



Fonte: Empresa Municipal de Moradia, Urbanização e Saneamento (EMUSA) - 5 mar. 2021.

Contudo, é relevante destacar que, mesmo reconhecendo a importante iniciativa da prefeitura da cidade, em revitalizar a quadra e reinaugurá-la com o nome de Dyogo, o fato que motivou esta homenagem foi uma grande tragédia. O que se observa na Grota, assim como em outras comunidades e favelas, é a ausência de um conjunto sólido de políticas públicas que promovam o bem-estar e a inclusão social das populações locais em todos os seus aspectos e de forma continuada. Ações isoladas, mas que não são mantidas e continuadas, não mudam estruturalmente o contexto social dessas localidades, assim como de nenhuma outra. Nesse sentido, é importante pensarmos que as áreas classificadas como de “vulnerabilidade social”, isto é, que estão à margem da sociedade em decorrência de fatores socioeconômicos, como menor taxa de renda por domicílio e menor infraestrutura, não se encontram nessa situação acidentalmente. Muito pelo contrário, sua vulnerabilidade social se deve, principalmente, à

ausência do poder público em prover políticas públicas que revertam a realidade dessas localidades e promovam, efetivamente, oportunidades de desenvolvimento social e qualidade de vida para as pessoas que nelas vivem.

Em se tratando da Grota, que faz fronteira com um bairro de classe média e média-alta da cidade, chama a atenção a diferença da configuração urbana desses dois espaços. Tanto no que toca ao equipamento urbano propriamente, como todo o sistema de infraestrutura: na existência e no cuidado de praças e áreas de lazer, de comércios estruturados, na pavimentação e limpeza das ruas, na presença de arborização dos espaços públicos.

Tomando como referência o trabalho “Quando a rua vira casa”, dos antropólogos Arno Vogel e Marco Antônio da Silva Mello, com desenhos do arquiteto Orlando Mollica (2017), cabe analisar a disparidade de tratamento e investimento que são dados às diversas regiões das cidades pelo poder público. Segundo os autores:

Registra-se o tratamento injusto dado à maioria das populações urbanas, pobres que não merecem atenções maiores, sendo quase todos os investimentos públicos relativos ao lazer concentrados nas seções mais ricas e valorizadas das cidades (MELLO; VOGEL, 2017, p. 8).

Dessa forma, enquanto o bairro de São Francisco tem ruas sempre bem pavimentadas, cuidadas e arborizadas, o mesmo não é verificado na Grota. Com muitas vielas e ruas sem condições seguras e sem infraestrutura, tem já em sua rua principal, rua Dr. Albino Pereira, um significativo contraste com relação às ruas de São Francisco, conforme pode ser observado nas Figuras 1.17 e 1.18.

Figuras 1.17 e 1.18 - À esquerda, foto da rua Dr. Albino Pereira, que faz ligação entre o bairro e a Grota; à direita, foto do então vice-prefeito Axel Graef, inaugurando a ciclovia da rua Timbiras, em São Francisco.

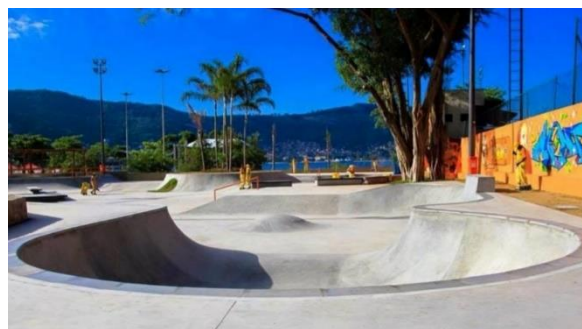


Fontes: 1.17 - COELHO GOMES, Beatriz F., 28 jan. 2022; 1.18 - Blog do Axel Graef, 26 set. 2014.

De forma semelhante ocorre com relação a áreas de lazer e a praças públicas, essas geralmente equipadas com aparelhos de ginástica, brinquedos para as crianças e bancos para que se possa descansar e usufruir do ambiente, quando localizadas nas áreas nobres da cidade.

Afora a quadra poliesportiva, que até ser recentemente revitalizada estava bastante deteriorada, a Grota possui apenas um campo de futebol como área comum de lazer. Ainda assim, quando comparado a áreas de lazer das partes mais valorizadas da cidade, o campo visivelmente apresenta uma maior falta de cuidado e de manutenção do espaço – Figuras 1.19 e 1.20.

Figuras 1.19 e 1.20 - À esquerda, o campo de futebol da Grota, localizado na rua Dr. Albino Pereira e, ao lado, a foto do *Skate Park* Carlos Alberto Parizzi, localizado na orla de São Francisco.



Fontes: 1.19 - COELHO GOMES, Beatriz F., 1 mar. 2022; 1.20 - A Tribuna, 7 out. 2021.

Essas análises são pertinentes pois, se pensarmos que é justamente nas áreas de concentração de populações de baixa renda que deveria haver ainda mais atenção e investimento do poder público, constata-se que não é isso o que acontece. Nesse sentido e tomando como exemplo o caso da Grota, verifica-se que a coleta de lixo e a limpeza das ruas não são feitas de modo satisfatório. Em muitas seções da comunidade, devido à impossibilidade de acesso de caminhões de lixo em ruas e vielas estreitas, decorrente da falta de planejamento urbano, caçambas de lixo ficam disponíveis à população como forma de solucionar o problema do lixo. No entanto, para a maioria desses moradores, essa solução não propriamente resolve. Aqueles que moram distantes das caçambas, em ruas íngremes e que possuem alguma dificuldade de locomoção, por exemplo, encontram complicações para realizarem o despejo adequado do lixo. O mesmo problema de infraestrutura ocorre com a questão do saneamento, que não cobre por igual a comunidade. Nas partes menos valorizadas da Grota, onde há construções precárias de casas nas encostas, verifica-se diferentes pontos de esgoto a céu aberto.

Dessa maneira e através de alguns exemplos, notabiliza-se uma condição de “vulnerabilidade social” que, indiscutivelmente, afeta a vida imediata dessas pessoas, bem como cria-se um ambiente que não estimula, não impulsiona as perspectivas de vida dessa

população. Nesse contexto, não é difícil de projetar condutas de “desvio”⁸⁶ sobre aqueles que são, de antemão, marginalizados pela sociedade e pelo poder público. A “criminalidade” não é uma característica imanente dessas localidades nem dessas populações, como na maioria das vezes enxerga a Segurança Pública. Ela é, quando diagnosticada, substantivamente uma consequência da falta de visibilidade e representatividade que afetam esses contextos sociais. Ainda, é importante pensar sobre quais crimes, e seus autores, a sociedade está discutindo. De acordo com Miranda, “o descompasso entre o dever-ser e o ser acaba por reforçar a ideia de que o papel da polícia é a repressão dos criminosos, e não dos crimes, revelando uma concepção altamente arbitrária e seletiva” (MIRANDA, 2014, p. 13). Na mesma lógica e por extensão, devemos pensar quais segmentos da sociedade efetivamente desfrutam das garantias fundamentais do Estado Democrático de Direito.

Por último e para entendermos como ações provenientes de políticas públicas repercutem positivamente nas comunidades, cabe mencionar a Ação Social realizada na Grota, no dia 23 de outubro de 2021.

O evento teve como objetivo promover o direito à cidadania ao aproximar e facilitar o acesso da população a serviços de saúde, orientação e assistência jurídica, gratuidade e agendamento para emissão de documentos, além da realização de atividades culturais. A Ação Social na Grota foi organizada pela Secretaria de Direitos Humanos da Prefeitura de Niterói, na quadra Dyogo Costa Xavier de Brito, e teve ampla adesão da população local.

O evento ainda contou com a apresentação da Orquestra B do projeto social Orquestra da Grota, que escolheu para a ocasião um repertório da música popular brasileira, introduzindo variados instrumentos de percussão – o que animou bastante o público presente. Esse ponto é relevante de ser destacado porque, no que concerne propriamente à Orquestra da Grota, as apresentações sempre têm uma intenção para além de se apresentar ao público, principalmente quando são realizadas na Grota ou em outras comunidades. Conforme Alexandra Seabra explicou em entrevista, apesar do projeto social já existir na Grota desde 1995, não é incomum que pessoas da própria localidade ainda não o conheçam ou que imaginem ser algo pago, especialmente por conta dos instrumentos. Assim, muitos nunca foram conhecer o espaço. De acordo com as análises de Alexandra, muitas vezes é identificada uma baixa autoestima que permeia essas pessoas e que as impedem, num primeiro momento, de expandirem seus universos de possibilidades, de curiosidades. Nesse processo, elas se sentem intimidadas de irem conhecer algo novo, de saberem como funciona, porque, precocemente, já acham que

⁸⁶ Ver Howard S. Becker – *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*, 2008.

não são dotadas de capacidade. E, não necessariamente tendo toda a consciência dessa dinâmica, acabam por se contentar com o que já é conhecido e familiar a suas realidades imediatas.

Em vista disso, após encerrar a apresentação na Ação Social, um integrante da Orquestra explicou ao microfone sobre o projeto social, ressaltando a total gratuidade para os alunos, inclusive dos instrumentos, e convidando todos os presentes a conhecer – Figuras 1.21, 1.22, 1.23, 1.24.

Figuras 1.21; 1.22; 1.23; 1.24 - Imagens de músicos e da apresentação da Orquestra da Grota na Ação Social.



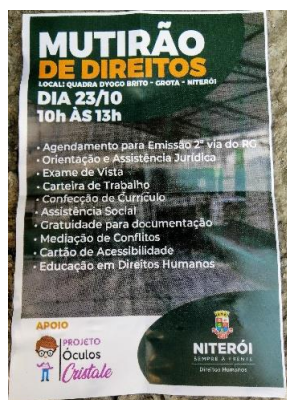
Fonte: COELHO GOMES, Beatriz F., 23 out. 2021.

Desse modo, verifica-se como ações, esforços e investimentos nas áreas social, política e jurídica, são fundamentais para que se inclua de fato as pessoas na sociedade. E isso só é possível se a ampla sociedade e o poder público voltarem suas atenções para as áreas classificadas como de vulnerabilidade social e assegurarem às suas populações direitos,

informação, educação, cultura, arte e lazer. Não é possível acreditarmos, honesta e conscientemente, que criminalidade e tráfico de drogas se resolvam com “polícia e bala”. Para mais e conforme já mencionado, a questão para a segurança pública consiste em combater, majoritariamente, a criminalidade e o tráfico de drogas das favelas e comunidades. Isto é, o criminoso e não o crime. Desse modo, se o poder público só entra nessas áreas para fazer intervenção policial, devemos assumir que tipo de sociedade escolhemos para viver. Utilizando-se do próprio jargão das autoridades de polícia, essa é uma “guerra” sem fim, eternamente fadada ao fracasso.

Como pode ser observado nas Figuras 1.25, 1.26; 1.27, 1.28 e 1.29, a Ação Social proporcionou atendimento e esclarecimentos jurídicos, profissional, exame de vista, área recreativa para as crianças, cultura e arte para a população da Grota. A Ação Social proporcionou um dia de cidadania e com isso, uma amplitude de horizontes.

Figuras 1.25; 1.26; 1.27; 1.28; 1.29 - Imagens do panfleto do evento; Figura 1.26 Atendimento ao público; Figura 1.27 - Banner sobre feminicídio; Figura 1.28 - Área recreativa para as crianças; Figura 1.29 - Orientação profissional.



Fonte: COELHO GOMES, Beatriz F., 23 out. 2021.

2 A ORQUESTRA DE CORDAS DA GROTA

No presente capítulo será apresentado o projeto social intitulado Orquestra de Cordas da Grota, sua história e os personagens que o construíram e que dele fazem parte na atualidade – até o encerramento de minha pesquisa de campo. Ainda, a partir das situações observadas e das questões suscitadas pelos interlocutores do campo, caberá neste capítulo discutir algumas das problemáticas próprias da Orquestra da Grota e do contexto no qual está inserida.

A Orquestra de Cordas da Grota é um projeto de ensino de música erudita, que tem um duplo objetivo: a formação de músicos que possam se tornar profissionais qualificados no mercado e, através disso, promover a inclusão social de jovens de baixa renda e em situação de vulnerabilidade por meio do desenvolvimento pessoal e da ampliação de um repertório de referências culturais. Desse modo, formando e consolidando uma prática cidadã mais ampla⁸⁷.

Entretanto, nem sempre foi assim. O projeto social, cujo nome tem relação direta com o local onde se originou e onde atualmente é a sua sede – a comunidade da Grota do Surucucu, teve inicialmente um escopo menos ambicioso.

Criada pelo casal de músicos Márcio Paes Selles⁸⁸ e Lenora Pinto Mendes⁸⁹ em 1995, a ação social tinha como propósito inaugural transmitir conhecimento musical para um grupo de jovens que já frequentava o espaço social de acolhimento construído por D. Otávia, mãe do Márcio. Assim, para que possamos entender o significado da Orquestra de Cordas da Grota hoje, é fundamental que compreendamos a sua história e seu processo de construção e desenvolvimento.

Desse modo, foi imprescindível a realização de entrevistas com os membros da Orquestra, visto que, para compreender a sua história, era necessário entender as motivações

⁸⁷ Site oficial do Espaço Cultural da Grota. Disponível em: <https://www.ecg.org.br/>. Acesso em: 14 jul. 2022.

⁸⁸ Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2005 e Master of Fine Arts pelo Sarah Lawrence College (NY – USA), em 1989. Formado em História pela UFF em 1979, Márcio trabalhou na Federal Fluminense de 1984 a 2018 como servidor técnico-administrativo, no cargo de funcionário músico junto ao Conjunto de Música Antiga da UFF. Na função, trabalhou como músico, pesquisador de repertório e na organização de concertos. É formado em Música pelo Conservatório de Música do Estado do Rio de Janeiro, localizado em Niterói, onde também foi professor por um período. Foi coordenador do Projeto Aprendiz entre 2001 e 2006, coordenador de Música do Centro de Artes UFF de 2011 a 2017 e dirigente do Coro da UFF desde 2007. Professor de música da Escola Nossa de 1991 a 2011.

⁸⁹ Doutora em História pela UFF em 2005 e Master of Fine Arts pelo Sarah Lawrence College (NY – USA), em 1989. Formada em Educação Artística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1984. Trabalhou na UFF de 1984 a 2018 como servidora técnico-administrativa, no cargo de funcionária musicista junto ao Conjunto de Música Antiga da UFF. Na função, trabalhou como musicista, pesquisadora de repertório e na organização de concertos. Para além da coordenação e das atividades que desempenha na Orquestra de Cordas da Grota, Lenora é Professora de Artes da rede estadual desde 1987.

daqueles que a fundaram, bem como daqueles que foram ao encontro do projeto. Nesse processo de convergências de interesses e pessoas interessadas, de uma busca por algo que estava além de uma realidade imediata e imediatista, é que se dão histórias de vidas e que se expande o universo de possibilidades e de expectativas dos indivíduos, uma vez que há uma abertura e um acesso a um repertório maior de referências culturais e de uma consciência cidadã.

Ao longo do capítulo serão apresentados os interlocutores do campo que tornaram essa pesquisa possível, personagens centrais da organização viva e pulsante chamada Orquestra de Cordas da Grotta. Todavia, no que concerne à origem do projeto, antes mesmo dele ser compreendido como um projeto, alguns atores sociais se destacam devido a sua posição no campo. Desse modo, as entrevistas realizadas com Márcio, filho de D. Otávia e cofundador da Orquestra; Lenora, esposa do Márcio e cofundadora; Laura, filha do casal e licenciada em música; e as entrevistas com os músicos mais antigos, sendo eles: Katunga, Ricardo, Leandro e Raquel, que são “da época da D. Otávia”, anteriores ao projeto de música, foram capitais para entabular a identidade da Orquestra.

2.1 Primeiras notas

Tudo começou em 1971, com a chegada à Niterói de D. Otávia Paes Selles, a matriarca de uma família do município de Taubaté, interior do estado de São Paulo. Antes disso, é interessante notar os motivos que a levaram migrar de cidade.

Mãe de cinco filhos e professora primária aposentada, D. Otávia e seu marido eram apreciadores de música erudita e cultivavam o gosto pela música em casa e entre os filhos. Entretanto, para além de um puro deleite, o casal compreendia a música como um elemento importante para a formação e desenvolvimento do indivíduo, sendo ela um instrumento educacional e fonte de conhecimento. Dessa forma, desde cedo Márcio e os irmãos estudaram música por incentivo dos pais.

Em Taubaté, quando D. Otávia e o marido se aposentaram, iniciaram um trabalho voluntário e social em uma creche da cidade, conforme os planos que tinham traçado. Em 1967, o primeiro dos filhos passou para a faculdade de medicina da Universidade Federal Fluminense (UFF) e teve de se mudar para Niterói. Dois anos depois, em 1969, o segundo filho também passou para UFF e, da mesma forma, se mudou para Niterói. Em 1970, seu marido faleceu. Nessa época, três dos cinco filhos estavam estudando na UFF, dois cursando medicina e um química. No ano de 1971, após o falecimento de seu marido e com três dos cinco filhos estudando e morando em Niterói, D. Otávia decidiu fazer uma experiência na cidade

fluminense. A ideia inicial era, caso gostasse e se adaptasse à cidade, ficar junto aos filhos até que se formassem e depois voltar para Taubaté. Os dois filhos mais novos, ainda adolescentes, Márcio e Yara, acompanharam a mãe na mudança de cidade.

Desse modo, D. Otávia chega a Niterói em 1971. Num primeiro momento, foi morar no bairro do Vital Brasil e em 1974, mudou-se para o bairro de São Francisco. D. Otávia gostou tanto da cidade e da experiência de nela morar que, depois de dois anos residindo em Niterói, decidiu vender sua casa e tudo o que tinha em Taubaté para comprar uma casa em São Francisco, onde estabeleceu residência com ânimo definitivo.

Ambientada no bairro, começou a frequentar uma feira livre que existe até hoje em São Francisco. Nessas ocasiões, havia sempre uns meninos com carrinhos de rolimã que se ofereciam para levar as compras dos fregueses em troca de algum dinheiro. Professora primária aposentada, D. Otávia sempre se interessava em conversar com as crianças, perguntando sobre a situação escolar de cada um e onde moravam. Muitas respondiam que não estavam na escola, outras que faltavam aula para trabalhar na feira e informavam que moravam na Grotta. Contudo, apesar da proximidade, D. Otávia não sabia onde a Grotta se localizava⁹⁰.

Em paralelo aos encontros na feira, muitas crianças que passavam pela casa de D. Otávia batiam à sua porta para pedirem um lanche, um suco ou algo do tipo. Da mesma forma, sempre lhes perguntava sobre a escola e onde moravam. Todavia, segundo a neta Laura⁹¹, ao invés de simplesmente lhes dar o que pediam e desse modo dispensá-las, D. Otávia começou a chamar essas crianças para dentro de casa e a lhes pedir que desempenhassem alguma tarefa singela, como regar um jardim. D. Otávia acreditava que através desse gesto poderia começar a construir uma relação com essas crianças, saber de suas realidades e, de modo incipiente, incuti-las um senso de dignidade, de conquista – o lanche que as crianças pediam não lhes era dado como um “favor”, mas sim por mérito delas.

⁹⁰ Conforme Paulo Tarso, presidente da Orquestra, me disse, a maioria dos niteroienses não sabe onde fica a Grotta: “esse lugar miudinho e escondidinho no final de São Francisco”.

⁹¹ Laura, de 34 anos, é a terceira de quatro filhas do casal Márcio e Lenora. Formada em música pela UFRJ, o seu instrumento é o canto. Conheci Laura em dezembro de 2020, num dia de gravação de um concerto da Orquestra, realizado na Igreja Presbiteriana Batista. Por conta da pandemia, os concertos não estavam acontecendo de modo presencial. Eram gravados para serem transmitidos remotamente. Dias depois desse encontro, realizei uma entrevista com Laura no *Shopping Bay Market*, local próximo ao Teatro Popular Oscar Niemeyer, onde a Orquestra gravaria outro concerto. Laura não faz parte da Orquestra. Eventualmente, faz algumas participações, especialmente em concertos de final de ano. De acordo com Laura e a exemplo do que fez D. Otávia, todas as quatro filhas do casal estudaram música, mesmo as que não se formaram na área. A mais velha, de 37 anos, se chama Julia e é formada em música pela UFRJ, a segunda, Alice, tem 36 anos e formou-se em geologia. Laura é a terceira e a mais nova, Sofia, tem 30 anos e formação em arte circense.

Num dado momento, D. Otávia finalmente foi conhecer a Grota e nessa incursão, conheceu o Colégio Estadual Duque de Caxias⁹², de ensino fundamental e médio, localizado na região. Assim, se apresentou à direção do colégio e se ofereceu para trabalhar como voluntária, fazendo acompanhamento escolar, principalmente de matemática e português, e iniciou o cultivo de uma horta na escola. Dessa maneira, ela pode acompanhar algumas das crianças que batiam à sua porta e encontrava na feira. No entanto, segundo Márcio e Lenora, D. Otávia não conseguiu engrenar no trabalho que iniciou na instituição, uma vez que as escolas não são muito “amigáveis” com trabalhos voluntários e pessoas de fora que, de alguma forma, acabam entrando na estrutura administrativa do colégio.

2.2 “Nossa casinha”: cultivando a “horta” para semear um projeto

Empenhada em dar prosseguimento à iniciativa, entre o final da década de 1970 e início da década de 1980, D. Otávia adquiriu um terreno disponível na Grota e construiu nele uma meia-água. A partir de uma estrutura simples, mas acolhedora, começou a criar um espaço social para as crianças da comunidade, oferecendo diversas atividades que estavam no âmbito do seu alcance, como reforço escolar, aulas de leitura, atividades manuais – costura, crochê, bordado, experimentou marcenaria e, desde o início, o cultivo de uma horta comunitária. Muitas mães participavam das atividades, produzindo o artesanato que D. Otávia se incumbia de vender na Igreja Presbiteriana Batista⁹³ ou na Casa Espírita que frequentava e retornava com o dinheiro para as famílias.

Todos cuidavam da horta e através de sua colheita, aos sábados, havia o tradicional almoço comunitário, enriquecido pelas verduras da horta. A essa altura, D. Otávia já era uma senhora conhecida e reconhecida pelo seu trabalho junto à comunidade e, por essa razão, recebia doações de comerciantes locais que contribuía com alimentos para a refeição comunitária. Em nossa entrevista, Katunga e Raquel⁹⁴, que viveram essa época, lembraram que o cardápio geralmente variava entre um angu e uma sopa, ambos enriquecidos pelos ingredientes colhidos na horta e os alimentos doados.

⁹² Escola Estadual Duque de Caxias. Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/escola/33056404-ce-duque-de-de-caxias>. Acesso em: 15 jul. 2022.

⁹³ A Igreja Presbiteriana Batista está situada no final do bairro de São Francisco, vizinha ao atual Espaço Cultural da Grota. Fundada em 1966, a Igreja tem em seu histórico uma relação de proximidade com a “comunidade” da Grota e, desde a chegada de D. Otávia, com a professora aposentada.

⁹⁴ Entrevista realizada conjuntamente com Katunga e Raquel, no Espaço Cultural da Grota, no dia 2 de março de 2021.

De tão acolhedor, o espaço passou a ser chamado pelos frequentadores como “Nossa Casinha”, e por conta da horta comunitária, também de “Horta”. Interessante assinalar que, quarenta anos depois da iniciativa criada no começo da década de 1980, muitos que hoje fazem parte da Orquestra, por vezes se referem ao atual Espaço Cultural da Grota, sede do projeto, pelos cognomes do passado, notadamente “Horta”.

Pertencentes à segunda geração do projeto da “Horta”, sob a direção de D. Otávia, e integrantes da primeira turma do projeto de música, iniciado em 1995 por Márcio e Lenora, os músicos José Carlos Vidal, conhecido como Katunga Vidal; Leandro Justino; Luiz Ricardo Justino Vidal, conhecido como Ricardo Vidal ou “Nem” para os íntimos; e Raquel Terra, são os membros atuais mais antigos do projeto da Grota. Todos eles começaram a frequentar o espaço social no início da década de 1990, onde um foi levando o outro.

Como podemos inferir pelos sobrenomes dos rapazes, eles são parentes. A família Justino tem, desde o início, grande presença no projeto social. Katunga, nascido em 1983 e jocosamente chamado de “decano” por Márcio, chegou ao projeto por volta dos oito, nove anos de idade, através de uns primos mais velhos⁹⁵ que já o frequentavam. Num dia, no campo de futebol da Grota – a área de lazer da comunidade – seus primos lhe disseram que havia “uma senhora que ensinava a mexer com terra e tinha lanche”. Desse modo, Katunga foi conhecer o espaço e lá foi ficando, uma vez que D. Otávia, reiteradamente descrita como muito carinhosa com as crianças, oferecia diversas atividades. Um dado recorrente e que apareceu em todas as entrevistas foi o lanche oferecido, desde sempre, no espaço social. Entendendo a realidade das crianças da Grota logo que se ambientou ao bairro, quando D. Otávia construiu a “Nossa Casinha”, instituiu de pronto um lanche para as crianças. Percebeu que era necessário criar um lugar não só de acolhimento e ensino, mas também atrativo e de significado imediato do ponto de vista das crianças.

Provenientes de famílias de baixa renda e moradores de uma localidade onde praticamente não há áreas de lazer e investimentos culturais, as histórias de vida relatadas dão conta de que, afora o período dedicado à escola, e não sendo essa de horário integral, elas ficavam boa parte do tempo na rua. No entanto, ao contrário da classe-média, cujas famílias têm recursos estruturais e financeiros que possam subsidiar de modo satisfatório o que sociologicamente é entendido como infância, ou seja, o direito de fruir desse papel, tendo uma infância protegida, cuidada, com tempo para o ócio e as brincadeiras e desprovida de maiores responsabilidades, o mesmo não ocorre com esse segmento da população.

⁹⁵ Na entrevista, Katunga me relatou que alguns desses primos foram assassinados por terem entrado para o tráfico. Não ficou claro se foram assassinados pela polícia ou pelos traficantes.

Conforme Mello e Vogel (1991), quando crianças são levadas a desempenhar papéis condizentes à vida adulta, antecipando e encurtando a passagem de uma fase à outra, processa-se o que os autores chamam de “teoria da infância traída”. Quando se interrompe “[...] o estar à toa na vida com suas possibilidades de experimentação lúdica do mundo. Troca-se também a formação escolar, ou, pelo menos, a perspectiva de aproveitamento e sucesso na escola.” (Ibidem, p. 134-135), por terem de assumir prematuramente atividades e responsabilidades relativas “ao seu papel futuro”.

Ainda de acordo com os autores, são diversas as motivações que levam crianças e adolescentes a irem cedo trabalhar. No entanto, é possível identificar um quadro social que serve como base de sustentação para a construção de sentido e propósito por parte dos atores envolvidos, ou seja, das crianças diretamente afetadas e de suas respectivas famílias. Em alguns lares, o argumento dos adultos é de cunho pedagógico, para que as crianças adquiram tão logo um senso de responsabilidade, de “noção das coisas” e, ao inculcarem esse ethos, passem a cooperar de boa vontade com a organização e manutenção da família.

Outros casos surgem da necessidade explícita de ter de ajudar os pais em alguma atividade que gere renda, tanto para contribuir no sustento da família como um todo, quanto para sanar as necessidades circunscritas à criança, como por exemplo, uma roupa ou um calçado. Nesse tipo de contexto, a tomada de decisão pode partir dos pais ou mesmo das próprias crianças, na medida em que têm premência ou passam vontade de terem coisas que a família não pode dar.

Nos casos bem-sucedidos, os jovens conseguem conciliar o trabalho com a escola e ocorre efetivamente um processo positivo em sua formação e na inserção na vida ativa e na esfera pública. Noutros, acontece o oposto. Ocorrem descaminhos na vida da criança e conseqüentemente na da família, onde jovens “se perdem” na entrada prematura da vida adulta, tendo assumido riscos e responsabilidades para os quais não estavam preparados.

Com gradações entre um exemplo e outro, a pesquisa realizada por Mello e Vogel tratou de um mesmo cenário, sendo esse famílias de baixa renda que passam por dificuldades financeiras, especialmente escassez de meios de consumo (MELLO; VOGEL, 1991, p. 137). Nesse contexto, a solução encontrada pelos pais, ou pelos adultos da família, é atribuir parte de suas responsabilidades domésticas, seja de orçamento ou de tarefas, às crianças. Com essa atribuição precoce, tira-se da criança o pleno direito e o tempo de viverem sua infância, assim como arrisca-se o seu futuro, uma vez que essa decisão é cercada de indeterminação – “teoria da infância traída”

O momento da saída contém, como todas as passagens, um alto potencial de indeterminação. O ato de sair inaugura uma sequência aberta, pois, como os dados empíricos não se cansam de repetir, o seu desfecho não pode ser previsto no nível da singularidade de cada caso (MELLO; VOGEL, 1991, p 135, grifo dos autores).

O espaço de acolhimento provido e promovido por D. Otávia é descrito por Katunga e Raquel como muito diferente do que encontravam dentro de suas próprias famílias. Segundo Katunga, “Uma ausência, mas não uma ausência intencional. Não era por falta de amor, mas por falta de condições”. Sua mãe era separada do seu pai e sustentava sozinha quatro filhos, saindo cedo para trabalhar e só retornando à noite. Devido a essas condições, Katunga coloca que, na infância, conviveu mais com as pessoas da “Horta”, o espaço da D. Otávia, do que com sua mãe em casa. Raquel corrobora a visão de Katunga e enfatiza que a figura paterna “não existe”, é muito ausente dentro das comunidades. Desse modo, a mãe é sempre a referência nas famílias e, na maioria das vezes, o seu único sustento.

Nascida em 1986, Raquel entrou para o projeto com sete anos de idade, levada por Katunga e Ricardo – irmão de Katunga. Sua mãe e o padrasto saiam para trabalhar e ela e sua irmã estudavam em horários diferentes⁹⁶. Nessa dinâmica, quando não estava na escola, ela ia para a rua ou para o campo brincar. Numa dessas situações, Ricardo lhe disse: “tem uma moça ali que dá lanche, vamos lá conhecer”. Tal como os irmãos Vidal, Raquel foi muito bem recebida e logo identificou no espaço um local de acolhimento e de desenvolvimento.

Segundo Mello e Vogel (1991, p. 144), “[...] tão problemática quanto a casa violenta parece ser a casa vazia”. A falta de uma rotina de cuidado e orientação, de referências da geração ascendente por conta de uma ausência continuada, desativa um dispositivo de controle fundamental para a formação da criança. “Ficar à própria sorte”, como Raquel relatou em nossa entrevista, era uma realidade das crianças da comunidade, onde os pais ou responsáveis ficavam a maior parte do tempo fora, no trabalho, e pouco sabiam do dia a dia dos filhos. Uns tomavam conta do outro, vizinhos “davam uma olhada” e nesse sentido, dirigiam em boa medida a própria infância.

Vale ressaltar que apesar das dificuldades vividas, Raquel, assim como outros interlocutores, reconhece realidades ainda mais complicadas que, felizmente, não viveu. Era

⁹⁶ Raquel me relatou que num determinado momento da infância, ela e sua irmã tiveram de estudar em horários diferentes por conta de uma nova regra estipulada nas escolas públicas: os alunos só podiam ir à escola calçando tênis, caso contrário, voltavam para casa. Como as dificuldades financeiras eram enormes, um tênis era algo muito caro para a sua realidade familiar, havendo, portanto, apenas um par para as duas irmãs. Assim, sua irmã estudava de manhã e quando chegava da escola, passava o tênis para Raquel ir estudar no período da tarde. Ou seja, a escola pública estipulou uma regra incompatível com a realidade dos alunos que atendia, sem oferecer uma solução, como fornecer o tênis. Dessa forma, criou-se mais um obstáculo na trajetória educacional da criança, tanto de ordem concreta e imediata quanto no seu emocional, pois ela passa a cultivar um sentimento de inadequação criado pela instituição escolar.

comum saber de famílias onde havia violência doméstica, casos de alcoolismo, ou famílias com muitos filhos onde as próprias crianças têm de dar conta de si, cuidar dos irmãos e da casa. Nessa conjuntura, “ficar à toa na rua”, ou trabalhar eventual ou assiduamente numa feira, por exemplo, eram aberturas que se apresentavam em decorrência das situações familiares presentes e vividas. Raquel analisa que quando se cresce sem perspectiva, acaba-se reproduzindo o ciclo familiar e quanto mais desestruturada é a família, maiores são as chances de descaminhos na vida.

Na época, mesmo matriculada e frequentando o colégio, Raquel ainda não sabia ler: “O ensino era muito defasado. Era mais um lugar para a gente ficar e ter uma merenda do qualquer outra coisa”. Desse modo, conta que foi com D. Otávia que se alfabetizou, através das aulas de leitura, de narração de histórias, do reforço escolar e do incentivo que recebiam de levarem para casa livros da minibiblioteca que o espaço mantinha. Mesmo sem dominarem a leitura, eram estimuladas a manusearem os livros, a observarem as figuras e, dessa forma, a professora lhes ensinava a criar o gosto pela leitura. Como ocorreu com Katunga, que leu o seu primeiro livro no espaço da Grotta e, aos poucos, foi adquirindo o hábito de ler. Para eles e para muitas outras crianças, o espaço de D. Otávia foi o local de apresentação e desdobramento da alfabetização.

Conforme Beatriz Arosa de Mattos (2008) escreveu em seu trabalho sobre as “explicadoras” na Nova Holanda⁹⁷, esse é um ofício relativamente comum encontrado em áreas de baixa renda, cujo propósito é realizar um processo informal de escolarização, em paralelo à rede pública de ensino. Geralmente exercido por mulheres, a dinâmica das aulas é desenvolvida de modo amplo e contínuo, abrangendo os diferentes saberes escolares ao longo do ano letivo⁹⁸. Detentoras de um alto capital escolar e cultural no contexto em que estão inseridas, as “explicadoras” exercem um papel dentro dessas localidades que vai além de uma abordagem pragmática, com foco único e exclusivo no resultado escolar e por consequência, na conquista do diploma da instituição. Decerto, o diploma escolar é o objetivo concreto a ser alcançado,

⁹⁷ Nova Holanda é uma área da favela da Maré, localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro.

⁹⁸ Em sua pesquisa, Mattos identificou um determinado perfil das “explicadoras”, que se distingue do perfil do “professor particular”, recurso geralmente utilizado pelas classes-médias. Com relação à escolaridade, as “explicadoras” possuem, normalmente, uma formação genérica, tendo completado o ensino médio e não sendo especialistas numa dada área do conhecimento. Enquanto o “professor particular”, em geral, possui uma formação específica e comumente leciona na área do seu conhecimento. Outro ponto verificado pela antropóloga é de como se dá a condução do processo de reforço escolar junto aos alunos/clientes. Enquanto as “explicadoras” acompanham os alunos ao longo do ano letivo, estabelecendo com eles uma relação de proximidade e afeição e, muitas vezes, exercendo também o papel de educadora, de modo diferente se dá com o “professor particular”. Em linhas gerais, o “professor particular” é acionado pela família por um período específico, como o de provas, por exemplo. Tão logo o aluno recupere seu desempenho na escola, as aulas costumam ser interrompidas. Ainda, ao contrário do “professor particular” que, normalmente cobra um valor mais alto e por hora/aula, as “explicadoras” recebem por mês e têm um custo mais baixo. Inclusive, “sendo comum a cobrança da taxa de matrícula anual, o que reforça o caráter contínuo e sistemático da atividade” (MATTOS, 2008, p. 3).

uma vez que tem peso definitivo na vida ulterior desses indivíduos, em razão de ser um vetor fundamental de transformação social, como meio de mobilidade e ascensão.

Entretanto, assim como foi D. Otávia, as “explicadoras” atuam como educadoras em um sentido amplo, auxiliando no processo de socialização de crianças e jovens na cultura oficial e tradicional, representada e transmitida pela instituição escolar, bem como na aquisição de outras habilidades sociais capazes de fazê-los acessar outras formas de sociabilidade para além do contexto social onde vivem. Abertura dos horizontes culturais, apresentação de si, domínio corporal e da linguagem, ampliação do vocabulário, padrões de etiqueta e regras de convivência são alguns dos aspectos que fazem parte do escopo de aprendizagem processado no ofício das “explicadoras”. Sendo pessoas preeminentes nesses contextos sociais e lidando com alunos onde muitas vezes determinados princípios não são forjados no seio familiar, seja pela falta de recursos econômicos e simbólicos ou pela ausência dos pais – “a casa vazia” – é através desse processo informal de escolarização que muitos jovens das classes populares adquirem capital cultural e social para se prepararem para entrar na vida ativa e não reproduzirem determinados ciclos familiares.

Pierre Bourdieu (2007) escreveu sobre o capital cultural herdado e o capital cultural adquirido, um marcador de distinção social legitimado e reproduzido pela instituição escolar. A família e a escola são os espaços onde são forjadas as competências necessárias para o desempenho do indivíduo, da mesma forma onde é afirmado o valor de tais competências. A cultura tida como “legítima”, isto é, a cultura oficial e socialmente valorizada, eflui dos grupos dominantes e é validada pelos produtos simbólicos por estes estabelecidos. De acordo com Bourdieu, o sistema de ensino adotado pela instituição escolar se fundamenta em uma cultura “legítima”, onde seus signos são reconhecidos e reforçados através dos conteúdos curriculares exigidos e do método de avaliação da aprendizagem aplicado.

Quanto maior é o capital cultural herdado, ou seja, o capital de origem de onde o indivíduo é socializado desde o seu nascimento, maior é a sua vantagem com relação às competências exigidas ao longo de uma trajetória. Aquele que detém um patrimônio cultural cujos dispositivos em boa medida não são transmitidos de modo explícito, mas que são percebidos e apercebidos como um valor e desse modo, objetivados no lucro suplementar que proporciona, tem como ponto de partida um capital que age sobremaneira na carreira social do indivíduo (BOURDIEU, 2007, p. 75-105).

Nessa relação ocorre o que Bourdieu denominou como uma ação de “violência simbólica”, uma vez que “[...] quem possui a cultura legítima como segunda natureza [...]” domina de antemão os dispositivos constituídos pela instituição escolar (Ibidem, p. 83). Dessa

forma, o que é vantagem e privilégio social, é dissimulado em “mérito individual”, como se o indivíduo fosse dotado de capacidades inatas e nesse processo, sedimentando um sistema classificatório de indivíduos “superiores” e “inferiores”, do que é “aceitável” ou não, do que tem “valor” ou não. Assim, para Bourdieu, a forma como o sistema escolar é concebido, não sustenta a ideologia da “escola libertadora” como um verdadeiro fator de mobilidade social, “[...] ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural” (BOURDIEU, 2003, p. 41).

Oriundos de comunidades classificadas pelo poder público como de vulnerabilidade social, os músicos do projeto Orquestra de Cordas da Grota nasceram e foram criados em contextos sociais onde o Estado não se faz presente através de políticas públicas continuadas que promovam a representatividade e oportunidades para essas populações. Conforme venho apresentando, a segregação socioespacial na qual são submetidos é resultado de um processo em modo contínuo, que abrange um complexo de aspectos que são manifestos em forma de obstáculos e impedimentos que atravessam a realidade dessas pessoas. A começar, sobretudo, com a qualidade habitacional na qual estão inseridos desde que nascem e que se estende com a entrada na vida escolar. Importante destacar esses dois ambientes uma vez que “a casa” – compreendendo as condições de habitabilidade e as relações familiares – e “a escola” são os espaços sociais onde formam-se, fundamentalmente, os sujeitos.

De acordo com os relatos de alguns músicos, muitos deles vieram de ambientes domésticos onde as dificuldades concretas e imediatas eram presentes na moradia da família. Diferentes níveis de inadequação habitacional foram narrados nas entrevistas realizadas, como a moradia não ter acesso a rede de distribuição de água, conforme informou Leandro; muitas pessoas morando em uma mesma casa, segundo Ricardo e Luiz; até situações de altíssimo risco, como a casa da família dos irmãos Ricardo e Katunga que desabou do morro. Ou seja, o direito fundamental a uma moradia digna e adequada, previsto na Constituição Federal de 1988, com consonância com o direito à cidade, previsto na Lei Federal do Estatuto da Cidade (BRASIL. Lei nº 10.257, 2001), não são respeitados para um segmento importante da nossa população. Desse modo, agindo sobremaneira na vida de famílias e impedindo o pleno desenvolvimento dos indivíduos.

Afinal, sem uma casa não há como descansar, alimentar-se, fazer higiene pessoal, confraternizar, receber correspondência, conseguir um trabalho formal, enfim, satisfazer as necessidades mais básicas de forma digna. Segundo a Relatoria Especial da Organização das Nações Unidas (ONU) pela Moradia Adequada, uma habitação adequada deve incluir: segurança de posse; disponibilidade de serviços, infraestrutura e equipamentos públicos; custo acessível; habitabilidade; não discriminação e

priorização de grupos vulneráveis; localização adequada; e adequação cultural. Dessa forma, o ser humano pode se desenvolver por completo, provendo a si e à sua família a capacidade de viver de forma plena (SANTOS; MEDEIROS; LUFT, 2016, p. 220).

Em vista disso, todos os aspectos que compõem a noção de habitabilidade e do que seja uma moradia adequada e digna, interferem de modo decisivo na vida dos sujeitos, assim como foi e continua sendo para muitos do grupo da Orquestra. Ao longo do trabalho, alguns desses pontos serão retomados em virtude da importância que tomaram na vida de determinados interlocutores, como no caso do violoncelista Luiz Carlos da Costa Justino, preso em 2020 por um erro de reconhecimento fotográfico realizado em sede policial. Na ocasião, um dos argumentos contidos no processo do músico, para justificar o pedido de prisão preventiva, era de que o Ministério Público já havia expedido um mandado de prisão desde 2017, ano do suposto crime. No entanto, Luiz só tomou conhecimento do crime pelo qual estava sendo acusado no dia em que sofreu uma abordagem policial no centro de Niterói e em seguida conduzido à 76ª Delegacia de Polícia da cidade. A alegação contida nos autos para que o réu nunca tivesse sido citado foi de o endereço não ter sido encontrado por se tratar de “área de difícil acesso”.

Reafirmando o ponto discutido no parágrafo anterior, é importante registrar que ao propor a denominação Orquestra de Cordas da Grota, Márcio observou uma forte resistência ao nome. Os integrantes do projeto, moradores da Grota, temiam associar a Orquestra a uma localidade já estigmatizada como lugar de violência, insalubridade, de baixa escolaridade e mesmo pobreza. Desse modo, os jovens propuseram como alternativa Orquestra de Cordas da Cachoeira. Márcio desenvolveu um trabalho junto ao grupo para demonstrar a importância de associar à Grota a um projeto tão promissor como forma mesmo de requalificar, ressignificar o nome Grota. O local passaria a ser sede de um importante centro de música e cultura, o que iria alterar a relação de seus moradores com o local. Assim, por volta de 1997, dois anos após a sua criação, teve seu batismo como Orquestra de Cordas da Grota.

O tema em questão será aprofundado no terceiro capítulo, todavia, cabe ressaltar a definição de “humilhação institucional” desenvolvida por Mello, Simões e Freire (2010), pela qual determinados segmentos da sociedade passam por simplesmente terem um endereço residencial em comum. De acordo com os autores, que partiram do conceito de “sociedade decente” do filósofo Avishai Margalit (1999), os indivíduos que habitam áreas menosprezadas da cidade, como favelas e comunidades, são coagidos pelas instituições do Estado ao terem de se submeter a situações em que se sentem humilhados – o oposto do que seria em uma sociedade decente. Sendo assim, a humilhação institucional retira o controle dos indivíduos sobre suas

próprias vidas privadas, num ato de violação operado por agentes e instituições públicas aos torná-los sujeitos sem valor e não dignos de respeito diante da opinião pública (MELLO; SIMÕES; FREIRE, 2010, p. 52).

Nesse sentido, deve-se notar o papel dos veículos de comunicação para com essas localidades e as populações que nelas habitam, uma vez que, não raro, reforçam o estigma⁹⁹ de que se trata de áreas “perigosas”, associadas ao crime organizado e ao tráfico de drogas. Conseqüentemente, recaindo sobre os indivíduos que habitam esses endereços os sentimentos de desprezo e desonra por não se encaixarem em um perfil e comportamento tidos como padrão pelas elites dominantes. Assim, justificando sua exclusão da sociedade e mesmo da humanidade, isto é, terem de se sujeitar a “sacrifícios necessários”, conforme escreveram os autores, pelo fato de morarem em determinadas localidades (Ibidem, p. 53).

No que se refere à escola, acrescentando as ideias desenvolvidas por Bourdieu sobre o capital cultural herdado das elites dominantes e legitimado pela instituição escolar, cabe introduzir à discussão a concepção “bancária” da educação desenvolvida por Paulo Freire (2016). Conforme o pensador brasileiro, o método tradicional instituído na educação escolar possui um caráter opressor, pois não visa desenvolver a conscientização e o pensamento crítico acerca dos saberes “depositados” no processo de formação dos educandos. Ao contrário da educação libertadora defendida por Freire, onde educador-educando se façam ambos, simultaneamente, educadores e educandos, o método opressor forma autômatos que repetem conteúdos narrados, memorizados mecanicamente e desconectados dos valores e/ou dimensões concretas da realidade. Segundo Freire, ao estabelecer uma relação *dissertadora* entre educador e educando, ou seja, que não constrói uma relação dialógica que permita a troca de experiências e saberes, a educação não transforma uma vez que não há lugar para a criatividade nem criticidade dos “comunicados” depositados nos educandos. Desse modo, a palavra “[...] se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante [...]” (Ibidem, p.80).

Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos.

Quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos.

Na medida em que esta visão ‘bancária’ anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses

⁹⁹ Erving Goffman (2008) escreve que o conceito de estigma é uma categoria relacional entre atributo e estereótipo. Cada sociedade, grupo ou contexto, estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para cada uma dessas categorias (Ibidem, p. 11). Por sua vez, o antropólogo Hélio Silva (2012, p. 138, 142), desenvolve o conceito de *estigma de localização* para problematizar que o “direito de ir e vir” não é igual para todos ao demonstrar que grupos, ou segmentos da sociedade, passam por constrangimentos em situações sociais concretas quando “fora do seu universo de referência e residência”.

dos opressores: para estes, o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação. O seu ‘humanitarismo’, e não humanismo, está em preservar a situação de que são beneficiários e que lhes possibilita a manutenção de sua falsa generosidade [...] (FREIRE, 2016, p. 83, grifo do autor).

Logo, tanto Bourdieu quanto Freire irão sustentar que a educação promovida pela instituição escolar reflete a estrutura de poder das elites dominantes, não incorporando como produto de valor e instrumento de aprendizagem, o léxico de experiências, saberes e vocabulário herdados e adquiridos pelas classes populares, de baixa renda. Assim, observa-se uma relação constante entre estrutura e agência. No que as exigências das estruturas formais reiteradamente afirmam determinados conhecimentos, valores e práticas como legítimos, desde a formação escolar até a vida profissional ativa, naturaliza-se um padrão de reconhecimento social de difícil alcance para um segmento importante da população. De encontro a isso, refuta-se como marginal ou de menor valor um complexo de outros saberes e experiências que são inteiramente legítimos para essa parcela da população e que, por não dominar os instrumentos de codificação e decodificação da chamada cultura legítima, é socialmente excluída. Para além da violência simbólica cometida com essa parcela da população, ao terem seus aspectos culturais desqualificados e não reconhecidos, devemos pensar que, enquanto sociedade ampla, perdemos todos. A indiferença adotada a um conjunto de saberes em uma sociedade multicultural e diversa como o Brasil, inibe a potência de um repertório cultural rico e vasto que deveria ser pensado e articulado em favor da sociedade.

Conforme Bourdieu, as estruturas são os espaços sociais resultantes das percepções e práticas dos sujeitos concebidos anteriormente. Indivíduo e estrutura estão intrinsecamente engendrados na construção dos espaços, se fundido num processo contínuo de “interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade”. As estruturas são incorporadas pelos sujeitos e dessa forma forjam disposições que agem sobre suas práticas subjetivas, reciclando através das ações as estruturas sociais. O estudo dessa relação dialética é o que o autor chamou de conhecimento “praxiológico”:

[...] as relações *dialéticas* entre essas estruturas e as *disposições* estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade: este conhecimento supõe uma ruptura com o modo de conhecimento objetivista, quer dizer, um questionamento das condições de possibilidade e, por aí, dos limites do ponto de vista objetivo e objetivante que apreende as práticas afora, enquanto fato acabado, em lugar de construir seu princípio gerador situando-se no próprio movimento de sua efetivação (BOURDIEU, 1983, p. 47, grifo do autor).

A estrutura de poder, sendo essa constituída pela relação entre o poder do estado e o poder das elites econômicas, é constantemente atualizada pelos agentes que pertencem a esses dois setores que, por sua vez, se atravessam. As elites econômicas são, historicamente, as

fundantes e mantenedoras do Estado moderno racional burocrático, no qual pauta-se nas leis como forma de controle e de coerção física e social para efetivar-se.

Na transição da Idade Média para a Idade Moderna, ocorreu o avanço do capitalismo mercantil na Europa. Com o crescimento do comércio, as divisões administrativas espalhadas pelo continente propiciaram o surgimento de um novo grupo social, a burguesia. Pouco a pouco, a nova elite econômica dos burgos começou a ter ascendência nas estruturas de poder, à época, a nobreza feudal. Em decorrência dessa nova configuração, sobreveio a crise do Feudalismo e uma nova estrutura de poder e política ergueu-se com a formação do Estado moderno.

Weber (1971, p. 60-61), em alguns momentos, compara o desenvolvimento no Ocidente do Estado moderno a uma empresa capitalista. Segundo o sociólogo, tal como numa empresa econômica, a dominação que se ampara na violência necessita de certos bens materiais para se consumir. Outro aspecto importante na evolução do Estado moderno refere-se à exigência da formação de funcionários qualificados, baseada na técnica e no princípio da divisão do trabalho para exercer a função pública.

Simultaneamente, nesse mesmo contexto surge uma nova categoria de “homens políticos profissionais” que viviam para a política ou da política. Weber escreve que muitas formas de dedicação à política e de exercer influência sobre a divisão do poder nasceram a partir da nova concepção do Estado moderno e da sua divisão racional burocrática do trabalho, baseada na autoridade que se impõem em razão da “legalidade”. As lutas partidárias envolvendo “dirigentes políticos”, disputavam para controlar a distribuição de empregos e, em paralelo, um corpo de “trabalhadores intelectuais, altamente qualificados”, se preparava para exercer a função pública e compor o quadro de “funcionários de carreira” (WEBER, 1971, p. 68-70). Desse modo, o sociólogo analisa:

A evolução, ao mesmo tempo em que transformava a política em uma ‘empresa’, ia exigindo formação especial daqueles que participavam da luta pelo poder e que aplicavam os métodos políticos, tendo em vista os princípios do partido moderno. A evolução conduz, assim, a uma divisão dos funcionários em duas categorias: de um lado, os funcionários de carreira e, de outro, os funcionários ‘políticos’ (Ibidem, p. 73, grifo do autor).

Entender a origem do Estado moderno e como ele se constituiu e evoluiu ao longo da história se faz necessário para melhor compreendermos o conceito de estrutura e agência dos quais Bourdieu se apropria para discutir as dinâmicas dos espaços sociais. Tendo em vista que o Estado moderno se formou a partir de uma nascente burguesia e que foi, ao longo do tempo, se consolidando e se aperfeiçoando nos mecanismos de controle do poder do Estado e do exercício político através de uma aparência de “legalidade”, portanto, legitimada, é possível

identificar quem são os agentes da estrutura política e de poder do Estado e como esse espaço social constantemente se atualiza.

Contudo, quando pensamos em “agência”, não devemos entender de que se trata tão somente de ações diretas e deliberadas, no sentido de executar um plano previamente traçado e discutido entre as partes envolvidas – apesar desse aspecto estar inserido na dinâmica das relações da qual vimos analisando. Agência, nos termos desenvolvido por Bourdieu, refere-se a um conjunto de disposições incorporadas pelos sujeitos, forjando *habitus* de classe que se manifesta como uma aptidão social que, como tal, é “[...] variável através do tempo, do lugar e, sobretudo, através da distribuição do poder [...]” (WACQUANT, 2017, p. 214). Desse modo, o *habitus* opera em uma adequação entre estruturas mentais e sociais para gerar a prática social.

[...] o *habitus* é uma noção *mediadora* que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar a ‘interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade’, ou seja, o modo como a sociedade se torna depositada nas pessoas sob a forma de *disposições* duráveis, ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então os guiam nas suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações do seu meio social existente (WACQUANT, 2017, p. 214, grifo do autor).

Nesse sentido, verifica-se uma série de medidas e investimentos que, observados de modo acurado, não visam efetivamente transformar as estruturas que engendram as condições de vida, em sua concepção ampla, das populações de baixa renda. Ao contrário, grande parte das ações do poder público promovem a manutenção do *status quo* de uma elite que, reiteradamente, quer reafirmar seus signos de distinção. E para que isso se efetive, é necessário que os instrumentos pelos quais se oportuniza a ascensão e mobilidade social não sejam desenvolvidos e assegurados na prática junto às classes mais pobres.

Portanto, é importante notar que as classificações de “situação de vulnerabilidade” e de “populações vulneráveis”, não são categorias imanentes a determinadas localidades e grupos sociais. Isso seria atribuir uma condição de *natureza* a algo que é construído socialmente. Assim, a partir da contextualização do quadro social proposto como análise deste trabalho, podemos aferir em qual contexto surgiu o projeto social Orquestra de Cordas da Grota.

2.3 Orquestra de Cordas da Grota

Em 1995, o casal Márcio Paes Selles e Lenora Mendes iniciaram o projeto de música com os jovens que já frequentavam o espaço construído por D. Otávia, chamado por todos de “Nossa Casinha” ou “Horta”. Conforme as entrevistas realizadas com os fundadores, a ideia de ensinar música e a prática de instrumentos para os jovens partiu de D. Otávia, ao perceber que

depois de uma determinada idade, muitos deles deixavam de frequentar o espaço porque iam perdendo o interesse pelas atividades que eram desenvolvidas. O vínculo estimulado pelas aulas de reforço escolar e os trabalhos manuais realizados com os jovens, como oficinas de corte e costura e o cultivo da horta comunitária, começava a enfraquecer na medida em que as crianças cresciam e outros interesses e/ou responsabilidades se sobrepunham. Nesse processo, D. Otávia observou que ocorria não só uma perda de vínculo com a “Horta”, mas como também com os estudos e a escola. Seu receio era de que ao deixarem de frequentar o espaço, muitos pudessem se “perder pelo caminho” e ao não concluírem os estudos, não terem a oportunidade de encontrar uma profissão ou atividade de interesse.

Raquel e Katunga, dois dos integrantes da primeira turma do projeto de música, viram alguns casos de desvio de rota – do que se esperaria de uma trajetória de formação de um jovem – acontecer em seu entorno. Katunga vivenciou a perda de primos mais velhos por terem se envolvido com o tráfico; os mesmos primos que o levaram para o espaço de D. Otávia. Raquel, por sua vez, expôs uma situação comum observada entre as famílias de baixa renda, que é quando o adolescente se vê impelido a entrar, prematuramente, no mercado informal de trabalho para prover o seu próprio sustento e/ou contribuir para o sustento da família. Sendo jovem e ainda sem formação escolar concluída, muitas vezes o caminho que se apresenta é “ir para obra virar massa, assentar tijolo”, como exemplificou Raquel, uma vez que outras possibilidades não lhes são acessíveis, ou não são factíveis à sua realidade. Isto é, dada a falta de políticas públicas que assegurem a plena formação escolar de crianças e jovens das classes populares, a probabilidade de que esses não concluam os estudos é enorme.

Desse modo, D. Otávia pensou que a música, para além de um conhecimento em si, poderia ser o elemento de ancoragem dos jovens com o espaço social e, conseqüentemente, com o estudo escolar. Por ser um ofício que requer comprometimento e dedicação para poder se aprimorar, exigindo inclusive o desenvolvimento de outras competências, como concentração, estudo e sensibilidades específicas, a música poderia ser o ingrediente catalisador no processo de formação de crianças e jovens. Isto é, uma atividade que os impulsionaria a quererem ir além, a vislumbrar novas perspectivas e horizontes. Essa compreensão foi a mesma que D. Otávia teve com os próprios filhos, ao incentivá-los, desde criança, a estudarem música. Assim, todos os filhos tiveram uma formação em música, para além das respectivas formações profissionais a que se propuseram. Dos cinco filhos, dois se formaram em Medicina, um em Química, a irmã mais nova em Psicologia e Márcio em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e em Música pelo Conservatório de Música do Estado do Rio de Janeiro.

Segundo Laura, neta de D. Otávia e a terceira de quatro filhas do casal Márcio e Lenora, desde o início sua avó chamou os filhos para participarem do trabalho desenvolvido com as crianças e jovens da Grotta. Todos eles, de alguma forma, participavam realizando alguma atividade. No entanto, por conta das respectivas carreiras profissionais e momento de vida, nenhum deles puderam se dedicar e se comprometer de forma constante e continuada com o projeto. Dos cinco filhos de D. Otávia, Márcio foi o que mais se especializou na formação de músico e o único que se dedicou profissionalmente à atividade.

Tendo feito o seu mestrado em Belas Artes pela Sarah Lawrence College¹⁰⁰ – USA, assim como Lenora e ambos durante o mesmo período, os dois também possuem doutorado em História pela UFF e se dedicaram profissionalmente à música. Durante uma época, Márcio foi professor do mesmo conservatório em que se formou e por vinte anos foi professor de música da Escola Nossa¹⁰¹, uma reconhecida escola de Niterói de educação infantil e ensino fundamental. Ainda, tanto Márcio quanto Lenora foram servidores técnico-administrativos da UFF por trinta anos, desde 1984, trabalhando junto ao Conjunto de Música Antiga da UFF¹⁰² como músicos e pesquisadores de repertório, bem como na organização de concertos do grupo. Lenora, por sua vez, é professora de música da rede pública e segue em atividade como professora de artes do estado.

A decisão de Márcio e Lenora iniciarem um projeto de música no espaço da Grotta foi resultado de um processo. Num primeiro momento, Márcio tinha algumas reticências com o trabalho que a sua mãe desenvolvia, o classificando como “assistencialista”, uma prática que criticava por julgar não produzir efetivos resultados ao não estimular a autonomia dos indivíduos assistidos pelos projetos desse perfil. Dessa forma, participava ocasionalmente, realizando algumas atividades com os jovens, mas sem manter um vínculo estreito com o trabalho desenvolvido por sua mãe. Ao mesmo tempo, durante uma época, Márcio cultivou um trabalho voluntário dentro de alguns presídios, através da instituição espírita da qual fazia parte. O trabalho consistia em ir aos presídios passar filmes para os detentos, uma experiência da qual se recorda de forma positiva. No entanto, segundo Márcio, em 1994, o então secretário de justiça proibiu essa prática, argumentando que os agentes religiosos estavam levando drogas para dentro dos presídios.

¹⁰⁰ Fundada em 1926, a Sarah Lawrence College é uma instituição de ensino superior e particular, localizada em Nova Iorque, EUA. Disponível em: <https://www.sarahlawrence.edu/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

¹⁰¹ Criada em 1987 na cidade de Niterói, a Escola Nossa é uma associação de famílias e professores que tem como proposta pedagógica o método construtivista de ensino. Disponível em: <https://www.escolanossa.com.br/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

¹⁰² Matéria do site Cultura Niterói sobre o Conjunto de Música Antiga da UFF. Disponível em: <https://www.culturanageroi.com.br/blog/mapeamentocultural/2193>. Acesso em: 01 dez. 2022.

Com a interrupção da atividade junto aos detentos, mas ainda manifestando certas críticas com relação ao trabalho que sua mãe desenvolvia na Grotta, Lenora colocou para Márcio: “bem, mas ela faz alguma coisa e você não faz nada”. Essa foi a frase enunciada e tida por ambos como um divisor de águas na postura do Márcio quanto ao trabalho que sua mãe realizava na Grotta. A partir desse momento, Márcio se decidiu por começar a dar aulas de música para os jovens que faziam parte da “Horta”, estabelecendo, desde então, um vínculo estreito e continuado com o projeto criado por sua mãe¹⁰³.

Conforme escreveram Cefai, Veiga e Mota (2011), sendo as associações os nós das redes sociais, a análise das situações sociais é indispensável para se compreender os sentidos e significados constituídos no contexto da ação. Ainda, como incubadoras de relações sociais os autores destacam a necessidade de se fazer uma *etnografia moral e política*, uma vez que “[...] todos os seres humanos, dos brutos aos mais sofisticados, organizam uma experiência de si, do outro e do mundo” (Ibidem, 2011, p. 13). Desse modo, a categoria “assistencialista” citada por Márcio como motivo de ter resistido a abraçar o projeto da Grotta em um primeiro momento, aparece no campo como uma categoria moral, ora acusatória, ora em defesa, onde assistencialismo e assistência se confundem.

O tema envolve uma série de aspectos complexos, com diferentes pontos de vista e abordagens, incluindo aí o racismo estrutural, sobre o qual me aprofundarei no terceiro capítulo. Um dado importante que emergiu no campo de pesquisa e que serve para ilustrar as diferentes visões sobre assunto, é a dicotomia entre uma posição crítica que classifica como “assistencialismo” projetos como o da Grotta e, de outro lado, uma visão que considera que na falta de políticas públicas este tipo de projeto realiza um importante trabalho, tanto no que se refere à cultura quanto à assistência social, realizando um efetivo redirecionamento de vidas de integrantes da comunidade. Esta oposição ficou clara na leitura da dissertação de Júlia Mendes Selles (2013), sobre projetos sociais de ensino de música erudita nas favelas e comunidades. Neste trabalho a autora argumenta que o ensino da música erudita neste contexto social leva a uma desvalorização da cultura local. Segundo Selles:

Uma das características do cenário atual da educação musical no Brasil tem sido a formação homogeneizadora e alienada de professores de música (em universidades, conservatórios e demais espaços de formação, públicos ou privados) sob concepções eurocêntricas/elitistas acerca do som e a reprodução destas em inúmeros espaços de ensino e aprendizagem, contribuindo para a subordinação das diferenças a um centro de poder (Ibidem, p. 32-33).

¹⁰³ Vídeo institucional produzido pela Fundação Brazil Foundation sobre o trabalho realizado por Márcio junto à Orquestra de Cordas da Grotta. A fundação é uma das apoiadoras do projeto e no vídeo Márcio conta um pouco da história da Orquestra e como tudo começou. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vMSJ4y2y7y0>. Acesso em: 25 dez. 2022.

Contra-pondo-se a esta posição temos a visão do juiz André Nicolitt, um magistrado negro, que também é músico, muito culto e comprometido em combater o racismo estrutural, principalmente nas instituições jurídicas onde atua. Nicolitt, que também é professor de Processo Penal da Universidade Federal Fluminense (UFF) e com quem realizei uma entrevista¹⁰⁴, será um personagem recorrente ao longo do terceiro capítulo, pois foi o Juiz de Direito que revogou a prisão preventiva injusta do violoncelista da Orquestra de Cordas da Grota, Luiz Justino. Em nossa entrevista, Nicolitt fez uma sofisticada e sensível reflexão sobre o assunto e por essa razão considero pertinente colocá-la na íntegra para que não seja editado o fluxo de seu pensamento:

Muito interessante isso, rs. Vamos começar por Fanon [Frantz Fanon]¹⁰⁵. O Fanon fala que os brancos inventaram a branquitude e os negros inventaram a negritude. Fanon, acima de tudo, era um humanista. Ele propunha um reconhecimento da humanidade que sempre foi negada aos negros. É o que o Achille Mbembe¹⁰⁶ vai dizer, de nós vivermos num mundo livre do peso das raças. Marcar diferenças, segundo Mbembe, é apenas parte de um projeto muito maior, que é o projeto de viver livre do peso da raça. Então nós precisamos estabelecer as diferenças para avançar, mas que o projeto real e grandioso é não termos esse peso da raça, porque raça é um artifício. Falar de música erudita ou do eurocentrismo etc., isso foi uma invenção do século XVI, antes não existia nada disso. Então, eu acho o seguinte, a música é um conhecimento técnico, uma arte muito complexa, de dominar a harmonia, ritmo... Eu falo isso com muita tranquilidade porque sou músico. É um conhecimento muito complexo. Eu agora voltei a estudar piano, mas estudei há muito tempo, quando era pequeno. Piano é um instrumento elitizado, o violino... É muito raro você ver uma criança periférica, pobre, preta, conseguir acesso para tocar esses instrumentos. Um violãozinho, todo mundo consegue, ganha de alguém e toca. Por exemplo, o meu professor de piano, ele é formado em violão. Ele é muito bom no violão, mas toca piano muito bem. Ele se descobriu pianista há pouco tempo e eu sempre destaco a capacidade dele como pianista. Uma vez, a gente conversando, ele é um cara preto, também vem da periferia e tal, um músico sofisticado, e aí ele me diz: ‘poxa, nunca me atentei para o piano...’. Eu falei para ele: ‘mas quando você era pequeno, quando você começou a estudar, você tinha acesso a um piano?’. Então é um pouco disso. **Será que as pessoas da favela só querem ou só devem conhecer o samba, o pagode, o hip hop, o funk? Você reconhecer em todos esses movimentos a legitimidade cultural, é fundamental, sem sombra de dúvida. Mas você não precisa para isso, negar conhecer outras coisas. Eu como músico, por exemplo, e qualquer músico que se queira completo, tem de estudar e conhecer tudo. Tem de conhecer os ritmos brasileiros, do Nordeste, tem de conhecer música clássica, tem de conhecer música de matriz africana, tem de conhecer tudo. Então, é um apequenmento a gente pensar dessa forma. Por outro lado, também é muito significativo quando vejo a Orquestra de Cordas da Grota, uma orquestra eminentemente de pretos, com um regente preto – quando que a gente vê um maestro preto? – e que também é representatividade (NICOLITT, 2021, grifo nosso).**

Em sua dissertação, “Ensino de música sinfônica para jovens dos estratos subalternos: capital simbólico e controle social no capitalismo tardio”, elaborada e defendida no Programa

¹⁰⁴ Entrevista realizada remotamente através da plataforma Google Meet, no dia 22 de dezembro de 2021.

¹⁰⁵ Frantz Omar Fanon foi um psiquiatra e filósofo político martinicano e que viveu entre 1925 e 1961.

¹⁰⁶ Joseph-Achille Mbembe é um filósofo, teórico político, historiador, intelectual e professor universitário camaronês, nascido em 1957 e que segue em atividade até a atualidade.

de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Júlia Mendes Selles¹⁰⁷, fundamentada em sua pesquisa, em diferentes autores e entrevistas com interlocutores, formulou um pensionamento crítico com relação a projetos como o da Orquestra de Cordas da Grotta. Uma das questões apontadas pela autora é sobre a realidade de mercado de trabalho para jovens profissionais da música sinfônica, problematizando o futuro profissional desses jovens e a real eficácia desse tipo de projeto na vida dessas pessoas. Ainda, um ponto que particularmente se relaciona com a minha pesquisa enquanto antropóloga, é a crítica que Selles faz sobre projetos dessa natureza que estariam ancorados no discurso de que, para além do ensino da música, “abririam novos horizontes” para os participantes:

[...] nesse discurso, o ensino da música sinfônica é visto como positivo em si porque se atribui a essa prática musical o poder de ‘abrir novos horizontes’ na vida dos alunos. Mesmo sem definir o que seria ‘abrir novos horizontes’, esse discurso afirma que isso acontece graças a uma suposta capacidade inerente da música sinfônica de ‘estimular uma escuta mais atenta e concentrada’ no indivíduo [...] (SELLES, 2013, p. 85, grifo da autora).

Ao longo deste trabalho, a partir dos dados levantados em campo e analisados, e com base nas entrevistas e na observação direta efetuadas ao longo de minha pesquisa, desenvolvo uma visão que se contrapõe a esta abordagem. Do ponto de vista sociológico e do meu olhar como antropóloga, o projeto da Orquestra de Cordas da Grotta promove efetivamente uma abertura de horizontes, que é expressa não só através da fala dos interlocutores, como na análise de suas trajetórias de vida e dos relatos que foram expostos sobre amigos e colegas que tiveram destinos muito diferentes, por vezes trágicos. O questionamento sobre a “abertura de horizontes” não considera, do ponto de vista sociológico, as diversas complexidades, vulnerabilidades e impedimentos concretos e simbólicos que as populações de baixa renda, majoritariamente negras, vivem. Projetos dessa natureza, como ressalta o juiz Nicolitt, não se propõem a resolver o problema social desses segmentos, mas constituem uma “intervenção”. Constata-se que ao estudar e praticar o gênero erudito, a compreensão da Música torna-se muito mais complexa e sofisticada. O jovem que se abre a esse conhecimento só está enriquecendo sua visão da própria música e da vida através de experiências totalmente novas e que estariam distantes de sua realidade, conforme será apresentado mais adiante.

Na mesma entrevista com Nicolitt, lhe perguntei como pensa projetos sociais como o da Orquestra da Grotta, se é possível pensar em transformações sociais com ações dessa natureza. O juiz e professor generosamente compartilhou comigo o seu entendimento sobre o assunto:

Não. Não tem como fazer transformação social e nem é essa a função do projeto. Você tem como fazer **intervenção** social. Não tem como fazer transformação [social], mas você transforma muitas vidas, muitas, muitas vidas. Você abre caminhos, você forma

¹⁰⁷ Júlia Mendes Selles é filha de Márcio e Lenora, fundadores da Orquestra de Cordas da Grotta.

representatividade e tudo mais. Mas é lamentável que isso não seja uma política pública, que isso seja trabalho social. Isso deveria ser uma política pública, porque se uma pessoa que mora na favela, é preta e quer estudar piano, ela deveria ter essa oportunidade. Se ela quer estudar violino, deveria ter essa oportunidade. Se ela quer estudar tamborim, ela tem que ter essa oportunidade. E olhe, mesmo a cultura local, periférica, o *rap*, o samba etc., isso tudo é produzido sem o apoio do Estado. Se a pessoa aprende a tocar percussão, é porque ela foi para a escola de samba. Se virou MC¹⁰⁸, é porque ele estava no ‘rolê’ ali e tal. Então a arte, como toda arte, ela tem que ser um estímulo do poder público. Agora, é diferente, por exemplo, me lembrando de uma entrevista do Flávio Bolsonaro, quando ele era candidato a prefeito, e ele falava: ‘não, a gente tem que favorecer a alta cultura’. Então ele fazia uma classificação entre ‘alta cultura’ e ‘baixa cultura’. Sendo certo que não existe alta e baixa cultura e ele não conhece nem aquilo que ele acha que seria alta cultura. O que não se pode ter é uma classificação entre as culturas. O *rap*, o samba etc., não são menor ou maior que a música erudita. Essa coisa do olhar colonizador depende do olhar que você estabelece. Você pega o Emicida, por exemplo, que produz música e ele é considerado o gênio que é porque as referências dele são altamente sofisticadas. Ele faz referência aos Autos de Gil Vicente¹⁰⁹, a poemas do século XIX, como Ismália¹¹⁰, enfim. É de uma erudição absurda, traduzida em *rap*. Então quem fala isso, me desculpe, mas está falando besteira [com relação às críticas de que o ensino da música erudita nas favelas seria um aculturamento branco e eurocêntrico] (NICOLITT, 2021, grifo nosso)¹¹¹.

Para Márcio e Lenora, fundadores da Orquestra de Cordas da Grota, “música é música”. Segundo Márcio, “música é igual a ser alfabetizado. Você pode ler Machado de Assis ou pode ler revista em quadrinhos”. Ele não considera que os gêneros se contrapõem, só se complementam. Para Márcio, música é uma linguagem assim como a literatura:

A música até o século XI, no Ocidente, era só oral, de tradição oral. E em alguns países, até hoje, é só tradição oral. Mas quando você começa a gravar, pode transmitir para outras pessoas [gerações]. Assim como a gente tem acesso a Platão, tem acesso a Aristóteles, tem acesso a Pitágoras... É graças à grafia que esse conhecimento se perpetuou. Se não tivesse grafado, não tinha isso. Então eu acho que a grafia é importante. Igual um texto de teatro. O texto está ali, mas a interpretação é livre, você pode fazer o que quiser. E o instrumento, como diz, é ‘instrumento’. É o meio que você vai fazer música. Pode fazer música com o violino, com a flauta, cantando... Então tudo é instrumento, são só os meios que você usa para fazer música. Então eu acho que não tem isso. As pessoas criaram muito esses terrenos, clássico, erudito, popular, e na verdade não tem tanto esse limite. Tudo é música (SELLES, 2020)¹¹².

¹⁰⁸ Abreviação de Mestre de Cerimônias, que ao longo do tempo ficou muito relacionado aos gêneros musicais do *rap*, *hip hop* e do funk.

¹⁰⁹ Dramaturgo e poeta português (1465-1536). Os Autos de Gil Vicente eram representações que tinham ensinamentos morais e religiosos com o objetivo de denunciar comportamentos sociais inadequados por meio da sátira. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Gil_Vicente#:~:text=Auto%20Pastoril%20Portugu%C3%AAs%20\(1523\),da%20Barca%20do%20Inferno%20\(1516\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gil_Vicente#:~:text=Auto%20Pastoril%20Portugu%C3%AAs%20(1523),da%20Barca%20do%20Inferno%20(1516).). Acesso em: 17 fev. 2023.

¹¹⁰ Poema de Alphonsus Guimaraens, pseudônimo do escritor brasileiro de Afonso Henrique da Costa Guimarães (1870-1921). Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/12902/xxxiii-ismalia>. Acesso em: 17 fev. 2023.

¹¹¹ A questão da eficácia de um projeto como o da Grota para intervir na vida de seus integrantes será mais discutida adiante e, a meu ver, demonstrada, quando mostrarmos que a solução dada ao caso do Luiz Justino se deveu fundamentalmente ao fato de ele pertencer ao projeto. Portanto, como disse o juiz Nicolitt na citação acima, não se trata de resolver o problema social, mas produzir uma “intervenção” poderosa na vida dessas pessoas. Do mesmo modo cito aqui o trabalho do antropólogo Júlio Davies (2006/2007), que analisando o Projeto Grael, demonstra igualmente como jovens socialmente desfavorecidos têm suas vidas modificadas para melhor ao se integrarem ao projeto que tem como propósito democratizar o acesso de jovens à prática do esporte da vela, levá-los a uma profissionalização nesse meio e ampliar sua consciência a respeito do meio ambiente.

¹¹² Entrevista realizada com Márcio Paes Selles no Espaço Cultural da Grota em 19 de novembro de 2020.

Leonora reafirma esta visão. Segundo me relatou em nossa entrevista¹¹³, a notação musical tem origem na Grécia Antiga, como formas de registros através do alfabeto grego. Depois, na Idade Média, por conta da importância da música na realização das liturgias da Igreja, foi criado um sistema de notação musical conhecido até os dias de hoje. Segundo Lenora:

A cultura, o conhecimento, a história, a música são um direito de todos, é uma conquista da humanidade. Todo mundo tem direito a ter acesso. Ninguém é obrigado. Isso aqui [o projeto] não é uma coisa obrigada. Não é uma escola regulamentar, que as pessoas são obrigadas a estar aqui. Ninguém é obrigado a se formar aqui, ninguém é obrigado a se manter aqui. Quem está aqui é porque quer. E se quer, aqui tem tudo. Não tem dogma nenhum. Nós estamos abertos a todos os estilos de música, seja europeu, africano... Música é música. [...]. Se deixarmos de mostrar coisas, estamos alijando aquela pessoa de uma possibilidade. Você não sabe o destino de cada um. Quem somos nós para julgar o que ela tem de saber, o que ela tem de aprender, o que ela tem de fazer, entendeu? As pessoas se acham no direito de decidir: ‘ah, se você é favelado e preto não pode tocar Bach¹¹⁴. Por quê? Quem decidiu? Decidiu pela pessoa? Se a pessoa quer, por que não vai tocar? Se ela não quiser, não toca (MENDES, 2021).

Para dar um exemplo das complexidades e paradoxos, Lenora relata que há músicos da Orquestra de Cordas da Grotta que reclamam que a Orquestra está tocando muita música popular. Ou seja, que gostariam de se ater mais efetivamente ao repertório da música erudita. Outros já gostam e incentivam essa mescla de repertório. Contextualizando o leitor, o projeto tem como proposta entremear o repertório da música erudita com a música popular brasileira. Inclusive, os músicos se apresentam geralmente de forma mais despojada, com vestimentas mais casuais e não seguindo os rigores de uma Orquestra Sinfônica clássica e tradicional. Isso também se aplica na apresentação dos próprios músicos, mesmo no gestual, muitas vezes se permitindo uma plasticidade mais fluida e menos rígida do que se observa em concertos de orquestras tradicionais e renomadas.

Desse modo, através das diferentes perspectivas e abordagens apresentadas sobre o tema de projetos sociais de ensino de música erudita nas favelas e comunidades, o uso da categoria “assistencialismo”, muitas vezes confundido com assistência, e ações que promovam a real inclusão social de pessoas em situação de vulnerabilidade, a Orquestra de Cordas da Grotta nasceu da vontade e da sensibilidade de seus fundadores em quererem agir e construir um espaço de possibilidades dentro do repertório de recursos que detêm e que poderiam compartilhar – a música erudita.

Assim, Márcio elaborou a chamada de atenção feita por Lenora sobre sua postura crítica ao projeto iniciado por sua mãe e a visão “assistencialista” que até então tinha sobre ações dessa

¹¹³ Entrevista realizada com Lenora Mendes no Espaço Cultural da Gota em 23 de outubro de 2021.

¹¹⁴ Johann Sebastian Bach foi um compositor, cravista, regente, organista, professor e violinista oriundo do Sacro Império Romano-Germânico, atual Alemanha (1685-1750).

natureza e reavaliou a sua postura. Reorganizou o seu entendimento e, reposicionado no campo, o projeto social ganhou uma nova compreensão, sendo ressignificado como legítimo ao assumir um papel que deveria ser do Estado, mas que, na ausência do poder público, Márcio assumiria o projeto de música, acreditando realmente no seu alcance social. Nessa perspectiva, na falta de políticas públicas sólidas e continuadas que efetivamente promovam a justiça social através da educação, cultura, do acesso à saúde e a condições adequadas de moradia, o trabalho social surge através de pessoas que se sensibilizam com a desigualdade social e se dispõem a contribuir com a sociedade para promover maiores oportunidades para as populações mais vulneráveis. Dessa forma, os antropólogos Cefaï, Veiga e Mota (2011) assinalam que: “Uma atenção particular dirige-se aos significados normativos que os atores dão aos seus engajamentos nos contextos da experiência. Eles entram em disputas em torno de provas de decência, de respeito ou dignidade, de liberdade, de direito e de justiça” (Ibidem, 2011, p. 14). Logo, as categorias são preenchidas de sentido a partir das experiências vividas e da atuação dos atores no campo.

Dessa maneira, em 1994-1995 começa o projeto de ensino de música erudita para os jovens do espaço social originalmente concebido por D. Otávia e que veio a se constituir no projeto social Orquestra de Cordas da Grotta. Os primeiros alunos do Márcio, a chamada primeira turma do projeto de música, foram os jovens que já faziam parte da “Horta” e que entraram ainda crianças, participando das atividades até então propostas. À vista disso, José Carlos Vidal, conhecido como Katunga e que faz parte do projeto desde os oito, nove anos de idade, é reconhecido como o mais antigo do grupo. Ricardo Vidal, irmão de Katunga, e Leandro Justino – tio de Katunga, Ricardo e Luiz, também são dois dos primeiros alunos do Márcio. Outra integrante que faz parte da geração de D. Otávia e pertencente à primeira turma do projeto de música é Raquel Terra. Todos eles são anteriores ao projeto iniciado por Márcio, oriundos do trabalho desenvolvido por D. Otávia.

Márcio começou dando aula de flauta doce, o que veio a se constituir como a primeira etapa do processo de formação dos alunos no espaço da Grotta. De acordo com Laura, esse início na Grotta se deu na mesma época em que seus pais colocaram as filhas para fazerem aula de violino no conservatório de música e cujo professor era o próprio pai. Desse modo, o mesmo que Márcio ensinava na escola de música, era o que ensinava para os jovens do projeto social. Sendo que na Grotta iniciou com a flauta doce, um instrumento mais simples e apropriado para inaugurar o processo de aprendizagem através de aulas de musicalização, bem como de valor mais acessível, tendo em vista os poucos recursos existentes. Logo no começo, outros três

alunos se agregaram ao grupo, sendo eles os gêmeos Walter e Wagner, filhos do luthier Jonas¹¹⁵ e que já estudavam violino por influência do pai¹¹⁶ e Tiago Cosmo, outro jovem da Grota que chegou ao espaço através de amigos. Assim compôs-se a primeira turma da Orquestra de Cordas da Grota – nome instituído somente alguns anos após a sua criação.

Aos poucos o projeto foi se constituindo, novos alunos foram entrando, angariando alguns recursos e doações, como de instrumentos, por exemplo. Mas em boa medida, num primeiro momento o espaço social e cultural se mantinha com os próprios recursos e a cooperação de todos. D. Otávia continuava à frente do projeto social, trabalhando todos os dias no espaço para realizar as demais atividades com os jovens. Márcio se dedicava às aulas de flauta doce aos sábados e domingos, uma vez que durante a semana tinha o seu trabalho na UFF e na Escola Nossa. Até então, Lenora ainda não atuava concretamente no projeto. Também trabalhando na UFF e professora de música do estado, ela e Márcio já eram pais de quatro filhas pequenas. No entanto, a partir de 1999 surge a necessidade de se fazer uma reorganização do projeto social.

Em setembro de 1998 ocorre o falecimento de D. Otávia, uma grande perda para todos do grupo, especialmente para Márcio e Lenora, mas como também para os jovens que a conheceram ainda criança. Segundo Leandro, um episódio “trágico”. Em nossa entrevista, Leandro contou que após dois ou três anos estudando flauta, D. Otávia perguntou para os jovens se eles gostariam de começar a aprender violino. Com a resposta afirmativa, começaram a fazer aula do novo instrumento. Um tempo depois, apresentando um bom desempenho, D. Otávia o colocou para estudar violino no mesmo conservatório em que estudavam os gêmeos Walter e Wagner. Muitas lembranças como essa surgiram ao longo das interações e entrevistas com os músicos. A memória afetiva dos interlocutores busca exemplificar o quanto D. Otávia, assim como Márcio e Lenora, foram pessoas que se interessavam por eles, que procuravam incentivar, identificar as particularidades e potencialidades de cada um e impulsioná-los a irem adiante.

Com o falecimento de D. Otávia, o projeto social precisou se reestruturar. Nessa época, a primeira turma de alunos já estava formada e tocando, participando de alguns eventos culturais e fazendo apresentações. Nas palavras de Márcio: “O que convidassem, eles iam”. Ao mesmo tempo, desde que o projeto começou, novas crianças foram entrando e com isso, a

¹¹⁵ Produção audiovisual da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro sobre Jonas Caldas, o luthier da Grota. O vídeo produzido em 2014, durante a gestão do governador Luiz Fernando de Souza Pezão, apresenta a história do luthier Jonas e de seus filhos, Walter e Wagner, e a relação deles com a Orquestra de Cordas da Grota. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fC5qqTb8ggg>. Acesso em: 13 dez. 2022.

¹¹⁶ Na entrevista realizada com Leandro, ele informou que o Jonas fez uma espécie de convênio com um conservatório de música. Em troca da manutenção dos instrumentos, os filhos Walter e Wagner estudavam violino.

necessidade de se criar outras turmas. De acordo com Lenora, à medida em que a Orquestra crescia, sua administração tornava-se mais complexa, aumentando suas demandas de assistência e infraestrutura. Como Márcio à época não podia se dedicar integralmente à Orquestra, após o falecimento de D. Otávia o caminho encontrado foi a entrada efetiva de Lenora no projeto e a incorporação dos próprios alunos mais experientes que passaram também a dar aulas aos que começavam. Iniciava-se assim, um rico processo de formação, não apenas de músicos, mas também de professores de música.

Nesse sentido, Lenora começou a dar aula de flauta doce para os que chegavam e organizou um curso de Teoria Musical para os alunos. De modo incipiente, começou-se a estruturar um programa aprofundado de formação de músicos em que os próprios alunos mais adiantados e experientes tivessem a base e o conhecimento necessários para serem os professores das próximas gerações. Posto que, tanto Márcio quanto Lenora só podiam se dedicar presencialmente ao projeto nos fins de semana, uma vez que durante a semana ambos tinham os respectivos trabalhos, durante a semana as aulas e os ensaios eram ministrados pelos próprios alunos – tornando-se agora capacitados como monitores e professores.

Em meio a reformulações, em 1999 o projeto social começou a se articular para se constituir como Organização Não Governamental (ONG) e com isso estar apto para captar determinados recursos. A primeira iniciativa partiu de uns amigos de Márcio e Lenora que já tinham uma ONG e que perguntaram ao casal se podiam usar o projeto de música para concorrer à capacitação de um recurso. Márcio e Lenora autorizaram e a ação teve êxito. Com o recurso ganho, o projeto investiu na compra de novos instrumentos – quinze violinos e trinta flautas doces. Conseqüentemente, mais alunos foram entrando e ficando. Um dos objetivos que o projeto estabeleceu desde o seu início era o de prover cada aluno de seu próprio instrumento para que eles pudessem também praticar e estudar em casa. Durante um primeiro momento, na falta de equipamentos suficientes para o número de alunos, era necessário que um mesmo instrumento fosse compartilhado entre dois, três ou até quatro alunos, o que limitava o tempo de estudo de cada um deles.

De acordo com Paulo Tarso, voluntário do projeto social desde 2006, foi no início dos anos 2000 que Márcio conseguiu uma audiência com a então primeira-dama Ruth Cardoso¹¹⁷,

¹¹⁷ Durante a gestão do presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), a primeira-dama Ruth Cardoso fundou o programa Comunidade Solidária com o objetivo de combater a extrema pobreza e que funcionava nos âmbitos governamentais e da sociedade civil. Dentre as diferentes frentes do programa, foi criado o Capacitação Solidária, que teve como meta a capacitação profissional de jovens e a aprovação de projetos de organizações não governamentais. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Programa_Comunidade_Solid%C3%A1ria. Acesso em: 11 dez. 2022.

que o orientou sobre como estruturar a Orquestra como uma ONG¹¹⁸. Desse modo, o casal de músicos seguiu as orientações sugeridas e criou um CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, com o intuito de concorrer a uma captação do BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. O esforço foi bem-sucedido e com o incentivo ganho foram comprados cerca de sessenta a oitenta novos instrumentos, o que possibilitou uma maior autonomia dos músicos e um crescimento do projeto como um todo. Aos poucos a Orquestra foi ganhando visibilidade, sobretudo na cidade de Niterói, mas como também para além de suas fronteiras. O trabalho realizado pelo casal Márcio e Lenora junto aos jovens da comunidade da Grota foi obtendo cada vez mais projeção dada a importância e os efeitos diretos e simbólicos produzidos nos jovens músicos.

Conforme as entrevistas sucedidas com os membros da Orquestra, tanto com os gestores quanto com os músicos, o projeto desde o início teve como propósito promover uma abertura de perspectiva e de possibilidades para as crianças e adolescentes da comunidade da Grota. O viés pela música foi devido a trajetória e os recursos de seus fundadores, Márcio e Lenora. No entanto, a finalidade fundamental era a de expandir o universo de referências dos jovens, tendo como eixo catalisador o ensino da música erudita. Através da música, diferentes gramáticas sociais, culturais e de experiências foram sendo acessadas pelos jovens da Grota.

De acordo com os relatos colhidos no campo, as perspectivas dos interlocutores eram muito estreitas com relação ao universo de possibilidades. Tanto no sentido simbólico e metafórico quanto no sentido prático e literal. Conforme exposto por Leandro e Ricardo, por exemplo, para eles, até então, o “mundo” se resumia à Grota. Icaraí, um bairro adjacente e de classe média, era um lugar “desconhecido”, intimidador e não frequentado. Muitos deles nunca haviam atravessado a Baía de Guanabara, ido para o Rio de Janeiro, antes de fazerem parte do projeto e começarem a se apresentar junto à Orquestra. Da mesma forma que teatros, salas de concerto e museus eram algo incógnito. Nesse sentido, a música alargou seus horizontes, os levou a conhecer espaços de cultura e de sociabilidade até então inimagináveis, assim como outros artistas e o próprio universo interior, que se abriu para diferentes perspectivas. Muitos dos jovens não estavam em dia com a vida escolar e não vislumbravam que poderiam ambicionar ir além do que o contexto social da Grota lhes apresentava.

Conforme Paulo Tarso, voluntário da Orquestra desde 2006 e ocupando o posto de presidente da ONG desde 2018-2019, Márcio e Lenora refletidamente acolheram todas as

¹¹⁸ As ONGs, também chamadas de organizações da sociedade civil, são entidades de interesse social que atendem problemas de fins públicos e não visam lucros. Todo o faturamento gerado deve ser revertido para a própria instituição, a fim de expandir as ações e o impacto da ONG.

crianças e jovens que se interessaram em fazer parte do projeto. De início, eles não estabeleceram nenhum tipo de condição, nem com relação à escola, para aqueles que quisessem integrar o grupo. A ideia era abarcar todas e todos e a partir do trabalho desenvolvido junto aos jovens, através da música, realizar um processo de inclusão social por meio da formação e potencialização de talentos e, mais à frente, a profissionalização e inserção no mercado de trabalho.

A escola foi justamente o viés que levou Paulo à Orquestra. À época ele era casado e tinha um enteado que estudava na Associação Educacional de Niterói (AEN)¹¹⁹, uma pequena escola de educação infantil, ensino fundamental e médio, localizada no bairro de São Francisco. Fundamentada na metodologia sociointeracionista, a AEN é uma associação de pais e mestres, sem fins lucrativos. Segundo Paulo, por essa razão, a AEN nunca tinha oferecido bolsas de estudos a alunos externos. Concomitante a esse período, Paulo, que se apresenta como um aficionado por música – relatou possuir mais de dois mil CDs de música, foi assistir com a então esposa um concerto do Conjunto de Música Antiga da UFF, do qual fazem parte Márcio e Lenora. Após o concerto, o casal foi cumprimentar Márcio e nesse encontro, se inteirou do projeto na Grotta. Conforme descrito, a conversa que estabeleceram fez parecer que ambos, Paulo e Márcio, já se conheciam de longa data. Paulo foi assistir novamente o concerto e logo, ele e Márcio já estavam “dia e noite juntos”.

Assim, dado o encontro e o entusiasmo gerado em Paulo pelo projeto de Márcio e Lenora, ele procurou a diretoria da escola AEN e propôs que a associação oferecesse algumas bolsas de estudo para os alunos da Orquestra da Grotta. Desse modo, as primeiras sete bolsas oferecidas pela AEN foram destinadas ao projeto social da Grotta, uma parceria que durou quinze anos e contemplou muitos jovens da comunidade. Segundo Paulo, isso representou um marco para muitos alunos do projeto que tiveram a oportunidade de fazer toda a formação numa escola de ensino de qualidade, diferente da escola pública, e a partir dessa base, serem os primeiros do grupo a ingressarem em universidades públicas. Um feito inédito na trajetória desses jovens e que serviu de motivação para que os demais buscassem também esse objetivo.

Fernando Brasil, nascido em 2000, foi um dos alunos contemplados. Quando criança, seu irmão mais velho já integrava o projeto e ganhou uma bolsa de estudos da AEN. Os coordenadores da parceria institucional entenderam que seria acertado oferecer também uma bolsa para o irmão mais novo, para que um não estudasse na rede pública e outro na privada. Desse modo, aos seis, sete anos de idade, Fernando entrou no projeto de música por conta da

¹¹⁹ Associação Educacional de Niterói. Disponível em: <https://www.aen.g12.br/>. Acesso em: 24 dez. 2022.

bolsa de estudos que ganhou, sendo essa a condição para que ele fizesse sua formação na AEN. Na entrevista concedida, Fernando relatou que no início não gostava muito de estudar música. Mas com o tempo e o incentivo de Márcio e Lenora para que ele experimentasse outros instrumentos, Fernando foi tomando gosto pela música e se aprimorando nos instrumentos de cordas. Conta que Ricardo “Nem”, seu professor de violino à época, foi uma pessoa muito importante nesse processo, o estimulando a se desafiar e ir além dos conceitos que já dominava.

Atualmente Fernando estuda licenciatura em música na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), é professor de música do projeto, integrante da Orquestra Jovem (OCG B) do trabalho social e na época da realização da pesquisa de campo, estava como coordenador da Orquestra A – a principal do projeto, Orquestra de Cordas da Grotta. Ainda, participa junto com Lenora de funções administrativas, o que, inclusive, revelou ser uma área de estudo e atuação de seu interesse para o futuro – gestão ou administração. Desse modo, Fernando é um dos muitos exemplos de construção de pessoas, de perspectivas que se expandiram a partir de novas experiências, de uma formação sólida, consciente e que estimula a busca por projetar o que se deseja e a realizar com base nos recursos adquiridos. O que era “inédito” no passado, atualmente é uma realidade concreta no projeto social. Muitos alunos estão cursando universidades públicas, outros já se formaram e alguns já possuem pós-graduação. Não se restringido à área da música, mas como também outras áreas do conhecimento¹²⁰.

A virada dos anos de 1990 para os anos 2000 representou um novo rumo para o projeto, tendo ele se reestruturado, crescido de tamanho e se organizado formalmente como uma ONG – o que possibilitou a captação de recursos e de atrair pessoas importantes que passaram a colaborar e a se voluntariar com o projeto.

2.4 Reciclarte: a construção do Estatuto Social para uma nova auto-organização

No final da década de 1990, o projeto social da Grotta chegou ao conhecimento do cineasta e documentarista João Moreira Salles, uma pessoa importante e influente no cenário da cultura nacional, bem como herdeiro do então grupo Unibanco¹²¹ – à época, uma das maiores instituições financeiras do país. Conforme narrado no encontro virtual ocorrido em 2021 e

¹²⁰ Matéria do site O Globo sobre o projeto social Orquestra de Cordas da Grotta e o acesso dos jovens à universidade. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/na-comunidade-da-grotta-em-niteroi-projeto-social-voltado-musica-promove-acesso-de-jovens-universidade-24995627>. Acesso em: 25 dez. 2022.

¹²¹ Em 2008 houve a fusão entre o Banco Itaú e Unibanco, formando o grupo Itaú Unibanco – o maior banco privado do Brasil e um dos vinte maiores do mundo em valor de mercado.

transmitido pelo canal do *YouTube* da “Escola de Música da Rocinha”¹²², no qual Márcio, Katunga e Luiz Justino foram os convidados da *live streaming* para conversarem sobre a história da Orquestra, foi por volta de 1998 que João Moreira Salles se aproximou do projeto de música da Grotta. O encontro virtual também contou com a presença do músico e articulador cultural Rodrigo Belchior, sendo ele o criador e responsável por diversos projetos relacionados à música. Na ocasião, Rodrigo relatou como conheceu o João Moreira Salles e, através dele, a Orquestra de Cordas da Grotta – recém batizada com esse nome.

Em 1998, João estava produzindo o documentário “Notícias de uma Guerra Particular”¹²³ no Morro Santa Marta, mesmo local onde Rodrigo desenvolvia um projeto de música junto à comunidade local, em parceria com o Museu Villa-Lobos. Numa dada situação, Rodrigo conheceu o João, mas sem saber de quem se tratava e que se apresentou a ele dizendo que estava criando um projeto de música. Na conversa que estabeleceram, João discorreu sobre o projeto de música na comunidade da Grotta, em Niterói, que havia conhecido através da pesquisa de um antropólogo com quem estava trabalhando. Rodrigo não conhecia os músicos de Niterói, mas ficou interessado em conhecer, da mesma forma que quis saber mais sobre as ideias apresentadas pelo João. O projeto em questão, que estava sendo gestado, tratava-se do Villa-Lobinhos¹²⁴, uma iniciativa do Instituto Moreira Salles, em parceria com o Museu Villa-Lobos e com a ONG Viva Rio, cujo propósito era de promover a inclusão social para jovens de baixa renda através do ensino da música e do acompanhamento escolar. O Villa-Lobinhos iniciou em 1999 e reuniu jovens de diferentes projetos sociais de música, criando uma grande rede de intercâmbio cultural entre músicos de comunidades e favelas do Rio de Janeiro, do qual a Orquestra de Cordas da Grotta fez parte.

Como mentor e mecenas do projeto Villa-Lobinhos¹²⁵, João Moreira Salles se aproximou da Orquestra da Grotta e desde 2000 apoia financeiramente o projeto, financiando algumas bolsas de estudo e ajuda de custo para os músicos. Para isso, João colocou a condição de que todos os jovens estivessem e ficassem em dia com a vida escolar. Dessa forma,

¹²² *Live streaming* – reunião virtual transmitida ao vivo – realizada em 6 de out. de 2021 pelo canal *YouTube* da “Escola de Música da Rocinha”. No que se refere ao encontro de João Moreira Salles com a Orquestra de Cordas da Grotta e o projeto Villa-Lobinhos que foi desenvolvido, observar particularmente do 22’08” a 28’06”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bu4sRhK0J24&t=1331s>. Acesso em: 29 dez. 2022.

¹²³ Lançado em 1999, o filme retrata o cotidiano dos traficantes e moradores do Morro Santa Marta para traçar um paralelo entre as falas de moradores, dos traficantes e da polícia, colocando todos no mesmo patamar de envolvimento de um problema social e de violência urbana.

¹²⁴ Matéria de 2003 do site Agência Brasil sobre o projeto Villa-Lobinhos. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2003-12-10/projeto-musical-promove-inclusao-de-criancas-e-jovens-de-baixa-renda>. Acesso em: 29 dez. 2022.

¹²⁵ Em 2008 foi lançado o documentário *Contratempo*, dirigido por Malu Mader e Mini Kerti, sobre o projeto Villa-Lobinhos.

introduzindo uma nova orientação e quesito para que os jovens avançassem para além da música. Lenora e Márcio já tinham essa disposição, mas como fundadores e relativamente orgânicos ao contexto social em que foi criada a ação social e cultural, não impunham essa exigência como um critério de permanência no projeto por entenderem que o acolhimento de todos os interessados levaria a esse processo. No entanto, a partir da nova diretriz, os que tinham abandonado a escola – ou como Márcio colocou, “que a escola tinha abandonado”, voltaram a estudar e concluíram o ensino médio através de diferentes formatos de supletivos, como foi o caso de Katunga e Leandro, por exemplo. Ambos concluíram os estudos no extinto programa “Telecurso 2000”¹²⁶, sistema educacional à distância, promovido pela Fundação Roberto Marinho e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP).

Conforme anteriormente abordado, foi no início dos anos 2000 que Márcio teve um encontro com a falecida ex-primeira-dama, Ruth Cardoso, à época à frente do programa Comunidade Solidária. Desse encontro surgiu a ideia e o objetivo de fazer do projeto social da Grota uma ONG, constituída por associados, independentemente do número de voluntários, fazendo desta nova configuração o sustentáculo para o projeto crescer através da criação de um Estatuto Social e da captação de recursos. Com o gradativo ganho de visibilidade e projeção na cena cultural, Márcio e Lenora já haviam conquistado um corpo de colaboradores e apoiadores do projeto. No entanto, consoante com as orientações sugeridas por D. Ruth Cardoso, essa rede de apoio precisava ser organizada de forma que o projeto construísse uma estrutura com a qual pudesse efetivamente se desenvolver e alçar outro patamar. Através da criação de um Estatuto Social, elemento constituinte de uma Organização Não Governamental (ONG) e no qual se estabelece os propósitos do projeto, bem como as normas que irão regê-lo, criou-se uma pessoa jurídica de direito privado, constituída sob a forma de associação civil sem fins lucrativos.

Assim, em 2002 foi criada a ONG Reciclarte¹²⁷, a entidade de interesse social que passou a representar juridicamente a Orquestra de Cordas da Grota e a orientar os objetivos da ONG. A decisão pelo nome se deu pelas ideias e perspectivas que se apresentavam à época. De acordo com Márcio, naquele momento havia a intenção de também fazer do projeto algo ligado à reciclagem, como de instrumentos, por exemplo. Portanto, juntou-se a ideia de arte e reciclagem. Contudo, o trabalho com reciclagem nunca foi adiante, se concentrando de fato na

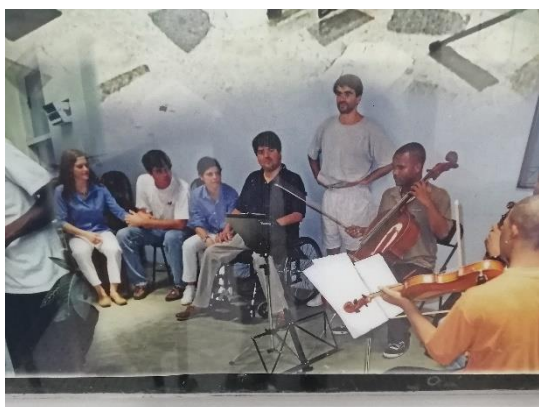
¹²⁶ O programa de ensino fundamental e médio foi transmitido pela TV Globo de janeiro de 1995 a março de 2008. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Telecurso>. Acesso em: 29 dez. 2022.

¹²⁷ Estatuto Social da Reciclarte. Disponível em: https://www.ecg.org.br/files/ugd/1489a4_28176b69edd14457ad41a6cbeb85eb71.pdf?index=true. Acesso em: 29 dez. 2022.

arte da música e no projeto de inclusão social a partir dessa vertente. De todo modo, mantém-se até hoje o nome criado em 2002.

Como as Figuras 2.1 e 2.2 expostas na sede do projeto da Grotta, o encontro entre a Orquestra e João Moreira Salles e D. Ruth Cardoso representou um marco importante na projeção e no rumo que a Orquestra de Cordas da Grotta tomou. A partir de então, novas parcerias foram firmadas e o projeto foi crescendo para além das fronteiras da Grotta.

Figuras 2.1 - Pannel de fotos disposto no Espaço Cultural da Grotta. Pedro e João Moreira na Grotta, junto aos músicos da Orquestra; 2.2 - Foto da ex-primeira-dama Ruth Cardoso, assistindo a uma apresentação da Orquestra de Cordas da Grotta



Fonte: COELHO GOMES, Beatriz F., 19 nov. 2020.

Instituído o Estatuto Social do projeto, firmou-se objetivos, quadro social e das responsabilidades dos associados, regulamentos e a criação de Conselhos Fiscal, Consultivo, Deliberativo e Diretor. Conforme escreveram Cefai, Veiga e Mota, as associações mobilizam e convergem pessoas no engajamento de propósitos, de objetivos em comum: “[...] para existir, elas devem mobilizar recursos, se ajustar ao ambiente, produzir uma divisão do trabalho e uma repartição da autoridade, se assegurar do engajamento das competências e da convergência de energias” (2011, p. 13-14). Desse modo, a Orquestra de Cordas da Grotta se consolidou como um projeto de interesse público e social e que, dessa maneira, foi capaz de se auto-organizar e atrair recursos e investimento de instituições voltadas a promover a igualdade de acesso e justiça social:

[...] as associações são exatamente os nós das redes sociais. São verdadeiras incubadoras de relações sociais, que contribuem para criar as mais variadas frentes de aliança e oposição. Tanto redesenham as tramas de relações interpessoais quanto ocupam posições relevantes nas tramas de relações interorganizacionais (Ibidem, p. 14).

Nesse sentido, as associações são meios de sociabilidade, expandindo o universo mais imediato e intervindo no meio social, o que, inevitavelmente, produz ressonâncias que nem sempre são perceptíveis num primeiro momento.

As associações são *meios de sociabilidade e de socialização*: elas oferecem um observatório ideal a uma microssociologia das interações e das conversações. [...] ora ligando pessoas, ora impondo barreiras: elas aproximam e reatam, instituindo novos polos de existência coletiva e, a um só golpe separam e muitas vezes excluem (2011, p. 13, grifo dos autores).

Em se tratando do projeto da Grota, criado em um contexto social de vulnerabilidade cuja população local é, em boa medida, preterida pelas estruturas de poder, portanto, com escassez de recursos, de oportunidades e de acesso a bens e serviços de qualidade, a associação da Orquestra cumpre a função social de incluir os jovens na sociedade como cidadãos de direito. O papel que as ONGs desempenham não está livre de discussão, sendo, por vezes, alvo de críticas na ampla sociedade. Não sem motivo, a categoria “assistencialista” surgiu na fala de alguns interlocutores, como no caso de Márcio, que logo no primeiro dia de campo, quando fizemos nossa primeira entrevista, suscitou a categoria ao se manifestar como um antigo crítico de projetos dessa natureza.

Conforme Bourdieu (1968) discorre ao longo de sua obra, o campo está sempre em disputa e por conseguinte, as categorias mobilizadas pelos atores sociais do ambiente social ao qual pertencem. Como todo e qualquer campo, ele é constituído de posições objetivas e simbólicas e os indivíduos se definem, constantemente, pela disputa dos recursos de poder que os posicionam no campo – o capital que constitui o poder simbólico. O campo em que se insere o projeto da Grota pode ser lido de forma mais restrita ou mais abrangente. A Orquestra de Cordas da Grota faz parte do campo dos projetos de inclusão social através da música e da cultura, de cunho filantrópico e voltado para suprir as demandas sociais de populações invisibilizadas e não assistidas pelo poder público. Nesse sentido, numa perspectiva mais abrangente, os projetos sociais se inserem no campo das políticas públicas, do papel do Estado e, conseqüentemente, torna-se assunto de interesse público, da sociedade ampla e que pode ser manifestado de diferentes maneiras. Seja pela posição de desinteresse sobre os problemas sociais, seja pela falta de conhecimento sobre como a sociedade se estrutura, pela descrença de que os problemas dessa ordem podem ser resolvidos, ou pela tomada de posição de ser contra ou a favor de trabalhos dessa natureza.

Não há dúvidas de que os problemas sociais se referem a uma discussão ampla e profunda, uma vez que são muitos os aspectos a serem analisados. Contudo, no que se refere à discussão aqui suscitada sobre os usos da categoria “assistencialista” apresentados no campo

de pesquisa, ora em defesa, ora de modo acusatório, é relevante identificar os argumentos mobilizados pelos interlocutores tendo em vista que eles estão diretamente implicados no campo em questão. Desse modo, conforme as interações e os dados colhidos ao longo da pesquisa, o argumento dos que definem os projetos sociais pela categoria “assistencialista” de maneira acusatória, colocam, em linhas gerais, que as ações ocorrem de modo pontual e que não há efetivas mudanças, transformação. Ou seja, “de que não vai dar em nada”. Nessa perspectiva, acredita-se que as pessoas assistidas pelos projetos não criarão ferramentas próprias e uma autonomia com relação ao projeto social em que estão inseridas, atribuindo a elas uma condição de suposta “zona de conforto” – mesmo sem terem o conhecimento do que seria essa “zona de conforto” dentro de suas realidades.

Na outra posição do campo, têm os que defendem o papel desempenhado pelas ONGs e trabalhos sociais de maneira geral. Nesse ângulo, há o argumento de que os que criticam nunca passaram por necessidades sérias, da ordem de sobrevivência. Certa ocasião, ao dar carona ao Katunga após uma apresentação da Orquestra, conversamos um pouco sobre essa questão. Dentre outros assuntos, perguntei sobre o que ele pensava a respeito de projetos e trabalhos sociais e, particularmente, sobre o viés acusatório por vezes empregado na categoria “assistencialista”. Foi quando me respondeu de pronto: “As pessoas ficam discutindo se é ou não é assistencialismo, se deve ou não, enquanto comem numa churrascaria”. Emendou esse comentário dizendo que trabalhou durante a pandemia entregando cestas básicas às populações vulneráveis, uma iniciativa da empresa CLIN¹²⁸. Como fez questão de frisar, as pessoas que receberam os donativos não eram simplesmente pobres ou humildes, elas literalmente aparentavam não ter o que comer, uma condição de extrema vulnerabilidade. Com essa fala, Katunga sugeriu que enquanto alguns discutem teoricamente sobre dar assistência ou não às populações em situação de vulnerabilidade e qual a melhor forma de fazer, outros simplesmente fazem, dentro de suas possibilidades de atuação.

Um tempo depois, ao realizar uma entrevista com Katunga e Raquel, o assunto foi retomado e mais bem aprofundado. Katunga ressaltou que a crítica feita a projetos sociais não são justas uma vez que não há políticas públicas que efetivamente enfrentem os problemas sociais, de forma continuada e que visem mexer nas estruturas políticas e sociais. Conforme relatou: “Ninguém quer, gosta de viver à base de caridade, de ser dependente. E as pessoas que acabam por se contentar com um prato de comida é porque existe uma brutal falta de perspectiva”. Portanto, para ele “[...] é necessário que se tenha planos de fazer com que a pessoa

¹²⁸ Companhia Municipal de Limpeza urbana de Niterói

possa ir além de um prato de comida”. Raquel complementou a fala de Katunga ao falar que “É muito fácil criticar quando não se precisa”. Para amparar o seu argumento, Raquel citou o Bolsa Família, tão criticado por uma parcela da população que atribui aos beneficiários uma suposta estagnação em uma imaginada “zona de conforto”. À época de nossa entrevista, realizada em abril de 2021, o Bolsa Família destinava R\$80,00 à família, por cada criança na escola. Raquel então coloca: “Quem vive com R\$80,00?”. Isto é, em resposta às acusações de que famílias teriam mais filhos pelo objetivo de receberem mais benefício do governo, a pergunta que fica é: que família realmente se beneficia, tem qualquer tipo de “lucro” por receber um auxílio de R\$80,00 por mês por cada filho na escola?

Através das interlocuções realizadas no campo de pesquisa, a falta de políticas públicas que supram as necessidades das populações vulneráveis foi um tema recorrente. Conforme abordado, é pela ausência de perspectiva e condições concretas que muitos jovens abandonam a escola para trabalhar e ajudar a sustentar a casa. E, dentro do quadro social em que estão inseridos e dos poucos recursos adquiridos, as possibilidades de atuação profissional se tornam muito estreitas. Desse modo, em conformidade com Cefai, Veiga e Mota:

As associações participam como peças-chave das formas de ‘governança’ em matéria de urbanismo, de segurança, saúde, educação e lazer. Têm também outras virtudes: restitui o tecido social e ressocializa os indivíduos ‘desfilados’, e engendra um grosso volume de empregos em situações de desemprego generalizado, devolve aos consumidores uma perspectiva sobre o mundo da vida cotidiana – e, finalmente, promove uma autonomia individual e coletiva (CEFAI; VEIGA, MOTA, 2011, p. 19, grifo dos autores).

2.5 Espaço Cultural da Grota: a expansão do projeto e seu reconhecimento social

A partir da criação da ONG Reciclarte, novas frentes foram abertas para o projeto da Grota. De acordo com Paulo Tarso, presidente da ONG desde 2018-2019 e que trabalha há muitos anos no banco Santander, foi logo após a institucionalização do projeto que a Orquestra obteve o seu primeiro patrocinador – o Instituto COOPERFORTE¹²⁹. O patrocínio foi conquistado por intermédio do Sérgio, que entrou como voluntário da Orquestra em 2000. À época, Sérgio era economista do Banco do Brasil e tinha uma boa relação com pessoas da COOPERFORTE. Logo que entrou, começou a colaborar com a organização financeira e

¹²⁹ A COOPERFORTE é a Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo de Funcionários de Instituições Financeiras Públicas Federais, criada em 1984. Em 2003 foi criado o Instituto COOPERFORTE, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP, que tem como propósito transformar realidades socioeconômicas de pessoas e organizações sociais, em sintonia com a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas, através de práticas de responsabilidade social. Disponível em: <https://www.institutocooperforte.org.br/o-instituto/historia-e-ideologia>. Acesso em: 31 dez. 2022.

administrativa da Orquestra e a escrever projetos para concorrer a editais. Sérgio fez parte do grupo de pessoas responsável pela construção da ONG Reciclarte e integrou a Diretoria e posteriormente o Conselho Fiscal.

Em 2003, com a criação do Instituto COOPERFORTE e com a Orquestra já consolidada como uma ONG, Sérgio conseguiu fechar um patrocínio com a cooperativa – o primeiro da Reciclarte e que representou um ganho de estabilidade para os músicos do projeto. Através desta parceria, pela primeira vez os alunos ganharam uma bolsa de estudos – R\$80,00 por mês para cada aluno. Em 2020 Sérgio faleceu em decorrência da Covid-19, sendo uma das centenas de milhares de pessoas acometidas pela pandemia. Tido por todos como uma figura fundamental no processo de construção da ONG e no desenvolvimento da Orquestra, sua morte foi muito sentida e lembrada em diferentes interações com os interlocutores do campo.

Segundo Paulo, outros projetos, incentivos e patrocínios vieram depois. De todo modo, este primeiro significou uma mudança de perspectiva e de estabilidade para a Orquestra. Antes do projeto se organizar e se estruturar como uma ONG, a realidade financeira era muito limitada. Márcio e Lenora bancavam, em boa medida, a estrutura do projeto, se dedicando às aulas de música, fornecendo e captando recursos para prover os instrumentos e oferecendo os lanches diários aos alunos – um elemento central para a manutenção dos alunos no projeto e citado por absolutamente todos os músicos nas entrevistas realizadas.

Nesse sentido, os primeiros anos dos anos 2000 representaram sensíveis mudanças na estrutura organizacional da Orquestra, assim como na vida dos próprios alunos. Muitos deles já haviam concluído sua formação dentro do projeto, se tornando aptos a serem professores e instrutores de música. Por sua vez, a Orquestra de Cordas da Grota cada vez mais se apresentava, realizava concertos e ia angariando reconhecimento do público e da cena cultural pelo talento dos músicos e pela história do projeto. Contudo, ainda havia muitos avanços a serem percorridos, tanto no que se referia a sua estrutura, como a organização interna, administrativa e o espaço físico do projeto, como, principalmente, a formação e o desenvolvimento dos jovens para além da própria Orquestra. Desde o início, foi traçado como objetivo do trabalho desenvolvido junto aos jovens que eles conseguissem ingressar na faculdade, seja de música ou de outra área do conhecimento. A proposta ensejada por Márcio e Lenora sempre foi a de promover a inclusão social através da música, da cultura e provê-los de instrumentos que os encaminhassem na vida por meio da abertura de novas possibilidades.

Desse modo, observou-se que os jovens enfrentavam dificuldades na hora de passarem no exame do ENEM¹³⁰, a prova de admissão à educação superior, em decorrência da falta de uma boa base escolar. Mesmo os que optaram por ingressar na faculdade de música e passaram no exame de Teste de Habilidade Específica (THE), quesito obrigatório da disciplina, não conseguiam ser aprovados porque não passavam nas demais disciplinas obrigatórias para ingressar no ensino superior, como matemática, química, física, por exemplo.

Nesse contexto, em 2005 a Orquestra se mobilizou e conseguiu mais um importante patrocinador para o projeto, a financiadora BrazilFoundation¹³¹. Com o intuito de financiar projetos de instituições e organizações sociais que tenham propostas de promover a inclusão social e transformar o Brasil, a BrazilFoundation decidiu contribuir com a Orquestra da Grotta. Através da parceria, foi criado um curso de pré-vestibular para os jovens do projeto e destinado recursos para a reforma do espaço físico onde acontecia o trabalho social da Grotta. A antiga “meia-água”, fundada por D. Otávia, há muito não atendia mais às necessidades do projeto que já havia crescido consideravelmente. Desse modo, uma edificação de dois andares foi construída, com sala de aula, um pequeno estúdio, uma mini copa, uma sala para servir de secretaria e um pátio com uma pequena arquibancada em formato de anfiteatro.

Conforme as figuras abaixo demonstram, a antiga “meia-água” ganhou uma nova configuração, passando a se tornar a sede do projeto que estava em franca expansão. Assim nasce o Espaço Cultural da Grotta.

¹³⁰ Exame Nacional do Ensino Médio tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. O ENEM é utilizado como critério de seleção para os estudantes que pretendem concorrer a uma bolsa no Programa Universidade para Todos (ProUni). Atualmente, cerca de 500 universidades utilizam o resultado do exame como critério de seleção para o ingresso no ensino superior. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/enem-sp-2094708791>. Acesso em: 31 dez. 2022.

¹³¹ Fundada em 2002 nos Estados Unidos da América, por Leona Forman, a BrazilFoundation tem como objetivo captar recursos de brasileiros que moram no exterior e de empresas estrangeiras interessadas em financiar projetos de instituições e organizações sociais que tenham propostas para transformar o Brasil. Disponível em: <https://www.brazilfoundation.org/who-we-are/#menu-our-community>. Acesso em: 31 dez. 2022.

Figura 2.3 - O anfiteatro do Espaço Cultural da Grotta, onde os músicos ensaiam; Figura 2.4 - Os músicos em um dia de ensaio; Figura 2.5 - A perspectiva da entrada do espaço; Figura 2.6 - Crianças da Unidade de Educação Infantil Margareth Flores, vizinha do Espaço Cultural da Grotta, assistindo a um ensaio dos músicos; Figura 2.7 - Márcio me apresentando o pequeno estúdio do projeto; Figura 2.8 - Sala de aula.



Fonte: COELHO GOMES, Beatriz F., 19 nov. 2020; 28 out. 2021.

As iniciativas trouxeram resultados palpáveis para a Orquestra. Não tardou para que os alunos começassem a ingressar nas universidades, principalmente na faculdade de música, mas como também em outras áreas do conhecimento. Da mesma forma, o novo espaço permitiu que diferentes atividades acontecessem simultaneamente, uma vez que houve a criação de novos ambientes e assim, uma reorganização do espaço como um todo. O pequeno anfiteatro foi

instituído como local dos ensaios da Orquestra, permitindo ainda que um pequeno público pudesse apreciar e assistir os músicos tocando.

Na arquibancada do anfiteatro, como pode ser observado nas figuras 2.9 e 2.10, foi colocado um monumento em homenagem a D. Otávia, representando a “pedra fundamental” de toda a concepção da Orquestra de Corda da Grotá.

Figura 2.9 - A “pedra fundamental”, representada pelo marco colocado em homenagem a D. Otávia, no anfiteatro onde a Orquestra de Cordas da Grotá ensaia; Figura 2.10 - A placa com a mensagem homenageando D. Otávia.



Fonte: COELHO GOMES, Beatriz F., 19 nov. 2020.

Como desdobramento dessas ações, em 2006 a Orquestra foi convidada a tocar em Nova Iorque, numa instituição que apoia a BrazilFoundation. O evento ocorreria em setembro daquele ano. Antes disso, numa providencial coincidência, uma repórter da rádio pública estadunidense Network Public Radio – NPR, estava no Brasil fazendo uma matéria sobre um evento e tomou conhecimento da história do luthier Jonas Caldas e dos seus filhos, Walter e Wagner.

Interessada na história, procurou o projeto da Grota para fazer uma matéria com os irmãos e o pai, luthier da Orquestra. A matéria realizada em julho contemplou o projeto da Orquestra e especialmente os dois jovens. Sabendo da cerimônia em Nova Iorque, a jornalista guardou a matéria e somente a divulgou no dia em que os músicos chegaram nos EUA. Com isso, a jornalista conseguiu uma boa repercussão em torno da apresentação da Orquestra na cidade e, especificamente, em torno dos irmãos gêmeos Walter e Wagner.

Em mais uma providencial coincidência, nesse mesmo ano, 2006, havia dois brasileiros indicados para o Prêmio Mundial de Alimentação – World Food Prize¹³², que acontece anualmente em Des Moines, capital do estado norte-americano de Iowa. Alguém escutou a entrevista dos rapazes na NPR e resolveu convidá-los para se apresentarem no evento da premiação. O presidente da University of Northern Iowa¹³³ assistiu à apresentação dos irmãos e, encantado com suas histórias, os convidou para estudarem na universidade, lhes oferecendo uma bolsa integral de estudos. Nas palavras de Márcio: “Foram e nunca mais voltaram”. Desde então, os irmãos moram nos Estados Unidos, construíram família e uma carreira de sucesso excursionando pelo país com a banda que criaram, a “B2wins”¹³⁴, os “brazilian twin brothers”, como costumam ser chamados e cujo slogan é: Beyond Music – “Além da música”.

Márcio relatou que os irmãos acabaram não concluindo os estudos na universidade, o que, segundo ele, é algo recorrente em muitas dessas trajetórias. Com tudo isso, ficaram nos Estados Unidos e reconstruíram suas vidas de forma muito interessante. Walter e Wagner são orgulhosos do projeto, sempre citados pelos músicos como dois exemplos de que através de uma formação, do compartilhamento de conhecimentos e da geração de oportunidades, é possível transformar vidas.

Outra referência da Orquestra é Tiago Cosmo. Também pertencente à primeira turma do projeto, Tiago teve sua vida inteiramente modificada por conta de oportunidades e circunstâncias da vida – proveniente da abertura de horizontes. Em uma circunstância, Tiago conheceu uma musicista da Noruega, que integrava a Orquestra de Oslo. Ela veio ao Brasil durante um período para participar de apresentações, dar aulas e acabou por conhecer a Orquestra da Grota. Tiago e ela se casaram e foram morar na Noruega. Depois de um tempo, vieram morar no Brasil, mas retornaram. Atualmente moram em Lübeck, na Alemanha. Pelos

¹³² O Prêmio Mundial de Alimentação é um prêmio internacional que reconhece as conquistas de indivíduos que contribuíram para o avanço do desenvolvimento humano em aprimorar a qualidade, quantidade e disponibilidade de alimentos no mundo. Disponível em: <https://www.worldfoodprize.org/>. Acesso em: 31 dez. 2022.

¹³³ University of Northern Iowa. Disponível em: <https://uni.edu/>. Acesso em: 31 dez. 2022.

¹³⁴ Vídeo do canal de YouTube sobre a história dos irmãos Walter e Wagner e a carreira de sucesso que construíram nos Estados Unidos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3TT5Uq6lisQ>. Acesso em: 31 dez. 2022.

relatos colhidos no campo, Tiago vive da música, se apresentando com o seu instrumento, o violino, e propondo uma arte que mistura música clássica com música brasileira¹³⁵. Tamanho volume de trabalho e de reconhecimento acerca do projeto social desenvolvido na Grota chamou a atenção de uma TV francesa, que produziu um documentário sobre a Orquestra de Cordas da Grota e que teve como personagem central o violinista Tiago Cosmo¹³⁶.

Muitos anos depois, pertencente a outra geração, Kely Pinheiro, nascida em 1998 e tendo começado no projeto da Grota aos cinco anos de idade, despontou como um enorme talento. Aos doze anos começou a tocar violoncelo e pouco tempo depois já estudava e tocava com os alunos mais avançados. Em 2018 Kely teve a oportunidade de fazer uma audição para a Berklee College of Music, uma das mais renomadas escolas de música do mundo, situada em Boston, EUA. Kely não só foi aceita, mas como também recebeu uma bolsa integral de estudos. Um feito fantástico para qualquer estudante de música que almeja ter a melhor formação para se tornar um exímio profissional. Na época, a Orquestra se mobilizou para arrecadar recursos para que a jovem pudesse se manter na cidade de Boston, uma vez que a bolsa de estudos se limitava aos custos da escola de música¹³⁷. Os recursos foram conseguidos e Kely pode ir estudar numa das mais respeitadas escolas de música do mundo. Em 2021, novamente a Orquestra teve de se mobilizar para que Kely conseguisse concluir o seu último ano de estudos¹³⁸.

Toda a mobilização e investimento resultaram na formação de Kely Pinheiro em Performance (Cello) e Contemporary Writing and Production na Berklee College of Music, em setembro de 2022¹³⁹. Nascida e criada na Grota do Surucucu, Kely já planejou fazer sua carreira em Nova Iorque, é tema de um documentário que está em fase de produção e, em 2023, lançará o seu primeiro trabalho com músicas autorais.

¹³⁵ Vídeo postado na plataforma Facebook sobre o trabalho desenvolvido por Tiago na Alemanha. Disponível em: <https://www.facebook.com/forroluebeck/videos/832587230553046/>. Acesso em: 31 dez. 2022.

¹³⁶ Documentários francês sobre a Orquestra de Cordas da Grota, realizado em torno de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gM0ALRBI8As&t=192s>. Acesso em: 31 dez. 2022.

¹³⁷ Em 2018 a Orquestra de Cordas da Grota se mobilizou para arrecadar fundos para a violoncelista Kelly Pinheiro poder estudar na Berklee College of Music. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4mfgQZrEIFY>. Acesso em: 01 jan. 2023.

¹³⁸ Matéria divulgada na coluna do Ancelmo Gois, do O Globo, para arrecadar fundos para o último ano de estudos da violoncelista da Grota. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/violoncelista-da-grota-do-surucucu-ganha-bolsa-integral-para-berklee-mas-precisa-de-dinheiro-para-alimentacao-e-moradia.html>. Acesso em: 01 jan. 2023.

¹³⁹ Matéria da coluna da Ana Cláudia Guimarães, do O Globo, sobre a formação de Kelly Pinheiro na Berklee College of Music. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/ana-claudia-guimaraes/post/2022/09/kely-pinheiro-da-orquestra-da-grota-para-nova-york.ghtml>. Acesso em: 01 jan. 2023

2.6 *Mundos da arte*: a cadeia de trabalho e relações da *obra de arte* da Orquestra de Cordas da Grotta

A história do projeto é vasta e repleta de eventos e feitos extraordinários. Tantos, que dificilmente um trabalho de dissertação seria capaz de dar conta. Portanto, não sendo este o propósito deste trabalho. O intuito das análises propostas é de examinar a importância e os efeitos simbólicos e concretos que o projeto da Orquestra de Cordas da Grotta produzem de forma direta em centenas de jovens e, indiretamente, num contingente ainda maior de pessoas, tendo em vista que uma vida transformada, estimula e modifica também o seu entorno.

Os exemplos dos alunos do projeto que foram estudar fora do país e/ou tiveram a oportunidade de reconstruir suas vidas no exterior, servem como ilustração das múltiplas possibilidades que se apresentam a partir de uma formação, do acesso à arte, à cultura, do investimento feito com crianças e jovens que, à princípio, não teriam essa abertura. Principalmente e a começar, pela falta de escolaridade a que essas trajetórias estavam, de certa forma, destinadas. Uma vez que as condições e os acessos são assegurados, mantidos e permanentemente incentivados e acompanhados, percebe-se a cadeia de desdobramentos e transformações acontecendo em modo virtuoso.

As trajetórias citadas dos irmãos Walter e Wagner, Tiago e Kely inspiram as centenas de jovens que atualmente compõem o projeto cultural da Grotta. No entanto, é importante ressaltar que tão admiráveis quanto essas histórias, são todas as outras de jovens provenientes de situações tão adversas e que tiveram seus horizontes expandidos sob muitos aspectos – formação educacional mais ampla, principalmente na formação musical e, a partir daí, uma ampliação das possibilidades de trabalho, sob novas condições, especialmente no contexto profissional da música.

Após a criação da ONG Reciclarte e da reconstrução do projeto como Espaço Cultural da Grotta, mantendo a Orquestra de Cordas da Grotta como o ponto de convergência e elemento propulsor de todo um complexo de atividades, o projeto se difundiu e concebeu “núcleos de multiplicação” para além de seu território de origem. Com o objetivo de multiplicar a experiência da Orquestra de Cordas da Grotta em outras comunidades de Niterói e municípios vizinhos¹⁴⁰, a iniciativa visou multiplicar talentos, na expressão de seus próprios integrantes, através de parcerias empreendidas com Escolas Municipais e Colégios Estaduais, Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), assim como alguns centros religiosos, como Casas

¹⁴⁰ Página oficial do Espaço Cultural da Grotta sobre os diferentes projetos em atividade. Disponível em: <https://www.ecg.org.br/projetos>. Acesso em: 02 jan. 2023.

Espíritas e Igrejas Católicas¹⁴¹. Nessa expansão, outros processos se desenvolviam concomitantemente.

Com a ampliação do projeto, criou-se um espaço de atuação profissional para os músicos formados e integrantes da Orquestra. Entendendo que cada núcleo tem diferentes turmas, de diferentes instrumentos e em diferentes níveis, inevitavelmente houve a necessidade de suprir cada turma, cada atividade, com um professor. Desse modo, forjou-se uma estrutura organizacional onde os próprios integrantes criavam espaços de aprendizagem e ensino, aperfeiçoamento do ofício, bem como condições de trabalho para se manterem profissionalmente na área. Muitos, a partir de suas formações e capacidades adquiridas, exercem outras atividades para além da Orquestra, dando aulas em colégios, aulas particulares, dentre outras.

É interessante ressaltar que a fórmula encontrada para expandir a rede de ensino da Orquestra simultaneamente ao campo de atuação profissional de seus integrantes, foi algo muito importante para alavancar o encaminhamento dos jovens músicos. Eles recebem pelas aulas ministradas, pelos ensaios das orquestras e pelas apresentações. A importância disso vai além do valor recebido, extremamente necessário para esses jovens, representando uma preparação para uma inserção no mercado de trabalho de música.

Também como parte da reestruturação do projeto, tendo ele que abarcar um contingente cada vez maior de alunos, teve-se a ideia de criar outras orquestras dentro do projeto para que fosse oferecida a oportunidade de uma inclusão mais ampla. Foram então criados novos grupos – a Orquestra Iniciante (OCG D), a Orquestra Experimental da Grota (OCG C), a Orquestra Jovem da Grota (OCG B), todos em atuação concomitante com a Orquestra de Cordas da Grota (OCG A). Esta é uma classificação interna do projeto que ajuda a manter com clareza os diferentes focos. A Orquestra A, a principal, reúne os músicos com nível superior de excelência, funcionando como uma inspiração para os demais grupos. Ela se constitui também como o principal cartão de visita de todo o projeto, o grande catalisador das atenções externas, gerando oportunidades como convites e patrocínios.

Em “Mundos da Arte”, o sociólogo Howard Becker (2010) analisa a cadeia de cooperação que faz com que a *obra de arte* seja concebida. A ideia central de Becker é que cada

¹⁴¹ Um dado interessante a ser observado e que pode ser conferido na página oficial do Espaço Cultural da Grota, na seção onde são identificados os diferentes núcleos multiplicadores, é que não há nenhuma parceria estabelecida com Igrejas Evangélicas. Os centros religiosos com os quais a Orquestra desenvolve um trabalho de parceria se referem a Casas Espíritas e Igrejas Católicas. Atualmente, o projeto da Orquestra de Cordas da Grota é constituído por sua sede na Grota – oficialmente o Espaço Cultural da Grota – mais oito núcleos multiplicadores localizados em Niterói, um no município de São Gonçalo e um em Itaboraí e mais dois núcleos em Nova Friburgo. Ao todo, contando com a sede, são treze núcleos de ensino de música em atividade.

obra de arte está inserida em um *mundo da arte* específico e que só é possível de ser realizada por conta de relações conjugadas, formando cadeias de cooperação. Cada *mundo da arte* tem a sua própria configuração e opera através da divisão do trabalho e das convenções que o regem. Substancialmente, as atividades são divididas entre atividade nuclear/central – atividade artística - e atividade de apoio, todas as outras atividades indispensáveis à consumação da obra. Segundo Becker: “Os mundos das artes são constituídos por todas as pessoas cujas atividades são necessárias à produção das obras que esse mundo, bem como outros, define como arte” (BECKER, 2010, p. 54). Ainda, o autor salienta que a cadeia de cooperação de um *mundo da arte* deve ser compreendida desde a mais simples e residual atividade de apoio, como “varrer o palco”, até o público final consumidor da obra, munido dos instrumentos necessários para apreciar a *obra de arte*.

Por exemplo, para que uma orquestra sinfônica possa dar um concerto, foi necessário inventar instrumentos, construí-los e conservá-los em bom estado. Foi necessário conceber uma notação e compor música utilizando essa notação. Os músicos tiveram de aprender a tocar nos seus instrumentos e partituras resultantes, foi necessário dispor de um tempo e de um local conveniente para ensaios, anunciar o programa do concerto, organizar a publicidade, vender bilhetes e atrair um público capaz de escutar e de alguma forma compreender e apreciar o concerto (Ibidem, p. 28).

Desse modo, a *obra de arte* concebida pela Orquestra de Cordas da Grota é resultado da sua cadeia de trabalho, de sua rede particular de relações e que, por sua vez, se relaciona com o *mundo* da música e, especialmente, o *mundo* da música erudita e de Orquestra. Isto é, um universo que vai do micro ao mais abrangente, culminando no universo da arte e da cultura. A atividade central da Orquestra da Orquestra de Cordas da Grota é a concepção da música erudita. Todavia, ela só é possível se pensada dentro da cadeia de trabalho que a sustenta e a faz acontecer. Portanto, é dentro do complexo de atividades, funções e atribuições que cada um dos integrantes do projeto têm e exercem que a *obra de arte* da Orquestra se realiza e é passível de ser compreendida e apreciada pelo público. A cadeia de trabalho, conforme escreveu Becker, deve ser compreendida em toda a sua magnitude.

Em se tratando da Orquestra, deve-se pensar o seu corpo diretor, administrativo e os conselhos que definem as diretrizes do projeto social; substancialmente os alunos e músicos que são o “núcleo duro” da Orquestra e o motivo pelo qual o projeto existe; a gama de voluntários, colaboradores, associados e patrocinadores que viabilizam as condições para que a *obra* seja expressa; as diversas atividades que estruturam o *mundo* da Orquestra, como o fabrico e manutenção dos instrumentos; o acesso, à aprendizagem e a execução de partituras; a infraestrutura de ensaios e de apresentações; os coordenadores e as equipes de produção envolvidas em todas essas atividades e que são responsáveis para que as diferentes funções

convirjam num mesmo propósito e assim realizem um trabalho em uníssono. A cadeia de cooperação em que está inserida a Orquestra de Cordas da Grotta é extensa e tangencia tanto o *mundo* da música, da cultura, quanto o de projetos sociais dessa natureza. Por se tratar de um projeto social de música erudita, a Orquestra não está restrita a somente um universo, ela perpassa muitos outros e que sem eles, não seria a *obra de arte* do *mundo* da Orquestra.

Um dos conceitos-chave trabalhados por Becker para analisar os diferentes *mundo da arte* é o de “convenção”. Através das convenções que há a comunicação, o entendimento, a concepção das diferentes atividades e que, por fim, realiza-se na expressão da arte através da sua apreciação pelo público. Sem as convenções, nada disso se materializa. É preciso que haja uma convenção sobre os instrumentos fabricados, sobre a sonoridade e a música que será tocada, sobre o espaço físico e de tempo em que a *obra* será executada, sobre o repertório de referências compartilhado entre artista e público para que haja a apreciação da arte, dentre muitas outras convenções que constituem um *mundo da arte*. As convenções são os meios pelos quais a *obra de arte* é concebida, apreciada em seu significado e, portanto, aceita pelo público.

Entretanto, conforme escreveu Becker, as convenções podem e devem, sobretudo na arte – um campo consagrado de experimentações, ser subvertidas. Isto é, não só transgredidas como subvertidas num sentido propositivo de novas ideias e concepções acerca da arte e do que é arte. Contudo, a *obra* não será a mesma e tão pouco a sua recepção. A subversão irá afetar toda a cadeia de cooperação, direta e indireta, em que a *obra de arte* está inserida. Como um modelo hipotético e ilustrativo para nos fazer pensar, se um determinado instrumento é concebido fora das convenções, emitindo um som e executando uma música não convencionais e se a *obra* apresentada pelo artista tiver duração de dez horas ou, no extremo oposto, dez minutos, a *obra de arte* não deixará de ser concebida. Todavia, não será a mesma obra para toda uma cadeia de cooperação, o que, inevitavelmente, influenciará na recepção do público apreciador, na consagração da *obra* e, conseqüentemente, na reputação do artista. Podendo tanto ser muito bem recebida, de forma “inovadora” e “genial”, quanto ser absolutamente execrada e rechaçada por toda a cadeia de cooperação.

Utilizando os conceitos e análises desenvolvidas por Becker, a Orquestra de Cordas da Grotta encontrou um meio termo, em alguns aspectos, entre as convenções e as inovações, principalmente no que se refere ao repertório das músicas e na forma de se apresentar para o público. Oriunda da comunidade da Grotta e concebida a partir de um projeto social anterior ao ensino da música, a Orquestra mescla um repertório de música erudita e música popular brasileira, enaltecendo a mistura cultural tão característica do Brasil. Os preceitos da música erudita, fundamentada na cultura ocidental europeia, são entremeados pela cultura popular

brasileira, contemplando desde Villa-Lobos, passando por Angelino Oliveira com “Tristeza do Jeca”, Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira com “Asa Branca”, até compositores mais atuais como Alceu Valença. Em um mesmo concerto, todas essas sonoridades se misturam e por vezes se atravessam, rompendo com as barreiras tradicionais do que seria a música erudita e a música popular.

Na forma de se apresentar, fazendo jus à mistura de referências, repertório e culturas, a Orquestra se apresenta de forma menos formal do que se esperaria de uma tradicional orquestra de música erudita. Não ignorando os protocolos, a *etiqueta* e a postura adequada para empunhar o seu instrumento, uma vez que esses elementos têm relação direta com o desempenho do artista – de certa forma, em todas as expressões da música, os músicos da Orquestra se apresentam com vestimentas menos sóbrias e mais despojadas, por vezes fazem alguma manifestação corporal mais espontânea, podem eventualmente dançar – a depender da música e da circunstância, dentre outras possibilidades.

De certo, o que é observado é que há um respeito e até mesmo um enaltecimento das particularidades que constituem a Orquestra e que a tornam singular em seu *mundo da arte*. Conquanto se observe um enorme rigor com relação à qualidade da produção musical da Orquestra, isso não se estende à sua forma de se apresentar. Isto é, deliberadamente não há a intenção de mimetizar o que se esperaria de uma orquestra tradicional uma vez que sua história, sua trajetória e seus integrantes têm suas especificidades e das quais se orgulham.

Todavia e conforme indicado, isto não quer dizer que aspectos importantes de socialização com o meio em que estão inseridos, incluindo a apresentação de si, da apresentação do grupo enquanto orquestra, de empunhar corretamente o instrumento para que dessa forma se tenha um melhor desempenho, ter conhecimento da obra que está sendo apresentada, dentro outros, sejam negligenciados. Não é disso que se trata. Conforme o antropólogo Felipe Berocan Veiga (2021), autor do livro “Baile de Gafieira”, os papéis desempenhados pelos atores sociais, as diversas categorias de trabalhos existentes em um *mundo da arte* e o feixe de tarefas que cada trabalhador desempenha, impõem atribuições e expectativas que fazem parte da cadeia de cooperação de cada *mundo*.

No caso de Veiga, o autor discutiu como o mundo da dança de salão se organiza como muitos *mundos da arte*, com suas convenções e ambientes. A dança, assim como a música e o teatro, é a arte se fazendo, é arte em processo, performativa e não materializada em um objeto como “obra de arte” – como ocorre nos casos da pintura, da escultura ou da arquitetura. No mundo da dança de salão, conforme analisou Veiga, há uma série de especificidades constituintes desse *mundo*, como a vestimenta *elegante* de cavalheiros e damas ao frequentarem

o ambiente da dança de salão, o controle do corpo na dança a dois e cabendo a cada qual do casal o seu papel na condução da dança, dentre muitas outras especificidades. Com a Orquestra não é diferente. Há uma preocupação com que os alunos e futuros músicos sejam socializados no meio da música em que a Orquestra está inserida. Isso, inclusive, faz parte da formação específica e ampla a que o projeto se propõe, que é de alargar as fronteiras e os horizontes dos jovens que nunca se imaginaram fora do contexto em que nasceram. Entretanto, há, concomitantemente, o interesse, a preocupação e a vontade por parte dos gestores e dos integrantes do projeto de que esses dois universos – o da Grotta e o da música erudita – possam dialogar e se alimentar de forma profícua, produzindo como resultado algo muito particular e de boa qualidade.

Parafrazeando o pensamento da Dra. Nise da Silveira sobre as infinitas possibilidades de ser, concebido em outro contexto, mas que cabe em diferentes âmbitos e momentos da vida: “Há dez mil modos de ocupar-se da vida e de pertencer a sua época...Há dez mil modos de pertencer à vida e de lutar por ela”¹⁴².

A iniciativa criada por D. Otávia na década de 1980 e que teve como intenção inaugural desenvolver um trabalho junto às crianças da Grotta ao perceber que muitas não estavam na escola e que tinham poucas oportunidades concretas para reverter esse quadro, foi o embrião de todo um movimento que foi se construindo no próprio fazer. O trabalho voluntário desempenhado por D. Otávia e que foi continuado por seu filho Márcio e sua nora Lenora, não foi idealizado no conceito de caridade, no sentido cristão do termo. Havia, desde o seu início, a ideia e a força motriz de que através de um trabalho consistente, continuado e calcado no empenho de promover condições para a formação escolar de crianças e jovens, assim como o acesso a novas oportunidades e experiências, um processo de uma formação ampla e de abertura de horizontes se processaria junto a esses jovens. A ideia de construção de recursos, de ferramentas e instrumentos que possibilitem a autonomia dos indivíduos para que possam escolher o que querem ser e terem a capacidade de avançar nessas escolhas, nos seus propósitos, é algo muito característico do projeto da Grotta.

A música, introduzida por Márcio e Lenora, mas que teve como influência a forte intuição de D. Otávia sobre o seu valor e poder catalisador no processo de formar e impulsionar os jovens, foi o elemento chave para a construção do que viria a se tornar um dos projetos sociais e de excelência musical mais respeitados do país. Não sem motivo, são verdadeiramente incontáveis a quantidade de matérias, programas de TV, documentários e convites para se

¹⁴² Nise da Silveira – Posfácio: Imagens do Inconsciente (1986-2014). Documentário de Leon Hirszman. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EDg0zjMe4nA&t=3104s>. Acesso em: 02 jan. 2023.

apresentarem nos mais diferentes lugares do país, assim como no exterior. A Orquestra de Cordas da Grota já se apresentou em países da Europa, nos Estados Unidos e fez uma excursão por toda a América Central. Um feito extraordinário para um grupo de jovens que não teria muitas oportunidades se ficasse à espera das necessárias políticas públicas, das quais, em muitos lugares, só se ouve falar, mas nada se vê.

Como resultado desse rico e complexo trabalho, onde os próprios músicos e integrantes engendraram uma estrutura de auto-organização, constantemente estimulada pela possibilidade de crescer no ofício de músico, de ter experiências desafiadoras e de desempenhar diferentes papéis dentro de uma gama de alternativas, observa-se um conjunto relevante de prêmios e títulos angariados ao longo de sua história. Citando alguns, em 2008 a Orquestra ganhou o Título de Utilidade Pública Municipal, em 2009 foi reconhecida como Ponto de Cultura Estadual, em 2010 de Patrimônio Imaterial da Cidade de Niterói, em 2011 o Título de Utilidade Pública Federal, em 2013 o Prêmio Tecnologia Social pelo Banco do Brasil, em 2016 o Prêmio IV Gala Miami BrazilFoundation pelos 20 anos de atuação, em 2017 reconhecida como Pontão de Cultura Municipal e em 2018 como Patrimônio Imaterial do Estado do Rio de Janeiro.

Todos esses prêmios e títulos são apenas um reflexo do grande triunfo que ocorre todos os dias nas vidas de centenas de jovens que têm a possibilidade de redirecionar a rota à qual, muito provavelmente, estariam de certa forma destinados. E conforme já mencionado, ao transformar uma vida, o entorno também se modifica.

3 QUANDO O *DRAMA SOCIAL* IRROMPE NO *MUNDO DA ORQUESTRA*

Figura 3.1 - Charge sobre Luiz Justino



Fonte: Aroeira, 2020.

3.1 A *ruptura*: a prisão do violoncelista Luiz Carlos da Costa Justino

O presente capítulo tratará do evento que irrompeu no campo de pesquisa e, sobretudo, na vida do músico Luiz Carlos da Costa Justino. Em 2020, em meio à pandemia de Covid-19, quando todas as atividades estavam suspensas, portanto aí inclusas as relacionadas à Orquestra de Cordas da Grotta, o violoncelista Luiz Carlos Justino sofreu uma abordagem policial no centro de Niterói, logo após fazer uma apresentação junto a outros colegas. Ao ter seus documentos checados pelos policiais, foi constatado um mandado de prisão contra ele. Seguindo o protocolo para este tipo de situação, Luiz foi conduzido à 76ª Delegacia de Polícia, localizada no centro da cidade. A partir desse acontecimento, sucedeu-se uma sequência de eventos sociais, não previstos, que afetaram sobremaneira a vida do jovem músico, da Orquestra e da comunidade da Grotta.

Para dar conta desse evento deflagrador e discutir alguns aspectos significativos que emergiram no processo que sobreveio à prisão do Luiz, será importante utilizar o conceito de

drama social de Victor Turner (2008). Segundo o autor, os dramas sociais irrompem em situações de conflito do processo social em andamento, contrapondo interesses e atitudes de grupos e indivíduos numa dada estrutura temporal. Conforme Turner:

O conflito parece fazer com que os aspectos fundamentais da sociedade, normalmente encobertos pelos costumes e hábitos do trato diário, ganhem uma assustadora proeminência. As pessoas têm de tomar uma posição em termos imperativos e constrangimentos morais profundamente arraigados, muitas vezes contra suas preferências pessoais. A escolha é subjugada pelo dever (TURNER, 2008, p. 31).

Em vista disso, o autor formulou o que chamou de “forma processual” do drama, em que se observa uma estrutura que é organizada pelas relações no tempo, sendo portanto diferente de uma estrutura atemporal, constituída, especialmente, por esquemas conceituais e cognitivos. Embora, no que se refere a processos sociais, os respectivos esquemas – conceituais e cognitivos, também façam parte. O que Turner nos apresenta é que “[...] a vida social humana é a produtora e o produto do seu tempo, que se torna sua medida [...]” (Ibidem, p. 20) e que devemos nos ater à qualidade da dinâmica das relações sociais. Por isso, a ideia de “processo” é tão presente na obra do autor, pois não há sociedade, comunidade, ou estrutura social estática. Tanto mudança quanto persistência são elementos constituintes da ação social em curso, fazendo parte, assim, da dinâmica das relações sociais.

Desse modo, Turner encontrou no *drama* a metáfora mais forte para representar o conceito de processo social que, a seu ver, se desenvolve de uma forma *dramática*, dando assim sentido à interação entre os diferentes aspectos que buscava analisar a partir da eclosão de situações de conflito – a estrutura temporal, a qualidade dinâmica das relações sociais, a sequência dos eventos sucedidos. De acordo com o autor, a metáfora tem a propriedade de promover a interação entre duas ideias através da representação de uma imagem, fugindo de uma explicação puramente lógica e conceitual: “Esta visão enfatiza a dinâmica inerente à metáfora, em vez de meramente comparar os dois pensamentos, ou considerar que um ‘substitui’ o outro. Os dois pensamentos agem em conjunto, eles ‘engendram’ o pensamento em sua coatividade (Ibidem, p. 25, grifo do autor).

Nesse sentido, é a partir do conceito formulado por Turner que buscarei apresentar e analisar o acontecimento *dramático* ocorrido no dia 02 de setembro de 2020 com o músico da Orquestra de Cordas da Grota, Luiz Justino. À luz das ideias desenvolvidas pelo autor, será possível expor alguns dos aspectos fundamentais da nossa estrutura social, mas que, em boa medida, não são enfrentados abertamente pela nossa sociedade, sobretudo pelas instituições que compõem e representam o poder público. O primeiro e principal a ser apontado é o racismo estrutural existente em nossa sociedade.

Luiz é um jovem negro, nascido e criado na comunidade da Grota e que começou a frequentar o projeto social por volta dos seis anos de idade, levado pelos seus primos mais velhos, Ricardo e Katunga, que à época já eram professores da Orquestra. Luiz passou por diversos instrumentos, como a flauta doce, pandeiro e cavaquinho, conforme a Figura 3.1 ilustra. No entanto, relata que foi com o violoncelo que de fato se encontrou.

Figura 3.2 - SEQ Figura * ARABIC 1 - Luiz Justino criança fazendo aula de flauta doce no projeto da Orquestra de Cordas da Grota



Fonte: Arquivo Orquestra de Cordas da Grota.

Nascido no ano de 1997, Luiz possui uma trajetória similar à de muitos jovens oriundos de comunidades e favelas do Rio de Janeiro que, conforme venho apresentando ao longo deste trabalho, são expostos a condições de vulnerabilidade. Uma reprodução social que não se interrompe, uma vez que não há efetivos mecanismos de intervenção nas áreas sociais, por parte do estado, que provejam a essas populações os recursos e as condições favoráveis para quebrarem esse ciclo. Desse modo, dificilmente as famílias conseguem por si mesmas propiciar melhores e diferentes oportunidades a seus descendentes que os façam alcançar uma nova posição social. A depender das condições de vulnerabilidade e das particularidades que envolvem as relações familiares de determinados núcleos, é possível observar movimentos inversos dos que proporcionariam uma certa estabilidade dentro do contexto social em que estão inseridos. Isto é, não raro verifica-se processos de degeneração familiar, onde alguns “se perdem” pelo caminho de diferentes maneiras.

Conforme a entrevista realizada com Luiz no início de 2021 e com as informações passadas ao longo da relação que construímos e que se mantém até hoje, o jovem foi morar ainda criança com a sua tia e seus primos¹⁴³. Seus pais se separaram e Luiz não tinha uma boa

¹⁴³ Quando conversei com Luiz, ele me disse que foi morar com seus parentes quando tinha oito, nove anos de idade. Já na entrevista realizada com o Ricardo, seu primo mais velho e com quem Luiz sempre foi muito agarrado, a recordação é que o jovem viveu com eles, aproximadamente, desde os seus quatro anos de idade.

relação com o seu padrasto – “porque ele chegava em casa e fazia... etc.”. Da mesma forma, tinha uma relação difícil com o seu pai que, devido ao problema de alcoolismo, era ausente enquanto figura paterna¹⁴⁴. Dessa maneira, a solução familiar encontrada foi a de Luiz ir morar com sua tia e primos. O que ele enaltece constantemente, os tendo até hoje como suas principais referências. Os primos mais velhos cuidaram e orientaram Luiz desde criança e a sua tia é uma “segunda mãe”, por quem tem muita deferência.

Assim, Luiz cresceu fazendo parte e evoluindo dentro do projeto social da Grota, vivendo com seus primos e tia até a vida adulta, quando então teve sua filha Melissa com a sua namorada e companheira à época, Mariana. Nessa nova configuração, um novo arranjo familiar foi constituído¹⁴⁵. É a partir dessa necessária, apesar de breve, contextualização da história de vida e familiar de Luiz que caberá narrar a sequência de fatos que se sucederam à abordagem policial ocorrida no centro de Niterói e analisar o que esse evento desnudou, de modo contundente, sobre a nossa estrutura e dinâmica das relações sociais.

Como apresentado no primeiro capítulo, logo no início de 2020 foi observada no Brasil a rápida disseminação do coronavírus e em março de 2020 foi decretado o estado de calamidade pública em decorrência da pandemia de Covid-19. Em vista da grave crise sanitária, todas as atividades foram suspensas para que a população pudesse seguir as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e fazer o distanciamento e isolamento social necessários. Sendo assim, a Orquestra suspendeu todas as suas atividades presenciais, tanto de apresentações quanto de ensaios e aulas.

Desse modo, durante a maior parte do ano de 2020, as atividades foram realizadas remotamente. Assim como ocorreu nas mais diversas áreas e, particularmente, com alguns segmentos da população, encontrou-se dificuldades para se manter a qualidade e frequência das atividades, tendo em vista a necessidade de se ter recursos tecnológicos para essa finalidade. A falta de computadores e *smartphones* apropriados para este tipo de uso é uma realidade entre

¹⁴⁴ Conforme me confidenciou em conversas informais, a relação de Luiz com o pai sempre foi muito delicada. Manifestou algumas vezes ter muita mágoa pela sua ausência na vida dele. Por conta de seu problema de alcoolismo, o pai de Luiz se tornou uma pessoa em situação de rua, uma condição de extrema vulnerabilidade. Tempos depois desse relato, no final do ano de 2021, Luiz comentou comigo que seu pai havia falecido. Não há dúvidas de que sua relação com o pai, e a forma como se deu o seu desfecho, é algo que impacta e pesa muito na construção da identidade do Luiz, assim como seria para qualquer pessoa.

¹⁴⁵ Não ficou bem esclarecido onde Luiz e Mariana viviam com sua filha antes do acontecimento do dia 02 de setembro de 2020. Luiz me relatou que o casal teve algumas idas e vindas e que no período de sua prisão ele estava separado da Mariana, morando com sua mãe. Nossa primeira conversa/entrevista ocorreu no dia 23 de fevereiro de 2021, logo após um ensaio da Orquestra. Na época, sua filha iria fazer quatro anos e Luiz havia retomado sua relação com Mariana e estavam morando juntos. Ainda, Luiz fez questão de me dizer que essa era a primeira vez que ele estava conseguindo falar direito sobre o assunto, de forma detalhada. Disse ainda que assim que saiu da prisão alguns veículos de notícia o procuraram para fazer entrevistas para matérias, mas na ocasião, mal conseguia falar sobre o acontecimento que tinha acabado de vivenciar.

os jovens integrantes da Orquestra, da mesma forma que o acesso a uma internet com a quantidade de dados e com a potência indispensável para a conexão com transmissão de vídeo.

É neste contexto social que se desenrolou o acontecimento que abriu este capítulo e que agora iremos analisar mais detidamente. Antes porém, é importante explicar que, como muitos músicos do Espaço Cultural da Grota fazem, Luiz e outros colegas da Orquestra realizam alguns trabalhos em paralelo ao projeto. São contratados para se apresentarem em casamentos, estabelecimentos comerciais e até mesmo em velório – conforme Jorginho me relatou. Sua atividade mais regular, contudo, se dá nas ruas, quase sempre se apresentando na rua Ator Paulo Gustavo¹⁴⁶, a principal do bairro de classe média/alta de Niterói, onde se encontram *shoppings*, clínicas, comércios e lojas de padrão mais alto. Dessa maneira, trata-se de uma área bem movimentada da cidade, com muitos consumidores e transeuntes. Nessa região os músicos já são bastante conhecidos pela população local, sendo apreciados e prestigiados pelos moradores e passantes, dos quais recebem gratificações que compõem a renda dos jovens¹⁴⁷.

O grupo formado por Luiz, Jorginho, Leandro, Ricardo, Davi¹⁴⁸, dentre outros, se chama Orquestra Popular de Niterói¹⁴⁹. Todos esses fazem parte da Orquestra A da Grota, mas há outros participantes do grupo que são integrantes das outras orquestras do projeto. Assim, anos atrás, alguns músicos resolveram constituir um grupo à parte para tocar nas ruas da cidade, particularmente na rua Ator Paulo Gustavo, em frente ao *Shopping Icaraí*. A proposta do grupo é mesclar música clássica com música popular brasileira. Nem sempre todos do grupo estão presentes em virtude da agenda de cada um, mas a frequência do grupo é constante no bairro. Como as imagens abaixo podem revelar, as fotos foram feitas em diferentes datas, captando diferentes momentos – Figuras 3.3; 3.4; 3.5; 3.6.

¹⁴⁶ Conforme mencionado no primeiro capítulo, a antiga rua Cel. Moreira Cesar mudou de nome para rua Ator Paulo Gustavo após o falecimento do ator. Na ocasião, a prefeitura da cidade fez uma consulta pública à população, tendo como resultado a aprovação da mudança.

¹⁴⁷ De acordo com Jorginho, o valor que cada jovem consegue obter ao final de um expediente varia conforme o dia e o número de músicos que se apresentaram, uma vez que a divisão é sempre feita por igual. Numa média, o valor que fica para cada músico pode variar entre R\$100,00 e R\$350,00.

¹⁴⁸ Davi Ribeiro Santos, 20 anos à época, personagem extremamente interessante desse contexto, me disse certa vez: “Filho de rico pensa nele e em como dar uma vida melhor para o seu filho. O pobre vive para dar uma vida melhor para os pais. Comprar um fogão, uma geladeira...”. A meu ver, esse depoimento, de 14 de outubro de 2021, em um dia de ensaio da Orquestra da Grota, mostra uma reflexão sensível sobre sua condição social.

¹⁴⁹ Página do grupo na rede social *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/orquestrapopular.nit/>. Acesso em: 11 jan. 2023.

Figura 3.3 - Os músicos se apresentando na atual rua Ator Paulo Gustavo; Figura 3.4 - Destaque Luiz Justino; Figura 3.5 - Davi, primo de Luiz e que também é músico da Orquestra, interagindo com uma criança; Figura 3.6 - Destaque Jorginho Junior.



Fonte: COELHO GOMES, Beatriz F., 2021-2022.

Contudo, com o advento da pandemia, todo esse cenário mudou substancialmente, sobretudo nos períodos de quarentena – em alguns deles, as atividades presenciais foram suspensas por decreto, mantendo portanto fechados todos os estabelecimentos – exceto os relacionados a serviços essenciais, como farmácias, mercados e clínicas laboratoriais, por exemplo. Em suma, o ano de 2020 foi marcado por ruas de todo o país muito vazias, tendo em vista a gravidade da pandemia conjugada à indisponibilidade de vacinas para combater o vírus¹⁵⁰. De todo modo, com exceção dos períodos de restrição de circulação, muitas atividades

¹⁵⁰ Como já abordado no primeiro capítulo, as vacinas começaram a ser disponibilizadas pelos laboratórios no final de 2020, sendo o Reino Unido o primeiro país do Ocidente a iniciar a vacinação de sua população, em 8 de dezembro de 2020. No Brasil, o plano de vacinação teve início em 17 de janeiro de 2021.

voltaram e, principalmente, uma determinada fração de trabalhadores teve de retomar seus trabalhos de forma presencial. Afinal, esse era o seu único e possível meio de sustento. Nem todos, ou melhor, a minoria da população, pode ter o privilégio de se manter em casa ou trabalhar de casa – o tão difundido *home office*. Dessa forma, mesmo havendo pouco movimento na cidade, os músicos foram aos poucos retomando suas atividades nas ruas e se apresentando nos pontos onde já são conhecidos e reconhecidos.

A partir do quadro apresentado sobre o contexto social de 2020 e da atividade regular que alguns músicos do projeto realizam para além da Orquestra de Cordas da Grota, podemos analisar o que e como ocorreu o acontecimento da abordagem policial sofrida por Luiz e o encadeamento dos fatos que se sucederam, de modo *dramático*, na vida do músico.

No dia 02 de setembro de 2020, Luiz, Jorginho e mais outros seis músicos foram tocar em Icaraí. Apesar do contexto pandêmico, o comércio de um modo geral estava aberto naquele período e os rapazes precisavam trabalhar. No entanto, como já apontado, as ruas estavam muito vazias, com poucas pessoas circulando. Num dado momento, observando que dificilmente o cenário iria mudar, o grupo decidiu fazer uma nova experiência: ir tocar no centro da cidade. Por ser um espaço de ampla circulação, sendo inclusive o local por onde se faz parte das ligações intermunicipais entre Niterói e Rio de Janeiro e Niterói e São Gonçalo, resolveram apostar que, naquele momento, poderia ser o local mais propício de público para eles se apresentarem.

Primeiramente se apresentaram na Praça Araribóia, em frente à Estação das Barcas de Niterói. Não havendo tanta movimentação como de costume, decidiram experimentar tocar dentro da barca, fazendo as travessias entre Niterói e Rio e Rio e Niterói. Feito os percursos e dado por finalizado o expediente de trabalho, os músicos se separaram. Luiz e Jorginho decidiram ir a um barzinho situado dentro do *Shopping Bay Market*, localizado ao lado da Estação das Barcas. Segundo a entrevista realizada com os músicos, separadamente, a ideia era comer alguma coisa – só tinham feito um lanche ao longo do dia – comprar e tomar uma cerveja para voltarem juntos para casa, uma vez que moram próximos. Ao chegarem no *Bay Market*, Jorginho encontrou por acaso com dois conhecidos, um deles morador da Grota e o outro “amigo do amigo”. O grupo então se juntou.

Pouco depois dos músicos chegarem ao estabelecimento, agentes do Niterói Presente¹⁵¹ entraram no local. Segundo Jorginho e Luiz, os agentes já chegaram se direcionado ao grupo,

¹⁵¹ Programa de Segurança Pública voltado para o patrulhamento das ruas, implementado em 2013 pela Prefeitura de Niterói. Em 2021, o governador Cláudio Castro não renovou a parceria entre o Estado e o Município e o programa foi interrompido. Em seguida, foi implementado o programa Segurança Presente, sob a égide do governo

especialmente aos conhecidos de Jorginho, falando em bom som: “Oh seus vagabundos, tão fazendo o que aí?”. Nisso, um deles respondeu: “Aqui não tem vagabundo não, é tudo trabalhador.”¹⁵². De acordo com os músicos, os policiais não gostaram da forma como o jovem lhes respondeu e dessa forma mandaram os rapazes encostarem na parede¹⁵³. Os agentes perguntaram se Luiz e Jorginho estavam juntos dos rapazes. Ao responderem que sim, os policiais também os mandaram encostar para terem seus documentos checados. Segundo Luiz e Jorginho, nesse momento os policiais identificaram que os dois eram músicos por conta dos instrumentos que carregavam. Os dois rapazes conhecidos de Jorginho tiveram seus documentos checados e não tendo sido constatado nada, logo foram liberados. De acordo com Jorginho, “não querendo dizer que eles eram privilegiados, mas os moleques eram brancos. Porque se fosse a gente falando com os policiais daquela forma...”.

Voltando-se para Luiz e Jorginho, os policiais perguntaram se eles tinham passagem pela polícia. Jorginho informou que tinha um processo arquivado – mencionado no primeiro capítulo, quando foi preso no protesto pela morte de Dyogo Costa. Segundo o músico, ao dar essa informação, o policial o olhou como se estivesse diante de um bandido. Este era o maior receio de Jorginho, contudo, nada foi encontrado no sistema da polícia. Por sua vez, Luiz respondeu que não tinha nenhuma passagem pela polícia, mas estava sem sua identidade, pois havia perdido meses antes e ainda não tinha feito uma segunda via. Porém, portava a sua carteira de trabalho e foi através deste documento que os policiais checaram os seus dados no sistema¹⁵⁴. Todavia, ao contrário de como se deu com Jorginho, a checagem dos dados do Luiz demorou para ser concluída. Nesse tempo de espera, de acordo com os relatos, os agentes ficaram observando os dois e perguntaram se eles tinham certeza de que eram mesmo músicos e trabalhadores. Desconcertados com a pergunta, achando um tanto quanto esquisita, mas ao mesmo tempo não querendo deixar dúvida, disseram que sim, que faziam parte da Orquestra de

do estado. Disponível em: <https://www.todapalavra.info/single-post/niter%C3%B3i-pode-perder-400-homens-no-policiamento-da-cidade>. Acesso em: 11 jan. 2023.

¹⁵² Interessante observar que tanto Luiz como Jorginho, nos diferentes momentos em que conversamos, me relataram a fala proferida pelo rapaz, em resposta ao policial, como um certo gesto de “abuso”, ou de “ignorância” da parte do jovem perante a autoridade. No entanto, se analisarmos a forma como o policial os abordou e se referiu aos rapazes, a resposta dada foi absolutamente legítima e de acordo com a acusação de “vagabundo” que estavam recebendo. Desse modo, verifica-se o que Kant de Lima já tão amplamente discutiu, que o que vale no nosso modelo de segurança pública e jurídico é o argumento de autoridade em detrimento da autoridade dos argumentos (KANT DE LIMA, 2000, p. 109).

¹⁵³ De acordo com Luiz um dos policiais teria retrucado ao rapaz, dizendo algo como: “É trabalhador? Você gosta de responder?”.

¹⁵⁴ Aqui há uma observação importante. Na época, quando a notícia da prisão injusta do jovem começou a ser divulgada nos veículos de notícia, correu a informação de que Luiz estava sem seu documento de identidade, o que era uma verdade. No entanto, não era informado que o músico portava a sua carteira de trabalho, um documento também válido.

Cordas da Grotta e começaram a listar todos os trabalhos que faziam, onde tocavam e se apresentavam.

Quando achavam que seriam liberados, uma vez que os policiais já estavam devolvendo os seus documentos, um dos agentes teria interrompido: “Não, não. Espera. Este aqui está com o nome vermelho”, se referindo ao Luiz. Foi quando os guardas informaram que Luiz deveria ser levado à delegacia. O músico relatou que ficou muito assustado com a situação, tentando explicar às autoridades que deveria se tratar de algum erro, reafirmando que nunca teve passagem pela polícia e que, portanto, nada justificaria ele ter de ser levado à delegacia. No entanto, os policiais informaram que ele teria de ser conduzido e cumprir com o procedimento padrão, uma vez que o sistema acusou uma pendência em seu nome – naquele momento não foi detalhado ao músico o que exatamente constava no sistema da polícia. Atônito, Luiz pediu a Jorginho que o acompanhasse, mas os agentes não permitiram, dizendo que ele teria de ir sozinho. Desse modo, Justino e seu violoncelo foram conduzidos até à 76ª Delegacia de Polícia, localizada na avenida Amaral Peixoto, próximo ao local da abordagem.

De acordo com Max Gluckman (2010), que foi orientador de Turner, sendo ambos relacionados à Escola de Manchester, certos eventos sociais, denominados por ele de “situação social”, ao serem analisados servem para ressaltar, tornar evidente a estrutura social, as relações sociais, as instituições de uma sociedade.

Portanto, uma situação social é, em algumas ocasiões, o comportamento de indivíduos como membros de uma comunidade, analisado e comparado com seu comportamento em outras ocasiões. Desta forma, a análise revela o sistema de relações subjacentes entre a estrutura social da comunidade, o meio ambiente físico e a vida fisiológica dos membros da comunidade (Ibidem, p. 252).

Van Velsen (2010), também da Escola de Manchester, coaduna com as formulações propostas por Gluckman, ao dar ênfase ao que chamou de “análise situacional e o método de estudo de caso detalhado”, uma diferença de ênfase da tradição estruturalista, mas não significando uma ruptura com essa tradição. Velsen propõe “[...] um estudo das ações ‘normais’ e ‘excepcionais’ dos indivíduos que operam a estrutura, isto é, os processos que ocorrem no seu interior” (Ibidem, p. 456, grifo do autor). O autor está interessado em analisar as normas ideais de condutas estabelecidas em uma dada sociedade, na sua estrutura, e o comportamento real dos indivíduos em situações sociais concretas, que, para ele, estão intimamente correlacionadas (Ibidem, p. 452). Isto porque, segundo o antropólogo, as descrições estruturais e generalizadas, “[...] não nos fornecem uma série de eventos inter-relacionados que mostram como, em uma estrutura específica, indivíduos lidam com as escolhas com as quais são confrontados” (Ibidem, p. 455).

Desse modo, o conceito de “drama social” de Turner e o conceito de “análise situacional” proposto por Gluckman e Van Velsen, dialogam intimidante no sentido de que as situações e os conflitos que irrompem numa dada sociedade ou grupo social, revelam questões subjacentes e latentes da estrutura social que, muitas vezes, as análises estruturais e generalizadas não tratam com a devida relevância, uma vez que têm como enfoque as normas ideais estabelecidas, como se houvesse uma certa ordem e uma conduta padrão de um todo social e o que foge à norma fosse uma exceção, algo “extraordinário”. Segundo Van Velsen:

Um problema relacionado de significação sociológica, para o qual a análise situacional parece ser relevante, refere-se à discrepância entre, por um lado, as crenças das pessoas e a aceitação declarada de certas normas, e, por outro, o seu comportamento real. Argumentei que tais discrepâncias não podem ser explicadas se são relegadas à categoria de informação denominada ‘exceções’. Acima de tudo, as discrepâncias constituem parte do campo de estudo e podem revelar, em uma análise mais detalhada, suas próprias regularidades (VAN VELSEN, 2010, p. 459, grifo do autor).

De acordo com Turner, o conceito de dramas sociais são “unidades de processo anarmônico ou desarmônico que surgem em situações de conflito. Tipicamente, eles possuem quatro fases de ação pública observáveis” (TURNER, 2008, p. 33). A primeira é a da *ruptura* de relações formais, numa dada e mesma estrutura social e temporal, entre indivíduos ou grupos. Para o autor, sendo sinalizada “[...] pelo rompimento público e evidente, ou pelo descumprimento deliberado de alguma norma crucial que regule as relações entre as partes” (Ibidem). A segunda fase é a da *crise* crescente, quando ocorre uma dilatação da situação de conflito e o estado de ruptura se alarga, um ponto de “[...] inflexão ou momentos de perigo e suspense, quando se revela um verdadeiro estado das coisas, quando é menos fácil vestir máscaras [...]” (Ibidem, p. 34). A fase seguinte é identificada por Turner como *ação corretiva*, quando mecanismos de ajuste e regeneração são acionados por membros ou representantes do sistema social em xeque, com o objetivo de estancar a difusão da crise. A última fase é a da “[...] *reintegração* do grupo social perturbado ou no reconhecimento e na legitimação social do cisma irreparável entre as partes em conflito [...]” (Ibidem, p. 36).

A abordagem policial sofrida pelos jovens, sobretudo por Luiz, provocou a fase de ruptura na ordem social que se espera ser vigente – mas que frequentemente se verifica não ser, da qual o músico faz parte. Se Luiz não teve nenhum comportamento que levantasse a suspeita plausível de policiais para que houvesse uma abordagem por parte das autoridades e se Luiz nunca teve passagem pela polícia que justificasse a sua obrigatória condução à delegacia, ocorreu a *ruptura* de uma norma que regula as relações sociais. Segundo Turner, “um símbolo claro de dissidência” (Ibidem, p. 33). Ainda, por mais que a violação dramática tenha sido praticada por um indivíduo, neste caso, os policiais, ela sempre é feita em nome de outros,

estando eles cientes ou não. Isto é, o autor da violação “[...] se vê a si mesmo como um representante, e não como um agente solitário” (Ibidem). Nesse entendimento, os policiais agiram em nome de uma suposta “ordem pública” – apesar de não ter havido nenhuma desordem para justificar a abordagem – e em nome “da lei” ao verificarem uma pendência no sistema da polícia com relação ao músico e, desse modo, fazendo valer o procedimento padrão.

De acordo com Sinhoretto, Batitucci e Mota (2014), autores da pesquisa “A filtragem racial na seleção policial dos suspeitos”, existe um racismo institucional no campo da segurança pública que conduz à sobre-representação da população negra nas prisões em flagrantes, mais especificamente, a do jovem negro. A abordagem policial recai sobre um tipo suspeito construído a partir de um estereótipo racializado, caracterizado pela cor da pele, faixa etária, gênero, pertença territorial e que exhibe signos de um estilo de vestir e de jeito de andar e falar. É o perfil no qual se encaixa Luiz Carlos Justino; jovem negro, da comunidade da Grota do Surucucu, à época com cabelo dreadlock e detentor dos signos de suspeição montados pela segurança pública e operados pela polícia militar – ou agentes de segurança afins. Conforme os dados da pesquisa indicam, há uma vigilância maior e perene sobre a população negra baseada na *fundada suspeita*, que, segundo o argumento policial, é resultado da experiência adquirida nas ruas para identificar o tipo suspeito. Segundo os autores, “esta experiência adquirida é nomeada de *tirocínio policial*, uma qualidade positivada entre os interlocutores e construída mediante o ‘tempo de rua’ que um policial possui (SINHORETTO; BATITUCCI; MOTA, 2014, p. 133, grifo dos autores).

A partir do momento que Luiz entrou na viatura da polícia, duas narrativas paralelas foram cotejadas para se chegar a um melhor entendimento dos fatos: a de Jorginho, amigo que acompanhou todo o processo e que tomou as primeiras medidas possíveis, e a do Luiz, que foi a vítima da situação e que viveu efetivamente o *drama social*. Importante ressaltar que Jorginho e Luiz se conhecem desde os sete, oito anos de idade, amigos desde criança e que por isso, são muito próximos e não só colegas da Orquestra. Assim, logo após entrar na viatura, já a caminho da delegacia, Jorginho ligou para o Luiz. Sem poder falar muito, Luiz só pediu para que ele avisasse sua mãe do ocorrido e para onde estava sendo levado.

No seu relato dos fatos, Jorginho comenta algo curioso. Logo que Luiz foi levado pelos agentes de segurança pública, algumas pessoas que observavam a situação se aproximaram e foram lhe perguntar o que tinha acontecido. Jorginho respondeu que também não sabia, mas que estava indo à delegacia para tentar entender. Nesse momento, uma moça teria intervindo: “Não, não vai não. Você pode ser preso também.”. No que Jorginho respondeu: “Ué, mas eu vou deixar o meu amigo?”. Esse diálogo nos leva a refletir sobre o efetivo racismo estrutural

naturalizado em nossa sociedade que se revela na mentalidade de que, por ser negro e estar passando por uma situação de conflito com autoridades policiais, automaticamente essa pessoa pode ser presa, independentemente se é culpada por algum crime ou não.

Apesar da advertência dada pela moça, Jorginho imediatamente se encaminhou para a delegacia. Chegando lá, entrou e perguntou pelo amigo. Um policial teria respondido: “Rapaz, ele está preso e não vai sair tão cedo. Você tem que ver bem suas amizades, com quem você anda, porque o seu amigo está com um mandado de prisão expedido desde 2017”. Jorginho incrédulo com a informação recebida relatou que reagiu com: “Luiz o que?”. O policial teria reforçado: “É, vê legal aí suas amizades porque esse aqui não vai sair tão cedo”. Na mesma hora o músico ligou para a mãe de Luiz, para o tio Leandro¹⁵⁵ e para Paulo Tarso, presidente da ONG. Paulo lhe respondeu que eles teriam de mobilizar toda a Orquestra e pessoas de fora e no mesmo instante já articulou dois advogados da Comissão de Direitos Humanos da OAB, Renan Gomes e Sônia Ferreira Soares.

Paralelamente, conforme Luiz relatou, ainda na viatura da polícia, percebendo que o jovem estava assustado com a situação, um dos agentes teria lhe dito que poderia ser de fato um erro, caso de um homônimo, e que chegando na delegacia tudo seria esclarecido. Já na delegacia, com seu violoncelo, sentou e aguardou os procedimentos. Segundo Luiz, alguém lhe perguntou o que tinha acontecido e ele respondeu que também não sabia. Logo em seguida, foi chamado pelo delegado de polícia que o orientou a colocar sua digital no aparelho do sistema policial. Nesse momento foi identificado um mandado de prisão contra o músico, expedido desde 2017, quando ele teria cometido um assalto à mão armada¹⁵⁶. Desse modo, o delegado perguntou ao jovem se ele já tinha avisado a alguém onde estava, o informando: “Você está preso no artigo 157”¹⁵⁷. Luiz narrou que ficou desorientado, incrédulo e se voltou para o agente que o havia conduzido à delegacia: “Você não disse que eu só viria colocar o dedo e seria liberado? Agora eu vou ficar aqui?”. Nesse momento o delegado de polícia teria se interposto,

¹⁵⁵ Leandro relatou que tomou um susto com a notícia dada por Jorginho, algo inimaginável. Ligou para outras pessoas e foi para a delegacia.

¹⁵⁶ Aqui fica uma questão não esclarecida. Se Luiz nunca teve passagem pela polícia, como a sua digital poderia constar no banco de dados do sistema da polícia? É possível pensar que algum tipo de fraude possa ter corrido, do tipo, “plantar uma prova” no ato do jovem ter colocado a sua digital? Ou associar a digital de outra pessoa à do músico? Este é um “ponto cego” que fica como reflexão para se pensar em como são construídos os bancos de dados das delegacias de polícia.

¹⁵⁷ Conforme o site do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT), o artigo 157 trata-se do crime de roubo e furto: “Art. 157 – Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzindo à impossibilidade de resistência: Pena – reclusão, de quatro a dez anos, e multa”. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/furto-e-roubo#:~:text=157%20%2D%20Subtrair%20coisa%20m%C3%B3vel%20alheia,a%20dez%20anos%2C%20e%20multa>. Acesso em: 15 jan. 2023.

dizendo algo do tipo, “Não, você vai para Búzios”, o que seria um comentário debochado ao se referir ao balneário do Rio de Janeiro que representa o extremo oposto de uma cadeia. Contudo, num ato de reflexo, Luiz disse que retrucou ao delegado: “Licença, não estou falando com o senhor não”. Segundo Luiz, não foi com a intenção de ofender o delegado, mas uma reação de desespero ao se perceber numa situação que lhe foi brutal e injustamente imposta, indo num crescente, fugindo de seu controle e que precisava entender. Por isso, a disposição de tratar diretamente com o agente que o conduziu à delegacia e que teria lhe dito que tudo seria esclarecido.

Com a resposta do jovem, o delegado teria ficado irritado e levou Luiz para um canto, onde o mandou tirar a roupa e, nu, teve que pular e se agachar para que os agentes se certificassem de que ele não guardava nada em seu corpo. Logo em seguida, conta que foi colocado no “porquinho”. Como eu não sabia o que era um “porquinho”, lhe perguntei do que se tratava: “Ah, um lugar que você nem queira conhecer, de jeito nenhum”. Pelo que me descreveu, um espaço sem ventilação, iluminação e banheiro, um cubículo onde não dava para duas pessoas deitarem: “Era muito nojento lá. Tinha tipo um buraco onde geral faz tudo ali. Um cheiro horrível, mal dá para respirar. Eu já imaginava porque a gente escuta história, mas sem brincadeira, é desumano”.

Acrescentou que quando entrou na cela, estava tão escuro, que não conseguia enxergar nada. Depois de um tempo, “a vista vai se acostumando” e identificou que havia mais seis, sete pessoas no mesmo espaço. Nesse momento, disse que lhe bateu um pânico, se perguntando em voz alta o que ele estava fazendo ali e dizendo que queria sair. Os outros presos teriam lhe dito para ficar quieto porque queriam dormir. Segundo Luiz, “aquilo me bateu um pânico, parecia que eu estava vivendo alguma coisa que já vivi no passado, como que um trauma. Eu estava tão desesperado, que não conseguia respirar. Fiquei pensando: ‘eu vou morrer, eu vou morrer...’”.

De acordo com os cálculos de Luiz, a abordagem policial aconteceu por volta das 18h e ele ficou sem comer até o dia seguinte, pois nenhuma refeição lhe foi oferecida desde que chegou à delegacia. Sem conseguir ter qualquer tipo de contato com Luiz, Jorginho relatou que ficou na delegacia até umas 23h, à espera dos familiares do músico, com os quais já havia falado. Sua preocupação era de que pudessem transferir o amigo para algum outro lugar e assim, a situação fugir ainda mais do controle. Portanto, só foi para casa quando a mãe, Angélica, e o tio do jovem, Leandro, chegaram ao local. Da mesma maneira que se deu com Jorginho, os familiares do Luiz também não puderam vê-lo e foram orientados a voltar no dia seguinte pela manhã e a levarem uma camisa e uma sandália branca para o músico. Todavia, mesmo sem poder ter contato visual com o filho, a mãe do jovem conseguiu trocar algumas palavras com

ele. Ao pegar o seu violoncelo, perguntou ao músico onde estava o dinheiro que havia recebido pelo dia de trabalho. Luiz informou que estava no *case* do violoncelo¹⁵⁸.

No dia seguinte, por volta das 9h da manhã, a mãe, a companheira Mariana e as irmãs do Luiz foram até à delegacia, assim como Leandro, Paulo Tarso e o advogado Renan Gomes, para se inteirarem do caso e tomarem as primeiras medidas para a soltura do músico. O jovem relatou que sua mãe lhe levou um lanche – um suco, um sanduíche e uma água, sua primeira refeição desde que foi detido¹⁵⁹. Assim que esteve com o advogado, Luiz quis ter a confirmação de que ele seria solto. Foi quando o Renan Gomes lhe disse: “Eu tenho uma notícia ruim e outra boa. A boa é que eu vou conseguir te tirar em poucos dias, mas a ruim é que você terá de ser transferido para se apresentar no presídio de Benfica¹⁶⁰”. Luiz comentou que ficou apavorado, uma vez que já estava com muito medo na delegacia e ficou imaginando o que seria ir para um presídio. O músico só conseguiu ver rapidamente os seus parentes, quando já estava sendo encaminhado para a penitenciária. Foi transferido em um carro da polícia, algemado com os braços para trás, junto a outro jovem.

O antropólogo Jorge da Silva (2016), discutiu ampla e profundamente acerca da discriminação recaída sobre certos grupos sociais em seu livro “Violência e Racismo no Rio de Janeiro”. De acordo com o autor:

Creditar a criminalidade e a violência na conta dos *pobres, negros, favelados, nordestinos* é, evidentemente, manifesto *preconceito*. Acontece que o *preconceito* em si não é o maior problema, e sim a sua prática, efetivada discriminação, o que pode explicar grande parte da violência e da criminalidade (SILVA, 2016, p. 56, grifo do autor).

Desse modo e conforme é evidenciado na nossa sociedade, devemos observar sobre quais crimes e personagens – perfis – a sociedade, as instituições e estruturas de poder têm um julgamento moral imperativo, que é efetivado através das práticas jurídicas. Como é de amplo

¹⁵⁸ Luiz me relatou que quando finalmente foi solto, já em casa, perguntou à mãe sobre o seu dinheiro. Ela então lhe disse que não havia dinheiro no *case* do instrumento. Reforçou ainda que justamente lhe perguntou na delegacia porque sabia que ele teria alguma quantia guardada pelo dia de trabalho. Desse modo, podemos supor que o dinheiro do rapaz foi subtraído na delegacia. Uma possibilidade foi de que a mãe já pudesse ter procurado pelo dinheiro e não achando, perguntou para o filho. Mas dada a situação, ficou por isso mesmo. De qualquer forma, não há como afirmar o que aconteceu com o dinheiro do jovem.

¹⁵⁹ No entanto, Luiz relatou que mal pode comer, pois, segundo ele, existem algumas regras de convivência – extraoficiais – entre os presos e que todos devem cumprir. Uma delas é que quando algum detento recebe uma comida de suas visitas pessoais, deve dividir com todos os demais da cela. Desse modo, Luiz deu uma mordida no seu sanduíche e passou para os demais comerem.

¹⁶⁰ Presídio José Frederico Marques, é uma penitenciária situada no bairro de Benfica, na Zona Central da cidade do Rio de Janeiro. É no presídio de Benfica em que são feitas as audiências de custódia das prisões feitas em flagrante ao ato do crime, no prazo máximo de 24h. No entanto, Luiz não fez a audiência de custódia porque sua prisão não ocorreu em razão de flagrante, mas devido ao cumprimento de mandado judicial expedido desde 2017. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2022-jun-09/prisao-cumprimento-mandado-dispensa-audiencia-custodia>. Acesso em: 17 jan. 2023.

conhecimento daqueles que se detêm sobre o tema, os chamados “crimes de colarinho branco” – ou “crime corporativo”, que são financeiramente motivados e manifestos através de desvios de verbas, corrupção, fraude, dentre outros mecanismos, recebem tratamento diferenciado das mesmas instâncias que julgam categoricamente “delitos cometidos”, mesmo que não comprovados, pelo simples fato dos implicados pertencerem a grupos estigmatizados em nossa sociedade, por serem “suspeitos naturais”. De acordo com o criminalista e sociólogo Edwin Hardin Sutherland (1949), o “crime de colarinho branco”, especialmente cometido por profissionais de negócios e do governo, é “um crime cometido por uma pessoa de respeitável e de alta posição (*status*) social, no curso de sua ocupação” (Ibidem, p. 9, grifo do autor). Desta maneira, conforme venho apresentando e que será desenvolvido ao longo deste capítulo, apesar de termos uma igualdade jurídica formal estabelecida em nossa Constituição Federal, o que se observa na prática são tratamentos desiguais aos diferentes, negros e pobres versus brancos de status social superior.

3.2 Crise crescente: a transferência para o presídio de Benfica e a repercussão do caso na mídia

No dia 3 de setembro de 2020, um dia após ter sido preso, Luiz foi transferido para o presídio de Benfica. Ao contrário do que amigos, familiares e o próprio músico imaginavam com relação a sua soltura no dia seguinte, afinal, o jovem nunca cometeu nenhum crime, Luiz foi alçado a uma situação ainda mais grave e *dramática*. Conforme Turner, a segunda fase do drama social, a chamada *crise* crescente, é quando o conflito irrompido na estrutura social não é rapidamente resolvido e “isolado dentro de uma área limitada da interação social” (Ibidem, p. 33). Assim, “[...] há uma tendência de que a ruptura se alargue, ampliando-se até se tornar tão coextensiva quanto uma clivagem dominante no quadro mais amplo de relações sociais relevantes ao qual as partes conflitantes ou antagônicas pertencem” (Ibidem).

Na delegacia, o motivo exposto pelas autoridades para que Luiz estivesse preso foi que, ao levantar os dados do jovem no sistema da polícia, verificou-se que existia uma ordem de prisão preventiva contra ele expedida desde 2017, por um assalto à mão armada, crime do qual ele seria um dos quatro autores. O crime teria ocorrido em 5 de novembro de 2017, por volta das 8h30min., no bairro da Vila Progresso, Região de Pendotiba, Niterói. A vítima teria reconhecido o Luiz através de uma foto que lhe foi apresentada na delegacia, quando foi feito o Registro de Ocorrência. No entanto, Luiz nunca teve passagem pela polícia e, desse modo, a

pergunta contundente que deve ser feita é: Como havia uma foto do Luiz no banco de imagens da delegacia se o jovem nunca teve passagem pela polícia? Assim, o conflito se aprofundou e a crise foi num crescente. O que a princípio poderia ter sido um grande mal-entendido, já de grandes consequências práticas e emocionais para o jovem, mas logo em seguida esclarecido, se configurou como um grave problema, de grandes proporções e que, sendo assim, se estendeu para um segmento maior da sociedade.

No dia seguinte de sua prisão, todos os membros da Orquestra já estavam a par do que estava acontecendo com o Luiz. Houve uma comoção entre os músicos. Um misto de incredulidade, temor e revolta. Não há uma pessoa que não tenha descrito Luiz como um sujeito absolutamente pacífico e tranquilo. Segundo Raquel, que o viu crescer desde menino, nunca o viu brigar ou “se estressar” com alguém. Fala que Luiz é adorado pelas crianças e que todos gostam muito dele¹⁶¹. Dessa forma, imediatamente todos se colocaram a pensar e a agir em prol da soltura do Luiz e de denunciar a injustiça pela qual o jovem estava passando. Num primeiro momento, segundo relatos de alguns músicos, Paulo Tarso teria hesitado em expor o caso na mídia por pensar que isso poderia atrapalhar na condução do processo de soltura do Luiz. Mas essa hesitação durou pouco, até porque os músicos rapidamente já começaram a se articular nas redes sociais e a buscar contatos na mídia de notícias que os pudessem ajudar.

Uma das primeiras notícias sobre o caso ocorreu no próprio dia 3 de setembro de 2020, quando Luiz estava sendo transferido para o presídio de Benfica. A jornalista niteroiense, Ana Cláudia Guimarães, colaboradora de muitos anos da coluna de Ancelmo Gois em O Globo, e também com uma importante coluna semanal em O Globo Niterói, admiradora de longa data da Orquestra da Grota, noticiou na coluna do Ancelmo a situação pela qual o violoncelista da Grota estava passando, dando o indicativo de que se tratava de um erro, uma vez que o jovem tinha provas de que no dia e no horário do suposto crime, ele estava trabalhando, tocando em uma padaria na Região Oceânica de Niterói¹⁶². Conforme anexado nos autos do processo pelo advogado Renan Gomes, durante o ano de 2017, Luiz, Leandro e Ricardo tinham um contrato de trabalho com a padaria *Le Dépanneur délicatessen*, à época localizada no bairro de Piratininga¹⁶³, onde os músicos tocavam todos os domingos pela manhã, das 9h às 11h30min.

¹⁶¹ Durante todo o meu período de campo, tendo tido diversas e diferentes situações de interação com o Luiz e podendo observá-lo interagindo com outras pessoas, como amigos, colegas e familiares, não há como descrevê-lo de outra forma do que sendo um rapaz bom, calmo, responsável e doce. Luiz tem muita ternura e construímos uma relação de afeto e amizade.

¹⁶² A jornalista Ana Cláudia Guimarães noticia na coluna do Ancelmo Gois, do O Globo, a prisão injusta de Luiz Carlos da Costa Justino. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/integrante-negro-da-orquestra-da-grota-e-presos-e-maestro-diz-que-o-musico-e-inocente.htm>. Acesso em: 20 jan. 2023.

¹⁶³ Atualmente a *Le Dépanneur délicatessen* está situada no Plaza Shopping, centro de Niterói.

Desse modo, se o crime tivesse ocorrido num domingo, “por volta” das 8h30min, como o músico poderia estar cumprindo um contrato de trabalho no mesmo período?

Concomitantemente ao que acontecia do lado de fora do presídio e do vulto que o caso do Luiz foi tomando nos veículos de notícia, chegando ao conhecimento de um público cada vez maior, o músico chegou a Benfica procurando entender onde estava e o porquê de estar ali. Logo que chegou, aguardando em um pátio situado antes da parte fechada do presídio, o jovem relatou que ficou reparando muito em tudo, tentando assimilar o lugar para onde estava indo. À época, Luiz estava com dreadlocks no cabelo e nisso alguém lhe teria dito: “Tá reparando muito, né, ‘Xuxa’?! Quero ver quando você entrar lá dentro, se vai ficar reparando assim”. Isso o deixou com mais medo ainda e pensou: “Cara, ou os presos ou esses caras vão me matar aqui dentro”. No entanto, apesar de toda a evidente tensão e paúra da condição vivida, relatou não ter passado por nenhuma situação frontalmente complicada dentro da anormalidade em que já se encontrava. Todavia, não parava de pensar em sua família, no que estava acontecendo, se as coisas estavam sendo resolvidas e se perguntava o que ele tinha feito para Deus não lhe responder.

Como parte dos procedimentos, Luiz foi colocado em uma fila para cortar o cabelo. Segundo ele: “Deus foi muito bom comigo nesse dia. A maldade veio, mas Deus foi muito bom comigo nesse dia”. De acordo com o seu relato, esperando na fila para cortar o cabelo, um agente do presídio o ficou olhando por um bom tempo quando enfim lhe perguntou: “Cara, o que tu fez?”. Luiz lhe respondeu que também não sabia, que não entendia o motivo dele estar ali naquela situação. Num tom sarcástico, o agente lhe teria respondido que todo mundo ali era inocente. O músico lhe respondeu dizendo que estava falando a verdade, que realmente nunca tinha feito nada. O agente então lhe perguntou o que ele fazia e Luiz lhe respondeu dizendo que era músico. Teve como reação: “Ah tá, toca pagode, cavaquinho...”. Luiz: “Não, eu toco violoncelo, senhor. Não toco cavaquinho nem violão. Se você me der, nem vou saber tocar para você”. O agente ficou meio desconfiado e lhe perguntou se estava falando sério. Foi quando Luiz lhe disse que sim e acrescentou que se ele entrasse na internet e colocasse o nome dele, veria vários vídeos dele tocando e se apresentando em diferentes lugares. O agente de fato verificou na internet, viu que Luiz lhe dizia a verdade e reagiu com surpresa: “Caramba, um mó sacanagem, mané. A culpa não é nossa não”. Disse para Luiz se levantar e ir para a frente de uma cela, não cortou o seu cabelo e lhe anunciou que daqui a uns dias ele estaria solto. Conforme o próprio Luiz elaborou, na ocasião não havia como o agente prever, mas, de fato, depois de alguns dias Luiz foi solto.

Em vista de todo esse acontecimento, podemos observar o paradoxo de um Estado que, dispondo de instituições que investem e promovem projetos voltados para incluir jovens em situação de vulnerabilidade, é o mesmo que dispõe de instituições que inviabilizam a inclusão dessas mesmas pessoas na prática por conta de uma política de segurança pública que opera com sistemas classificatórios racistas, segregacionistas e, portanto, estigmatizantes. Nesse sentido, devemos reiteradamente perguntar, por que havia uma foto do Luiz no banco de imagens da delegacia se o jovem nunca teve passagem pela polícia? Igualmente, por que Luiz e seus amigos foram alvo de uma abordagem policial se eles não estavam tendo nenhum comportamento suspeito? Eram jovens confraternizando em um bar como muitos fazem, mas, em se tratando dessas pessoas, elas cumpriam com os requisitos de suspeição montados pela segurança pública, baseado na *fundada suspeita*: jovem, negro, jeito de andar e se vestir.

De acordo com Goffman (2008), estigma é uma categoria relacional entre atributo e estereótipo. Cada sociedade, grupo ou contexto, “estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para cada uma dessas categorias” (Ibidem, p. 11). Desta forma, criamos expectativas normativas com relação ao padrão estabelecido e, conseqüentemente, nossas concepções atribuem julgamentos depreciativos aos que não correspondem a esse padrão. Em se tratando de Brasil, uma sociedade com fortes marcas de uma herança escravocrata – portanto, hierarquizada, racista e extremamente desigual – a população negra é estigmatizada no estereótipo do indivíduo “inferior” e “perigoso”, logo, suspeito. Goffman definiu estigma de raça, nação e religião da seguinte forma: “um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que se pode impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus” (Ibidem, p. 14).

A análise sociológica de Goffman se concretizou no destino cruel imputado a Luiz Justino. Um jovem que portava um violoncelo, que tinha acabado de se apresentar junto com outros músicos e que estava confraternizando com amigos depois de um dia de trabalho, não conseguiu fugir do estigma atribuído ao seu perfil. Importante ressaltar que o violoncelo não é um instrumento comum entre grupos de músicos que tocam nas ruas, como um pandeiro ou cavaquinho – que, aliás, compõem a figura mitológica do malandro – mas trata-se de um instrumento diferente, até pelo seu tamanho, que exige habilidades, atenção e cuidado muito específicos. Desse modo, o estigma recaído sobre Luiz sobrepôs-se à possibilidade de atenção, por parte dos agentes de segurança, a seus outros atributos e que eram tão evidentes – o violoncelo.

Ademais, devemos pensar que Luiz e seus colegas músicos são figuras conhecidas e reconhecidas no bairro de Icarai, onde tocam há muitos anos. Dessa forma, os músicos já fazem parte da paisagem urbana do bairro e são identificados ao projeto social da Orquestra de Cordas da Grotta. Podemos arriscar dizer que seria muito pouco provável Luiz sofrer uma abordagem policial em Icarai – tal como sofreu no centro da cidade no dia de sua prisão – mesmo em se tratando de um bairro de classe média/alta da cidade. Isto porque, como já desenvolvido, Luiz e seus colegas seriam imediatamente reconhecidos como um dos músicos da Orquestra, portanto, personagens bastante conhecidos do bairro. Sendo assim, identificados como “sem perigo” pelos agentes de segurança pública. Já no centro da cidade, um lugar que historicamente perdeu muito de suas referências de bairro para se tornar um lugar marcado pela alta circulação de pessoas de diferentes procedências e onde Luiz não construiu uma imagem de músico, a filtragem racial da polícia prevaleceu por conta do *tirocínio policial*. Em outros termos, o estigma prevaleceu sobre a subjetividade do jovem músico, não permitindo a ele usar esse fato para provar sua inocência.

No dia 2 de setembro de 2020, devido a todo o contexto já exposto, o grupo decidiu fazer uma nova experiência em uma região da cidade onde eles não têm essa relação construída. Dessa forma, sendo figuras *estranhas* no cotidiano daquele pedaço da cidade. Assim, o sentimento de pertencimento e de ser reconhecido como pessoa que faz parte da paisagem urbana local, não acompanhou os jovens músicos ao mudarem de região da cidade para se apresentarem. Segundo o antropólogo Hélio Silva (2012), existe o *estigma de localização*, que é o preconceito contra determinados espaços urbanos da cidade e os habitantes dessas localidades. Desse modo, o antropólogo problematiza que o “direito de ir e vir” não é igual para todos ao demonstrar que grupos, ou segmentos da sociedade, passam por constrangimentos em situações sociais concretas quando “fora de seu universo de referência e residência” (Ibidem, p. 138, 142). Goffman faz outra análise importante sobre o estigma e que confirma os dados apresentados na pesquisa sobre a filtragem racial na abordagem policial, aqui já mencionada. Goffman escreve:

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social (GOFFMAN, 2008, p. 15).

Desse modo, podemos nos perguntar: De acordo com a lógica dos acontecimentos, afinal, qual seria então o perfil do jovem negro que conseguiria fugir do estereótipo construído

pela segurança pública e a justiça criminal em nossa sociedade? Muito provavelmente nenhum, ou, então, somente aquele que estivesse fardado como policial, militar, bombeiro ou outra ocupação que exija uma farda ou uniforme de trabalho que sinalize sua condição excepcional em função de sua ocupação.

Enquanto civis, jovens negros transeuntes, mesmo portando objetos – como um violoncelo – ou mesmo trajando determinadas roupas, não são sujeitos dignos de direitos e de pertencimento social fora da comunidade e da favela. Uma vez fora de seus contextos de origem e referência e por essa perspectiva observados, esses mesmos sujeitos perdem o controle sobre seus signos de apresentação e poderão ser percebidos muitas vezes como suspeitos, ou mesmo já sentenciados como “bandidos” – um perigo em potencial.

A forma como a polícia entra nas comunidades e favelas e realiza verdadeiros extermínios, revela a falta de empatia e apreço que as instituições ligadas à segurança pública, com o endosso da sociedade, têm para com essas pessoas¹⁶⁴. Assim, quando negros, jovens e pobres saem de suas zonas de pertencimento e/ou de reconhecimento mais imediato, correm o risco de serem avaliados pela filtragem racial. Ou seja, o estigma acompanha essas pessoas para onde elas forem, exigindo delas um cuidado permanente de mapearem a cidade, estabelecerem circuitos possíveis dentro dela onde poderão alcançar ou desfrutar do anonimato relativo atribuído a qualquer outro transeunte branco ou não identificado como negro. Daí a importância de se entender que a política de segurança pública, além de promover o racismo, na prática o faz através de uma política de segregação que mina a condição de liberdade de ir e vir dessas pessoas no espaço público fora de sua condição estrita de trabalhadores. De acordo com essa lógica, o acesso livre e igualitário a certas partes da cidade não é para todos. É nesse contexto que dramas sociais como o vivido por Luiz e tantos outros ocorrem de forma sistemática.

Conforme o conceito desenvolvido por Turner (2008), o “drama social” está no âmbito das estruturas onde existe um vínculo social formal, “[...] das afirmações estruturais positivas; ele se atém principalmente às relações entre as pessoas em sua qualidade de *status*-papel e entre grupos e subgrupos enquanto segmentos estruturais” (Ibidem, p. 40, grifo do autor). No Brasil, uma sociedade complexa e fortemente hierarquizada, esses aspectos se tornam ainda mais presentes por sermos um país com uma acentuada desigualdade social e com uma estrutura de classes sociais fortemente demarcada. Como escreveu Roberto DaMatta (1979), ocupar a condição de *indivíduo* em uma sociedade personalista, particularista e relacional como a nossa,

¹⁶⁴ Reportagem sobre a Chacina do Jacarezinho, favela do Rio de Janeiro, ocorrida em maio de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-13/nao-vai-embora-vao-me-matar-a-radiografia-da-operacao-que-terminou-em-chacina-no-jacarezinho.html>. Acesso em: 21 jan. 2023.

é algo que desqualifica e depõe contra o sujeito, o deixando vulnerável a todas as intempéries de uma sociedade que valoriza quem é quem e o que você faz: “Você sabe com quem está falando?”.

Desse modo, apesar das instituições e da Constituição Federal (1988) garantirem a igualdade formal aos diferentes, na prática, o status de cidadão de direito não é atribuído a todos. Em uma sociedade hierarquizada como a nossa, a cidadania é relacional, operada pela lógica da mediação. Situações de discriminação, ou de segregação, conforme aconteceram com Luiz e seus colegas no centro de Niterói, ocorrem “[...] quando o elemento não é conhecido socialmente; isto é, quando a pessoa em consideração não tem e não mantém relações sociais com pessoa alguma naquele meio” (DAMATTA, 2000, p. 76). No entanto, apesar de operarmos substancialmente na lógica da mediação, onde as redes de relações podem classificar sujeitos como *indivíduos* – uma categoria com conotação pejorativa em uma sociedade personalista e particularista – e as reposicionar como *pessoas* – uma categoria a que se atribui valores positivos nessa mesma sociedade, é inegável que no Brasil, quando na condição de relativo anonimato, o dado raça/cor é um atributo que é sublinhado na avaliação feita pela sociedade, pelas instituições e, especialmente, pelos órgãos de segurança pública e pelo poder judiciário. Tendo sido esse aspecto construído socialmente, constituindo-se como “um dado a mais”, “um dado que conta” na construção da *fundada suspeita* advinda do *tirocínio policial* e que se estende à esfera do judiciário. Essa é uma questão em que nos aprofundaremos ao longo deste capítulo.

Voltando ao presídio, após a interação com o agente que iria cortar o seu cabelo, Luiz foi encaminhado para uma seção onde perguntam para cada preso de qual facção ele faz parte. O músico me relatou que não lhe perguntam onde você mora, mas categoricamente de qual facção é: “Facção, vagabundo?”. Ou seja, já imputam ao sujeito um vínculo com o crime organizado com o qual ele não necessariamente tenha relação ou, menos ainda, não avaliam o impacto que essa pergunta peremptória exerce sobre o indivíduo. Sabendo previamente desta situação, uma vez que foi informado e instruído pelo seu advogado, Luiz disse na triagem que era “seguro”, que é quando o preso não tem facção. Segundo seu advogado, se eles achassem que Luiz tivesse qualquer relação com o crime organizado, já pegaria de início seis meses de prisão.

O tráfico de drogas que atua na Grota é vinculado ao Comando Vermelho, uma facção criminosa do Rio de Janeiro. No entanto, é um percentual infinitesimal da população local que tem relação com o tráfico, como ocorre na maioria das favelas e comunidades do Rio de Janeiro. A massa da população é composta por trabalhadores e pessoas que moram nessas localidades porque é o que lhes é possível. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística – IBGE, divulgados em julho de 2022, a população que se autodeclara preta e parda corresponde a 56% da nossa população, à época composta de 212,7 milhões de brasileiros¹⁶⁵ – informações mais recentes apontam que atualmente somos mais de 215 milhões de brasileiros¹⁶⁶. Em 2020, a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), também realizada pelo IBGE, revelou dados alarmantes do país e que são indissociáveis do racismo estrutural existente em nossa sociedade. Conforme a pesquisa, do total de pessoas pobres no Brasil, 73% são pessoas negras. O percentual é ainda maior com relação à população que se encontra na extrema pobreza, onde 77% são negros¹⁶⁷.

Desse modo e sem maiores dificuldades, percebe-se a relação engendrada entre a população negra, pobre e a população carcerária do Brasil. Da mesma forma que o índice de letalidade da população negra em confrontos policiais quando comparado à população branca ou não identificada como negra. Conforme a matéria publicada pelo site da Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz, em novembro de 2020, os negros representavam 66,7% da população carcerária do país¹⁶⁸. De acordo com a pesquisa, ao se analisar a série histórica do dado raça/cor, houve um aumento gradativo desse grupo ao longo dos anos, a cada ano representando uma fração maior do total de pessoas presas. Ainda, com relação ao índice de letalidade em confrontos com a polícia, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública¹⁶⁹, divulgado em junho de 2022 e referente aos dados consolidados de 2021, negros e pardos representavam 84,1% das vítimas de intervenções policiais.

Nesse sentido, observa-se uma sobre-representação da população negra carcerária, assim como de mortes em confrontos policiais. Na lógica do Estado, mesmo que de forma subjacente e por ele negado, vidas negras, pobres e “periféricas” valem menos e têm menos direitos. A arbitrariedade das prisões em flagrantes, substancialmente recaída sobre a população negra e pobre, e o extermínio dessa população – sob o perverso argumento policial do “auto de

¹⁶⁵ Matéria divulgada no portal de notícias *GI*, em 22 de julho de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/22/total-de-pessoas-que-se-autodeclaram-pretas-e-pardas-cresce-no-brasil-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 23 jan. 2023.

¹⁶⁶ Dados atualizados do IBGE. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box_popclock.php. Acesso em: 23 jan. 2023.

¹⁶⁷ Matéria divulgada no site do Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Sintufrij), “A pobreza no Brasil tem cor: ela é hegemonicamente negra”. Disponível em: <https://sintufrij.org.br/2020/11/a-pobreza-no-brasil-tem-cor-ela-e-hegemonicamente-negra/>. Acesso em: 23 jan. 2023.

¹⁶⁸ Matéria divulgada no site da Fiocruz. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50418>. Acesso em: 23 jan. 2023.

¹⁶⁹ Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>. Acesso em: 23 jan. 2023.

resistência”¹⁷⁰ – se manifesta pela falta de procedimentos de uma investigação criminal pelos órgãos competentes. A ação policial é pautada pela lógica do confronto e do enfrentamento, negligenciando, permanentemente, o fato de que é necessário investir em serviços de inteligência para sanar os problemas de segurança pública.

Dessa maneira, enquanto as autoridades, o Estado e a ampla sociedade não reconhecerem de modo enfático o racismo sistêmico que norteia as instituições, especialmente a segurança pública, não será possível verificarmos uma mudança na conduta dos agentes policiais. Isso porque devemos compreender as práticas dos agentes como estruturas estruturantes¹⁷¹ do *ethos* da polícia. Nesse sentido, Neiva Vieira da Cunha (2004) analisou o processo de formação do policial nas instituições relacionadas à segurança pública. Tomando como referência o conceito de “cultura profissional” formulado pelo sociólogo Everett Hughes, a antropóloga discute o processo de socialização profissional pelo qual o policial é iniciado ao entrar nas corporações. Por conseguinte, culminando numa “espécie de conversão identitária” do sujeito ao processar uma conversão de visão de mundo. Nesse processo, o agente policial internaliza determinadas práticas e um conjunto de valores que sustentam o desempenho de seu papel por estarem incorporados na forma como passa a enxergar a “realidade prática” (CUNHA, p. 203).

Como resultado dessa formação policial, Fábio Reis Mota (2018) examinou o que chamou de *regime do cisma*, “um quadro social de sujeitos cismados” sobre o qual recai a abordagem policial – sendo esta amparada pelo argumento de autoridade da mencionada *fundada suspeita*. Desse modo, a fundada suspeita, internalizada pelo policial no processo de socialização na cultura profissional da polícia, orienta as práticas dos agentes de segurança pública na construção dos sujeitos “cismados” (MOTA, p. 126, 131).

Posto isso, podemos observar um contínuo de *cismas*, de relações fundamentadas em *cismas*, se estendendo à esfera da justiça. No artigo “O direito de ter ou não direitos”, escrito por Freire e Mota (2011), os autores discutem a questão de que, no nosso sistema social e legal, temos diferentes instrumentos que desigualam os indivíduos. O status de “cidadão” não é uma

¹⁷⁰ Trailer do documentário “Auto de Resistência”, realizado pela antropóloga, documentarista e pesquisadora das áreas de Direitos Humanos e Justiça Criminal, Natasha Neri. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QIEIOcD3Vzg>. Acesso em: 23 jan. 2023.

¹⁷¹ O conceito de Bourdieu (1989) de *estruturas estruturantes estruturáveis* que formam o *habitus*. A sociedade se reproduz no que os sujeitos fazem – na prática do sujeito. As estruturas sociais, a sociedade, não existem previamente. Elas existem, se estruturam, são reproduzidas e atualizadas pelo que os sujeitos fazem. A partir da concretude das ações dos sujeitos, *habitus* são criados e arraigados – os sujeitos reproduzindo as práticas sem se perguntarem os porquês. A partir disso, com isso, o corpo age, muitas vezes, “sozinho”, condicionado ao *habitus*. Para Bourdieu, as práticas são ações com significados. Significados culturais.

categoria universal em nossa sociedade, e sim relacional, revelando dessa forma, tensões e limites no exercício da cidadania em nosso país. Os autores escrevem:

O reconhecimento da dignidade demanda um mínimo de atenção à identidade substantiva dos atores sociais como sujeitos, de modo que o não reconhecimento desta identidade implica uma afirmação de inferioridade do interlocutor envolvido na interação (FREIRE; MOTA, 2011, p. 130).

Luiz Justino, na abordagem policial sofrida e no desenrolar dos acontecimentos, experimentou a condição de não ter direitos pela inferioridade atribuída a ele através do perfil construído pelo serviço de segurança pública e da justiça criminal – um “sujeito cismado”. De acordo com Mota (2018), existe uma diferença entre os conceitos de estigma e de cisma. Para o autor, enquanto o conceito de estigma permite uma margem de negociação, onde variáveis e aspectos podem ser relativizados, no *regime do cisma* isso não acontece. Segundo Mota, os parâmetros factuais perdem o sentido no *regime do cisma* – Luiz portando um violoncelo após um dia de trabalho, sem qualquer tipo de comportamento que pudesse levantar a suspeita da polícia para uma abordagem policial. Nesse *regime*, conforme o antropólogo, há o enrijecimento de um sistema racional, lógico; portanto, sem negociação: a arbitrariedade da arbitrariedade.

A socióloga Jussara Freire (2010) escreveu sobre o *regime de desumanização*, propondo em seu artigo uma discussão com os sociólogos Luc Boltanski e Laurent Thévenot (2020) que escreveram sobre “as economias das grandezas” no livro “A Justificação”. Freire argumenta em seu artigo que o regime de desumanização não equivale ao regime da violência, a dignidade dos seres são tratadas e percebidas de formas distintas. De acordo com a autora, “a *metafísica da violência* inviabiliza a ordenação dos seres em uma humanidade comum e, por este motivo, o regime da violência torna-se um regime injustificável, da guerra e se opõe ao regime da justificação” (Ibidem, p. 120, grifo da autora). Diferentemente, no *regime da desumanização* não se trata da dignidade dos seres, “e sim do pertencimento a uma humanidade comum” (Ibidem, p. 120). De acordo com as análises que Freire desenvolve ao longo de seu artigo, o contexto e os protagonistas sociais são determinantes para a aplicação da lógica universal dos direitos humanos ou não, variando de situação em situação. Segundo a socióloga:

No regime de violência, a inumanidade é dada, enquanto no regime de desumanização é questionada a própria humanização dos seres (que não é constantemente negada). Por esse motivo, pode-se descrevê-lo como um regime intersticial, no qual a publicização convive com a ameaça do recurso à força e, com isso, o horizonte não é o da paz, e sim o da violência (FREIRE, 2010, p. 120).

Diante da situação vivida por Luiz, desde a abordagem policial, passando pelas humilhações na delegacia – ficar nu e ter de se agachar para comprovar que não “escondia” nada em seu corpo; não ter sido alimentado até o dia seguinte, quando finalmente sua mãe pode

lhe levar um lanche; não ter podido entrar em contato com parentes e advogados; ter sido posto no “porquinho”, situação que descreveu como extremamente degradante, podemos pensar que Luiz foi protagonista de um *regime de violência*, a sua “inumanidade” foi “dada”. Quando o agente que iria cortar o seu cabelo lhe deu a oportunidade de falar sobre a sua condição de músico e, em seguida, verificou na internet que isto era verdade, passou a considerar a hipótese de sua humanidade, o que caracteriza, segundo Freire, o *regime de desumanização*. O que sofreu passou pela violência, mas foi para além, violando não só a lógica universal dos direitos humanos, mas questionando o seu próprio pertencimento a uma humanidade comum.

3.3 A ação corretiva: a mobilização junto à mídia e o reposicionamento do sistema judiciário

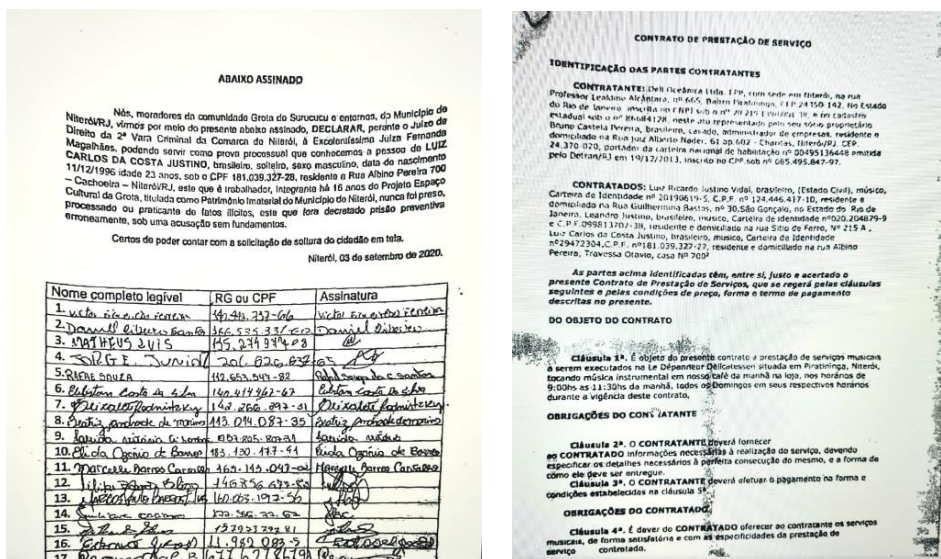
No mesmo dia em que Luiz foi transferido para o presídio de Benfica, a notícia sobre a sua prisão já começou a circular nas redes sociais dos membros do projeto da Orquestra de Cordas da Grota e a ressoar em alguns veículos de notícia. De acordo com Alexandra Seabra, musicista e produtora cultural, todos começaram a se articular para ver quais contatos de imprensa tinham ou quem poderia lhes ajudar nesse sentido. À época, a Orquestra não tinha uma assessoria de imprensa própria e se articulava através de sua rede de contatos e relações. Segundo Alexandra, nesse movimento, conseguiram o contato de uma pessoa do SBT – Sistema Brasileiro de Televisão, que teria logo em seguida veiculado a notícia¹⁷². Em paralelo, rapidamente o grupo da Orquestra se mobilizou junto à comunidade e recolheu mais de duas mil assinaturas na Grota para um abaixo-assinado defendendo a idoneidade do Luiz e contestando a sua prisão injusta. Como Alexandra ressalta, essa mobilização aconteceu no meio da pandemia, com as pessoas isoladas e com legítimos receios e cuidados de não se exporem ao vírus para o qual ainda não havia vacina. Com tudo isso, os membros da Orquestra conseguiram recolher esse volume de assinaturas, que foram anexadas aos autos do processo do Luiz.

Ainda, como parte da “força tarefa” do grupo, começaram a pesquisar as fotos dos lugares onde Luiz tocava, se apresentava e chegaram a uma foto e a um vídeo do Luiz tocando na padaria onde ele estava contratado na época do suposto crime. Fizeram contato com o

¹⁷² Em todas as pesquisas que realizei na internet só apareceu a primeira matéria do SBT datada do dia 6 de setembro de 2020, dia que Luiz finalmente foi solto. Enquanto a matéria publicada pela jornalista Ana Cláudia Guimarães em O Globo, aqui já mencionada, foi publicada no dia 3 de setembro de 2020, um dia após a prisão do Luiz. Segundo o relato de Alexandra, o SBT foi a primeira emissora de TV com a qual conseguiram fazer um contato. Disponível em: <https://www.sbtnews.com.br/noticia/brasil/148480-musico-que-teria-sido-presoinjustamente-e-solto-no-rio>. Acesso em: 26 jan. 2023. No entanto, facilmente se encontram na internet diversas outras matérias sobre a prisão do Luiz, veiculadas por outros canais de notícia logo após a sua prisão.

estabelecimento *Le Dépanneur Delicatessen*, conseguiram uma cópia do contrato de trabalho e um depoimento da publicitária Cristina Guerra que organizava o evento “Café Musical” aos domingos pela manhã, na *Le Dépanneur*¹⁷³ – Figuras 3.7 e 3.8.

Figura 3.7 - Parte do abaixo-assinado recolhido na comunidade da Grota, com um total de mais de duas mil assinaturas; Figura 3.8 - Parte do contrato de trabalho com o estabelecimento *Le Dépanneur*.



Fonte: Autos do processo de Luiz Carlos da Costa Justino.

Importante neste momento pontuar que Luiz teve a “sorte” de ter uma rede de apoio sólida e tenaz, muito bem articulada e diligente na tomada de decisões e na execução das ações que cabiam ser feitas e que demonstraram ser cruciais para a repercussão do seu caso na mídia e na sua consequente soltura – da qual iremos tratar. Devemos ainda acrescentar como “sorte”, o fato de Luiz ter provas concretas e contundentes que evidenciaram que no dia 5 de novembro de 2017, um domingo pela manhã, ele estava cumprindo um contrato de trabalho em um estabelecimento no bairro de Piratininga em Niterói. Isso porque, como foi suscitado ao longo da repercussão de seu caso, através de diversos outros exemplos de casos semelhantes expostos pela mídia sobre prisões injustas por “erro” de reconhecimento fotográfico, Luiz poderia ser

¹⁷³ De acordo com os relatos colhidos no campo, os donos do estabelecimento prefeririam não se envolver com o caso, mas a produtora responsável pelo evento prontamente se colocou à disposição para testemunhar a favor de Luiz. Cristina Guerra fez um vídeo com o seu depoimento para uma matéria veiculada no telejornal da Globo *RJTV*, no dia 5 de setembro de 2020, e foi uma das testemunhas na Audiência de Instrução e Julgamento, ocorrida no dia 9 de junho de 2021, quando finalmente Luiz foi absolvido. O vídeo e a foto de Luiz tocando na padaria, junto com Ricardo e Leandro, também estão na reportagem do *RJTV*. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj2/video/parentes-e-amigos-de-musico-presos-fazem-protesto-em-frente-ao-presidio-de-benfica-8834394.ghtml>. Acesso em: 26 jan. 2023.

inocente e não ter nenhum dos suportes mencionados que o ajudassem a comprovar a sua inocência.

Nesse sentido, devemos nos perguntar: e se Luiz não fizesse parte da Orquestra, um projeto conhecido e reconhecido no âmbito da cultura e para além dessa esfera, com registros dos músicos tocando em diversos teatros, eventos culturais e afins, tendo uma rede de pessoas que o acompanham desde criança e atestam sobre sua índole e que estão dispostas a se comprometerem por ele? Luiz poderia não ser essa pessoa, não pertencer a esse círculo e ainda assim ser inocente. Mas por ser negro, da Grota e sem ter uma rede de relação que o tirasse da condição de *indivíduo* e o reposicionasse como *pessoa* na situação de conflito, Luiz poderia ficar preso por tempo indefinido, como demonstrou na época uma reportagem do programa *Fantástico*, da TV Globo¹⁷⁴.

Logo assim que as primeiras notícias sobre a prisão do músico começaram a circular nas mídias, um personagem novo e importante entrou em cena, o jornalista e assessor de imprensa Paulo Márcio. Músico desde muito jovem e já tendo participado de diferentes orquestras ao longo de sua trajetória como músico profissional, Paulo Márcio conhece a Orquestra de Cordas da Grota de longa data, assim como Márcio, Lenora e Paulo Tarso. Conforme nossa entrevista, Paulo Márcio conseguiu conciliar a profissão de músico profissional e jornalista até uma dada época. Depois, por um conjunto de razões, acabou por se dedicar profissionalmente somente à carreira de jornalista, mas nunca tendo abandonado a música como um prazer. Paulo Márcio trabalhou por muito tempo no Jornal do Brasil¹⁷⁵, onde chegou a ser editor executivo e há alguns anos trabalha como assessor de imprensa. Dessa forma, de acordo com o seu relato, assim que viu a primeira notícia sobre a prisão do Luiz tomou um susto – “fiquei louco” – e ligou imediatamente para o Paulo Tarso para entender o que estava acontecendo.

Nessa conversa, Paulo Márcio perguntou se eles tinham assessoria de imprensa, pois comentou que a Orquestra tinha que “explodir” o caso na mídia. Paulo Tarso informou que eles não tinham assessoria, que estavam se articulando por conta própria. Em vista disso, Paulo

¹⁷⁴ Reportagem do programa *Fantástico* da TV Globo, exibida em 21 de fevereiro de 2021, sobre as prisões injustas por “erro” de reconhecimento fotográfico. Conforme a reportagem, 83% dos presos injustamente por reconhecimento fotográfico no Brasil são negros. A matéria aborda casos de pessoas que foram presas mais de uma vez – um dos casos, **nove vezes** – por conta de suas fotografias não terem sido retiradas do banco de imagem da polícia. Para mais, a reportagem denuncia que, em média, essas pessoas ficam presas por nove meses, mas há casos de pessoas que ficaram presas por anos, até terem o direito à liberdade por um crime que nunca cometeram. Ainda, apesar da liberdade conquistada, muitas ainda respondem a processos. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9288342/>. Acesso em: 26 jan. 2023.

¹⁷⁵ Tradicional jornal brasileiro de circulação nacional e editado na cidade do Rio de Janeiro. Fundado em 1891, desde 2019 o Jornal do Brasil parou de ser impresso e atualmente somente existe na versão online.

Márcio se colocou à disposição, de modo voluntário, para ajudá-los nesse viés e ligou para mais umas pessoas para se inteirar melhor de todo o ocorrido. A partir das informações colhidas, Paulo Márcio relatou que ligou para todos os seus contatos de jornalistas, como o diretor da Rede Bandeirantes e a equipe do *RJTV* da TV Globo. Segundo ele, foi notável como todos se prontificaram a dar a matéria e a cobrir o caso do Luiz, um jovem que o jornalista já conhecia e disse que, inclusive, frequentava com a sua filha a padaria onde o músico tocava aos domingos pela manhã. A partir desse evento, Paulo Márcio se tornou o assessor de imprensa da Orquestra de Cordas da Grota. Num primeiro momento como voluntário, mas logo depois a ONG conseguiu recursos através de um edital e assim ele foi oficialmente contratado.

O caso do Luiz foi num crescente e ganhou repercussão nacional, tendo sido noticiado desde os telejornais locais, como *RJTV* da TV Globo, até os de abrangência nacional, como o *Jornal Nacional* e o programa *Fantástico* da mesma emissora, os de maior audiência da TV aberta, mas como também os noticiários de outras televisoras, como Record, SBT e TV Cultura. Quanto aos sites de notícia, o caso do Luiz ultrapassou as fronteiras das chamadas “mídias alternativas”¹⁷⁶, as de viés mais progressista e voltadas para as pautas de questões raciais e identitárias, denúncia de violência e abuso das autoridades de segurança pública, como *Mídia Ninja*, *Jornalistas Livres*, *Portal Geledés*¹⁷⁷, dentre muitas outras. A prisão do Luiz teve ampla cobertura por parte de todo o espectro dos veículos de notícia, incluindo a chamada “grande mídia”¹⁷⁸. Os desdobramentos desse episódio foram também acompanhados de perto por boa parte desses veículos, que também noticiaram, de um modo geral, as discussões que se sucederam ao evento. Importante destacar que o acontecimento da prisão injusta do músico foi o estopim para a explosão e a reverberação de uma questão que vinha latente na sociedade, que é a negação da real cidadania a um importante contingente de pessoas, constituído, principalmente, por negros e pobres.

O principal tópico de todo esse evento, e que até então estava obscuro para a ampla maioria da sociedade, pelo menos de modo evidente e verbalizado, era a questão do banco de imagens construído pela polícia e pelo qual se faz o procedimento de reconhecimento fotográfico quando vítimas de crimes vão fazer um Registro de Ocorrência nas Delegacias de

¹⁷⁶ Também conhecidas como “mídia contra-hegemônica”, que se contrapõe a uma posição política dominante das chamadas “mídias tradicionais” ou corporativas, pertencentes a grandes grupos econômicos.

¹⁷⁷ Matéria do *Portal Geledés*, publicada no dia 6 de setembro de 2020, data da soltura do músico. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/musico-deixa-presidio-no-rio-e-vai-cumprir-prisao-domiciliar/>. Acesso em 27 jan. 2023.

¹⁷⁸ Matéria do portal de notícias *G1*, publicada em 6 de setembro de 2020, data da soltura do músico. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj-rio-de-janeiro/noticia/2020/09/06/musico-que-teria-sido-presos-por-engano-em-nteroi-e-solto.ghtml>. Acesso em: 27 jan. 2023.

Polícia. Como a foto do Luiz e de tantos outros jovens vão parar nesse banco de imagens? Essa foi uma das questões que levantei em minha entrevista com o juiz André Nicolitt, Juiz de Direito do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJRJ), professor de Processo Penal da Universidade Federal Fluminense (UFF) e o responsável por revogar a prisão preventiva de Luiz Carlos da Costa Justino¹⁷⁹. De acordo com Nicolitt:

No fundo, como tem uma falta de protocolo, de regulamento sobre isso, não se sabe ao certo como eles [álbuns de suspeitos] são montados. Alguns bancos [de imagens] são físicos, outros são digitais. Cada delegacia opera de acordo com a sua organização interna, não tem uma padronização sobre isso (NICOLITT, 2021).

Contudo, conforme Nicolitt chamou a atenção, a pergunta sobre como são construídos os bancos de imagens se desdobra em outra igualmente importante, que é: Como que se dá credibilidade a dados tão frágeis, como uma foto 3X4 de má qualidade e depoimentos sem consistência? Como foi o caso do Luiz, incriminado por uma foto antiga 3X4¹⁸⁰ e por um depoimento nitidamente inconsistente por parte da vítima. No Termo de Declaração realizado na 79ª Delegacia de Polícia, situada no bairro de Jurujuba e onde a vítima do crime fez o Registro de Ocorrência, quando perguntada se possuía condições de fornecer dados fisionômicos para a confecção de retrato-falado dos autores do crime, o declarante respondeu negativamente. Ainda, em dois diferentes momentos do depoimento, ora a vítima consegue fornecer as características de dois dos quatro suspeitos, como cor da pele, altura e idade aproximadas, ora ela diz não ter condições de identificar o segundo autor do crime.

Nesse sentido, observa-se de modo evidente que a vítima não tinha condições de identificar os autores do crime. De acordo com Nicolitt, nessas situações opera o que se chama no processo penal de “primado da hipótese sobre o fato”¹⁸¹, que é quando as pessoas ficam contaminadas com uma primeira impressão e, muitas vezes, essa primeira impressão pode ser fomentada pelo racismo e o preconceito. Nisso, elas se fecham para qualquer outra possibilidade diversa. Desse modo, a hipótese inicial passa a ser mais importante do que a própria verdade sobre os fatos. De acordo com o juiz, na psicologia fala-se sobre o “efeito

¹⁷⁹ Entrevista realizada em 22 de dezembro de 2021, através do Google Meet.

¹⁸⁰ O processo do Luiz a que tive acesso não contém a foto pela qual ele foi incriminado. De todo modo, de acordo com as entrevistas realizadas no campo, principalmente com o próprio Luiz, mas também com Jorginho, Leandro e Alexandra, a foto seria de uma carteirinha antiga do colégio, que Luiz teria perdido em 2017, quando tinha 20 anos. No entanto, segundo os relatos, a foto em si seria ainda mais antiga, feita em torno de 2014, portanto, quando Luiz tinha 17 anos. Sendo assim, ainda menor de idade. De qualquer forma, uma reportagem do *RJTV* da TV Globo mostrou a foto 3X4 pela qual Luiz foi preso. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj2/video/parentes-e-amigos-de-musico-preso-fazem-protesto-em-frente-ao-presidio-de-benfica-8834394.ghtml>. Acesso em: 29 jan. 2023.

¹⁸¹ Matéria do site *Consultor Jurídico* – Conjur, sobre o “primado da hipótese sobre os fatos”. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2014-jul-14/constituicao-poder-quadro-mental-paranoico-nao-imperar#:~:text=Franco%20Cordero%20explica%20que%20o,da%20acusa%C3%A7%C3%A3o%2C%20desprezando%20os%20demais>. Acesso em: 29 jan. 2023.

túnel”, que é quando a pessoa só olha aquilo que está na sua frente e não consegue ver nada que está no periférico. É o que podemos deduzir da situação vivenciada pela vítima do crime e que, por sua vez, ao identificar indevidamente uma pessoa, seguida da imediata aceitação da polícia e sem maiores questionamentos, levou à criação de uma nova vítima – o Luiz. Sim, porque incriminar indevidamente uma pessoa, sem provas contundentes, é torná-la uma vítima.

Quanto ao procedimento do inquérito policial, no que diz respeito às investigações e como são checadas as provas, esse é um ponto sensível e que deve ser ressaltado. No caso do Luiz, o crime do qual foi acusado ocorreu no dia 5 de novembro de 2017. No dia seguinte, 6 de novembro, o Delegado Titular responsável pelo Relatório de Inquérito final encaminhou para o Representante do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro o documento que dava o caso como um fato “esclarecido e provado”. De acordo com o Delegado:

Portanto, todos os indícios colhidos em sede policial apontam para o nacional LUIZ CARLOS DA COSTA JUSTINO ficando demonstrada sua conduta típica, ilícita e culpável, devendo ainda o policial responsável pelo procedimento cumprir todas as formalidades referentes ao indiciamento, inclusive em relação às anotações no S.I.P.. (ASCOLI, 2017, p. 44).

Como desdobramento do Relatório de Inquérito final, no dia 28 de novembro de 2017, a Juíza Titular Fernanda Magalhães Freitas Patuzzo expediu o mandado de prisão preventiva em desfavor de Luiz Carlos da Costa Justino, com data limite para o cumprimento do mandado de 26 de novembro de 2037.

Outro dado importante e que consta nos autos do processo é que Luiz nunca foi citado. Ou seja, o músico tinha sua prisão decretada desde 2017, mas sem que tivesse qualquer conhecimento sobre isso. O argumento do Ministério Público para que Luiz nunca tivesse sido citado foi que o seu endereço não foi encontrado, tratando-se de área de difícil acesso, razão pela qual foi decretada a sua prisão preventiva. No entanto, conforme a defesa do músico alegou, Luiz tinha endereço certo e trabalho fixo na Orquestra de Cordas da Grotta. Desse modo, conforme escreveu em sua Decisão, o juiz André Nicolitt apontou que a não localização do músico pode ter decorrido da inoperância do próprio Estado. Na verdade, a inoperância do Estado se revelou como um fato e não uma hipótese. Isto porque, de acordo com o relato do Luiz, Jorginho e Alexandra, uma semana antes de sua abordagem pelos agentes de segurança do Niterói Presente, a polícia invadiu a sua casa – à época, morando com sua mãe. Luiz, que estava dormindo, foi acordado com o cachorro da polícia lambendo o seu rosto. Um fato gravíssimo. A polícia entrou em sua casa sem um mandado judicial.

A pergunta óbvia que se impõe: Como que ao longo de três anos, a contar da data do suposto crime até o dia da abordagem policial, não encontraram o endereço do Luiz, mas uma

semana antes da sua prisão invadiram a sua casa? Na época, Luiz estava separado de sua companheira Mariana, e estava morando com sua mãe. Na ocasião, encontravam-se na casa Luiz, sua mãe, um irmão e um cunhado. Todos estavam dormindo. Luiz acordou no susto e foi chamar os parentes, avisando que a polícia estava na casa. Contudo, um fato curioso e sem que tenha sido esclarecido, Luiz e sua mãe foram os únicos que não tiveram os seus documentos checados pela polícia. Os policiais pediram para checar os documentos de seu irmão e do cunhado e tiraram uma foto de ambos. No entanto, nada fizeram com relação ao músico.

Luiz não entendeu, segundo ele próprio, porque não passou pela mesma sabatina do irmão e do cunhado, mas, em suas palavras, “Graças a Deus”. Segundo o músico, o que tem fundamento, se ele tivesse tido os seus documentos checados naquela ocasião e os policiais tivessem constatado um mandado de prisão contra ele, tudo poderia ter sido ainda mais dramático. Sua mãe mora no Morro da Igreja, uma localidade onde as operações policiais acontecem com virulência, sem respeito às normas jurídicas, como um mandado judicial para entrar na casa de uma pessoa. Da forma como foi abruptamente acordado na casa de sua mãe, Luiz não teria o amparo de estar em posse de seu violoncelo, junto com o amigo e colega músico, Jorginho, também em posse de seu violino. Não teria como argumento o fato de ter acabado de se apresentar junto com outros músicos nas proximidades de onde foi abordado e, ainda, não estaria em um espaço público, onde a visibilidade é obviamente maior, gerando testemunhas.

Outro aspecto importante desse episódio, que deve ser observado, é o fato de os policiais terem fotografado o irmão e o cunhado do Luiz. Por quê? Com que objetivo? Baseados em que direito, uma vez que não tinham sequer um mandado judicial para entrar na casa? Podemos pensar que essa é uma das formas pelas quais se constroem os bancos de imagens das delegacias? Conforme uma passagem escrita na Decisão do juiz André Nicolitt: “[...] um suspeito sem investigação prévia, que já é apresentado em um álbum no ato do registro de ocorrência, é um suspeito que precede o próprio fato. É uma espécie de suspeito natural” (NICOLITT, 2020). Terá sido esse o destino das fotos do irmão e do cunhado de Luiz? Teriam eles passado a partir desse momento a compor uma “galeria de suspeitos”, sem que tivessem jamais sido acusados de qualquer delito? Essa é uma questão primordial.

Segundo um estudo realizado em 2022 pela Defensoria Pública do Rio de Janeiro (DPRJ), no estado fluminense, 80% dos réus absolvidos por erros de reconhecimento fotográfico passam em média um ano e dois meses presos injustamente. Conforme ainda o levantamento da pesquisa, há quem tenha passado quase seis anos encarcerado preventivamente até absolvição. De acordo com o estudo da DPRJ, entre os réus julgados, 95,9% são homens e

63,74%, negros. Apesar da matéria divulgada pelo portal de notícias *GI*¹⁸² não ter contemplado um dado importante, conforme já apresentado ao longo deste trabalho, invariavelmente os erros por reconhecimento fotográfico recaem sobre as camadas mais pobres da população.

Conforme os antropólogos Marco Antônio da Silva Mello e Felipe Berocan Veiga (2012) discutiram no artigo “A incriminação pela diferença”, o que se verificou na sequência dos acontecimentos decorridos da abordagem policial sofrida por Luiz é o resultado da qualidade do inquérito policial em nosso país. Ao analisarem três casos paradigmáticos de ciganos no Brasil, dois deles associados a processos judiciais e um terceiro a um linchamento, fruto de uma condenação sumária por parte da “vizinhança”, os antropólogos revelaram as marcas do preconceito e da intolerância entremeadas na sociedade civil, na polícia, na justiça e na mídia. Como resultado das representações que as diferentes esferas da sociedade constroem e reproduzem em relação a determinadas identidades, Mello e Veiga demonstraram no artigo o caráter incriminatório do inquérito policial e do processo judicial, especialmente com relação a determinados grupos e segmentos da nossa sociedade (Ibidem, p. 87). Desse modo, observa-se a normatização de condutas e julgamentos discriminatórios da parte de instituições que deveriam, ao invés disso, coibir os instrumentos que desigualam os indivíduos. Ou seja, as instituições deveriam promover e assegurar a igualdade jurídica aos diferentes. Complementando esse entendimento, os autores citam o conceito de “sociedade decente”, do filósofo Avishai Margalit:

As instituições sociais podem ser descritas de duas maneiras: abstratamente, por seus regulamentos e suas leis ou, concretamente, por seu comportamento real. [...] O Estado possui, pois, um potencial particularmente importante, ao mesmo tempo normativo e factual, de humilhação institucional (MARGALIT, 1999, p. 13-15 *apud* MELLO; VEIGA, 2012, p. 102).

O sociólogo Michel Misse (2011) escreve sobre o poder da instituição policial, especialmente dos delegados de polícia, no inquérito policial brasileiro. Segundo o autor, é importante ressaltar que:

[...] na modernidade, o crime não existe na ‘natureza’ do evento, mas na interação social em que uma parte acusa moralmente a conduta da outra e, sendo bem-sucedida, obtém a institucionalização daquele curso de ação, idealmente tipificado como ‘crime’, nos códigos penais (Ibidem, p. 16, grifo do autor).

Conforme o antropólogo Roberto Kant de Lima (2000) ressalta, no Brasil existe uma tradição inquisitorial, onde os delegados de polícia são os personagens principais, lidando

¹⁸² Matéria divulgada no portal de notícias *GI* sobre o estudo realizado pela Defensoria Pública do Rio de Janeiro, em maio de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/05/05/80percent-dos-reus-absolvidos-por-erros-em-reconhecimento-fotografico-no-rj-ficaram-mais-de-1-ano-presos-diz-estudo-da-defensoria-publica.ghtml>. Acesso em: 7 fev. 2023.

diretamente com os direitos civis das pessoas ao atuarem como executivo e judiciário. Segundo Kant de Lima, no processo inquisitorial o suspeito já é culpado, “ele” que tem de se explicar – “porque sua culpa está de antemão presumida” (Ibidem, p. 106). De acordo com o autor, o que vale nesse modelo – do contraditório – é o argumento de autoridade em detrimento da autoridade dos argumentos (Ibidem, p. 109).

Em consonância com essas reflexões, Misse (2011) apresenta em seu artigo uma distinção entre processos de criminalização, criminação e incriminação na relação entre agência policial e processamento judicial. O autor argumenta que existe uma lógica nessa relação institucional responsável por selecionar os “ilegalismos que ganharão o nome de crime e a busca de seus supostos autores” (Ibidem, p. 17). Desse modo, escreve:

Se, do ponto de vista processual, a toda criminação segue-se a demanda de incriminação, na prática isso pode inverter: a demanda social de punição pode levar (e tem levado) à incriminação preventiva. No passado, como agora, há um processo social que ‘estabiliza’, por assim dizer, em tipos sociais, a expectativa de reiteração do sujeito no crime; mais que isso, tende a assimilar o crime ao sujeito, tal modo que a periculosidade do sujeito, baseada no que se supõe ser sua propensão natural ao crime, passa a ser decodificada por traços que ele apresente. A seleção desses traços, como no processo de estigmatização, interliga causalmente variáveis de pobreza urbana, baixa escolaridade e preconceitos de cor e marca ao que se espera que seja uma ‘carreira criminoso’ (Ibidem, p. 17, grifo do autor).

Com a mobilização feita pela Orquestra de Cordas da Grota junto à mídia, rapidamente o caso atraiu a atenção e a indignação de movimentos sociais da luta antirracista, bem como de lideranças e representantes da política institucional comprometidos com a pauta e os direitos humanos. Desse modo, em questão de dois dias a prisão do músico foi alçada ao patamar de um “caso de repercussão”, sendo matéria obrigatória dos principais telejornais e sites de notícia e tendo provocado o clamor público da ampla sociedade. Conforme Kant de Lima, Eilbaum e Medeiros (2017), o que difere a repercussão midiática, política e social de um “caso comum” para um “caso de repercussão” se deve a forma diferenciada e desigual com que os acontecimentos são administrados institucionalmente pelas agências públicas responsáveis pelos mesmos (Ibidem, 8). Segundo os antropólogos, para que possamos analisar o processo de transformação de um acontecimento comum para um “evento”, é necessário pensar através do que chamaram de *processos de repercussão*:

Nesse contexto, algumas perguntas orientaram as pesquisas: quais dimensões transformaram uma história em um ‘caso de repercussão’? A personalidade pública dos envolvidos? O status social e moral das vítimas? O grau de violência na dinâmica dos fatos? A importância dos cargos políticos dos envolvidos? O local dos fatos e/ou sua representação social e simbólica? Quais atores se mobilizam, e como, para que certos ‘casos’ ganhem repercussão? Qual é o sucesso ou o fracasso de tal mobilização? Quais recursos são acionados? Quais são as consequências judiciais dessa distinção de tratamento? (Ibidem).

Os autores ainda ressaltam que os casos construídos como extraordinários, os “casos de repercussão”, não devem ser pensados como exceções de um sistema judicial, mas,

Trata-se de casos que entram nas cenas burocráticas administrativas e judiciais como ‘eventos’ que condensam significados dentro do mesmo sistema simbólico dos acontecimentos cotidianos (SAHLINS, 1987 *apud* KANT DE LIMA; EILBAUM; MEDEIROS, 2017, p. 11, grifo dos autores).

A repercussão do caso do Luiz fez acender as discussões sobre o contingente de pessoas presas, na grande maioria negras e pobres, tendo como única prova o reconhecimento fotográfico, no qual não se sabe a procedência das fotos, podendo ser retratos retirados das redes sociais, de documentos perdidos e outros questionáveis métodos de construção de banco de imagens. Dessa forma, a prisão do músico se constituiu como um evento por ter reunido um conjunto de significados que, condensados naquele momento e contexto social, serviu como estopim para a discussão de um problema histórico, urgente e que precisava ser explicitado: o encarceramento da população negra e pobre. Como componentes diretamente implicados no problema vivenciado por Luiz e de todo o encadeamento dos fatos que se sucederam à abordagem policial sofrida pelo músico, as agências dos sistemas de Segurança Pública e de Justiça foram indubitavelmente objeto de denúncia e de questionamento por parte da mídia e da ampla sociedade com relação às burocracias públicas e seus burocratas.

O vulto que o caso do músico tomou na mídia e o clamor público provocado pela injustiça cometida contra o jovem trouxe à tona, de modo evidente, que a prisão do Luiz não era um “evento extraordinário” no sentido de caso isolado, mas sim símbolo dos acontecimentos cotidianos, haja vista os dados aqui apresentados sobre a população carcerária do país, intrinsecamente relacionada com a população mais pobre. Dessa forma, demonstrando como a desigualdade jurídica operada entre os diferentes segmentos da população e a *incriminação pela diferença* consumadas através dos dados de raça/cor, idade e classe social conduzem a uma sobre-representação da população negra e jovem nas abordagens policiais, no seu encarceramento e nas mortes por conflitos com a polícia.

Nesse sentido, paralelamente à concretude da prisão do músico, enquanto seu Alvará de Soltura ainda não havia sido expedido, dois movimentos concomitantes aconteciam e que impulsionaram ainda mais as discussões urgentes sobre as prisões “por engano” – invariavelmente recaídas sobre um mesmo perfil. Representantes da sociedade civil e do poder judiciário que reconheciam o racismo estrutural entranhado nas instituições de Segurança Pública e de Justiça e que estavam comprometidos em debater e enfrentar esse problema de razões históricas, se juntaram para construir uma campanha que produzisse efetivos resultados

na esfera jurídica e, como consequência, nos procedimentos do inquérito policial. Enquanto isso, os músicos da Orquestra de Cordas da Grota se articularam e organizaram uma manifestação no dia 5 de setembro de 2020, em frente ao presídio onde Luiz estava preso, com ampla cobertura dos veículos de notícia¹⁸³.

Conforme os relatos de Luiz, no dia em que ocorreu a manifestação, mas sem que pudesse ter conhecimento do que acontecia do lado de fora do presídio, houve uma mudança de tratamento com ele. Primeiro descreveu que observou um alvoroço e escutou: “tem músico famoso aí, tem músico famoso aí”. Ele ficou pensando se era dele que falavam e bateu uma esperança. Logo depois, o retiraram da cela comum, segundo ele, lotada, e o colocaram numa cela individual, onde lhe deram uma camisa e um short novos – até esse momento Luiz estava com a mesma roupa do corpo. Nesse mesmo dia, o Juiz de Direito André Nicolitt deferiu a liminar para colocar o paciente Luiz Justino em prisão domiciliar, revogando assim a sua prisão preventiva e tendo a Audiência de Instrução e Julgamento marcada para o dia 9 de junho de 2021. No entanto, mesmo com o Alvará de Soltura expedido no plantão judiciário do dia 5 de setembro, um sábado à noite, Luiz foi transferido do Complexo Penitenciário de Benfica, na mesma noite, para o Complexo de Guaxindiba, em São Gonçalo, sem que seus familiares e advogados fossem avisados¹⁸⁴.

No dia seguinte, 6 de setembro, um domingo pela manhã, pela primeira vez lhe deram um lençol, um sabonete e uma escova de dentes. Conforme elaborou, só porque ele ia ser solto e por toda a mídia que estava mobilizada para cobrir o seu caso. Finalmente, ao meio-dia, o jovem foi solto e pode ir para a sua casa. Em razão da não comunicação prévia de sua transferência de presídio, os familiares de Luiz não sabiam onde ele estava e, desse modo, não conseguiram estar no local para recebê-lo quando foi solto. Contudo, mesmo sendo avisado de última hora, seu advogado conseguiu estar presente e recebeu o jovem na saída do presídio.

Quanto ao esforço empreendido por entidades civis e do poder judiciário, foi criada em outubro do mesmo ano, 2020, a campanha “Justiça para os inocentes”, uma iniciativa da Comissão dos Direitos Humanos e Assistência Judiciária (CDHAJ) da Ordem dos Advogados

¹⁸³ O protesto organizado pelos músicos teve ampla cobertura da mídia e se mostrou fundamental para denunciar a injustiça sofrida pelo jovem e o caráter de urgência pela sua soltura, assim como de muitos outros jovens presos “por engano”. Reportagem do site de notícias *O Dia*. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2020/09/5984093-video--musicos-protestam-em-frente-a-presidio-de-benfica-por-liberdade-de-violoncelista-presos-em-niteroi.html#foto=1>. Acesso em: 31 jan. 2023.

¹⁸⁴ Matéria do site de notícias *Extra* sobre a soltura de Luiz Justino. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/violoncelista-da-orquestra-de-cordas-da-grota-presos-por-engano-em-blitz-da-pm-solto-24626754.html>. Acesso em: 31 jan. 2023.

do Rio de Janeiro (OABRJ) em conjunto com o coletivo de artistas *342 Artes*¹⁸⁵ e a *Mídia Ninja*¹⁸⁶ pelo fim das prisões de inocentes com base unicamente em reconhecimento por fotografia. A campanha teve ampla repercussão na grande mídia, principalmente no programa *Fantástico* da TV Globo, que já vinha produzindo uma série de episódios sobre os casos de prisões injustas, abordando histórias de diferentes vítimas presas “por engano”, por erro de reconhecimento fotográfico e que, a partir da prisão do Luiz e de outras vítimas, ganhou uma projeção ainda maior¹⁸⁷. Para mais, a campanha teve como lançamento uma *live* transmitida pelas redes sociais com Caetano Veloso e o juiz André Nicolitt, responsável pela revogação da prisão preventiva do Luiz e comprometido com a pauta antirracista e em combater o racismo estrutural nas instituições judiciárias¹⁸⁸.

Como desdobramento das iniciativas que o evento do Luiz e de outras vítimas suscitaram, em 27 de outubro de 2020, a Sexta Turma do Superior Tribunal de Justiça mudou um entendimento jurídico acerca da condenação de suspeitos de crimes tendo como uma única prova o reconhecimento fotográfico. De acordo com o relator à época, o Ministro Rogério Schietti Cruz, o reconhecimento por foto não basta para a condenação de um suspeito, valendo apenas como etapa antecedente do reconhecimento presencial; “portanto, não podendo servir como prova em ação penal, ainda que confirmado em juízo”¹⁸⁹. Diante da decisão da Sexta Turma do STJ, perguntei ao juiz Nicolitt se de fato os tribunais estavam cumprindo a nova decisão e se já era possível, um ano depois, observar alguma alteração nos dados das prisões “por engano”. Nicolitt respondeu que a Sexta Turma mudou um entendimento, exigindo mais

¹⁸⁵ Coletivo criado por artistas e políticos brasileiros empenhados em combater a censura e difamação às manifestações artísticas e culturais por grupos conservadores brasileiros, mas que se expandiu para outras esferas do debate público nacional, como as prisões “por engano” da população negra e pobre. A articuladora à frente do coletivo é a produtora Paula Lavigne, esposa do músico e compositor Caetano Veloso. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/342_Artes. Acesso em 31 jan. 2023.

¹⁸⁶ Fundada em 2013, a Mídia Ninja é uma rede de comunicação livre, com uma lógica colaborativa de trabalho e que entende a comunicação democrática como um direito humano e de interesse público. Disponível em: <https://midianinja.org/quem-somos/>. Acesso em: 31 jan. 2023.

¹⁸⁷ A série “Projeto Inocência” estreou no *Fantástico* no final de julho de 2020, antes da prisão do Luiz. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/07/26/projeto-inocencia-nova-serie-mostra-historias-de-condenados-injustamente-no-brasil.ghtml>. Acesso em 31 jan. 2023. Mas, após a prisão do músico e de outras vítimas que também tiveram repercussão na mídia, a série obteve uma projeção ainda maior e, de forma intermitente, se estendeu até o ano de 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10492134/>. Acesso em: 31 jan. 2023.

¹⁸⁸ Encontro remoto entre o Caetano Veloso e o juiz André Nicolitt, realizado em 29 de outubro de 2020, para lançar a campanha “Justiça para os inocentes” e debater o racismo estrutural de nossa sociedade que se manifesta, dentre outras situações, na prisão da população negra, jovem e pobre. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BXzhRn3fafk>. Acesso em: 31 jan. 2023.

¹⁸⁹ Matéria divulgada no site do Superior Tribunal de Justiça acerca do novo entendimento da Sexta Turma. Disponível em: <https://www.stj.jus.br/sites/portalt/Paginas/Comunicacao/Noticias/27102020-Sexta-Turma-rechaca-condenacao-baseada-em-reconhecimento-que-nao-seguiu-procedimento-legal.aspx>. Acesso em: 1 fev. 2023.

rigor e critério na utilização do reconhecimento fotográfico: “Mas ainda há muita resistência. Isso não sendo freneticamente utilizado não. É uma mudança importante, simbólica, mas ainda está sendo usada com muita moderação”.

Diversas outras iniciativas e debates no meio jurídico, político e da sociedade civil surgiram a partir da prisão do músico, o que transformou a sua história em um “caso de repercussão”. Dias depois da soltura do músico, em 11 de setembro de 2020, a OABRJ promoveu um debate pela internet, transmitido na página oficial da instituição, para discutir especificamente o caso do Luiz Justino e a violência do estado que opera com desigualdade jurídica em relação aos diferentes. O convidado do programa *OABRJDebate*, conduzido pelo advogado José Fernandes Junior, foi o Dr. Álvaro Quintão, então presidente da Comissão de Direitos Humanos da Seccional, que acompanhou de perto todo o caso do músico¹⁹⁰. Logo depois foi criada a campanha “Justiça para os inocentes”, mencionada anteriormente.

Como efeito da decisão da Sexta Turma do Superior Tribunal de Justiça, o desembargador Marcus Henrique Pinto Basílio, do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, acatou a orientação do STJ e publicou o Aviso 2ªVP nº 01/2022:

Art. 1º. **Recomendar** aos magistrados que reavaliem, com a urgência necessária, as decisões em que a prisão preventiva do acusado foi decretada tão somente com base no reconhecimento fotográfico operado sem a observância do disposto no artigo 226 do CPP, realizado no bojo do procedimento investigatório respectivo, **inclusive nos efeitos suspensos na forma prevista no artigo 366 do CPP** (BASÍLIO, 2022, grifo do autor)¹⁹¹.

Luiz também foi convidado a participar de muitas ações voltadas para discutir não apenas o seu caso, mas também o que o evento de sua prisão representa para a população negra vítima da desigualdade jurídica. Em uma dessas ocasiões, o músico foi convidado a dar o seu depoimento em uma Audiência Pública do Grupo de Trabalho formado por juristas negros que discutem, particularmente, o racismo no sistema criminal e na segurança pública e que analisam mudanças na legislação brasileira para combater o racismo estrutural. A audiência teve a abertura do juiz Nilo Batista, referência na crítica ao sistema criminal brasileiro. Outros dois participantes foram o juiz André Nicolitt, responsável por revogar a prisão do jovem e o desembargador Siro Darlan, que apresentou dez páginas de propostas e fez uma dura autocrítica em relação à atuação dos magistrados: “O Poder Judiciário, hoje, se parece muito com o capitão

¹⁹⁰ Programa *OABRJDebate*. Disponível em: <https://www.oabRJ.org.br/noticias/programa-oabRJdebate-traz-caso-musico-luiz-carlos-justino-presos-enganos-ultima-semana>. Acesso em: 01 fev. 2023.

¹⁹¹ Diário de Justiça Eletrônico do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www3.tjrj.jus.br/consultadje/consultaDJE.aspx?dtPub=11/01/2022&caderno=A&pagina=92>. Acesso em: 01 fev. 2023.

do mato dos tempos da escravidão, e são os juízes os principais responsáveis por esse racismo estrutural. É preciso que eles sejam educados em humanismo” (DARLAN, 2021)¹⁹².

Desse modo, podemos verificar que diante dos desdobramentos ocorridos a partir da prisão do Luiz, uma série de “mecanismos” de ajuste foram rapidamente operacionalizados. O grupo da Orquestra de Cordas da Grota reagiu prontamente à injustiça cometida com o colega músico, se articulando de forma hábil e com diligência para atrair a atenção da mídia, de lideranças dos movimentos sociais e da política, assim como de representantes das instituições de Segurança Pública e Justiça diretamente implicadas no evento. A crise crescente, que vinha numa *escalada* desde a abordagem policial sofrida pelo jovem, passou por uma *ação corretiva* por meio da mobilização de diversos setores da estrutura social, informais e formais, que se envolveram e se imbuíram de fazer desse caso um evento emblemático.

Conforme Turner (2008), a fase da *ação corretiva* é quando o pesquisador deve examinar se a “máquina corretiva” foi capaz de lidar com a crise de modo a restaurar a paz entre os grupos contendores do conflito instaurado na *ruptura* e que se alargou na fase *crescente*. De acordo com o exposto, apesar de na vivência dos fatos, desde a abordagem policial até a soltura do jovem, o caso ter ocorrido num espaço e tempo definidos, é notório que o evento do Luiz se refere a algo muito maior e longínquo, herança do nosso passado escravocrata que não se redimiou através de uma reparação histórica e que perpetuou uma desigualdade jurídica, ainda que o direito formal garanta a igualdade. Dessa forma, conforme venho apresentando desde o primeiro capítulo, a população pobre é em sua maioria negra, sem acesso a uma educação de qualidade, igualdade de oportunidades e por isso também, mas não só, sem a representatividade que lhe seria justa e pertinente, uma vez que são maioria da população brasileira. Tudo isso é fruto do racismo estrutural sobre o qual vimos discutindo e que invade todas as esferas da sociedade sendo, reiteradamente, alimentado pelas instituições.

Nesse sentido, é possível termos dois caminhos de análise da *ação corretiva* que se sucedeu à sequência dos fatos e que os transformaram em um evento. Numa primeira perspectiva, a *ação corretiva* efetivamente aconteceu, comprovando-se em ações concretas, de grande repercussão e impacto. Para além da soltura do jovem, a principal medida que deveria tão logo acontecer, a prisão do Luiz foi noticiada por todo o espectro dos veículos de notícia, sendo matéria dos principais sites e telejornais de maior audiência e reputação, da mesma forma

¹⁹² Site Câmara dos Deputados. Audiência Pública realizada em 16 de abril de 2021, que contou com a presença do músico Luiz Justino e o Grupo de Trabalho formado por juristas negros. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/748347-depoimento-de-musico-negro-mostra-existencia-de-racismo-institucional-dizem-juristas/>. Acesso em: 1 fev. 2023.

que também foi tema de discussões importantes entre personalidades públicas e juristas sobre o problema crônico da sobrerrepresentação do encarceramento negro. Para mais, a prisão do Luiz alavancou a exposição de outros casos semelhantes e que estavam sem a necessária visibilidade e evidência, denunciando como o que aconteceu com o músico foi um caso dentre muitos. Ainda, posteriormente à sua prisão e dada a urgência que o seu caso e de muitos outros jovens revelaram, a Sexta Turma do Superior Tribunal de Justiça mudou o entendimento acerca do reconhecimento fotográfico quando utilizado como única prova para a condenação de um suspeito de crime e orientando os demais Tribunais regionais a seguirem a decisão do Ministro Rogério Schietti Cruz: “portanto, não podendo servir como prova em ação penal, ainda que confirmado em juízo”.

Em outra perspectiva, essa de longo prazo, não é difícil de entendermos que por se tratar de um problema crônico, histórico e arraigado na nossa sociedade, o efeito da *ação corretiva* aconteceu dentro de um determinado limite. Conforme a questão que levantei ao juiz Nicolitt, de como quebrar o racismo estrutural a curto, médio e longo prazo, Nicolitt respondeu que esse é um projeto muito complexo e de um longo percurso:

É um processo. Acabar com isso é algo que não pertence aos horizontes das nossas gerações. Mas o que a gente tem que fazer é cotidianamente estar lutando, enfrentando em diversos campos. No campo das políticas públicas, no campo da representatividade, no campo do debate, no campo da mobilização, enfim. Então são diversas frentes que devem agir para atenuar esse estado de coisas. Mas um projeto complexo e de longa duração (NICOLITT, 2021).

Desse modo, podemos inferir que houve uma *ação corretiva* efetiva e eficiente com relação ao conflito que irrompeu na vida do Luiz e, conseqüentemente, na de seus familiares e amigos. Com ações e resultados palpáveis e concretos. No entanto, no que diz respeito ao problema maior no qual o caso do músico se insere, podemos entender que houve “um passo”, um enfrentamento importante e simbólico. O caso do Luiz poderia ter sido só mais um caso cotidiano, como muitos outros que nem sequer chegam ao nosso conhecimento – de lideranças dos movimentos sociais e da política, da mídia, da ampla sociedade e menos ainda, do judiciário, no sentido de ter sido instado a se posicionar com relação ao problema em que ele está diretamente implicado.

Segundo Turner, é na fase da *ação corretiva* do drama social que a sociedade, ou grupo envolvido no conflito, está no seu momento mais “autoconsciente”. Todas as mobilizações e mecanismos de ajustes que tiveram de ser acionados para que ações, tanto técnicas pragmáticas quanto ações simbólicas, alcançassem sua mais plena expressão, evidenciando todos os aspectos engendrados no evento e que muitas vezes estavam encobertos. Desse modo,

promovendo uma crítica distanciada dos atores sociais e das próprias instituições que, de uma forma direta ou indireta, estão comprometidas com o evento.

3.4 Reintegração: o “resultado temporário” e o balanço da história de Luiz Justino – antes e depois do evento

Conforme analisado, o evento da prisão do Luiz passou por diferentes fases. Após sua soltura, enfim com sua família, o músico foi convidado a participar de programas de TV, como do apresentador Luciano Huck¹⁹³, reportagens jornalísticas¹⁹⁴, a dar seu depoimento em reuniões com representantes do sistema jurídico, dentre outras ações. Luiz, podemos dizer, se reposicionou no meio ao qual originalmente pertence, mas foi para além, alcançando projeção e visibilidade em outras esferas da sociedade. Uma das passagens de Turner (2008) sobre a última fase do drama social diz: “E o que é mais importante, a natureza e a intensidade das relações entre as partes, e a estrutura do campo total, ter-se-ão modificado. Pode-se descobrir que oposições tornaram-se alianças e vice-versa” (Ibidem, p. 37). Nesse sentido, Luiz participou de encontros com juristas e juízes para tratar sobre o seu caso e a dimensão simbólica que ele adquire em nossa estrutura social. O músico foi reintegrado ao seu meio social e de convívio e introduzido em outros âmbitos os quais, anteriormente ao evento, ele ainda não havia acessado. Tornando-se uma voz e um emblema da violência que o racismo estrutural engendra e das sequelas indelévels que pode causar.

Apesar de sua soltura, Luiz ainda passou por alguns meses sob o signo de suspeito pelo crime do qual estava sendo acusado. Tendo sido solto em 6 de setembro de 2020, Luiz teve sua Audiência de Instrução e Julgamento marcada para o dia 9 de junho de 2021. Nesse período, conforme as normas do processo jurídico, Luiz ficou em prisão domiciliar, podendo cumprir suas atividades laborais, mas devendo respeitar as regras condizentes com a condição em que

¹⁹³ Programa *Domingão com Huck*, do apresentador Luciano Huck, exibido nas tardes de domingos na TV Globo. O programa que foi ao ar no dia 20 de março de 2022, recebeu o pianista e maestro João Carlos Martins e a Orquestra de Cordas da Grota, que se apresentaram juntos, sob a regência do maestro Katunga Vidal, da Orquestra da Grota. No quadro em questão, o apresentador Luciano Huck tratou do evento da prisão injusta do Luiz Justino, com quem conversou sobre o caso, entre as 14h20min e 14h35min do link disponibilizado. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10407630/>. Acesso em: 4 fev. 2023.

¹⁹⁴ Reportagem do *Jornal Nacional*, o telejornal de maior audiência da TV aberta. Matéria apresentada em 31 de maio de 2022 sobre três casos de prisões injustas por erro de reconhecimento fotográfico. Luiz Justino é um dos personagens da reportagem, sendo sua participação exibida entre 15’59’’ a 21’12’’ do link disponibilizado. Uma observação importante a ser feita é que na reportagem, mesmo Luiz já tendo sido absolvido na ocasião, o músico manifestou a preocupação de se ver novamente passando pela mesma situação. Infelizmente, algo que de fato se concretizou tempos depois, o que abordaremos ainda neste capítulo. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10627498/?s=0s>. Acesso em: 4 fev. 2023.

se encontrava. Em um momento em meio as nossas interações, Luiz relatou ter sido parado outras vezes pela polícia, mas ao se apresentar como o “Justino”, personagem do caso de repercussão na mídia, acabou sendo liberado pelos agentes de segurança pública. Ou seja, uma reincidência da *fundada suspeita* recaída sobre o jovem. A pergunta então se repete: Por que Luiz levantaria qualquer tipo de suspeita que fundamentasse uma abordagem policial?

Finalmente, no dia 9 de junho de 2021, ocorreu a Audiência de Instrução e Julgamento do músico. A Orquestra de Cordas da Grota mais uma vez se mobilizou e conseguiu reunir um contingente significativo de veículos de notícias, como a TV Globo¹⁹⁵ e de algumas lideranças políticas, como o então vereador Paulo Eduardo Gomes e as vereadoras Walkíria Nictheroy e Benny Briolly. Os músicos da Orquestra também estavam presentes e tocaram no pátio do Fórum de Niterói, concedendo entrevistas e dando seus depoimentos sobre o colega preso injustamente, conforme as Figuras 3.9 e 3.10.

¹⁹⁵ Matéria do portal de notícias *GI*, fazendo menção a reportagem do *RJTV*, sobre a absolvição de Luiz na Audiência de Instrução e Julgamento. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/06/10/justica-do-rj-absolve-musico-que-foi-presos-por-engano-por-assalto-a-mao-armada.ghtml>. Acesso em: 4 de fev. De 2023.

Figura 3.9 - O violinista Jorginho Junior, amigo de infância do Luiz e que sofreu a abordagem policial junto com o amigo, concedendo entrevista para a TV Globo no Fórum de Niterói; Figura 3.10 - A violoncelista Raquel Terra, que viu Luiz crescer, concedendo entrevista para um site de notícias.



Fonte: COELHO GOMES, Beatriz F., 9 jun. 2021.

O dia da audiência durou uma tarde inteira. Entre a mobilização prévia dos músicos, a audiência e o seu desfecho, se passaram em torno de seis horas. Como estávamos em meio à pandemia, a audiência não foi aberta ao público, apenas podendo participar o representante do Ministério Público, os advogados de defesa e as testemunhas do músico – Ricardo e Leandro, que se apresentavam juntos com o Luiz na padaria pela qual estavam contratados e a publicitária Cristina Guerra, que organizava o evento “Café Musical” no estabelecimento.

Ao término da audiência, finalmente Luiz saiu junto com os seus advogados com o veredicto de inocente, tendo sido absolvido sumariamente. Um grande alívio para o músico, familiares presentes e amigos que acompanhavam o seu caso e arregimentaram todos os meios possíveis para comprovar a inocência do jovem. Luiz e seus advogados concederam entrevistas e confraternizaram com todos os presentes que aguardavam a decisão do juiz. De acordo com a advogada: “O juiz se convenceu, no sentido de que a prova da autoria dele [Luiz] era absolutamente fraca e inexistente e ele foi absolvido sumariamente” (MENDONÇA, 2021)¹⁹⁶.

¹⁹⁶ Reportagem do telejornal “Bom dia RJ” da TV Globo sobre o dia da Audiência de Instrução e Julgamento do Luiz Justino. A reportagem mostra os músicos da Orquestra de Cordas tocando junto com o Luiz, antes da audiência começar, e o desfecho do caso, com Luiz e a advogada, Maria Clara Mendonça, concedendo entrevistas para os veículos de notícia presentes. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9590510/>. Acesso em: 6 fev. 2023.

Conforme as figuras abaixo, 3.11 e 3.12, o músico finalmente pôs um ponto final no acontecimento em que foi arrolado, mas que enfim teve o desfecho a seu favor. Acompanhando todo o acontecimento desde que o conflito irrompeu na vida do Luiz, também pude comemorar junto ao jovem o desfecho do drama social em que foi envolvido – Figura 3.13

Figura 3.11 - Luiz concedendo entrevista após sua absolvição; Figura 3.12 - Os advogados do músico, Luiz, Lenora e Márcio Selles comemorando a vitória da absolvição do jovem



Fonte: COELHO GOMES, Beatriz F., 9 jun. 2021.

Figura 3.13 - Luiz Justino e Beatriz F. Coelho Gomes, após o resultado da absolvição do músico, no Fórum de Niterói.



Fonte: COELHO GOMES, Beatriz F., 9 jun. 2021.

Do ponto de vista dos fatos objetivos, este “drama” se encerrou no momento da absolvição do músico. Porém, o enredo prosseguiu através das consequências emocionais que ficaram no personagem central, Luiz. Conforme nossas conversas, o jovem ficou muito abalado com tudo que viveu. O músico relatou que perdeu a concentração nos estudos e que passou a ficar muito ansioso. Em vista disso, Márcio Selles e Paulo Tarso se mobilizaram e providenciaram um acompanhamento psicológico para o jovem. Luiz iniciou um trabalho de terapia com uma psicóloga que, em suas palavras, lhe fez e continua o fazendo muito bem. Com o tempo, relatou que passou a lidar melhor com o trauma que viveu e, em seguida, foi recuperando seu equilíbrio emocional. Com o objetivo de estimular o Luiz na sua atividade profissional, a psicóloga estabeleceu com ele uma relação de troca. Enquanto têm sessões terapêuticas, que continuam até hoje, Luiz retribui dando aulas de violoncelo à psicóloga, o que o leva a sentir-se mais seguro e potente.

Conforme já abordado, todo o evento aconteceu em meio à pandemia que vivemos, desde a abordagem policial até o dia da Audiência de Instrução e Julgamento. Um dado importante a ser levado em consideração, uma vez que os ensaios da Orquestra tiveram algumas interrupções e as apresentações com público presente foram suspensas. A Orquestra gravava as apresentações na 1ª Igreja Batista¹⁹⁷, em São Francisco, ou no Theatro Municipal de Niterói, e transmitia pelo canal de *YouTube* e nas demais redes sociais da Orquestra de Cordas da Grotta. A intenção de trazer novamente esse dado é para sublinhar o contexto social em que Luiz passou pela violência traumática de ter sido preso injustamente. No sentido de que, à época, o seu próprio ofício, de tocar o seu violoncelo e se apresentar para plateias onde receberia os devidos aplausos e o reconhecimento de público estavam muito restritos. Vivíamos em um contexto de pouquíssima sociabilidade, o que certamente potencializa estados emocionais particularmente difíceis.

Contudo, cessado objetivamente o drama social que viveu, Luiz vivenciou a última fase do conceito formulado por Turner, no seu caso, o da *reintegração*. De acordo com o autor, a última fase pode ter dois desfechos, “o da *reintegração* do grupo perturbado ou no reconhecimento e legitimação social do cisma irreparável entre as partes em conflito [...]” (TURNER, 2008, p. 36). Luiz não só foi reintegrado como foi reposicionado no grupo perturbado, tornando-se uma figura de projeção da Orquestra de Cordas da Grotta, como para além dela. O caso do músico foi tema de debates entre juristas, na mídia jornalística e mesmo

¹⁹⁷ Gravação do concerto de obras de Villa-Lobos e Martinelli para o projeto SINOS – Sistema Nacional de Orquestras Sociais do Brasil, ocorrida em 19 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HI6Zdzt9dPw>. Acesso em: 6 fev. 2023.

na de entretenimento, como o programa do apresentador Luciano Huck e o programa matinal da TV Globo, “É de Casa”¹⁹⁸. Conforme Turner, quando ocorre a *reintegração* do grupo perturbado é o momento em que se chega a uma solução ou resultado temporário de todo o processo da situação de conflito – “é a oportunidade para se fazer um balanço” (TURNER, 2008, p. 37). Luiz, segundo o juiz Nicolitt, “teve um final feliz quando comparado a inúmeros outros casos” (NICOLITT, 2021). Por mais esdrúxula que possa parecer essa avaliação, ela de fato procede diante dos dados apresentados ao longo desta pesquisa. Por conta da repercussão do caso do músico e da representatividade que teve na mídia, denunciando um quadro social de forma soberba, o violoncelista teve sua prisão “abreviada” quando comparada às estatísticas das prisões por erro de reconhecimento fotográfico. Da mesma forma, Luiz teve sua Audiência de Instrução e Julgamento e na qual foi absolvido, em menos de um ano a contar de sua prisão, o que também não é comum nesses casos, onde pessoas podem ficar até alguns anos na espera desse resultado.

Em meados de 2021, apesar da pandemia ainda presente, as atividades culturais começaram a voltar, uma vez que o plano de vacinação já era uma realidade e vinha avançando pelas diferentes faixas etárias. Ressaltando contudo, que o uso de máscaras e a limitação de público nos espaços fechados ainda deveriam ser respeitados por conta dos protocolos estipulados pelas autoridades de Saúde. É nesse contexto que em agosto de 2021 o Theatro Municipal de Niterói reabriu as suas portas para o público e escolheu a Orquestra de Cordas da Grota para inaugurar a fase pós-pandemia – Figuras 3.14 e 3.15.

Figuras 3.14 e 3.15 - A Orquestra de Cordas da Grota se apresentando na reabertura do Theatro Municipal de Niterói.



Fonte: COELHO GOMES, Beatriz F., 15 ago. 2021.

¹⁹⁸ Programa “É de Casa” da TV Globo, exibido no dia 3 de setembro de 2020. O programa recebeu alguns músicos da Orquestra de Cordas da Grota e abordou especificamente o caso da prisão injusta sofrida por Luiz Justino. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10906363/>. Acesso em: 10 fev.2023.

Por conta do período especial que vivíamos à época, as apresentações que ocorreram nos dias 14 e 15 de agosto, um sábado e um domingo, foram feitas com restrições impostas tanto aos músicos quanto ao público. Os músicos foram divididos em dois grupos, cada um se apresentando em um dia, e o público foi acomodado em cadeiras não contíguas, tendo de haver um espaço entre uma pessoa e outra. Por conta disso, os ingressos esgotaram-se rapidamente e eu só consegui comprar para o domingo. Por sorte, foi o dia em que Luiz se apresentou, eu queria muito encontrá-lo, e também foi o dia em que o juiz Nicolitt esteve presente. Foi um grande encontro. Fui apresentada a ele por Paulo Tarso e Márcio Selles, pudemos conversar um pouco e nessa ocasião, lhe solicitei uma entrevista. O juiz aquiesceu prontamente e a entrevista se realizou em dezembro de 2021. O momento foi também especial porque marcou o primeiro encontro pessoal entre Luiz e Nicolitt.

O músico e o juiz ainda não tinham se conhecido pessoalmente, apenas estiveram juntos num encontro virtual, como já mencionado, onde Luiz foi convidado a participar de uma reunião de juristas negros para dar o seu relato sobre a situação que viveu. Houve uma orientação para que Nicolitt e Luiz não tivessem contato até o dia da Audiência de Instrução e Julgamento para que nada atrapalhasse o seu processo. No dia da apresentação, o músico estava visivelmente emocionado pelo reencontro com o público, as pessoas que foram lhe prestigiar e, sobretudo, por finalmente conhecer pessoalmente o seu “herói”, como ele próprio definiu o juiz Nicolitt. Pude presenciar esse encontro e ambos ficaram visivelmente tocados por finalmente se conhecerem e poderem conversar sobre tudo o que se passou.

Aos poucos as atividades da Orquestra de Cordas da Grota foram retomando. No dia 16 de setembro de 2021 a Orquestra se apresentou na sala Nelson Pereira dos Santos, situada no Reserva Cultural, um espaço cultural da cidade de Niterói. Neste dia o concerto ocorreu em homenagem ao centenário de um dos maiores sambistas da música brasileira, Zé Ketí, nascido em 16 de setembro de 1921. A apresentação contou com a presença ilustre da filha do Zé Ketí e que, após o concerto, subiu ao palco e fez uma belíssima fala sobre seu pai, sua trajetória e a importância do artista para a música popular brasileira – Figuras 3.16, 3.17, 3.18, 3.19.

Figura 3.16 - Folder de divulgação do concerto da Orquestra de Cordas da Grota em homenagem ao centenário de Zé Keti.



Fonte: ANATALICIO, Daniella; MESQUITA, Luiza, 2021.

Figura 3.17 - Foto da Orquestra reunida no palco após o concerto junto à filha de Zé Keti; Figura 3.18 - Márcio com a filha de Zé Keti; Figura 3.19 - Luiz e a filha de Zé Keti.



Em menos de dois meses após a reabertura e a apresentação no Theatro Municipal de Niterói, Luiz foi agraciado com o “Prêmio Sou de Niterói”, na categoria Música¹⁹⁹. O Prêmio é conferido pelo “O Globo” para homenagear niteroienses de diversas áreas que fazem da cidade um lugar melhor e levam seu nome para todo o país. A cerimônia aconteceu em 30 de setembro de 2021, no Reserva Cultural. Como ainda estávamos num período de restrição por conta da pandemia, o evento foi realizado apenas com a presença dos vencedores de cada categoria, de alguns poucos convidados e teve transmissão ao vivo pelos canais do O Globo no *YouTube* e no *Facebook* – Figura 3.20.

Figura 3.20 - Luiz Justino recebendo o prêmio “Sou de Niterói”, ao lado de Márcio Paes Selles.



Fonte: Facebook: Orquestra de Cordas da Grota

Com tudo o que foi apresentado, através de fatos, relatos, levantamento e análise de dados do campo de pesquisa, podemos constatar que houve a reintegração do Luiz ao “grupo perturbado”, nos termos de Turner, o que não significou o fim da série de episódios de discriminação de que foi vítima.

¹⁹⁹ Matéria do *O Globo* sobre o “Prêmio Sou de Niterói”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/projetos/soudeniteroi/>. Acesso em: 11 fev. 2023.

3.5 O drama se repete

Tendo sido absolvido no dia 9 de junho de 2021, o prosseguimento lógico esperado seria a retirada de sua foto do banco de imagens de suspeitos da polícia. No entanto, não foi isso que se verificou tempos depois. No dia 22 de agosto de 2022, Luiz foi jogar uma partida de futebol com amigos em Charitas, bairro de Niterói e adjacente à comunidade da Grota. Após a partida, já à noite e voltando para casa, o carro em que estava com os amigos foi parado em uma blitz da polícia. Todos foram revistados e tiveram seus documentos verificados. No entanto, com relação ao Luiz, quando os seus documentos foram checados, constatou-se que havia um mandado de prisão em aberto no Banco Nacional de Monitoramento de Prisões. Ou seja, apesar de absolvido, os procedimentos lógicos e esperados não foram feitos com relação ao seu processo, o que ainda o manteve na condição de estar com um mandado de prisão em aberto. Luiz foi novamente conduzido à delegacia, a 79ª Delegacia de Polícia de Jurujuba e na ocasião teve de explicar e provar mais uma vez que não era bandido e que foi absolvido do processo no qual foi acusado²⁰⁰. Os amigos que estavam com o Luiz o acompanharam até a delegacia, mas tiveram que esperá-lo do lado de fora. O músico chegou à 79ª DP por volta das 21h e somente foi liberado perto da meia-noite, tendo ficado incomunicável durante esse período.

Somente fiquei sabendo do acontecimento no dia seguinte, através das redes sociais e sites de notícia que veicularam o episódio. Imediatamente entrei em contato com Márcio Paes Selles e Luiz Justino, com os quais conversei ao telefone e pude colher maiores informações sobre o acontecido. Luiz me relatou que ficou indignado, um pesadelo que se repetiu: “Indignação total, né?! Já estava um pesadelo e vem outro. Não é possível passar por isso o tempo todo.”. De acordo com as informações dos interlocutores, no dia seguinte à detenção do músico, o advogado do Luiz entrou com um pedido na 2ª Vara Criminal de Niterói para a retirada do mandado de prisão do sistema. Obtendo o parecer favorável da Justiça, o mandado de 2017 foi definitivamente retirado do sistema do Conselho Nacional de Justiça.

Assim, de forma contundente, ficou evidenciado o racismo estrutural²⁰¹ presente e atuante na nossa sociedade. O *cisma*, nos termos de Mota, e a *incriminação pela diferença*, nos

²⁰⁰ Matéria do porta de notícias *G1* sobre a nova detenção do músico Luiz Justino, mesmo após a sua absolvição, por conta do seu mandado de prisão não ter sido retirado do sistema do Banco Nacional de Monitoramento. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/08/24/musico-inocentado-pela-justica-e-novamente-detido-por-crime-que-nao-cometeu-apos-mandado-nao-ser-retirado-de-sistema.ghtml>. Acesso em: 13 fev. 2023.

²⁰¹ Em março de 2023 o jornalista e sociólogo brasileiro Muniz Sodré, professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, lançou o livro “O fascismo da cor: Uma radiografia do racismo nacional”. Neste trabalho, o autor defende a tese de que no Brasil o racismo não é estrutural, pois para sê-lo deveria estar explicitamente amparado pela burocracia do Estado. Nesse sentido, Muniz Sodré argumenta que o racismo

termos de Mello e Veiga, mais uma vez recaíram sobre Luiz, um “sujeito cismado” em decorrência do perfil construído pela *fundada suspeita*. É dessa forma evidente, porém mais amplamente ainda subjacente, que o racismo estrutural se faz presente no nosso sistema social, sendo ele naturalizado nas práticas sociais, incluindo aí, as ações oriundas das instituições e estruturas de poder. Conforme o entendimento do antropólogo Felipe Berocan Veiga, com quem pude me reunir pessoalmente e discutir sobre o tema, “o racismo estrutural pode ser explicado como estando perfeitamente acomodado e tranquilamente aceito nas instituições e estruturas de poder”. Veiga desenvolve:

Especialmente no caso da sociedade brasileira, isso aparece em todas as instituições, dentro daquilo que poderíamos chamar de ‘elitismo’, mas que tem o componente racial também, de desigualdade racial que se perpetua... A maneira como as instituições agem e acolhem novos membros, por isso se fala também de ‘racismo institucional’. Acho que a ideia de racismo estrutural é que a estrutura social brasileira tem um componente racista e como isso aparece de uma maneira clara nas instituições, nas formas de acolhimento ou não de pessoas de diferentes características étnico-raciais. Isso a gente pode ver no mercado de trabalho, nas grandes empresas, nas corporações, mas também no serviço público, na universidade, nos clubes, nas associações de moradores de bairros de elite, enfim. É um aspecto da desigualdade racial expressa nas instituições e tendo nas instituições um mecanismo de continuidade, que tem um componente racial e racista portanto, o racismo estrutural é justamente uma forma de racismo que permanece porque está de algum modo entranhada na estrutura social e nas instituições de poder (VEIGA, 2023)²⁰².

De acordo com Roberto DaMatta (2000), o “racismo à brasileira” tem sustentação no que formulou como a “fábula das três raças”, uma ideologia que se construiu ao longo da formação da sociedade brasileira e do nosso passado colonial e escravagista. De acordo com o antropólogo, construímos ao longo da nossa história o mito de que cada “raça”, indígenas, negros e brancos, têm seus atributos específicos e que convivem harmoniosamente dentro de uma totalidade hierárquica, mas cada qual ocupando o seu lugar na sociedade e de forma complementar: “[...] uma ideologia que permite conciliar uma série de impulsos contraditórios de nossa sociedade, sem que se crie um plano para a sua transformação profunda” (Ibidem, p. 68).

no Brasil é institucional e intersubjetivo. Não existem leis estruturadas que objetivem e endossem o conceito de uma totalidade fechada de elementos interdependentes.

O livro “O fascismo da cor” foi lançado na fase de conclusão desta pesquisa. Por essa razão, sua discussão não foi aqui aprofundada, o que sem dúvida será em futuros desdobramentos. De todo modo, conforme procurei apresentar ao longo de minhas análises e a partir de diferentes autores, como Max Gluckman e J. Van Velsen, é que para entender o racismo estrutural, conceito este que adoto, é preciso ir além da burocracia explícita do Estado. A meu ver a noção de racismo estrutural não implica em que o racismo entre nós constitua uma estrutura em si, mas sim que está subjacente à nossa própria estrutura social.

²⁰² A elaboração do antropólogo Felipe Berocan Veiga sobre o racismo estrutural ocorreu através de uma comunicação pessoal, em reunião realizada no CRAB/SEBRAE – Centro de Referência do Artesanato Brasileiro, no dia 9 de fevereiro de 2023. Agradeço imensamente pelas elucidações, trocas, sugestões e orientações precisas que o antropólogo generosamente me proporcionou. Para mais, agradeço também por ter me apresentado um espaço de arte e cultura que ainda não conhecia e pelo qual fiquei encantada.

O antropólogo Louis Dumont (1974) escreve em seu artigo “Casta, Racismo e Estratificação” que essas categorias devem ser analisadas de formas distintas e cuidadosas, problematizando quando são utilizadas tomando-se apenas os seus traços particulares, mas não a sua “função” na situação concreta dentro de uma sistema (Ibidem, p. 104). Dumont, que pesquisou e escreveu sobre o sistema de castas na Índia, argumenta que os mesmos traços particulares observados em diferentes sociedades, do ponto de vista sociológico podem não ser explicados da mesma forma:

“[...] a comparação pede conceitos que levem em conta valores que sociedades diferentes de alguma forma escolheram. Essa escolha dos valores tem como consequência que certos aspectos da realidade social são claramente e conscientemente elaborados, enquanto outros são deixados na sombra (Ibidem, p. 119).

Citando um exemplo: “Enquanto na Índia a hereditariedade é um atributo do *status* o racista atribui um ‘*status*’ à ‘raça’ (Ibidem, p. 117, grifo do autor). No artigo em questão, o antropólogo estava se contrapondo ao uso da categoria “casta”, utilizada por alguns antropólogos norte-americanos para explicar a condição da população negra na sociedade estadunidense. No entanto, no que se refere à sociedade brasileira e segundo as análises de DaMatta, o conceito permite algumas similaridades analíticas dentro do nosso sistema social:

Tal qual na Índia, as camadas diferenciadas da sociedade – as castas – são vistas como rigorosamente complementares. Aqui no Brasil, o nosso racismo forneceu os elementos de uma visão semelhante, colocando no triângulo das raças quando situa o branco, o negro e o índio como formadores de um novo padrão racial. Branco, porém, diferente dos “arianos” europeus ou americanos do norte: algo tipicamente brasileiro, singular e forte como o samba e o carnaval. A falta de segregação parece ser, pois, um elemento relacionado de perto à presença de patronagem, intimidade e consideração. Numa palavra, a *ausência de valores igualitários*. Num meio social como o nosso, onde ‘cada coisa tem lugar demarcado e, como corolário, - cada lugar tem sua coisa’, índios e negros têm uma posição demarcada num sistema de relações sociais concretas, sistema que é orientado de modo vertical: para cima e para baixo, nunca para os lados (DAMATTA, 2000, p. 76, grifo do autor).

Desse modo, o racismo estrutural é presente na sociedade brasileira como uma ideologia englobante, que se expressa metaforicamente através da categoria “racismo estrutural” como um dado arraigado e naturalizado na cultura e no inconsciente da nossa sociedade, manifestando-se através das práticas sociais e, substantivamente, por meio das ações provenientes das instituições e estruturas de poder.

Apesar da complexidade que envolve o racismo estrutural, do tanto que está entranhado em nossa sociedade e da ainda escassa consciência que, de um modo geral, temos dele, podemos verificar com concretude alguns avanços através de ações específicas, como enfrentamentos nas mais diversas áreas. O aumento da representatividade de pessoas negras no serviço público,

na justiça e no magistério, enfim, no mercado de trabalho, e a visibilidade que se tem hoje na mídia de todos esses movimentos reivindicatórios de inclusão e reparação, são alguns exemplos. Sem dúvida, ainda muito distante do objetivo de se alcançar efetivamente uma justiça social, mas é possível observar um processo em andamento.

A recente promulgação da lei que equipara a injúria racial ao crime de racismo é o ponto mais avançado até o momento atual dessa série de conquistas, especialmente do ponto de vista jurídico. A Lei nº 14.532, sancionada em 12 de janeiro de 2023 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva²⁰³, significou a aplicação de penas maiores àqueles que cometem atos de discriminação em função de cor, raça ou etnia. A partir de então, a injúria racial torna-se imprescritível, podendo ser julgada a qualquer tempo e também deixou de haver a possibilidade de os réus desses casos responderem ao processo em liberdade, a partir do pagamento de fiança, que antes podia ser fixada pelo Delegado de Polícia. Desse modo, a Lei nº 14.532 passou a ter um entendimento jurídico de que a prática de injúria racial se equipara à modalidade do crime de racismo, tratado de acordo com o previsto na Lei 7.716/1989. Antes desta lei ter sido sancionada, a injúria racial era tratada com penas mais brandas. Ao ser equiparada ao crime de racismo, a pena que era de um a três anos, passou a ser de dois a cinco anos de reclusão, imprescritível e sem a possibilidade do pagamento de fiança para os réus responderem ao processo em liberdade.

Retomando a fala do professor Nicolitt, em entrevista que me concedeu, enfrentar o racismo estrutural, histórico e arraigado na nossa sociedade é um projeto muito complexo e de longo prazo. É preciso lutar permanentemente, em todas as frentes.

A concretude de termos uma nova legislação, o que de fato é um grande avanço e que não pode ser desconsiderado, é apenas parte de um processo. As estruturas de poder ainda são orientadas e atuam sob a égide da ideologia englobante onde o racismo é naturalizado na nossa cultura e nas ações oriundas de nossas instituições, sendo ainda um componente inconsciente da nossa sociedade, onde, conforme DaMatta (2000), “cada coisa tem seu lugar e cada lugar tem sua coisa”. Em nossa sociedade, como já abordado, a diferença entre indivíduo e pessoa é um fator que pesa sobremaneira nos desdobramentos das relações e interações sociais, ainda hoje prevalecendo: “Você sabe com quem está falando?” (DAMATTA, 1979).

²⁰³ Site do Senado Federal sobre a lei sancionada que tipifica como crime de racismo a injúria racial. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/01/12/sancionada-lei-que-tipifica-como-crime-de-racismo-a-injuria-racial>. Acesso em: 18 fev. 2023;

CONSIDERAÇÕES FINAIS: contexto social e a transcendência possível

Conforme propus apresentar neste trabalho, a Orquestra de Cordas da Grota é um projeto social de ensino de música erudita, situado na comunidade da Grota do Surucucu, mas que tem como propósito ir muito além do ensino da música e da formação de jovens na área. O projeto fundado pelo casal de músicos Márcio Paes Selles e Lenora Mendes se construiu a partir de uma ação iniciada por D. Otávia Paes Selles, que já realizava um trabalho social com crianças da Grota e que incentivou o seu filho Márcio a começar a dar aulas de música para as crianças e jovens que frequentavam o espaço social a “Horta / Nossa Casinha”, criado por ela.

De início, o projeto tinha o intuito de prover uma atividade que estimulasse os jovens a continuar a frequentar um espaço que, na realidade do contexto social da Grota, era uma alternativa às vulnerabilidades nas quais estavam implicados e que, muitas vezes, os levavam a tomar caminhos tortuosos na vida pela falta de políticas públicas que lhes promovessem oportunidades. Como pessoas muito sérias e sensíveis que são, Márcio e Lenora se engajaram de corpo e alma em propiciar o que de melhor tinham para oferecer aos jovens: o conhecimento e a técnica musical e o acolhimento de todos aqueles que chegavam até o espaço social e cultural que construíam na Grota.

Desse modo, o projeto foi sendo concebido de modo coletivo, com os próprios jovens fazendo parte desse processo, não só como alunos comprometidos, mas também como continuadores da concepção elaborada. Conforme iam avançando nos estudos e se formavam, os músicos que tinham interesse assumiam outros papéis, como professores e monitores das turmas iniciantes, algo que se perpetua até hoje. A ideia desse formato fez confluir duas propostas: numa vertente a possibilidade de abrir mais turmas e acolher mais crianças e jovens interessados em fazer parte do projeto, uma vez que Lenora e Márcio não teriam, sozinhos, meios de realizar esse empreendimento; noutra dimensão, a de ir construindo um campo de atuação profissional para jovens que vinham se formando, oportunizando colocarem em prática os conhecimentos adquiridos e sendo remunerados por isso.

Dessa forma, ao longo dos anos, desde 1995, o projeto social foi crescendo, formando novos núcleos de atuação em diferentes pontos da cidade e mesmo fora do município de origem, ganhando reconhecimento do público, da crítica especializada e das instituições governamentais relacionadas à cultura que legitimam projetos dessa natureza, como a Orquestra de Cordas da Grota tornando-se Patrimônio Cultural Imaterial da cidade de Niterói em 2010 e em 2018, Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio de Janeiro.

O objetivo fundamental deste trabalho é o de demonstrar que o racismo estrutural e institucional subjacente à sociedade brasileira é uma realidade entre nós e que, portanto, atravessa de forma violenta a vida das populações mais vulneráveis, uma vez que essas são majoritariamente compostas de pessoas negras, conforme os dados apresentados. Pobreza e população negra, na nossa sociedade, estão intrinsecamente relacionados em decorrência do racismo estrutural que permeia todas as estruturas sociais e de poder. Uma ideologia englobante entranhada e naturalizada na nossa cultura e que provoca danos imensos a essa população ao se materializar em situações concretas de constantes constrangimentos, de injustiças como a vivida por Luiz Justino e de impedimentos objetivos a uma justa e almejada ascensão social dessa importante parcela da população, o que nos conduziria a uma maior equidade social.

Para este propósito e com o intuito de ilustrar um quadro social que se revela de modo soberbo em nossa sociedade, foi escolhido fazer um trabalho de campo em uma região onde se concentra esse perfil da população e que é classificada como sendo de “vulnerabilidade social”, a Grota do Surucucu, uma comunidade da cidade de Niterói. Nesse sentido, a pesquisa se ateve em apresentar o contexto social da Grota, como ele foi se constituindo ao longo do tempo e demonstrar, através de relatos e dados do campo, as fragilidades nas quais essa população se encontra em decorrência da falta de políticas públicas consistentes e continuadas.

Procurei apresentar o projeto da Orquestra de Cordas da Grota, sua origem e como ele foi se concebendo a partir de uma ideia inicial de prover uma alternativa a essa população dentro de um contexto complexo, marcado pela falta de oportunidades de “abertura de horizontes”, de ir além da realidade imediata, enunciada e, em tese, destinada a essas pessoas. Conforme a pesquisa pretendida pode demonstrar, para a maioria dos integrantes da Orquestra, hoje músicos e vivendo de sua arte, as perspectivas de vida eram bem mais estreitas antes de entrarem no projeto e fazerem parte dele, sendo eles alunos mas também protagonistas de uma ideia concebida de modo coletivo. Desse modo, mostrando como um projeto dessa natureza oferece efetivamente uma “saída” para muitos desses jovens, vítimas de um enorme preconceito, *estigmatizados* e que têm uma espécie de destino selado, podendo incorrer em descaminhos, como irem para o tráfico de drogas, ou terem de abandonar prematuramente a escola para terem de trabalhar para ajudar no sustento da família.

Assim, de modo concreto, projetos como o da Orquestra de Cordas da Grota oferecem alternativas a um segmento da população que não tem oportunidade e que é desassistida pelo poder público. Isto porque, consonante com o que procurei apresentar, a “alternativa” oferecida numa ação social como essa, não se restringe ao ensino e à formação de músicos, mas possibilita uma abertura de visão de mundo para além do seu contexto de origem. Conforme exemplifiquei,

a maioria dos integrantes nunca havia ido a um teatro, um centro cultural ou mesmo atravessado a Baía de Guanabara e ido ao Rio de Janeiro, cidade vizinha a Niterói e capital do Estado. Através das entrevistas realizadas, praticamente todos os relatos enfatizam o quanto esses jovens imaginavam que “a vida” se restringia ao contexto social no qual nasceram e foram criados. O próprio bairro de Icaraí, próximo à Grota, era uma área pouco explorada e mesmo intimidadora para eles. Desse modo, por meio de um projeto como o da Orquestra de Cordas da Grota, há de fato uma expansão de horizontes, não sendo a música, necessariamente, a sua única finalidade. O ensino da música é um propósito, mas que pretende ir além, ser um meio para que essas pessoas possam expandir seus universos particulares de referências e se permitirem outras oportunidades. Ao longo da concepção do projeto, muitos jovens enveredaram por outras áreas e tiveram diferentes formações, mas, em alguma medida, a Orquestra de Cordas da Grota teve influência sobre suas trajetórias. Como disse o juiz Nicolitt, uma “intervenção” sobre essas vidas.

Em seguida, para reforçar o quanto o racismo estrutural está entranhado na nossa sociedade, sendo portanto, responsável por interceder de modo trágico e *dramático* na vida da maior parcela da nossa população, foi analisado o caso da prisão de Luiz Justino, violoncelista da Orquestra de Cordas da Grota. Um imponderável que irrompeu no campo de pesquisa, mas, sobretudo, na vida de Luiz. De acordo com o que foi amplamente exposto e discutido, sua prisão injusta se deveu ao racismo estrutural arraigado nas instituições e estruturas de poder e, dessa forma, na cultura de nossa sociedade. Isto permitiu que uma foto antiga de Luiz fosse parar em um banco de imagens de uma delegacia e, tendo sido apresentada à vítima de um crime ocorrido em 2017, no ato do Registro de Ocorrência, o jovem fosse imediatamente incriminado. Sem que houvesse qualquer tipo de investigação mais acurada por parte dos agentes policiais para que se confirmasse que a foto apresentada à vítima correspondia efetivamente ao criminoso, um dia após o Registro de Ocorrência o caso se deu por encerrado pelo Delegado de Polícia e por conseguinte, Luiz teve sua prisão preventiva decretada.

Sendo assim, o *cisma*, o *estigma* e a *incriminação pela diferença* recai sobre a população negra de modo evidente e com efeitos catastróficos, agindo sobremaneira em suas vidas. Por essa razão, Luiz sofreu uma abordagem policial no centro de Niterói, portando o seu violoncelo, sem qualquer tipo de comportamento que pudesse levantar suspeita dos agentes de polícia. A partir desse episódio, se desenrolou todo o acontecimento narrado e analisado no terceiro capítulo, tornando-se um caso de repercussão na mídia nacional.

Por fim, procurou-se demonstrar que o projeto da Orquestra de Cordas da Grota, assim como outros dessa natureza, que oferecem novas perspectivas a essas pessoas, efetivamente

“salvou” o Luiz Justino. Porque foi pelo fato dele ser um músico do projeto, pertencer a uma rede, a uma comunidade que se mobilizou para arrebatar todos os recursos possíveis para que a injustiça da qual foi vítima fosse solucionada, como a mobilização da Orquestra em frente ao presídio, a cooptação da mídia para expor o seu caso e a atuação dos advogados comprometidos com a pauta dos direitos humanos e com o enfrentamento do racismo em nossa sociedade, tudo isso só foi possível por ele ser um integrante da Orquestra de Cordas da Grota. A pergunta que fica é: Se não fosse um músico da Orquestra de Cordas da Grota Luiz estaria solto e teria sido absolvido na Audiência de Instrução e Julgamento, ou estaria ainda preso, em condições desumanas – conforme o próprio descreveu, sem qualquer possibilidade de defesa, mesmo sendo inocente? Como foi apresentado ao longo do trabalho, há casos de inocentes que ficam presos por meses, até mesmo anos, por conta de um erro de reconhecimento fotográfico. Pessoas que chegaram a ser presas diversas vezes pelo mesmo erro, porque suas fotos não tinham sido retiradas do banco de imagens da polícia.

Luiz não só foi solto e absolvido da injustiça que lhe imputaram, como teve a chance de se *reintegrar* ao seu grupo social e se expandir para muito além dele. Tornando-se uma figura de projeção nacional, passando a ser uma “voz” ativa na demonstração do quanto o racismo estrutural é subjacente em nossa sociedade, os efeitos trágicos que causam no cotidiano da população negra, seja pelos impeditivos latentes que dificultam a ascensão social dessas pessoas, seja pela sobrerrepresentação de negros na população carcerária, seja pelo discrepante índice de óbitos em confrontos policiais. Tendo sido reintegrado e se tornando uma figura de destaque na mídia, Luiz e a Orquestra foram convidados a participar de diversos telejornais e matérias jornalísticas, bem como de programas de entretenimento de grande audiência e relevo da televisão brasileira.

Dessa forma, foi discutida a questão sobre a categoria “assistencialismo”, que tem uma conotação pejorativa e muitas vezes é empregada negativamente para se referir a projetos como o da Grota, como supostamente sendo ações que não promovem efetivas mudanças sociais e que não constroem a autonomia dos sujeitos. O trabalho apresenta um outro olhar sobre a questão. Conforme a entrevista com o juiz Nicolitt, não é propósito do projeto da Grota promover uma “transformação social” – isto é um projeto grandioso, complexo e que envolve todos os âmbitos da nossa sociedade, principalmente as instituições e estruturas de poder. O projeto da Orquestra de Cordas da Grota não pretende ser uma “solução” para os nossos problemas sociais, isso diz respeito às políticas públicas que precisam efetivamente serem uma realidade, de forma consistente, continuada e assegurada. A Orquestra da Grota, assim como projetos dessa natureza, promove uma “intervenção social”, nos termos de Nicolitt. A Orquestra

tem de fato a potência de transformar muitas vidas ao abrir novas perspectivas, oportunizar diferentes experiências, relações e assim, uma maior consciência de si e de visão de mundo.

Em conformidade com o que foi apresentado ao longo do trabalho, a proposta desta pesquisa não foi de perquirir a Orquestra de Cordas da Grota enquanto orquestra, no sentido de examinar minuciosamente o seu repertório musical, a prática orquestral e virtuosos dos músicos. Trata-se de um olhar antropológico que pretende analisar o que esse projeto representa em seu contexto social, que alterações ele terá trazido a essa estrutura, que modificações terá efetuado nas vidas das pessoas envolvidas; tanto no que se refere aos músicos quanto aos gestores e todas as demais pessoas que participam ou que têm alguma relação com o projeto. Nesse entendimento, uma vida que se modifica dentro de um contexto social como o da Grota, também tem a capacidade de transformar as perspectivas dos que lhe são próximos, como familiares e amigos. Inclusive, de acordo com o apresentado, às crianças e jovens que chegavam ao projeto, eram levadas umas pelas outras. Um amigo que já fazia parte e chamava outro para conhecer, um primo que chamava o outro e assim por diante, como no caso da família Justino, onde Katunga Vidal, Ricardo Vidal, Leandro Justino e Luiz Justino são todos parentes, tendo um levado o outro.

Como *grand finale* da pesquisa de campo e de tudo o que foi discutido e proposto neste recorte de trabalho, em 19 de dezembro de 2021, um domingo, a Orquestra de Cordas da Grota se apresentou a céu aberto no Campo de São Bento, parque situado no bairro de Icaraí, Niterói, com o maestro e pianista João Carlos Martins²⁰⁴. Apesar da pandemia ainda ser algo presente, houve um grande afluxo de público, de diferentes faixas etárias e segmentos sociais. O palco do espetáculo foi concebido no lago do parque e teve uma iluminação belíssima, com o público presente se acomodando no gramado em torno. Ainda, sem que houvesse nenhuma comunicação e combinação a respeito, neste dia tive a oportunidade de reencontrar o juiz Nicolitt, que fez questão de ir prestigiar a Orquestra junto com sua família. Conforme as figuras C.1. a C.6 podem demonstrar, foi uma noite memorável para a cidade de Niterói. A prefeitura da cidade homenageou a Orquestra de Cordas da Grota promovendo um grande concerto de final de ano com os músicos do projeto social tombado como Patrimônio Cultural Imaterial da cidade e do Estado, sob a regência do grande maestro João Carlos Martins. A homenagem ganhou força quando Katunga Vidal, violoncelista e regente da Orquestra da Grota conduziu o concerto, tendo o grande maestro, de renome internacional, ao piano. Um grande deleite para o

²⁰⁴ João Carlos Gandra da Silva Martins é um pianista e maestro brasileiro reconhecido mundialmente, especialmente por suas gravações de Bach – Johann Sebastian Bach. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Carlos_Martins. Acesso em: 27 fev. 2023.

público presente, uma grande homenagem à cidade de Niterói, ao maestro João Carlos Martins e a todos os integrantes da Orquestra. Um reconhecimento definitivo da importância do projeto Orquestra de Cordas da Grotta e da sua relevância como veículo de intervenção social, promovendo uma efetiva transformação em muitas vidas por meio da música. Pois, como dizia o notável Villa-Lobos: “A música vai de uma alma a outra. Os pássaros conversam pela música, eles têm coração. Tudo que se sente na vida, se sente no coração. O coração é o metrônomo da vida”.

Figura C.1 - O palco do concerto concebido no lago do Campo de São Bento e o público chegando; Figura C.2 - A perspectiva do palco durante o espetáculo; Figura C.3 - Destaque da iluminação do palco durante o concerto; Figura C.4 - O público se acomodando no gramado que circunda o lago para assistir o concerto; Figura C.5 - Maestro e pianista João Carlos Martins com a Orquestra de Cordas da Grotta; Figura C.6 - Maestro João Carlos Martins regendo a Orquestra de Cordas da Grotta.



REFERÊNCIAS

AMSTEL, Jay Marinus Nalini van. **Percepções, saberes e práticas sobre o meio ambiente na favela: o caso de uma intervenção ambiental na Grotta do Surucucu, Niterói, RJ.** 2018. 153p. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BECKER, Howard S. **Mundos da Arte.** Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

_____. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 232 p.

BEZERRA, Maria Cristina Caminha. **Britânicos e alemães em Niterói: um estudo de imigração urbana.** 2015. 350 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

BOLTANSKI, L.; THÉVENOT, L. **A justificação: sobre as economias das grandezas.** Rio de Janeiro, Brasil: Editora UFRJ, 2020.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: **Escritos de Educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 41-64 p.

_____. **Escritos de Educação.** 9ª Ed. – Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo/Porto Alegre, RS: EdUSP/Zouk, 2007.

_____. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, J. (org.). **Problemas do estruturalismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CANTO batuque grota. Niterói, RJ: Seleiro Produções, 2018.

CEFAÏ, D.; MOTA, F. R.; VEIGA, F. B. Introdução. In: CEFAÏ, D.; MELLO, M. A. S.; MOTA, F. R.; VEIGA, F. B. (orgs.). **Arenas públicas**: por uma etnografia da vida associativa. Niterói: EdUFF, 2011. p. 9-51.

CUNHA, Neiva Vieira da. Como se “fabrica” um policial: algumas considerações em torno dos processos de socialização e formação profissional. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 22, p. 198-207, jan./jun. 2004.

_____; FELTRAN, Gabriel de Santis (orgs.). **Sobre periferias**: novos conflitos no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2013.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: por uma sociologia do dilema brasileiro Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. **Mana**, v. 6, n. 1, p. 7-29, 2000.

_____. O Ofício do Etnólogo ou como ter ‘Anthropological Blues’. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). In: **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 23-35.

_____. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DUMONT, Louis. Casta, racismo e “estratificação”. In: AGUIAR, Neuma (org.). **Hierarquias em classes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. [tradução: Paulo Neves; revisão da tradução Eduardo Brandão]. 2º. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Da divisão do trabalho social**. [tradução Eduardo Brandão]. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIAS, Norbert. **A peregrinação de Watteau à ilha do amor**: seguido de seleção de textos sobre Watteau. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ESPAÇO CULTURAL DA GROTA. **Estatuto Social da Reciclarte**. Disponível em: https://www.ecg.org.br/_files/ugd/1489a4_28176b69edd14457ad41a6cbeb85eb71.pdf?index=true. Acesso em: 29 dez. 2022.

FREIRE, Jussara. Agir no regime de desumanização: Esboço de um modelo para análise da sociabilidade urbana na cidade do Rio de Janeiro. **Dilemas**: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 3, n. 10, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7186/19949>. Acesso em:

FREIRE, Leticia de Luna. Favela, bairro ou comunidade? Quando uma política urbana torna-se uma política de significados. **Dilemas**: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 1, p. 95-114, out-dez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 62 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas**: métodos. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

GOFFMAN, E. **Estigma e Identidade Social**. 4 ed. Rio de Janeiro. LTC, 2008.

GOMES, Beatriz Fernandes Coelho. A questão habitacional no Rio de Janeiro: histórico de um processo, quadro atual e discussão de alternativas. In: CORREIA, Arícia Fernandes (org.) **Moradia de direito**: projeto na régua. v. 1. Rio de Janeiro: Institutas, 2022. p. 207-232.

_____. **Um fenômeno de mídia**: a trajetória do ator Paulo Gustavo a partir da personagem Dona Hermínia. Niterói. 2018. 86 f. TCC (Graduação, Bacharelado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

GUSFIELD, Joseph. **Community**: a critical response. New York: Harper & Row, 1975.

HUGHES, Everett. **Men and Their Work**. Glencoe: The Free Press, 1958.

KANT DE LIMA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: o dilema brasileiro do espaço público. In: GOMES, Laura Graziela; BARBOSA, Livia; DRUMOND, José Augusto (Orgs.). **O Brasil não é para principiantes: carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois.** Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 105-123.

KANT DE LIMA, Roberto; EILBAUM, Lucía; MEDEIROS, Flavia (Orgs.). Casos de repercussão: perspectivas antropológicas sobre rotinas burocráticas e moralidades. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017.

MARGALIT, Avishai. **La Société Décence.** Paris: Climats, 1999. 277 p.

MATTOS, Beatriz Arosa de. Explicadoras na Nova Holanda: um Estudo sobre processos informais de escolarização. **Congreso Argentino de Antropología Social, IX.** Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales - Universidad Nacional de Misiones, Posadas, 2008.

MELLO, Marco Antonio da Silva; SIMÕES, Soraya; FREIRE, Leticia de Luna. Um endereço na cidade: a experiência urbana carioca na conformação de sentimentos sociais e de sensibilidades jurídicas. In: KANT DE LIMA, Roberto; EILBAUM, Lucía; PIRES, Lenin (orgs.). **Conflitos, direitos e moralidades em perspectiva comparada**, v. 2. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 51-86

MELLO, Marco Antônio da Silva; VEIGA, Felipe Berocan. A incriminação pela diferença: casos recentes de intolerância contra ciganos no Brasil. **Comunicações do ISER: as máscaras de guerra da intolerância**, n. 66, ano 31, p. 86-108, 2012.

MELLO, Marco Antônio da Silva; VOGEL, Arno. Da casa à rua: a cidade como fascínio e descaminho. In FAUSTO, Ayrton e CERVINI, Ruben (orgs.) **O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80.** São Paulo: UNICEF/ Flacso e Cortez, 1991.

_____ ; MOLLICA, Orlando. **Quando a rua vira casa:** a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 4 ed. Rio de Janeiro: EdUFF, 2017. 174p.

MIRANDA, Ana Paula Mendes de.. Como se discute Religião e Política? controvérsias em torno da luta contra a intolerância religiosa no Rio de Janeiro. **Comunicações do ISER.** Rio de Janeiro, v. 69, p. 10-23, 2014.

MISSE, Michel. O papel do Inquérito Policial no Processo de Incriminação no Brasil: algumas reflexões a partir de uma pesquisa. **Revista Sociedade e Estado**, v. 26, n. 1, jan-abr 2011.

Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5582/5074>. Acesso em:

MOTA, F. R.; FREIRE, L.L. O direito de ter ou não direitos: a dimensão moral do reconhecimento na promoção da cidadania. **Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 1, p. 127-145, 2011.

MUNIZ, Sodré. **O fascismo da cor**: uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

NERI, Marcelo C. **Desigualdade de impactos trabalhistas na pandemia**. Rio de Janeiro: FGV Social, 2021. 11p. Disponível em: <https://cps.fgv.br/DesigualdadePandemia>. Acesso em: 14 abr. 2022.

ORGANIZA O PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Histórico da pandemia de Covid-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 13 abr. 2022.

SANTOS, A. M. S. P.; LUFT, R. M.; MEDEIROS, M. G. P. Direito   moradia: um direito social em constru o no Brasil - a experiência do aluguel social no Rio de Janeiro. **Planejamento e Políticas Públicas**, n. 46, 2022. Disponível em: [//www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/548](http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/548). Acesso em: 28 fev. 2023.

SELLES, J. M. **Ensino da música sinfônica para jovens dos estratos subalternos**: capital simbólico e controle social no capitalismo tardio. 2013. Disserta o (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, Hélio R. S. Linhas de auxílio: estigma de localiza o. **Comunica es do ISER**: as máscaras de guerra da intolerância, n. 66, ano 31, p. 137-149, 2012.

SILVA, Jorge da. **Violência e racismo no Rio de Janeiro**. 3 ed. Niterói, RJ: EdUFF, 2016.

SILVA, Kelly Cristiane da . O Poder do Campo e o seu Campo de Poder. **Série Antropologia** (Brasília. Online) , Brasília, v. 385, n. 385, p. 1-16, 2006.

SINHORETTO, Jacqueline; BATITUCCI, Eduardo; MOTA, Fábio Reis et al. A filtragem racial na sele o policial de suspeitos: Segurança pública e rela es raciais. In: LIMA, Cristiane do Socorro Loureiro; BAPTISTA, Gustavo Camilo; FIGUEIREDO, Isabel Seixas (orgs.).

Segurança pública e direitos humanos: Temas transversais. Brasília: Ministério da Justiça, 2014, p. 121-160.

SUTHERLAND, Edwin H. **Princípios de criminologia.** São Paulo: Martins, 1949.

TÖNNIES, Ferdinand. **Princípios de Sociologia.** México: Fondo de Cultura Económica. 1987.

TURNER, Victor. **Drama, campos e metáforas.** Niterói: EdUFF, 2008.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela:** do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 204 p.

VAN VELSEN, Jaap. A análise situacional e o método de estudo de caso. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas:** métodos. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 437-468.

VEIGA, Felipe Berocan. **Baile de Gafieira:** uma instituição urbana nos quadros da memória carioca. Niterói: EdUFF, 2021.

WACQUANT, Loic. Habitus. In: **Vocabulário Bourdieu.** Afrânio Mendes Catani et al. [orgs]. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 213-228.

WEBER, Max. **Ciência e Política:** duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1971.

_____. **Sobre a teoria das ciências sociais.** São Paulo: Presença, 1974.

ENTREVISTAS

ALVES, Vagner da Silva; DUARTE, Albert Antônio ; SILVA, Carlos Alberto Azevedo. **Entrevista de campo.** [16 nov. 2020]. Entrevistadora: Beatriz F. Coelho Gomes. Rio de Janeiro, 2020. Entrevista concedida à Beatriz F. Coelho Gomes na pesquisa do presente trabalho.

BRASIL, Fernando. **Entrevista de campo.** [11 fev. 2021]. Entrevistadora: Beatriz F. Coelho Gomes. Rio de Janeiro, 2021. Entrevista concedida à Beatriz F. Coelho Gomes na pesquisa do presente trabalho.

JORGE JÚNIOR. **Entrevista de campo**. [9 set. 2021]. Entrevistadora: Beatriz F. Coelho Gomes. Rio de Janeiro, 2021. Entrevista concedida à Beatriz F. Coelho Gomes na pesquisa do presente trabalho.

JUSTINO, Leandro. **Entrevista de campo**. [28 out. 2021]. Entrevistadora: Beatriz F. Coelho Gomes. Rio de Janeiro, 2021. Entrevista concedida à Beatriz F. Coelho Gomes na pesquisa do presente trabalho.

JUSTINO, Luiz Carlos da Costa. **Entrevista de campo**. [23 fev. 2021]. Entrevistadora: Beatriz F. Coelho Gomes. Rio de Janeiro, 2021. Entrevista concedida à Beatriz F. Coelho Gomes na pesquisa do presente trabalho.

MÁRCIO, Paulo. **Entrevista de campo**. [9 mar.. 2021]. Entrevistadora: Beatriz F. Coelho Gomes. Rio de Janeiro, 2021. Entrevista concedida à Beatriz F. Coelho Gomes na pesquisa do presente trabalho.

MENDES, Lenora. **Entrevista de campo**. [23 out. 2021]. Entrevistadora: Beatriz F. Coelho Gomes. Rio de Janeiro, 2021. Entrevista concedida à Beatriz F. Coelho Gomes na pesquisa do presente trabalho.

MENDONÇA, Maria Clara. **Entrevista**: Justiça depois de 9 meses. [10 jun. 2021]. Rio de Janeiro. (2 min). Entrevista concedida ao Bom dia RJ, da TV Globo. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9590510/>. Acesso em: 6 fev. 2023.

NICOLITT, André. **Entrevista de campo**. [22 dez. 2021]. Entrevistadora: Beatriz F. Coelho Gomes. Rio de Janeiro, 2021. Entrevista concedida à Beatriz F. Coelho Gomes na pesquisa do presente trabalho.

PAZZINI, Diana. **Entrevista de campo**. [30 set. 2021]. Entrevistadora: Beatriz F. Coelho Gomes. Rio de Janeiro, 2021. Entrevista concedida à Beatriz F. Coelho Gomes na pesquisa do presente trabalho.

SEABRA, Alexandra. **Entrevista de campo**. [16 set. 2021]. Entrevistadora: Beatriz F. Coelho Gomes. Rio de Janeiro, 2021. Entrevista concedida à Beatriz F. Coelho Gomes na pesquisa do presente trabalho.

SELLES, Laura Mendes. **Entrevista de campo**. [10 dez. 2020]. Entrevistadora: Beatriz F. Coelho Gomes. Rio de Janeiro, 2020. Entrevista concedida à Beatriz F. Coelho Gomes na pesquisa do presente trabalho.

SELLES, Márcio Paes. **Entrevista de campo**. [19 nov. 2020]. Entrevistadora: Beatriz F. Coelho Gomes. Rio de Janeiro, 2020. Entrevista concedida à Beatriz F. Coelho Gomes na pesquisa do presente trabalho.

TARSO, Paulo. **Entrevista de campo**. [4 mar. 2021]. Entrevistadora: Beatriz F. Coelho Gomes. Rio de Janeiro, 2021. Entrevista concedida à Beatriz F. Coelho Gomes na pesquisa do presente trabalho.

TERRA, Raquel; VIDAL, Katunga. **Entrevista de campo**. [2 mar. 2021]. Entrevistadora: Beatriz F. Coelho Gomes. Rio de Janeiro, 2021. Entrevista concedida à Beatriz F. Coelho Gomes na pesquisa do presente trabalho.

VIDAL, Luiz Ricardo Justino; VIDAL, Priscila de Fátima. **Entrevista de campo**. [18 nov. 2021]. Entrevistadora: Beatriz F. Coelho Gomes. Rio de Janeiro, 2021. Entrevista concedida à Beatriz F. Coelho Gomes na pesquisa do presente trabalho.

HOMEPAGE

ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL DE NITERÓI. **AEN**. Disponível em: <https://www.aen.g12.br/>. Acesso em: 24 dez. 2022.

BRASIL. **Microempreendedor Individual (MEI)**. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/realizar-registro-como-microempreendedor-individual-mei>. Acesso em: 06 abr. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/enem-sp-2094708791>. Acesso em: 31 dez. 2022.

BRAZILFOUNDATION. **BrazilFoundation**. Disponível em: <https://www.brazilfoundation.org/who-we-are/#menu-our-community>. Acesso em: 31 dez. 2022.

COLÉGIO SALESIANO REGIÃO OCEÂNICA. **Salesianos**. Disponível em: <https://www.salesianos.br/unidade/colégio-salesiano-regiao-oceanica>. Acesso em: 07 abr. 2022.

CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA. Centro Universitário Brasileiro de Educação.. Disponível em: <https://cbmmusica.edu.br/>. Acesso em: 06 abr. 2022.

ESCOLA NOSSA. **Escola Nossa**. Disponível em: <https://www.escolanossa.com.br/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

ESPAÇO CULTURAL DA GROTA. **ECG**. Disponível em: <https://www.ecg.org.br/projetos>. Acesso em: 02 jan. 2023.

JOÃO Carlos Martins. **Wikipédia**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Carlos_Martins. Acesso em: 27 fev. 2023.

INSTITUTO COOPERFORTE. **Instituto Cooperforte**. História e Ideologia. Disponível em: <https://www.institutocooperforte.org.br/o-instituto/historia-e-ideologia>. Acesso em: 31 dez. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **World Health Organization**. Disponível em: <https://www.who.int/pt>. Acesso em: 13 abr. 2022.

ORQUESTRA POPULAR DE NITERÓI. Instagram: @orquestrapopularnit. Disponível em: <https://www.instagram.com/orquestrapopular.nit/>. Acesso em: 11 jan. 2023.

PROGRAMA COMUNIDADE SOLIDÁRIA. **Wikipédia**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Programa_Comunidade_Solid%C3%A1ria. Acesso em: 11 dez. 2022.

PROJETO GRAEL. Disponível em: <https://projetorael.org.br/>. Acesso em: 13 mai. 2022.

SARAH LAWRENCE COLLEGE. **Sarah Lawrence**. Disponível em: <https://www.sarahlawrence.edu/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

TELECURSO. **Wikipédia**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Telecurso>. Acesso em: 29 dez. 2022.

342 ARTES. **Wikipédia**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/342_Artes. Acesso em 31 jan. 2023.

UNIDADE de Polícia Pacificadora do Rio de Janeiro. **UPP RJ**. Site oficial. Disponível em: <https://www.upprj.com/>. Acesso em: 21 mai. 2022.

UNIVERSITY OF NORTHERN IOWA. **UNI**. Disponível em: <https://uni.edu/>. Acesso em: 31 dez. 2022.

WORLD FOOD PRIZE FOUNDATION. **World Food Prize**. Disponível em: <https://www.worldfoodprize.org/>. Acesso em: 31 dez. 2022.

LEGISLAÇÕES

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 11 fev. 2022.

_____. **Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989**. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor.. Brasília, DF: Presidência da República, Casa Civil, 1989. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%207.716%2C%20DE%205%20DE%20JANEIRO%20DE%201989.&text=Define%20os%20crimes%20resultantes%20de,de%20ra%C3%A7a%20ou%20de%20cor.&text=Art.%202%C2%BA%20\(Vetado\)](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%207.716%2C%20DE%205%20DE%20JANEIRO%20DE%201989.&text=Define%20os%20crimes%20resultantes%20de,de%20ra%C3%A7a%20ou%20de%20cor.&text=Art.%202%C2%BA%20(Vetado)). Acesso em: 11 fev. 2022.

_____. **Lei nº 10.257, de 10 de Julho de 2001**. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Estatuto da Cidade. Brasília, DF: Presidência da República, Casa Civil, 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm#:~:text=Para%20todos%20os%20efeitos%2C%20esta,bem%20como%20do%20equil%C3%ADbrio%20ambiental. Acesso em: 28 abr. 2022.

_____. **Lei nº 14.532, de 11 de janeiro de 2023**. Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 (Lei do Crime Racial), e o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar como crime de racismo a injúria racial, prever pena de suspensão de direito em caso de racismo praticado no contexto de atividade esportiva ou artística e prever pena para o racismo religioso e recreativo e para o praticado por funcionário público. Brasília, DF: Presidência da República, Secretaria Geral, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14532.htm. Acesso em: 02 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020**. Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). Brasília, DF, 04 fev. 2020, p. 1. Edição: 24-A, seção: 1 - Extra.1 Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388>. Acesso em: 28 abr. 2022.

_____. **Portaria nº 913, de 22 de abril de 2022.** Declara o encerramento da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em decorrência da infecção humana pelo novo coronavírus (2019-nCoV) e revoga a Portaria GM/MS nº 188, de 3 de fevereiro de 2020. Brasília, DF, p. 1. 22 abr. 2022. Edição: 75-E, seção: 1 - Extra. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-gm/ms-n-913-de-22-de-abril-de-2022-394545491#:~:text=Di%C3%A1rio%20Oficial%20da%20Uni%C3%A3o,-Publicado%20em%3A%202022&text=Declara%20o%20encerramento%20da%20Emerg%C3%Aancia,3%20de%20fevereiro%20de%202020>. Acesso em: 28 abr. 2022.

NITERÓI, RJ. **Lei n. 1967, de 04 de abril de 2002.** Dispõe sobre o Plano Urbanístico da Região das Praias da Baía, seu zoneamento ambiental, a implementação de políticas setoriais, a aplicação de instrumentos de política urbana e a ordenação do uso e da ocupação do solo na região. Disponível em: http://pgm.niteroi.rj.gov.br/legislacao_pmn/2002/LEIS/1967_PUR_das_Praias_da_Baia.pdf. Acesso em: 11 fev. 2022.

RIO DE JANEIRO. Ministério Público do Rio de Janeiro. **Processo nº 0021082-75.2020.8.19.0004.** Processo do violoncelista Luiz Carlos da Costa Justino, preso injustamente por um erro de reconhecimento fotográfico. Poder Judiciário. Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, 06 set. 2020

NOTÍCIAS EM MEIO ELETRÔNICO

ABRIL foi o mês mais letal da pandemia de Covid no Brasil, com mais de 82 mil mortes. **Folha de São Paulo**, 30 abr. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/abril-foi-o-mes-mais-letal-da-pandemia-de-covid-no-brasil-com-mais-de-82-mil-mortes.shtml>. Acesso em: 28 abr. 2022.

AGÊNCIA BRASIL. General Pazuello assume Ministério da Saúde interinamente. **Valor Econômico**, Brasília, 16 mai. 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/05/16/general-pazuello-assume-ministerio-da-saude-interinamente.ghtml>. Acesso em: 29 abr. 2022.

ANDRADE, Fabiano. Teich deixa o Ministério da Saúde antes de completar um mês no cargo e após divergir de Bolsonaro. **G1**, 15 mai. 2020. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/15/teich-deixa-o-ministerio-da-saude-antes-de-completar-um-mes-no-cargo.ghtml>. Acesso em: 28 abr. 2022.

BEM TV. **Ajuda às comunidades de Niterói na pandemia**. 05 mai. 2020. Facebook: Bem TV. Disponível em: <https://www.facebook.com/174645332571366/posts/2869723693063503/>. Acesso em: 13 mai. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Entenda a ordem de vacinação contra a Covid-19 entre os grupos prioritários. **Ministério da Saúde (Portal)**, jan. 2021. Disponível em: [https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/entenda-a-ordem-de-vacinacao-contra-a-covid-19-entre-os-grupos-prioritarios#:~:text=Pessoas%20em%20situa%C3%A7%C3%A3o%20de%20rua,m%C3%A9dio%2C%20profissionalizantes%20e%20EJA\)%3B](https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/entenda-a-ordem-de-vacinacao-contra-a-covid-19-entre-os-grupos-prioritarios#:~:text=Pessoas%20em%20situa%C3%A7%C3%A3o%20de%20rua,m%C3%A9dio%2C%20profissionalizantes%20e%20EJA)%3B). Acesso em: 26 abr. 2022.

_____. Zé Gotinha responde às dúvidas da população sobre a vacinação de crianças contra a Covid-19. **Ministério da Saúde (Portal)**, Fev. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/fevereiro/ze-gotinha-responde-as-duvidas-da-populacao-sobre-a-vacinacao-de-criancas-contra-a-covid-19>. Acesso em: 27 abr. 2022.

BRASIL registra 164 novas mortes por Covid; média móvel é de 96 óbitos por dia. **G1**, 26 abr. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/04/26/brasil-registra-164-novas-mortes-por-covid-media-movel-e-de-96-obitos-por-dia.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2022.

A CIDADE de Niterói foi reconhecida internacionalmente por atuação no combate à Covid-19. **Estadão**. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,niteroi-e-reconhecida-internacionalmente-por-desempenho-no-combate-a-covid-19,70003476075>. Acesso em: 13 maio 2022.

CONJUNTO de Música Antiga da UFF. Mapeamento Cultural. **Cultura Niterói**. Disponível em: <https://www.culturaniteroi.com.br/blog/mapeamentocultural/2193>. Acesso em: 01 dez. 2022.

COVID-19: Brasil registra 32,7 mil casos e 128 mortes em 24 horas. **Agência Brasil**, EBC, 04 jan. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-01/covid-19-brasil-registra-327-mil-casos-e-128-mortes-em-24-horas>. Acesso em: 20 fev. 2023

CRUZ, Isabela. A cronologia da crise em Manaus que pôs Pazuello na berlinda. **Nexo Jornal**, 14 mar. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/03/14/A-cronologia-da-crise-em-Manaus-que-p%C3%B4s-Pazuello-na-berlinda>. Acesso em: 29 abr. 2022.

DIÁRIO de Justiça Eletrônico do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www3.tjrj.jus.br/consultadje/consultaDJE.aspx?dtPub=11/01/2022&caderno=A&pagina=9>. Acesso em: 01 fev. 2023.

DIAS, Daniella; NETO, Dejar; THUM, Tássia. Músico inocentado pela Justiça é novamente detido por crime que não cometeu, após mandado não ser retirado de sistema. **G1**, 24 ago. 2022. Rio de Janeiro Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/08/24/musico-inocentado-pela-justica-e-novamente-detido-por-crime-que-nao-cometeu-apos-mandado-nao-ser-retirado-de-sistema.ghtml>. Acesso em: 13 fev. 2023.

FERNANDES, Daniela. 4 dados que mostram por que Brasil é um dos países mais desiguais do mundo, segundo relatório. **BBC News Brasil**, 7 dez. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59557761>. Acesso em: 14 abr. 2022.

FERNANDES, Samuel. Mortes ligadas à Covid podem ser o triplo do total registrado no mundo, aponta estudo. **Folha de São Paulo**, 11 mar. 2022. Coronavírus. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/03/mortes-ligadas-a-covid-podem-ser-o-triplo-do-total-registrado-no-mundo-aponta-estudo.shtml>. Acesso em: 27 abr. 2022.

FIOCRUZ. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Falta de oxigênio causa mortes e revela colapso em Manaus, que já soma mais de quatro mil mortes em 2021. **Informe ENSP**, 04 mar. 2021. Disponível em: <http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50926>. Acesso em: 29 abr. 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022**. Ano 16, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>. Acesso em: 23 jan. 2023.

GUIMARÃES, Ana Cláudia. Integrante negro da Orquestra da Grota é preso e maestro diz que o músico é inocente. **O Globo**. Ancelmo Gois. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/integrante-negro-da-orquestra-da-grota-e-presoe-maestro-diz-que-o-musico-e-inocente.htm>. Acesso em: 20 jan. 2023.

_____. Kely Pinheiro: da Orquestra da Grota para Nova York. **O Globo**, 25 set. 2022. Ana Cláudia Guimarães. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/ana-claudia-guimaraes/post/2022/09/kely-pinheiro-da-orquestra-da-grota-para-nova-york.ghtml>. Acesso em: 01 jan. 2023

_____. Violoncelista da Grota do Surucucu ganha bolsa integral para Berklee, mas precisa de dinheiro para alimentação e moradia. **O Globo**, 24 ago. 2021. Ancelmo Gois. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/violoncelista-da-grota-do->

surucucu-ganha-bolsa-integral-para-berklee-mas-precisa-de-dinheiro-para-alimentacao-e-moradia.html. Acesso em: 01 jan. 2023.

GUIMARÃES, Hellen. Jogador de futebol de 16 anos é morto durante operação em Niterói e moradores protestam. **Extra**, 12 ago. 2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/jogador-de-futebol-de-16-anos-morto-durante-operacao-em-niteroi-moradores-protestam-23872200.html>. Acesso em: 31 mar. 2022.

GORTÁZAR, Naiara Galarraga. “Não vai embora, vão me matar!”: a radiografia da operação que terminou em chacina no Jacarezinho. **El País Brasil**, 13 mai. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-13/nao-vai-embora-vaio-me-matar-a-radiografia-da-operacao-que-terminou-em-chacina-no-jacarezinho.html>. Acesso em: 21 jan. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População brasileira**. IBGE. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box_popclock.php. Acesso em: 23 jan. 2023.

JUSTIÇA do RJ absolve músico que foi preso por engano por assalto à mão armada. **G1**, 10 jun. 2021. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/06/10/justica-do-rj-absolve-musico-que-foi-preso-por-engano-por-assalto-a-mao-armada.ghtml>. Acesso em: 4 de fev. De 2023.

LEMOS, Marcela. Músico deixa presídio no Rio e vai cumprir prisão domiciliar. **Portal Geledés**, 06 set. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/musico-deixa-presidio-no-rio-e-vai-cumprir-prisao-domiciliar/>. Acesso em 27 jan. 2023.

LISBOA, Vinícius. Covid-19: em dois anos, variantes e vacinas moldaram fases da pandemia. **Agência Brasil**, EBC, 11 mar. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2022-03/covid-19-em-dois-anos-variantes-e-vacinas-moldaram-fases-da-pandemia>. Acesso em: 25 abr. 2022.

'LOCKDOWN' começa em Niterói e São Gonçalo, as primeiras do RJ a adotarem a medida. **G1**, 11 mai. 2020. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/11/lockdown-comeca-em-niteroi-e-sao-goncalo-as-primeiras-do-rj-a-adotarem-a-medida.ghtml>. Acesso em: 13 mai. 2022.

MACÁRIO, Lincoln. Depoimento de músico negro mostra existência de racismo institucional, dizem juristas. **Câmara dos Deputados**, 19 abr. 2021. Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/748347-depoimento-de-musico-negro-mostra-existencia-de-racismo-institucional-dizem-juristas/>. Acesso em: 1 fev. 2023.

MAIA, Gustavo; PRAZERES, Leandro. Às vésperas de colapso no AM, equipe de Pazuello pediu 'meio-termo' em reunião sobre possível lockdown. **O Globo**, 30 jan. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/as-vesperas-de-colapso-no-am-equipe-de-pazuello-pediu-meio-termo-em-reuniao-sobre-possivel-lockdown-24861634>. Acesso em: 29 abr. 2022.

MAIS de 6 milhões de pessoas morreram de Covid-19 no mundo, diz levantamento. **G1**, 07 mar. 2022. Coronavírus. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/03/07/mundo-ultrapassa-6-milhoes-de-mortes-por-covid-19-diz-universidade.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2022.

MARRAFON, Marco Aurélio. Quadro mental paranoico não pode imperar na solução de casos jurídicos. **CONJUR**, 14 jul. 2014. Constituição e Poder. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2014-jul-14/constituicao-poder-quadro-mental-paranoico-nao-imperar#:~:text=Franco%20Cordero%20explica%20que%20o,da%20acusa%C3%A7%C3%A3o%20desprezando%20os%20demais>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MARTINS, Thays. Comitê de Emergências da OMS decide manter covid-19 como pandemia. **Correio Braziliense**, 13 abr. 2022. Covid-19. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/mundo/2022/04/5000294-comite-de-emergencias-da-oms-decide-manter-covid-19-como-pandemia.html>. Acesso em: 28 abr. 2022.

MÍDIA NINJA. **Quem somos**. Disponível em: <https://midianinja.org/quem-somos/>. Acesso em: 31 jan. 2023.

MORTE do adolescente João Pedro durante ação policial causa comoção na web. **G1**, 19 mai. 2020. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/19/morte-do-menino-joao-pedro-durante-acao-policial-causa-comocao-na-web.ghtml>. Acesso em: 19 mai. 2022.

MOURÃO, Giovanni. Na comunidade da Grota, em Niterói, projeto social voltado à música promove acesso de jovens à universidade. **O Globo**, 06 mai. 2021. Rio. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/na-comunidade-da-grota-em-niteroi-projeto-social-voltado-musica-promove-acesso-de-jovens-universidade-24995627>. Acesso em: 25 dez. 2022.

_____. Violoncelista da Orquestra de Cordas da Grota, preso por engano em blitz da PM, é solto. **Extra**, 06 set. 2020. Casos de Polícia. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/violoncelista-da-orquestra-de-cordas-da-grota-presopor-engano-em-blitz-da-pm-solto-24626754.html>. Acesso em: 31 jan. 2023.

MÚSICO que teria sido preso por engano em Niterói deixa presídio no RJ. **G1**, 6 set. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/09/06/musico-que-teria-sido-presos-por-engano-em-niteroi-e-solto.ghtml>. Acesso em: 27 jan. 2023.

NITERÓI. Niterói fará nova entrega de cestas básicas, a partir do dia 22. **Prefeitura de Niterói (Portal)**, 17 nov. 2021. Disponível em: <http://www.niteroi.rj.gov.br/2021/11/17/niteroi-fara-nova-entrega-de-cestas-basicas-a-partir-do-dia-22/#:~:text=Desde%20maio%20de%202020%2C%20s%C3%A3o,%2C%20em%20m%C3%A9dia%2C%2020itens>. Acesso em: 13 mai. 2022.

NITERÓI. Niterói tem mais uma escola reformada e pronta para o retorno híbrido das atividades. **Prefeitura de Niterói (Portal)**, 09 jun. 2021. Disponível em: <http://www.niteroi.rj.gov.br/2021/06/09/niteroi-tem-mais-uma-escola-reformada-e-pronta-para-o-retorno-hibrido-das-atividades/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

NUNES, Lucas. Quadra da Grota receberá nome de jovem morto em operação policial. **Errejota Notícias**, 16 ago. 2019. Disponível em: <https://errejotanoticias.com.br/quadra-da-grota-recebera-nome-de-jovem-morto-em-operacao-policial/>. Acesso em: 01 abr. 2022.

OCUPAÇÃO das Favelas do Alemão. **G1**, Rio de Janeiro, 28 nov. 2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-contr-o-crime/noticia/2010/11/ocupacao-das-favelas-do-alemao.html>. Acesso em: 2 maio 2022.

80% dos réus absolvidos por erros em reconhecimento fotográfico no RJ ficaram mais de 1 ano presos, diz estudo da Defensoria Pública. **G1**, 05 mai. 2022. Rio. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/05/05/80percent-dos-reus-absolvidos-por-erros-em-reconhecimento-fotografico-no-rj-ficaram-mais-de-1-ano-presos-diz-estudo-da-defensoria-publica.ghtml>. Acesso em: 7 fev. 2023.

ORQUESTRA da Grota homenageia Zé Keti. **O Fluminense**, 16 set. 2021. Disponível em: <https://www.ofluminense.com.br/entretenimento/2021/09/1214708-orquestra-da-grota-homenageia-ze-keeti.html>. Acesso em: 09 abr. 2022.

PENNAFORT, Roberta. ‘A polícia vai mirar na cabecinha e...fogo’ diz novo governador do Rio. **Estadão**, 01 nov. 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,a-policia-vai-mirar-na-cabecinha-e-fogo-diz-novo-governador-do-rio,70002578109>. Acesso em: 19 mai. 2022.

PEREZ, Beatriz. Vídeo: músicos protestam em frente a presídio de Benfica por liberdade de violoncelista preso em Niterói. **O Dia**, 05 set. 2020. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio->

de-janeiro/2020/09/5984093-video--musicos-protestam-em-frente-a-presidio-de-benfica-por-liberdade-de-violoncelista-presos-em-niteroi.html#foto=1. Acesso em: 31 jan. 2023.

PRÊMIO Sou de Niterói. **O Globo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/projetos/soudeniteroi/>. Acesso em: 11 fev. 2023.

PRIMEIRA morte por coronavírus no Brasil aconteceu em 12 de março, diz Ministério da Saúde. Matéria do portal de notícias G1 sobre a primeira morte de Covid-19 no país. **G1**, 27 jun. 2020. Bem estar. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/27/primeira-morte-por-coronavirus-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco-diz-ministerio-da-saude.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2022.

PRIMEIRO ano do governo de Witzel é uma exaltação à violência policial. **Carta Capital**, 15 dez. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/primeiro-ano-do-governo-de-witzel-e-uma-exaltacao-a-violencia-policial/>. Acesso em: 18 maio 2022.

PROGRAMA #OABRJDebate traz o caso do músico Luiz Carlos Justino, preso por engano na última semana. **OABRJ**, 11 set. 2020. Disponível em: <https://www.oabrj.org.br/noticias/programa-oabrjdebate-traz-caso-musico-luiz-carlos-justino-presos-engano-ultima-semana>. Acesso em: 01 fev. 2023.

PROJETO Inocência: nova série mostra histórias de condenados injustamente no Brasil. **G1**, 26 jul. 2020. Fantástico. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/07/26/projeto-inocencia-nova-serie-mostra-historias-de-condenados-injustamente-no-brasil.ghtml>. Acesso em 31 jan. 2023.

PROJETO musical promove inclusão de crianças e jovens de baixa renda. **Agência Brasil**, EBC, 10 dez. 2003. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2003-12-10/projeto-musical-promove-inclusao-de-criancas-e-jovens-de-baixa-renda>. Acesso em: 29 dez. 2022.

QEDU. **Colégio Estadual Duque de Caxias**. Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/escola/33056404-ce-duque-de-caxias>. Acesso em: 18 fev. 2022.

RODRIGUES, Rodrigo. 'Não tenham medo', diz Mônica Calazans, 1ª pessoa a ser vacinada no Brasil. **G1**, 17 jan. 2021. São Paulo. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/17/nao-tenham-medo-diz-monica-calazans-1a-pessoa-a-ser-vacinada-no-brasil.ghtml>. Acesso em 26 abr. 2022.

SANCIONADA lei que tipifica como crime de racismo a injúria racial. **Agência Senado**, 12 jan. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/01/12/sancionada-lei-que-tipifica-como-crime-de-racismo-a-injuria-racial>. Acesso em: 18 fev. 2023;

SEXTA Turma rechaça condenação baseada em reconhecimento que não seguiu procedimento legal. **STJ**, 27 out. 2020. Decisão. Disponível em: <https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias/27102020-Sexta-Turma-rechaca-condenacao-baseada-em-reconhecimento-que-nao-seguiu-procedimento-legal.aspx>. Acesso em: 1 fev. 2023.

SHALDERS, André. Mandetta é demitido do Ministério da Saúde após um mês de conflito com Bolsonaro: relembre os principais choques. **BBC News Brasil**, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52316728>. Acesso em: 28 abr. 2022.

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. “A pobreza no Brasil tem cor: ela é hegemonicamente negra”. **Sintufrj**, 30 nov. 2020. Disponível em: <https://sintufrj.org.br/2020/11/a-pobreza-no-brasil-tem-cor-ela-e-hegemonicamente-negra/>. Acesso em: 23 jan. 2023.

STABILE, Arthur. Comunidades do RJ comemoram decisão do STF que proibiu operações policiais. **Ponte**, 04 ago. 2020. Disponível em: <https://ponte.org/comunidades-do-rj-comemoram-decisao-do-stf-que-proibiu-operacoes-policiais/>. Acesso em: 20 mai. 2022.

TOTAL de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas cresce no Brasil, diz IBGE. **G1**, 22 jul. 2022. **Jornal Nacional**. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/22/total-de-pessoas-que-se-autodeclararam-pretas-e-pardas-cresce-no-brasil-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 23 jan. 2023.

TRIBUNAL de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Furto e Roubo. **TJDFT**, 2016. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/furto-e-roubo#:~:text=157%20%2D%20Subtrair%20coisa%20m%C3%B3vel%20alheia,a%20dez%20anos%2C%20e%20multa>. Acesso em: 15 jan. 2023.

VACINA contra a Covid-19: veja países que já começaram a imunização. **G1**, 22 dez. 2020. **Bem Estar**. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/22/vacina-contra-a-covid-19-veja-paises-que-ja-comecaram-a-imunizacao.ghtml>. Acesso em: 25 abr. 2022.

VARGAS, Tatiane. Dia da Consciência Negra: Por que os negros são maioria no sistema prisional?. **ENSP**, Fiocruz, 19 nov. 2020. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50418>. Acesso em: 23 jan. 2023.

UMA pessoa negra é morta pela polícia a cada quatro horas. **Rede de Observatórios da Segurança**, 14 dez. 2021. Disponível em: <http://observatorioseguranca.com.br/uma-pessoa-negra-e-morta-pela-policia-a-cada-quatro-horas/>. Acesso em: 20 mai. 2022.

VEÍCULOS de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19. **G1**, 08 jun. 2020. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2022.

VÍDEOS

AUTO de Resistência: O Filme, Trailer Oficial. 28 mai. 2018. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Ingresso.com. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QIEIOcD3Vzg>. Acesso em: 23 jan. 2023.

BEYOND Beyond Music: Brazilian Twins from the Favelas to the World // B2wins Mini Documentary. 27 jan. 2019. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal B2wins - The Violin Twins. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3TT5Uq6IisQ>. Acesso em: 31 dez. 2022.

BOOK. 2010. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Leerestademoda. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=iwPj0qgvfIs>. Acesso em: 25 ago. 2011.

CAETANO Veloso e Juiz André Nicolitt - Lançamento campanha Justiça para os Inocentes. 29 out. 2020. 1 vídeo (62 min). Publicado pelo canal Mídia Ninja. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BXzhRn3fafk>. Acesso em: 31 jan. 2023.

CONCERTOS Sinos: Obras de Villa-Lobos e Martinelli: Temporada 2020: Concerto 05. 18 dez. 2020. 1 vídeo (25 min). Publicado pelo canal Arte de Toda Gente. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HI6Zdzt9dPw>. Acesso em: 6 fev. 2023.

DOCUMENTÁRIO GROTA. 9 jul. 2012. 1 vídeo (11 min). Publicado pelo canal Spirituoable Documentários francês sobre a Orquestra de Cordas da Grota, realizado em torno de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gM0ALRBI8As&t=192s>. Acesso em: 31 dez. 2022.

DOMINGÃO com Huck. Programa de 20 mar. 2022. 1 vídeo. Publicada pela Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10407630/>. Acesso em: 4 fev. 2023.

ESPAÇO Cultural da Grota - Niterói, RJ - Márcio Selles. Vídeo institucional produzido pela fundação. 9 mai. 2014. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal BrazilFoundation. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vMSJ4y2y7y0>. Acesso em: 25 dez. 2022.

EXCLUSIVO: 83% dos presos injustamente por reconhecimento fotográfico no Brasil são negros. 21 fev. 2021. 1 vídeo (24 min). Publicado pela Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9288342/>. Acesso em: 26 jan. 2023.

GRIPIZINHA, cloroquina e 2 milhões de infectados: veja as falas de Bolsonaro em 143 dias de pandemia. 16 jul. 2010. 1 vídeo (12 min). Publicado pelo canal BBC News Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PQv_xbaNSjE. Acesso em: 16 abr. 2022.

JORNAL Nacional. Programa de 31 mai. 2022. 1 vídeo. Publicada pela Globoplay.. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10627498/?s=0s>. Acesso em: 4 fev. 2023.

MISSÃO Música e Sociedade - Música nas Periferia. 6 out. 2021. 1 vídeo (100 min). Publicado pelo canal Escola de Música da Rocinha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bu4sRhK0J24&t=1331s>. Acesso em: 29 dez. 2022.

MÚSICO que teria sido preso injustamente é solto no Rio. 06 set. 2020. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo SBT News.. Disponível em: <https://www.sbtnews.com.br/noticia/brasil/148480-musico-que-teria-sido-preso-injustamente-e-solto-no-rio>. Acesso em: 26 jan. 2023.

NITERÓI: o Luthier da Grota. 25 mai. 2014. 1 vídeo (7 min). Publicado no canal Mapadecultura RJ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fC5qqTb8gqg>. Acesso em: 13 dez. 2022.

NOCH 16 tage. 14 jan. 2020. 1 vídeo (2 min). Publicado no facebook Forró in Lübeck. Disponível em: <https://www.facebook.com/forroluebeck/videos/832587230553046/>. Acesso em: 31 dez. 2022.

ORQUESTRA da Grota participa do 'É de Casa'. 03 set. 2022. 1 vídeo (4 min). Publicada pela Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10906363/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

PARENTES e amigos de músico preso fazem protesto em frente ao presídio de Benfica. 2021. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj2/video/parentes-e-amigos-de-musico-presos-fazem-protesto-em-frente-ao-presidio-de-benfica-8834394.ghtml>. Acesso em: 26 jan. 2023.

PROJETO Inocência descobre as provas que libertaram mais um preso injustamente no Brasil. 17 abr. 2022. 1 vídeo (13 min). Publicada pela Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10492134/>. Acesso em: 31 jan. 2023.

VIOLONCELISTA é inocentado 9 meses após ser acusado de crime que não cometeu. 10 jun. 2021. 1 vídeo (2 min). Publicada pela Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9590510/>. Acesso em: 6 fev. 2023.

VIOLONCELISTA lança vaquinha para aceitar bolsa nos EUA. 17 jun. 2018. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Jornal O Globo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4mfgQZrEIFY>. Acesso em: 01 jan. 2023.